

Bruno Neves Rati de Melo Rocha

**Uma metodologia empírica para a identificação e descrição
de ilocuções e a sua aplicação para o estudo da Ordem
em PB e Italiano**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Fevereiro de 2016

Bruno Neves Rati de Melo Rocha

**Uma metodologia empírica para a identificação e descrição
de ilocuções e a sua aplicação para o estudo da Ordem
em PB e Italiano**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Raso.

Coorientador: Prof. Dr. João Antônio de Moraes.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Fevereiro de 2016

AGRADECIMENTOS

Meu orientador Tommaso Raso pela dedicação sem fim, pela sabedoria compartilhada e pela paciência durante todo esse percurso, desde a minha Iniciação Científica até a conclusão dessa tese.

Heliana Mello pelas contribuições diretas e indiretas nesse e outros trabalhos e por ter criado, junto com o Tommaso, um grupo de pesquisa em que são valorizados o trabalho em equipe, a solidariedade e a busca contínua pelo conhecimento.

Emanuela Cresti e Massimo Moneglia por terem me acolhido no LABLITA e por terem dedicado a mim tanta atenção, proporcionando uma experiência ímpar de aprendizagem.

João Moraes pelas contribuições nessa pesquisa e por toda a receptividade no Rio.

Plínio Barbosa, Ernesto Perini e Rui Rothe-Neves pela leitura cuidadosa e pela discussão proveitosa.

Alessandro, Lorenzo, Lorena e Pan, pela amizade e pelas discussões.

Colegas e ex-colegas do LEEL, com quem tive o prazer de trabalhar junto nesses anos e de construir boas amizades. Em particular, agradeço a Cassiano pelos alinhamentos, a Victor e Giulia pela ajuda com os experimentos e a Adriana, Andressa, Crysna, Fred, Lucia, Luciana, Luis, Marcelo, Maryualê e Priscila pelo trabalho em conjunto.

Martha e Marcus, Beth, Dinorah e Rose pelo apoio irrestrito e incondicional e pelo exemplo.

Julia, pelo companheirismo e carinho.

*BMR: tem vez que tá eu e a Bel aqui +
*BMR: "tá eu e a Bel aqui" / ótimo hhh //
*HEL: por que que a gente fala assim ?
*BMR: a gente fala assim //

(bfamd135)

Essa pesquisa foi desenvolvida com financiamento da CAPES
Março/2012 a Fevereiro/2016

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma nova proposta de metodologia empírica para o estudo de ilocuções e a aplica para uma investigação da ilocução de Ordem em quatro de suas possíveis atitudes (atitude de Referência, Cortesia, Instrução e Urgência) em Português Brasileiro (PB) e em Italiano. A base teórica desse trabalho é a *Language into Act Theory* (L-Act) (CRESTI, 2000; RASO, 2012; MONEGLIA; RASO, 2014), que define o *enunciado* como a menor sequência linguística dotada de interpretabilidade pragmática e prosódica, identificável por meio de quebras prosódicas terminais. A *ilocução* seria a ação verbal realizada pelo falante sobre o seu interlocutor por meio de um enunciado. Para que um enunciado realize uma ilocução, deve apresentar um conjunto de propriedades prosódicas associadas a ela, chamado *forma prosódica ilocucionária*. A *atitude* é definida como a maneira pela qual a ilocução é realizada (irritada, cortês, sedutora, autoritária), expressa prosodicamente em toda a unidade tonal. A metodologia aqui apresentada consiste de uma fase empírica e uma fase experimental: (a) identificação de ilocuções em corpus, por meio de uma análise pragmática dos enunciados; (b) eliciação, em contexto controlado, de enunciados pragmaticamente compatíveis com os encontrados em corpus e descrição da forma prosódica ilocucionária. Por meio da análise de dados do C-ORAL-BRASIL – corpus de fala espontânea do Português Brasileiro (RASO; MELLO, 2012) – e de enunciados eliciados em contexto artificial, observou-se que a ilocução de Ordem é realizada, em PB, por enunciados cujo núcleo apresenta dois movimentos de f0. O primeiro é um movimento nivelado ou ascendente com pico alinhado à primeira postônica do enunciado. O segundo é sempre um movimento descendente. O 1º pico de f0 apresenta uma variação entre 85% e 95% a depender da atitude e do tamanho de conteúdo locutivo com que é realizada. O ataque e o valor mínimo de f0 apresentam uma variação expressivamente menor (33-45% para o ataque e 17-29% para o valor mínimo), sugerindo que a excursão de f0 na ilocução de Ordem seja regulada pela altura do 1º pico. Além disso, foi notado que a primeira vogal tônica do núcleo deve apresentar uma duração compatível à da última, a qual deve ser realizada em um movimento descendente. A análise de enunciados em Italiano eliciados em contexto artificial mostrou que as principais propriedades observadas para a ilocução de Ordem e suas atitudes em PB se confirmam em Italiano. Além disso, durante o exame do C-ORAL-BRASIL, foram encontradas uma série de ilocuções ainda não presentes no repertório LABLITA (MONEGLIA, 2011). São elas: Oferta, Pergunta de Confirmação, Permissão para Falar, Pedido de Repetição Total, Manifestação de Atenção Continuada e Pedido de Concordância. Por fim, esse trabalho ressalta a importância de uma perspectiva pragmática de base empírica para o estudo dos atos de fala, aponta a necessidade do refinamento dos parâmetros pragmático-cognitivos usados na definição das ilocuções e explora a interação prosódica entre as categorias de ilocução e atitude na construção do enunciado, aprofundando o conceito de *forma prosódica ilocucionária*.

ABSTRACT

This thesis sets forth a new empirical methodology for the study of illocutions and applies it to the study of the illocution of Order in four of its possible attitudinal realizations (i.e. attitude of Reference, Politeness, Instruction and Authority) in Brazilian Portuguese (BP) and Italian. The methodology involves the investigation of the prosodic interplay between the categories of illocution and attitude in the realization of utterances, delving into the concept of illocutionary *prosodic form* and highlighting the importance of a pragmatic approach based on empirical observations for the study of speech acts. The theoretical basis for this dissertation is the *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000; RASO, 2012; MONEGLIA; RASO, 2014), in which the *utterance* is defined as the smallest linguistic sequence that shows pragmatic and prosodic interpretability signaled by a terminal prosodic break. *Illocution* is regarded as the verbal action performed by the speaker on the addressee by means of the utterance. For an utterance to be able to accomplish an illocution, it must show a set of prosodic properties associated with the illocution; this set of properties is called *illocutionary prosodic form*. *Attitude* is defined as the manner in which the illocution is realized (e.g. irritated, polite, enticing, authoritarian). The prosodic scope of the attitude is the entire tone unit. The methodology here proposed comprises two phases, one empirical and the other experimental: (a) identification of illocutions in a corpus through a pragmatic analysis of utterances; (b) elicitation in a controlled environment of utterances that are pragmatically compatible with the ones found in the corpus and description of the illocutionary prosodic form. By analyzing the data obtained from the C-ORAL-BRASIL – a spontaneous speech corpus of Brazilian Portuguese (RASO; MELLO, 2012) – and the utterances elicited in simulated environment, it was possible to observe that the illocution of Order in BP is realized by utterances whose nuclei show two f₀ movements. The first one may be flat or rising, with the f₀ peak aligned with the first post-stressed syllable of the utterance. The second one is always a falling movement. The first f₀ peak shows a variation ranging from 85% to 95%, depending on the attitude and the amount of locutive content of the utterance. The onset of the unit and the minimum f₀ value show a much smaller variation (33-45% for the onset and 17-29% for the minimum value), which suggests that the f₀ contour of the illocution of Order may correlate with the level of the first peak. Furthermore, it was observed that the duration of the first nuclear, stressed vowel must be compatible with the duration of the last nuclear, stressed one, which in turn must be realized in a falling movement. The analysis of Italian utterances that were elicited in artificial environment showed that the fundamental properties that were observed for the illocution of Order and its attitudes in BP also apply to Italian. Finally, this dissertation documents several illocutions found in the C-ORAL-BRASIL corpus that are absent in the inventory proposed by the LABLITA group (MONEGLIA, 2011). Those illocutions are as follows: Offer, Confirmation Question, Permission to Speak, Request for Complete Repetition, Expression of Sustained Attention, and Request for Assent.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 3.1 – Oscilograma e curso de f0 de (3.6)..... | 42 |
| FIGURA 3.2 – Oscilograma e curso de f0 de (3.7)..... | 43 |
| FIGURA 3.3 – Curso de f0 do enunciado [103]. Ilocução: Confirmação..... | 46 |
| FIGURA 3.4 – Curso de f0 do enunciado [104]. Ilocução: Incredulidade..... | 46 |
| FIGURA 3.5 – Curso de f0 do enunciado [106]. Ilocução: Conclusão..... | 46 |
| FIGURA 3.6 – Oscilograma e curso de f0 de (3.12) – <i>Pri</i> | 51 |
| FIGURA 3.7 – Oscilograma e curso de f0 de (3.13) – <i>Tommaso</i> | 51 |
| FIGURA 3.8 – Oscilograma e curso de f0 de (3.14) – <i>ô Márcia</i> | 51 |
| FIGURA 3.9 – Tópico de (3.20), com porção de ligação em destaque | 54 |
| FIGURA 3.10 – Curso de f0 de (3.21)..... | 58 |
| FIGURA 3.11 – Síntese de (3.21) sem os movimentos irrelevantes de f0..... | 58 |
| FIGURA 3.12 – Síntese de (3.21) sem movimentos relevantes de f0..... | 58 |
| FIGURA 3.13 – Curva de f0 de (3.22)..... | 60 |
| FIGURA 3.14 – Curva de f0 de (3.23)..... | 60 |
| FIGURA 3.15 – Curso de f0 do Tópico de (3.27)..... | 66 |
| FIGURA 3.16 – Curso de f0 do Tópico de (3.28)..... | 66 |
| FIGURA 3.17 – Curso de f0 do Tópico de (3.29)..... | 66 |
| FIGURA 3.18 – Curso de f0 do Tópico de (3.30)..... | 67 |
| FIGURA 3.19 – Curso de f0 do Tópico de (3.31)..... | 67 |
| FIGURA 3.20 – Curso de f0 do Tópico de (3.32)..... | 67 |
| FIGURA 3.21 – Curso de f0 do Tópico de (3.33)..... | 68 |
| FIGURA 3.22 – Curso de f0 do Apêndice de Tópico de (3.34)..... | 68 |
| FIGURA 3.23 – Curso de f0 do Apêndice de Tópico de (3.35)..... | 69 |
| FIGURA 3.24 – Curso de f0 dos Parentéticos de (3.36)..... | 70 |
| FIGURA 3.25 – Curso de f0 do Parentético de (3.37)..... | 70 |
| FIGURA 3.26 – Curso de f0 do Introdutor Locutivo de (3.38) | 71 |
| FIGURA 3.27 – Curso de f0 do Introdutor Locutivo de (3.39) | 71 |
| FIGURA 3.28 – Curso de f0 do Introdutor Locutivo de (3.40) | 72 |
| FIGURA 3.29 – Curso de f0 do Incipitário de (3.41) | 73 |
| FIGURA 3.30 – Curso de f0 do Fático de (3.42)..... | 74 |
| FIGURA 3.31 – Curso de f0 do Ilocução de Chamamento de (3.43) | 74 |
| FIGURA 3.32 – Curso de f0 do Alocutivo de (3.44)..... | 75 |
| FIGURA 3.33 – Curso de f0 do Conativo de (3.45) | 75 |
| FIGURA 3.34 – Curso de f0 do Expressivo de (3.46) | 76 |
| FIGURA 3.35 – Curso de f0 do Conector Discursivo de (3.47)..... | 76 |
| FIGURA 3.36 – Curso de f0 da Escansão de (3.48) | 77 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 3.37 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de lista de (3.49) | 78 |
| FIGURA 3.38 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de comparação de (3.50)..... | 79 |
| FIGURA 3.39 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de pedido de confirmação de (3.51) | 79 |
| FIGURA 3.40 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de relação necessária de (3.52) | 79 |
| FIGURA 3.41 – Oscilograma, e curso de f0 dos enunciados de Pergunta Total com atitude <i>não marcada</i> (ao centro), Pergunta Total com atitude Engajada (à esquerda) e Pergunta Total com atitude Irritada (à direita) | 89 |
| FIGURA 4.1 – Curso de f0 e divisão em fones de (4.1) – <i>rimetti a posto</i> | 106 |
| FIGURA 4.2 – Curso de f0 e divisão em fones de (4.2) – <i>domande</i> | 107 |
| FIGURA 4.3 – Curso de f0 e divisão em fones de (4.3) – <i>l’università</i> | 107 |
| FIGURA 4.4 – Perfil prosódico de (4.6) (esquerda) e sua estilização (direita) – <i>brontolalo</i> | 116 |
| FIGURA 4.5 – Sobreposição do perfil de f0 das ilocuções de Instrução (cinza)..... | 118 |
| FIGURA 4.6 – Sobreposição do perfil de f0 das ilocuções de Instrução (cinza)..... | 121 |
| FIGURA 4.7 – Esquema dos enunciados gravados para a análise prosódica da ilocução de Ordem . | 127 |
| FIGURA 4.8 – Escala do questionário pré-teste piloto..... | 130 |
| FIGURA 4.9 – Escala usada no teste piloto e na versão definitiva do teste de percepção | 133 |
| FIGURA 5.1 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.1) – Ordem com atitude de Referência – <i>vê o preço</i> | 138 |
| FIGURA 5.2 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.4) – Ordem com atitude de Autoridade – <i>baixa essa música</i> | 138 |
| FIGURA 5.3 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.8) – Ordem com atitude de Irritação – <i>volta aqui</i> | 138 |
| FIGURA 5.4 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.10) – Ordem com atitude de Insistência – <i>leva ele</i> | 139 |
| FIGURA 5.5 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.15) – Ordem com atitude de Interesse – <i>me explica esse jogo</i> | 139 |
| FIGURA 5.6 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.14) – Ordem com atitude de Cortesia – <i>pode arredar o pé um pouquinho pra trás</i> | 139 |
| FIGURA 5.7 – Manipulação do curso de f0 de (5.14) no Praat, transformando o movimento ascendente final em um movimento descendente. O curso de f0 resultante da manipulação corresponde à linha contínua e o curso original é representado pela linha tracejada – <i>pode arredar o pé um pouquinho pra trás</i> | 141 |
| FIGURA 5.8 – Manipulação do curso de f0 de (5.12) no Praat, transformando a parte final do movimento descendente em um movimento ascendente. O curso de f0 resultante da manipulação corresponde à linha contínua e o curso original é representado pela linha tracejada – <i>dá a almofada marrom pra Helô</i> | 141 |
| FIGURA 5.9 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Referência – <i>pega o livro</i> (áudio <i>pb_referência_p_1</i>) ... | 144 |
| FIGURA 5.10 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Referência – <i>pega o livro preto</i> (áudio <i>pb_referência_m_1</i>) | 145 |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 5.11 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Referência – <i>pega o livro preto pra mim</i> (áudio <i>pb_referência_g_1</i>)..... | 145 |
| FIGURA 5.12 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Cortesia – <i>pega o livro</i> (áudio <i>pb_cortesia_p_1</i>)..... | 146 |
| FIGURA 5.13 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Cortesia – <i>pega o livro preto</i> (áudio <i>pb_cortesia_m_1</i>). 146 | |
| FIGURA 5.14 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Cortesia – <i>pega o livro preto pra mim</i> (áudio <i>pb_cortesia_g_1</i>) | 146 |
| FIGURA 5.15 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado sem Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro</i> (áudio <i>pb_irritação_sem_p_1</i>)..... | 148 |
| FIGURA 5.16 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado sem Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro preto</i> (áudio <i>pb_irritação_sem_m_1</i>)..... | 148 |
| FIGURA 5.17 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado sem Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro preto pra mim</i> (áudio <i>pb_irritação_sem_g_1</i>)..... | 148 |
| FIGURA 5.18 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com pouca Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro</i> (áudio <i>pb_irritação_pouca_p_1</i>) | 149 |
| FIGURA 5.19 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com pouca Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro preto</i> (áudio <i>pb_irritação_pouca_m_1</i>) | 149 |
| FIGURA 5.20 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com pouca Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro preto pra mim</i> (áudio <i>pb_irritação_pouca_g_1</i>) | 149 |
| FIGURA 5.21 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com muita Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro</i> (áudio <i>pb_irritação_muita_p_1</i>)..... | 150 |
| FIGURA 5.22 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com muita Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro preto</i> (áudio <i>pb_irritação_muita_m_1</i>)..... | 150 |
| FIGURA 5.23 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com muita Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – <i>pega o livro preto pra mim</i> (áudio <i>pb_irritação_muita_g_1</i>)..... | 150 |
| FIGURA 5.24 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Urgência – <i>pega o livro</i> (áudio <i>pb_urgência_p_1</i>) | 151 |
| FIGURA 5.25 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Urgência – <i>pega o livro preto</i> (áudio <i>pb_urgência_m_1</i>) | 151 |
| FIGURA 5.26 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Urgência – <i>pega o livro preto pra mim</i> (áudio <i>pb_urgência_g_1</i>)..... | 152 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 5.27 – Sobreposição das curvas de f0 dos enunciados de Ordem de com locução média (“pega o livro preto”). Em linhas contínuas, os três takes com atitude de Cortesia. Em linhas pontilhadas, os três takes com atitude de Referência..... | 162 |
| FIGURA 5.28 – Sobreposição dos cursos de f0 dos enunciados da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa) – <i>pega o livro</i> | 169 |
| FIGURA 5.29 – Sobreposição dos cursos de f0 dos enunciados da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa) – <i>pega o livro preto</i> | 170 |
| FIGURA 5.30 – Sobreposição dos cursos de f0 dos enunciados da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa) – <i>pega o livro preto pra mim</i> | 170 |
| FIGURA 5.31 – Manipulações das quatro primeiras sílabas fonéticas (“pega o livro preto”) do take 2 da Ordem com pouca Irritação e locução grande (“pega o livro preto pra mim”). À esquerda, manipulação do curso de f0 da última tônica, transformando-a em um movimento descendente. Ao centro, manipulação da duração da última tônica, alongando-a. À direita, manipulação do curso de f0 e da duração da última tônica | 181 |
| FIGURA 5.32 – Manipulação das quatro primeiras sílabas fonéticas (“pega o livro preto”) do take 2 da Ordem com pouca Irritação e locução grande (“pega o livro preto pra mim”). Manipulação do curso de f0 da última tônica, transformando-a em um movimento descendente e redução da duração da primeira tônica | 183 |
| FIGURA 5.33 – Sobreposição das curvas de f0 dos enunciados de Ordem de com locução pequena (“prendi il libro”). Em linhas contínuas, os três takes com atitude de Cortesia. Em linhas pontilhadas, os três takes com atitude de Referência | 189 |
| FIGURA 5.34 – Sobreposição dos perfis de f0 com locução pequena, no programa Praat, da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa). À esquerda, enunciados em PB (<i>pega o livro</i>). À direita, enunciados em Italiano (<i>prendi il libro</i>) | 193 |
| FIGURA 5.35 – Sobreposição dos perfis de f0 com locução média, no programa Praat, da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa). À esquerda, enunciados em PB (<i>pega o livro preto</i>). À direita, enunciados em Italiano (<i>prendi il libro nero</i>) | 193 |
| FIGURA 5.36 – Sobreposição dos perfis de f0 com locução grande, no programa Praat, da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa). À esquerda, enunciados em PB (<i>pega o livro preto pra mim</i>). À direita, enunciados em Italiano (<i>prendi il libro nero per favore</i>) | 194 |
| FIGURA 5.37 – Sobreposição do curso de f0 de enunciados com atitude de Cortesia (linhas contínuas) e Referência (linhas tracejadas) com locução pequena, média e grande. As setas indicam a altura do ponto mínimo de f0 de cada enunciado..... | 197 |
| FIGURA 6.1 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (6.2) – Pergunta de Confirmação – <i>essa é a sacola de pão</i> | 209 |
| FIGURA 6.2 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (6.3) – Oferta – <i>cê quer uma almofada</i> | 210 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 6.3 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones do enunciado eliciado por cena de eliciação de Pergunta de Confirmação com atitude de Referência – <i>suco de pêssego</i> | 211 |
| FIGURA 6.4 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones do enunciado eliciado por cena de eliciação de Oferta com atitude de Referência – <i>suco de pêssego</i> | 211 |
| FIGURA 9.1 – Questionário usado no pré-teste piloto..... | 254 |
| FIGURA 10.1 – Primeira tela de instruções do teste de percepção no programa <i>Psychopy</i> | 255 |
| FIGURA 10.2 – Segunda tela de instruções do teste de percepção no programa <i>Psychopy</i> | 255 |
| FIGURA 10.3 – Tela de resposta do teste de percepção no programa <i>Psychopy</i> | 255 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| QUADRO 2.1 – Classes ilocucionárias de Sbisà..... | 33 |
| QUADRO 3.1 – Quadro de referência das ilocuções encontradas no corpus LABLITA acrescido das ilocuções identificadas por essa pesquisa e por estudos conduzidos no LEEL | 47 |
| QUADRO 3.2 – Macro-classes ilocucionárias da L-AcT..... | 48 |
| QUADRO 3.3 – Parâmetros pragmático-cognitivos das ilocuções..... | 55 |
| QUADRO 3.4 – Movimentos de f0 identificados pelo IPO..... | 59 |
| QUADRO 3.5 – Padrão tonal x padrão informacional | 62 |
| QUADRO 3.6 – Propriedades dos diferentes tipos de fenômenos afetivos | 86 |
| QUADRO 4.1 – Arquitetura dos corpora C-ORAL-ROM | 99 |
| QUADRO 4.2 – Descrição pragmático-cognitiva do exemplo de Ordem e de Instrução..... | 113 |
| QUADRO 4.3 – Forma prosódica de Ordem e forma prosódica de Instrução..... | 118 |
| QUADRO 4.4 – Parâmetros de eliciação das ilocuções de Ordem e Instrução | 122 |
| QUADRO 4.5 – Vídeos da ilocução de Ordem com diferentes atitudes | 129 |
| QUADRO 4.6 – Resultado do pré-teste piloto para o Grupo A (5 sujeitos)..... | 131 |
| QUADRO 4.7 – Resultado do pré-teste piloto para o Grupo B (4 sujeitos) | 131 |
| QUADRO 4.8 – Vídeos de Ordem com diferentes atitudes usados no teste piloto | 132 |
| QUADRO 4.9 – Resultado do teste piloto para o Grupo A (5 sujeitos) | 134 |
| QUADRO 4.10 – Resultado do teste piloto para o Grupo B (3 sujeitos)..... | 134 |
| QUADRO 5.1 – Parâmetros utilizados na cena de Ordem | 143 |
| QUADRO 5.2 – Núcleos dos enunciados de Ordem com atitude de Referência..... | 153 |
| QUADRO 5.3 – Núcleos dos enunciados de Ordem com muita Irritação..... | 154 |
| QUADRO 5.4 – Núcleos dos enunciados de Ordem com Cortesia | 154 |
| QUADRO 5.5 – Nome dos arquivos de áudio e dos arquivos de TextGrid dos enunciados gravados nas cenas de eliciação em PB | 156 |
| QUADRO 5.6 – Nome dos arquivos de áudio e dos arquivos de TextGrid dos enunciados gravados nas cenas de eliciação em Italiano..... | 184 |
| QUADRO 5.7 – Vídeos assistidos por cada grupo no teste de percepção | 203 |
| QUADRO 6.1 – Vídeos do teste de substituição entre as ilocuções de Pergunta de Confirmação e Oferta..... | 212 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TABELA 3.1 – Enunciados simples e complexos com e sem verbo nos textos dialógicos do C-ORAL-BRASIL e do C-ORAL-ROM | 83 |
| TABELA 3.2 – Enunciados simples e complexos com e sem verbo nos textos monológicos do C-ORAL-BRASIL e do C-ORAL-ROM | 83 |
| TABELA 3.3 – Enunciados simples e complexos verbais e não verbais no subcorpus do C-ORAL-BRASIL | 84 |
| TABELA 4.1 – Idade dos falantes do C-ORAL-BRASIL | 103 |
| TABELA 4.2 – Escolaridade dos falantes do C-ORAL-BRASIL..... | 103 |
| TABELA 5.1 – Medidas de f0 dos enunciados em PB (valores médios)..... | 157 |
| TABELA 5.2 – Duração das vogais dos enunciados em PB, calculadas em <i>z-score</i> (valores médios). | 159 |
| TABELA 5.3 – Taxa de variação e excursão do 1º e do 2º movimentos de f0 dos enunciados em PB (valores médios)..... | 161 |
| TABELA 5.4 – Taxa de variação e excursão do 3º movimento de f0 da atitude de Cortesia em PB (valores médios)..... | 163 |
| TABELA 5.5 – Taxa de articulação dos enunciados em PB (valores médios) | 164 |
| TABELA 5.6 – Intensidade máxima dos enunciados em PB (valores individuais) | 165 |
| TABELA 5.7 – Posição dos picos de f0 e de intensidade nos enunciados em PB | 168 |
| TABELA 5.8 – Descrição da atitude de Referência em PB | 171 |
| TABELA 5.9 – Descrição da atitude de Cortesia em PB | 173 |
| TABELA 5.10 – Descrição da atitude de Urgência em PB | 175 |
| TABELA 5.11 – Descrição da atitude de Irritação: enunciados sem Irritação em PB | 176 |
| TABELA 5.12 – Descrição da atitude de Irritação: enunciados com pouca Irritação em PB | 177 |
| TABELA 5.13 – Descrição da atitude de Irritação: enunciados com muita Irritação em PB..... | 177 |
| TABELA 5.14 – Valores maiores e menores de ataque de f0, 1º pico de f0 e mínimo de f0 em PB | 179 |
| TABELA 5.15 – Duração das vogais dos enunciados com atitude de Referência, pouca Irritação e muita Irritação em PB, calculadas em <i>z-score</i> (valores médios)..... | 182 |
| TABELA 5.16 – Medidas de f0 dos enunciado em Italiano (valores médios) | 185 |
| TABELA 5.17 – Duração bruta das 5 primeiras vogais dos enunciados em Italiano (valores médios) | 186 |
| TABELA 5.18 – Duração bruta das 5 últimas vogais dos enunciados em Italiano (valores médios) ... | 187 |
| TABELA 5.19 – Taxa de variação e excursão do 1º e do 2º movimentos de f0 dos enunciados em Italiano (valores médios)..... | 188 |
| TABELA 5.20 – Taxa de variação e excursão do 3º movimento de f0 da atitude de Cortesia em Italiano (valores médios) | 189 |
| TABELA 5.21 – Taxa de articulação dos enunciados em Italiano (valores médios)..... | 190 |
| TABELA 5.22 – Intensidade máxima dos enunciados em Italiano (valores médios)..... | 191 |
| TABELA 5.23 – Posição dos picos de f0 e de intensidade nos enunciados em Italiano | 192 |
| TABELA 5.24 – Descrição da atitude de Referência em Italiano | 194 |
| TABELA 5.25 – Descrição da atitude de Cortesia em Italiano | 196 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TABELA 5.26 – Descrição da atitude de Urgência em Italiano | 198 |
| TABELA 5.27 – Descrição da atitude de Irritação: enunciados sem Irritação em Italiano | 199 |
| TABELA 5.28 – Descrição da atitude de Irritação: enunciados com pouca Irritação em Italiano | 200 |
| TABELA 5.29 – Descrição da atitude de Irritação: enunciados com muita Irritação em Italiano | 200 |
| TABELA 5.30 – Valores maiores e menores de ataque de f_0 , 1º pico de f_0 e mínimo de f_0 em Italiano | 202 |
| TABELA 5.31 – Notas do teste de substituição da ilocução de Ordem em 4 atitudes | 204 |
| TABELA 5.32 – Índice de aceitação e índice de rejeição das cenas de Ordem..... | 204 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| ALL | Alocutivo |
| APC | Apêndice de Comentário |
| APT | Apêndice de Tópico |
| CMM | Comentários Múltiplos |
| COB | Comentários Ligados |
| COM | Comentário |
| COM_r | Comentário de Reportação |
| CNT | Conativo |
| DCT | Conector Discursivo |
| EMP | Empty |
| EXP | Expressivo |
| f_0 | Frequência fundamental |
| i-COM | Comentário interrompido |
| INT | Introdutor Locutivo |
| INP | Incipitário |
| INT | Introdutor Locutivo |
| LABLITA | Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze |
| PAR | Parentético |
| PB | Português do Brasil |
| PHA | Fático |
| SCA | Unidade de Escansão |
| TMT | Tomada de Tempo |
| TOP | Tópico |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |

LISTA DE SÍMBOLOS

| | |
|--------|--------------------------------------------------------------------------|
| (@) | linha de metadados |
| (*) | início de turno |
| (%) | início de linha dependente |
| (ABC) | identificação do informante |
| (//) | quebra prosódica terminal; fim de enunciado |
| (/) | quebra prosódica não-terminal; fim de unidade tonal interna ao enunciado |
| (+) | enunciado interrompido |
| (< >) | sobreposição de fala |
| ([n°]) | <i>retracting</i> ou falha na execução do enunciado |
| (&) | início de palavra interrompida |
| (&he) | hesitação ou silêncio preenchido |
| (" ") | citação |
| (hh) | comportamento paralinguístico |
| (xxx) | palavra ininteligível |
| (yyyy) | trecho de áudio não-transcrito |

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO | 18 |
| 1.1. | Justificativa | 19 |
| 1.2. | Objetivos | 21 |
| 1.3. | Histórico da pesquisa | 22 |
| 2. | OS ATOS DE FALA NA TRADIÇÃO LINGÜÍSTICA | 23 |
| 2.1. | Thomas Reid | 23 |
| 2.2. | Austin | 24 |
| 2.3. | Searle | 26 |
| 2.4. | Alston..... | 30 |
| 2.5. | Bach e Harnish | 31 |
| 2.6. | Sbisà..... | 32 |
| 2.7. | Ilocução e prosódia..... | 33 |
| 2.8. | Levinson e sua crítica à Teoria dos Atos de Fala..... | 35 |
| 2.9. | <i>A Language into Act Theory</i> e um novo paradigma para o estudo das ilocuções | 35 |
| 3. | LANGUAGE INTO ACT THEORY (L-Act)..... | 37 |
| 3.1. | O enunciado como unidade de referência da fala | 37 |
| 3.2. | Enunciado, prosódia e ato de fala | 43 |
| 3.2.1. | Estrutura do Comentário e forma prosódica..... | 50 |
| 3.2.2. | A importância dos parâmetros pragmático-cognitivos para a ilocução..... | 54 |
| 3.3. | O modelo prosódico..... | 57 |
| 3.4. | As unidades informacionais..... | 62 |
| 3.4.1. | As unidades textuais..... | 63 |
| 3.4.2. | Unidades de auxílio dialógico | 72 |
| 3.4.3. | Limites do isomorfismo | 77 |
| 3.5. | A independência entre as noções de ilocução e predicação | 81 |
| 3.6. | Atitude..... | 86 |
| 4. | DISCUSSÃO E ELABORAÇÃO METODOLÓGICA | 91 |
| 4.1. | Características de um corpus adequado ao estudo das ilocuções | 91 |
| 4.1.1. | Alta variação diafásica | 92 |
| 4.1.2. | Segmentação prosódica | 93 |
| 4.1.3. | Alta qualidade acústica..... | 94 |
| 4.1.4. | Alinhamento texto-som | 94 |
| 4.1.5. | Corpora que possuem essas características | 95 |
| 4.2. | O corpus C-ORAL-BRASIL | 95 |

| | | |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.2.1. | O corpus C-ORAL-ROM | 96 |
| 4.2.2. | Características do C-ORAL-BRASIL | 99 |
| 4.3. | Metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções | 103 |
| 4.3.1. | Identificação das ilocuções em corpus | 105 |
| 4.3.2. | Descrição pragmático-cognitiva das ilocuções | 111 |
| 4.3.3. | Produção de cenas fictícias em vídeo que eliciem as ilocuções | 113 |
| 4.3.4. | Extração de uma forma prosódica prototípica para as ilocuções..... | 116 |
| 4.3.5. | Validação da forma prosódica prototípica das ilocuções (teste de repetição)... | 116 |
| 4.3.6. | Substituição da forma de uma ilocução no contexto de outras ilocuções (teste de substituição) | 117 |
| 4.3.7. | Descrição da forma prosódica | 117 |
| 4.4. | Análise crítica da metodologia LABLITA | 118 |
| 4.5. | Uma nova proposta de metodologia..... | 124 |
| 4.6. | Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa | 126 |
| 4.6.1. | Teste de percepção | 128 |
| 5. | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS | 135 |
| 5.1. | Análise dos enunciados encontrados em corpus..... | 135 |
| 5.1.1. | Seleção das atitudes..... | 141 |
| 5.2. | Análise dos enunciados produzidos em laboratório | 142 |
| 5.2.1. | Cenas de eliciação de Ordem com atitudes diferentes | 143 |
| 5.2.2. | Identificação do núcleo dos enunciados de Ordem | 152 |
| 5.2.3. | Análise prosódica dos enunciados..... | 155 |
| 5.2.4. | Caracterização das atitudes | 169 |
| 5.2.5. | Forma prosódica de Ordem em PB | 179 |
| 5.3. | Análise dos enunciados produzidos em laboratório a partir das cenas em IT .. | 183 |
| 5.3.1. | Análise prosódica dos enunciados..... | 184 |
| 5.3.2. | Caracterização das atitudes | 193 |
| 5.3.3. | Forma prosódica de Ordem em Italiano | 202 |
| 5.4. | Teste de substituição entre as cenas de Ordem em PB | 202 |
| 6. | OUTROS FENÔMENOS DIGNOS DE NOTA | 207 |
| 6.1. | Oferta e Pergunta de Confirmação..... | 207 |
| 6.2. | Ilocuções dialógicas | 215 |
| 6.2.1. | Pedido de Repetição Total..... | 216 |
| 6.2.2. | Permissão para Falar | 216 |
| 6.2.3. | Manifestação de Atenção Continuada..... | 217 |
| 6.2.4. | Pedido de Concordância..... | 218 |
| 6.3. | Sequências de enunciados com o mesmo conteúdo locutivo | 218 |
| 7. | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 224 |
| 7.1. | A importância da caracterização pragmática das ilocuções..... | 225 |
| 7.2. | A descrição da forma prosódica ilocucionária..... | 229 |
| 7.3. | A importância de se refinar a caracterização pragmática dos enunciados..... | 233 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| 8. CONCLUSÕES | 242 |
| 8.1. Caracterização resumida da forma prosódica de Ordem em PB | 244 |
| 8.2. Caracterização resumida das atitudes de Ordem em PB | 244 |
| 9.2.1. Atitude de Referência..... | 244 |
| 8.2.1. Atitude de Cortesia..... | 244 |
| 8.2.2. Atitude de Urgência | 245 |
| 8.2.3. Atitude de Irritação..... | 245 |
| 8.3. Trabalhos futuros..... | 245 |
| REFERÊNCIAS..... | 247 |
| ANEXO I – Questionário aplicado no pré-teste piloto | 254 |
| ANEXO II – Telas de instrução e tela de resposta do teste piloto e da versão definitiva do teste de percepção..... | 255 |
| ANEXO III – Exemplos de Ordem..... | 256 |
| ANEXO IV – Sequências de enunciados com o mesmo conteúdo locutivo | 260 |

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho se propõe a apresentar e aplicar uma metodologia para o estudo de ilocuções em corpora de fala espontânea. A metodologia constitui-se de (a) uma fase empírica de identificação e caracterização pragmática de ilocuções a partir do exame de dados de corpus e (b) uma fase experimental de descrição da forma prosódica das ilocuções. As descrições se concentrarão na ilocução de Ordem e em quatro de suas possíveis atitudes (atitude de Referência, Cortesia, Irritação e Urgência) em Português Brasileiro (PB). Para tanto, serão analisados dados extraídos do C-ORAL-BRASIL – corpus oral de fala espontânea do Português Brasileiro, com enfoque na diatopia mineira (RASO; MELLO, 2012a) – e enunciados produzidos em contextos de eliciação. Em seguida, será feita uma descrição, em caráter exploratório, da ilocução de Ordem e de suas atitudes em Italiano, também com base em enunciados eliciados. A partir da aplicação da metodologia para o estudo da Ordem, faremos reflexões teóricas mais amplas que avançam o estado da arte na compreensão da categoria de ilocução.

Para entender as diferenças desse trabalho com relação a outras abordagens existentes, cumpre lembrar que, em linhas gerais, a ilocução é definida como a dimensão acional do enunciado, ou seja, a ação que realizamos sobre nosso interlocutor quando endereçamos a ele um enunciado. Estudos empíricos (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011) sugerem que podemos realizar mais de 80 tipos de ilocuções diferentes, tais como Ordem, Instrução, Resposta, Advertência, Sugestão e Atenuação. O primeiro autor a propor que todo enunciado corresponde sistematicamente a uma ação foi o filósofo John Austin, em seu livro *How to do things with words* (AUSTIN, 1962). Pouco tempo depois, John Searle formula, em *Speech Acts* (SEARLE, 1969), um novo tratamento ao tema, de matriz lógico-sintática, com o objetivo de prever quais são as possíveis ilocuções de uma língua e de identificar as estruturas sintáticas que as realizam. A abordagem proposta por Searle orienta uma parcela significativa dos trabalhos publicados sobre o tema desde então.

O tratamento dado nessa tese ao problema da ilocução diverge substancialmente do de Searle por três motivos. Em primeiro lugar, porque se fundamenta na *Language into Act Theory* (L-AcT, ou Teoria da Língua em Ato) (CRESTI; MONEGLIA, 2005; CRESTI, 2000; MONEGLIA; RASO, 2014; RASO; MELLO, 2012a), uma teoria empírica que propõe conceitos de ilocução e de enunciado diferentes daqueles adotados por Searle. Segundo a L-AcT, o enunciado, tomado como a unidade de referência da fala, é definido como a menor sequência linguística dotada de autonomia pragmática e prosódica (CRESTI, 2000) e

corresponde a um ato de fala (AUSTIN, 1962). A ilocução é definida em termos austinianos como a dimensão acional do enunciado. Todavia, a L-AcT propõe que a realização de cada ilocução esteja vinculada à estrutura prosódica do enunciado segundo uma configuração específica de parâmetros prosódicos (chamada de forma prosódica da ilocução), em uma situação dotada de certas propriedades pragmático-cognitivas. Assim, na visão da L-AcT, a realização de uma ilocução independe da presença de uma estrutura predicativa no enunciado.

O segundo motivo de diferença com relação a abordagens tradicionais é uma decorrência do primeiro: uma vez que essa tese se fundamenta em uma teoria de base empírica, a metodologia para o estudo de ilocuições proposta por esse trabalho também é de base empírica. De fato, defendemos que somente a observação de dados reais de fala possa revelar ao pesquisador as ilocuições existentes em uma língua e, também, uma série de propriedades importantes dessas ilocuições. Assim, a nosso ver, os procedimentos experimentais usados para a descrição de uma forma prosódica ilocucionária não podem prescindir da fase de observação direta dos dados reais de fala.

O terceiro motivo é o de que essa tese se fundamenta em uma diferença conceitual precisa entre as categorias de *ilocução* e de *atitude* – essa última entendida como a maneira pela qual uma ilocução é realizada (encorajadora, autoritária, sedutora, etc.) (MELLO; RASO, 2011). A atitude é uma categoria linguística que também incide sobre o enunciado e se manifesta pela prosódia. Por esse motivo, consideramos que uma metodologia para a descrição de formas prosódicas ilocucionárias deva necessariamente levar em conta a sua interação com as propriedades atitudinais.

1.1. Justificativa

A questão dos atos de fala permanece um problema em aberto na linguística atual. A nosso ver, as inúmeras tentativas de se explicar como usamos a linguagem verbal para realizar ações sobre os nossos interlocutores incorrem em um erro comum a várias teorias linguísticas: o de se tentar analisar a fala a partir de categorias cunhadas (e que funcionam bem) para a escrita. No que diz respeito aos atos de fala, o próprio Austin já defendia que essa categoria pertencesse tanto à fala quanto à escrita (e, de fato, suas intuições advém, em boa medida, da sua preocupação com a linguagem legal). Da mesma forma, o quadro teórico de Searle, que

tem os objetivos de fazer uma taxionomia dos atos de fala e de identificar as estruturas sintáticas associadas a cada classe ilocucionária, é utilizado para analisar as duas diamesias.¹

Historicamente, esse problema deriva do fato de que, até pouco tempo atrás, não existiam meios para fixar a linguagem oral preservando suas características intrínsecas e peculiares ligadas ao sinal sonoro, como a prosódia. De fato, a criação, o aperfeiçoamento e a popularização de dispositivos de gravação e de análise acústica são fenômenos muito recentes. Além disso, mesmo com uma quantidade cada vez maior de corpora de fala, nota-se que grande parte dos estudos baseados nos mesmos é feita a partir do exame de suas transcrições, e não das gravações em si (muitas vezes, em função da dificuldade de se encontrar, em uma longa gravação, o trecho que corresponde a um enunciado específico).

Nesse contexto, uma quantidade expressiva de estudos a respeito dos atos de fala continua a se concentrar em análises da língua escrita. Por outro lado, há muitos trabalhos que reconhecem a importância da prosódia para a veiculação dos atos de fala (ou de outras categorias relacionadas, como a modalidade de frase e a atitude) e descrevem os correlatos prosódicos de perfis relacionados a elas. Contudo, nesses estudos, nota-se frequentemente uma tendência à adoção de procedimentos laboratoriais sem que antes seja feito um trabalho sólido de base pragmática que permita compreender com maior segurança o valor funcional dos perfis prosódicos analisados. Naturalmente, essas dificuldades estão todas relacionadas a problemas já mencionado, a saber, a escassez de corpora de fala espontânea e a pouca praticidade no uso dos mesmos.

A criação dos chamados *corpora de terceira geração* muda esse panorama. Por permitirem o acesso contemporâneo ao som de alta qualidade acústica, aos seus parâmetros acústicos e prosódicos e à sua transcrição, esses corpora reúnem as condições mínimas e necessárias para (a) contemplar a fala em suas peculiaridades, (b) avaliar em que medida as teorias linguísticas já existentes conseguem explicar a estruturação da fala e (c) desenvolver novas teorias, quando necessário.

Nesse contexto, o grupo LABLITA propõe uma metodologia inovadora para o estudo de ilocuições fundamentada na *Language into Act Theory* (L-AcT), que reconhece o papel central desempenhado pela prosódia na veiculação das ilocuições. A metodologia alia uma fase empírica de pesquisa em corpora linguísticos de terceira geração a uma fase experimental voltada para a descrição prosódica. Todavia, apesar de seus expressivos méritos, a

¹ “Diamesia” um termo usado por Berruto (1993) para indicar a variação sociolinguística em função do meio e do canal, de forma análoga à variação diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica.

metodologia LABLITA não considera de maneira apropriada a relação entre as categorias de ilocução e atitude, comprometendo o alcance e a qualidade de suas descrições.

Tomando como ponto de partida o trabalho do LABLITA, essa tese propõe uma nova metodologia para o estudo de ilocuções que permite discriminar as propriedades prosódicas ilocucionárias das propriedades prosódicas atitudinais de um enunciado, possibilitando uma descrição mais acurada da forma prosódica ilocucionária. Além disso, esse trabalho valoriza a análise pragmática das ilocuções, levando a uma melhor compreensão da relação existente entre uma ilocução e o seu contexto de realização (o que, em muitas abordagens, é feito somente com base na introspecção do pesquisador) e do próprio conceito de ilocução. Por esses motivos, o presente trabalho constitui um avanço significativo para a compreensão da ilocução, que são um fenômeno linguístico central para a estruturação da fala.

1.2. Objetivos

Os objetivos gerais desta tese são:

- Contribuir para o panorama linguístico, discutindo o conceito de ilocução e apresentando uma metodologia empírica para a identificação e descrição das ilocuções;
- Contribuir para uma melhor compreensão de como se dá a expressão prosódica da ilocução e da atitude.

Para alcançar o primeiro objetivo geral, propõem-se os objetivos específicos:

- a. Analisar criticamente a metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções, apontando seus méritos e suas limitações;
- b. Apresentar uma nova metodologia para a identificação e descrição de ilocuções;
- c. Discutir a importância da caracterização pragmática de uma ilocução do ponto de vista teórico e metodológico.

Para alcançar o segundo objetivo geral, tem-se os objetivos específicos de:

- a. Descrever a ilocução de Ordem em quatro das suas possíveis atitudes (atitude de Referência, Cortesia, Irritação e Urgência) em PB e em Italiano
- b. Comparar a ilocução de Ordem e suas atitudes em PB e em Italiano.

1.3. Histórico da pesquisa

Essa pesquisa surge como uma tentativa de aplicação da metodologia LABLITA para a descrição da forma prosódica de um grupo de ilocuções do PB, com dados extraídos do C-ORAL-BRASIL. O trabalho de Rocha (2013), elaborado como preparação para essa tese, reflete essa fase da pesquisa.

Durante esse processo, notamos que a formulação original da metodologia não dava conta de um problema teórico importante: distinguir as características prosódicas ilocucionárias das características prosódicas atitudinais em um enunciado. Todavia, a nosso ver, a atitude constitui uma dimensão de enorme importância para a dimensão ilocucionária (e não algo secundário), de modo que, sem estudar ilocução e atitude juntos, não é possível construir uma metodologia que dê conta do estudo da ilocução.

A partir dessas observações, a presente pesquisa foi se dirigindo para (a) mostrar como a manifestação concreta de forma prosódica ilocucionária em um enunciado é influenciada pela atitude com a qual a ilocução é realizada e (b) colocar em discussão, a partir de uma visão fundamentada em uma análise pragmática das ilocuções, uma série de questões teóricas importantes sobre a natureza dos atos de fala (em particular, a definição pragmática de uma ilocução e a sua relação com o contexto em que é realizada). A partir dessas reflexões, desenvolvemos uma nova proposta metodológica para o estudo de ilocuções que busca aproveitar da melhor maneira possível a interferência da expressão atitudinal na realização concreta de uma forma prosódica ilocucionária. Nesse sentido, a nossa proposta supera as anteriores por basear-se na análise não somente dos enunciados prototípicos de uma ilocução, mas sim em qualquer enunciado, independentemente da atitude com a qual ele é realizado, fornecendo meios para discriminar as propriedades prosódicas ilocucionárias das propriedades prosódicas atitudinais.

2. OS ATOS DE FALA NA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA

A teoria que fundamenta a metodologia aqui proposta – a *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), ou L-AcT – é de base empírica e constitui um desenvolvimento da proposta de Austin (1962). Apesar de aceitar algumas contribuições do quadro desenvolvido por Searle, segue um caminho muito diferente daquele de matriz lógica preconizado pelo mesmo. Também se diferencia de autores que adaptaram a Teoria dos Atos de Fala à análise da conversação e a outros ramos da linguística. Para evidenciar as diferenças da L-AcT com relação às visões mais tradicionais, é proveitoso percorrer a história do estudo dos atos de fala.

2.1. Thomas Reid

Austin (1962) é quem tenta, primeiramente, sistematizar e desenvolver a ideia de que todo enunciado possui uma natureza acional e, por esse motivo, é tido como o criador da Teoria dos Atos de Fala. Todavia, já em meados do século XIX e início do século XX, muito antes do filósofo oxoniense ministrar o ciclo de palestras no qual exporia as suas ideias, o filósofo escocês Thomas Reid (1710-1796) desenvolve, de forma independente, a ideia de que os enunciados (ou pelo menos alguns deles) correspondem a ações.

Segundo Schuhmann e Smith (SCHUHMANN; SMITH, 1990), em uma tentativa de compreender a estrutura da mente humana, Reid volta suas atenções à linguagem e percebe a existência daquilo que chama de *atos sociais* e de *atos solitários*. Os atos solitários são operações da mente de um indivíduo que, para existir, prescindem da interação com outro indivíduo. Fazem parte dessa categoria operações como a visão, a audição, o desejo e a compreensão. Os atos sociais, por outro lado, dependem da dimensão comunicativa e devem ser direcionados a outra pessoa que não o falante. Nesse grupo, encontram-se perguntas, recusas, ofertas, ordens, ameaças e súplicas, dentre outros. Reid nota que uma ordem não é um simples desejo do falante comunicado ao interlocutor, da mesma forma que uma promessa não é simplesmente a expressão de uma intenção do falante que poderia ou não ser expressa. Apesar desses importantes *insights*, Reid não é exaustivo nem na enumeração dos atos sociais, nem em sua descrição e, por esses motivos, não se pode considerar que funda uma teoria sobre a natureza acional da linguagem.

2.2. Austin

Austin é considerado o criador da Teoria dos Atos de Fala pelo pioneirismo em propor que não *alguns*, mas sim *todos* os enunciados proferidos por um falante constituem ações endereçadas ao seu interlocutor; por analisar a forma com que o falante veicula cada ato de fala; por oferecer uma primeira classificação dos atos de fala.

A discussão proposta por ele tem como ponto de partida um debate próprio da filosofia da linguagem de seu tempo: o de que somente as sentenças verificáveis (ou seja, sentenças sobre as quais podemos afirmar sua verdade ou falsidade) seriam sentenças com sentido. As demais, não verificáveis, seriam sentenças ‘sem sentido’ (*meaningless*). Essa constitui uma radicalização de uma posição colocada, pela primeira vez, por Aristóteles, em *De Interpretatione*, segundo a qual a lógica lida com as afirmações, verdadeiras ou falsas, enquanto outros usos da linguagem que não podem ser avaliados nesses termos são objeto da retórica e da poética.

A partir desse debate, Austin inicia seu percurso argumentativo propondo uma divisão provisória entre enunciados *constatativos* e *performativos*. Os primeiros são aqueles que exprimem juízos sobre o mundo e são verificáveis, podendo ser considerados verdadeiros ou falsos. Os performativos são enunciados que não exprimem julgamentos, mas que realizam ações quando são realizados.

- (1) Prometo que não vou mais atrasar-me
- (2) Peço que você venha à noite
- (3) Eu batizo esse navio *Rainha Elizabeth*

De fato, quando um falante profere um enunciado como (1), não está fazendo uma declaração a respeito de uma promessa; está prometendo algo no exato momento em que executa a sentença. Nesse caso, não se pode falar de verdade ou falsidade da promessa, mas simplesmente que uma promessa foi realizada. O mesmo vale para os enunciados (2) e (3), ambos performativos, que veiculam ações de pedido e de batismo, bem como para todos os enunciados performativos.

Todavia, para que um enunciado contendo um verbo performativo seja de fato um enunciado performativo, é preciso que o verbo esteja na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Efetivamente, comparando os três exemplos mostrados anteriormente a (4), (5) e (6), percebe-se que somente os três primeiros são enunciados performativos:

- (4) Joana prometeu que me emprestaria o livro.
- (5) Pedir um favor nem sempre é uma tarefa fácil.
- (6) Batizamos a criança com o nome da mãe de Ariadne.

Austin mostra que a realização de uma ação por meio de um enunciado performativo está sujeita a *condições de felicidade*, as quais devem ser cumpridas integralmente:

- (A.1) Deve existir um procedimento convencionalmente aceito que apresente um determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas, em certas circunstâncias; e além disso que
 - (A.2) as pessoas e circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.
 - (B.1) O procedimento tem de ser executado, por todos os participantes, de modo correto e
 - (B.2) completo.
 - (F.1) Nos casos em que, como ocorre com frequência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa à instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos participantes, então aquele que participa do procedimento, e o invoca deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso,
 - (F.2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente.
- (AUSTIN, 1962, p. 31)

O objetivo de Austin, no curso de suas palestras, é o de mostrar que a divisão entre enunciados constatativos e performativos é infundada e que, em última instância, todos os enunciados realizam ações. Um forte indício para isso seria o fato de os enunciados constatativos podem ser expressos de maneira performativa. Um típico constatativos como ‘O céu está azul’ pode ser reconduzido à forma ‘Eu declaro que o céu está azul’, com o performativo *declarar*. Dessa forma, existiriam enunciados *performativos explícitos*, com a presença de um verbo performativo, e enunciados *performativos implícitos*, nos quais o performativo não aparece. Todos aqueles enunciados anteriormente chamados de constatativos seriam, na realidade, performativos implícitos, assim como os enunciados não constatativos sem um verbo performativo.

O autor reconhece que muitos enunciados realizados na comunicação cotidiana encontram-se na forma implícita. Além disso, algumas ações realizadas na fala são feitas, por definição, sem um verbo performativo (como a ação de ameaça, em que, para realizá-la, não se diz ‘Eu te ameaço’). Na visão de Austin, isso ocorre porque os performativos *não são*

primitivos linguísticos e parecem ter sido criados justamente para que o falante possa expressar de maneira sistemática o tipo de ação empreendida ao se proferir um enunciado. Em outras palavras, os performativos serviriam para se referir às ações linguísticas, não para realiza-las. Um mesmo enunciado como ‘Eu o farei’, que não possui um verbo performativo, poderia ser interpretado como uma promessa ou como uma ameaça. Inserindo o performativo *prometo* (‘Eu prometo fazê-lo’), a sentença deixa de ser ambígua e será inequivocamente interpretada como uma promessa.

Outro ponto fundamental do trabalho de Austin, determinante em toda a teoria dos atos de fala desenvolvida posteriormente, é a análise da estrutura de um ato de fala. Segundo o autor, todo ato de fala constitui-se de três atos realizados simultaneamente à produção do enunciado: a *locução*, a *ilocução* e a *perlocução*. A locução é o material fonético do enunciado, estruturado segundo regras gramaticais e dotado de referência. A ilocução é a ação que se cumpre ao se proferir um enunciado (asserção, ameaça, pedido, ordem, etc.) e é de natureza convencionalizada (como a locução), uma vez que cada língua possui mecanismos distintos para realizar as ações. A perlocução é o resultado de uma ação e, por definição, não é convencionalizada, uma vez que o mesmo ato ilocucionário pode dar origem a consequências diversas em contextos diferentes.

2.3. Searle

Ao lado de Austin, John Searle (SEARLE, 1969; 1979) é a principal referência no estudo dos atos de fala. As contribuições do filósofo americano se versam sobre vários aspectos concernentes os atos de fala, dentre os quais: i. a formalização da estrutura lógica dos atos de fala; ii. a classificação dos atos de fala; iii. o estudo dos índices indicadores de força ilocucionária (IFIDs, do inglês *Illocutionary Force Indicator Devices*), ou seja, dos mecanismos linguísticos que exprimem a força ilocucionária de uma sentença.

Baseando-se no chamado *princípio de expressabilidade* (“tudo o que se pode querer dizer pode ser dito”), o autor postula uma correspondência entre cada tipo ilocucionário e um verbo performativo (SEARLE, 1969). Cada realização de um ato de fala expressaria a fórmula $F(p)$, em que F é um predicado performativo e p é uma proposição.

Searle identifica um conjunto de doze fatores que, em sua visão, produzem diferenças entre os tipos ilocucionários e que, conseqüentemente, devem fundamentar uma classificação dos atos de fala. Três desses fatores seriam usados para definir as classes ilocucionárias, enquanto os demais explicariam as diferenças entre os tipos ilocucionários de uma mesma classe. Os parâmetros usados para diferenciar as classes ilocucionárias são o *propósito*

ilocucionário, a *direção de ajuste entre palavras-mundo* e o *estado psicológico expresso*.² A partir de variações desses parâmetros, Searle identifica as classes de *assertivos* (atos de compromisso do falante com relação à verdade da proposição), *diretivos* (tentativas de comprometer o interlocutor com uma linha de ação futura), *compromissivos* (atos em que o falante se compromete com uma linha de ação futura), *expressivos* (expressões de um estado de espírito ao interlocutor) e *declarações* (atos que criam correspondência entre o conteúdo proposicional e o mundo).

A classe dos *diretivos*, por exemplo, teria o propósito ilocucionário de fazer com que o interlocutor realize uma ação. A direção de ajuste seria *mundo-para-palavras* (ou seja, o mundo deve se conformar às palavras), uma vez que o interlocutor deve se portar segundo o conteúdo proposicional do ato de fala. O estado psicológico expresso pelos *diretivos* seria o *desejo*. Por outro lado, os *assertivos* teriam o propósito ilocucionário de propor uma representação de algum elemento do mundo. A direção de ajuste nos *assertivos* seria *palavras-para-mundo* (ou seja, as palavras devem se conformar ao mundo). O estado psicológico expresso pelas ilocuições dessa classe seria a *crença*.

Na visão de Searle, cada classe ilocucionária seria expressa por uma especificação da fórmula geral dos atos de fala $F(p)$. Na fórmula de cada classe, a variável F corresponderia à configuração de *propósito ilocucionário*, *direção de ajustes entre palavras-mundo* e *estado psicológico expresso* associada a ela.

A partir do exame de sentenças que veiculam as diferentes ilocuições existentes no Inglês, Searle identifica uma estrutura profunda comum a todas as realizações de uma classe ilocucionária. A estrutura profunda de uma classe seria a contraparte sintática de sua fórmula lógica. A classe dos *assertivos*, por exemplo, seria realizada por meio de enunciados que expressam a estrutura **I verbo (that) + S**, observável em sentenças como ‘*I state that it is raining*’ (Eu enuncio que está chovendo) e ‘*I predict that he will come*’ (Eu prevejo que ele virá). Já os *diretivos* possuiriam a estrutura **I verbo you + you Fut Verbo Vol (SN) (Adv)**, como em ‘*I order you to leave*’ (Eu ordeno-lhe que saia) e ‘*I command you to stand at attention*’ (Eu mando-o ficar em posição de sentido) (SEARLE, 1979b).³

² A ilocução de ordem (da classe dos *diretivos*), por exemplo, tem o propósito ilocucionário de fazer com que o interlocutor realize uma ação. Uma descrição (uma ilocução da classe dos *assertivos*) tem o propósito de propor uma representação de algum elemento do mundo. A direção de ajuste de uma ordem é a de que o mundo deve se conformar às palavras, uma vez que o interlocutor deve se portar segundo o conteúdo proposicional do ato de fala. Já em uma descrição, as palavras devem se conformar ao mundo. O estado psicológico de uma ordem é o de *desejo*, enquanto o de uma descrição é o de *crença*.

³ Traduções extraídas de SEARLE, J. *Expressão e significado*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Todo o trabalho de classificação empreendido pelo autor constitui em uma tentativa de superar dois problemas que o próprio Searle aponta na proposta original de Austin. O primeiro deles seria o de que Austin faz uma classificação não propriamente das ilocuções do Inglês, mas sim de um inventário de verbos ilocucionários, supondo que dois verbos distintos representem necessariamente duas ações diferentes. O segundo problema seria a ausência de princípios rigorosos para a classificação dos atos de fala, provocando heterogeneidade em algumas categorias e sobreposições entre outras.

A despeito do grande esforço de Searle em propor uma categorização ilocucionária rigorosa, fundamentada em critérios lógico-sintáticos, uma análise das classes ilocucionárias identificadas pelo autor revela que as suas definições não se baseiam exclusivamente no nível pragmático da comunicação, mas também no nível semântico. Esse é o caso da classe dos assertivos (atos em que o falante assume um compromisso de verdade com relação ao conteúdo locutivo de seu enunciado), cuja definição coincide com o conceito clássico de modalidade epistêmica,⁴ a qual pertence ao nível **semântico** do enunciado. O problema de uma definição como essa é que uma classe ilocucionária é caracterizada em função da relação entre o falante e o conteúdo proposicional de seu enunciado (nível semântico), e não a partir do tipo de ação que o falante realiza sobre o interlocutor (nível pragmático).

Além disso, o exame dos fatores usados por Searle para diferenciar as ilocuções mostra que o autor não faz uma distinção apropriada entre os níveis pragmático e sócio-interacional da comunicação, o que interfere na identificação dos tipos ilocucionários de uma língua. Segundo Searle, um dos fatores que produzem nuances dentro de uma mesma classe ilocucionária é a *força ou vigor com que o propósito ilocucionário é apresentado*. Esse fator distinguiria, por exemplo, as ilocuções diretivas realizadas pelas sentenças ‘Eu **sugiro** irmos ao cinema’ e ‘**Insisto** em irmos ao cinema’ (SEARLE, 1979b). Todavia, a nosso ver, ao postular a diferença entre tipos ilocucionários com base na “força ou vigor” com a qual o propósito ilocucionário é apresentado, Searle deixa entender que não faz uma distinção apropriada entre o conceito de ilocução (a ação realizada pelo falante sobre o interlocutor) e a atitude com a qual a ilocução é realizada.

Ainda com relação à classificação proposta por Searle, Kissine (2013) nota uma inconsistência na identificação dos estados psicológicos expressos por cada classe ilocucionária. Para Searle, o estado psicológico pode ser identificado a partir do Paradoxo de

⁴ De acordo com Mello *et al.* (2009), “a modalidade epistêmica expressa o grau de comprometimento do falante à verdade da proposição contida no enunciado. Na tradição lógica, a modalidade epistêmica se refere à expressão da possibilidade ou necessidade da proposição em relação a um estado de coisas”.

Moore: assim como não é possível se afirmar algo deixando claro que não se acredita no que está sendo afirmado, o estado psicológico das afirmações seria o de crença; assim como não é possível prometer algo deixando claro que não se tem a intenção de fazê-lo, o estado psicológico das promessas é a intenção; etc. Todavia, Kissine sustenta que os estados psicológicos dos atos de fala institucionalizados não podem ser encontrados da mesma forma. Um juiz pode, por exemplo, condenar um acusado mesmo acreditando na sua inocência.

Observadas essas ressalvas à classificação de Searle, voltemos à exposição de seu quadro teórico. Uma das grandes questões enfrentadas pelo autor é o problema dos chamados *atos de fala indiretos*. Esse conceito se refere aos enunciados utilizados para realizar uma ilocução diferente daquela indicada de maneira explícita ou ambígua pelos indicadores de força ilocucionária (IFIs). Isso ocorreria, por exemplo, quando um indivíduo faz uma pergunta como ‘Você consegue me passar o sal?’ com o objetivo de realizar um pedido ao seu interlocutor. Para Searle, a força ilocucionária primária dessa ação seria a de um pedido e a força ilocucionária secundária, a de uma pergunta. Casos como esse são chamados pelo autor de *atos de fala indiretos convencionalizados*, uma vez que a estrutura sintática da pergunta é convencionalmente utilizada para se fazer um pedido. Além desses, existiriam também os *atos de fala indiretos não convencionalizados*. Nesses casos, não há um nível de convencionalização entre as estruturas sintáticas. Um exemplo seria uma asserção como “eu estou muito cansado”, interpretada como um pedido.

Uma das questões a que Searle se propõe a responder é a de como o interlocutor consegue compreender o ato de fala primário de um enunciado a partir de um ato secundário, uma vez que não há ligação explícita entre eles. Tanto nos indiretos convencionalizados quanto nos não convencionalizados, isso ocorreria, em primeiro lugar, por processos inferenciais (GRICE, 1975), os quais levariam o interlocutor a perceber que o ato de fala realizado pelo falante não deve ser interpretado de forma literal. No exemplo ‘Você consegue me passar o sal?’, o interlocutor perceberia que não faz sentido uma pergunta acerca das suas capacidades de passar o sal e, assim, compreenderia que a sentença veicula um ato de fala primário diferente do ato de pergunta. Além disso, nos atos convencionalizados, Searle afirma que há um alto nível de convencionalização entre alguns tipos de sentenças utilizados para exprimir um ato secundário e os seus respectivos atos primários: muitas das sentenças normalmente utilizadas para realizar o ato primário de um pedido, por exemplo, fazem menção à *condição preparatória* do ato de fala de pedido, qual seja a possibilidade do interlocutor de realizar o que lhe é pedido. Assim, esse seria um indício da força ilocucionária

primária de um ato de fala indireto. Pelo mesmo motivo, também funcionariam como pedidos indiretos as sentenças ‘*Você tem troco para 10 reais?*’ e ‘*Você poderia fazer um pouco mais de silêncio agora?*’. Searle também observa que as sentenças que expressam atos de falas indiretos convencionalizados são realizadas com a prosódia do ato de fala primário e não com a do secundário. Assim, a pergunta “*Você consegue me passar o sal?*” seria prosodicamente realizada como um pedido nos casos em que efetivamente é um pedido. Todavia, assim como observações a respeito da prosódia da fala fogem ao âmbito de análise do autor, essa hipótese não é aprofundada.

A respeito dos Atos de fala indiretos, Borge (2013) afirma que, de um modo geral, os esforços dos diversos autores, incluindo Searle, se concentram em compreender *como* os falantes utilizam os atos de fala indiretos. Por outro lado, a teoria dos atos de fala não explica *porque* os falantes escolhem tão frequentemente os atos de fala indiretos no lugar dos atos diretos, o que acaba por enfraquecer o próprio conceito de ato de fala.

2.4. Alston

Alston (1972) faz uso do conceito de ato de fala para compreender o problema da significação. A análise dos atos de fala mostra “*como o fato de uma expressão linguística ter a significação que tem é uma função do que os usuários da linguagem fazem com essa expressão*” (ALSTON, 1972, p. 68). Segundo o autor, duas palavras são sinônimas se mantêm o ato ilocucionário em duas sentenças distintas, como em ‘*Você está sempre procrastinando*’ e ‘*Você está sempre adiando as coisas*’.

Alston define a locução como a frase proferida pelo falante em sua enunciação, enquanto a perlocução seria o resultado da locução. A ilocução é algo que está entre a locução e a perlocução. Não corresponde à locução, pois uma mesma frase, como ‘*Quer fazer o favor de abrir a porta?*’, pode ser pronunciada com objetivos diferentes (fazer alguém abrir a porta, dar um exemplo ou mesmo testar a própria voz). A ilocução também se difere da perlocução, pois o ato de pronunciar a mesma frase pode gerar consequências distintas, como irritar o ouvinte ou distrair quem estava lendo. Em todos esses casos, não deixa de ser verdade que alguém realizou um pedido. É interessante notar como, no quadro proposto por Alston, não há uma relação direta entre os níveis ilocucionário e perlocucionário.

Para Alston, a ilocução é determinada pela contribuição de cada palavra dentro da frase. Assim, as frases ‘*Por favor, passe o sal*’ para ‘*Por favor, passe o açúcar*’ exprimem pedidos diferentes, enquanto a frase ‘*Isto é sal*’ não exprime um pedido. Todavia, o autor não

especifica a forma com que as palavras identificam os atos de fala e não parece acreditar que haja uma relação sistemática entre índices (sejam eles gramaticais, lexicais, etc.) e ilocuções.

2.5. Bach e Harnish

Outra famosa classificação dos atos de fala é aquela empreendida por Bach e Harnish (1979). Nela, a noção de *estado mental* desempenha um papel importante. Para os autores, um enunciado expressa um estado mental se (a) ele é produzido com a intenção de que o interlocutor acredite que ele expresse esse estado mental e se (b) o interlocutor reconhece essa intenção. O estado mental com o qual o falante realiza um enunciado é tomado como um princípio classificatório dos atos de fala. Por meio deles, é possível identificar quatro classes de *atos de fala comunicativos*: *constatatives*, *directives*, *comissives* e *acknowledgements*.

O estado mental dos *constatives* é o de fazer com que o interlocutor acredite que a proposição do enunciado seja verdade ou o de expressar que o falante acredita que a proposição seja verdadeira. O estado mental dos *directives* é o de expressar o desejo de que o interlocutor faça com que a proposição se torne verdade. Os *commissives* expressam a intenção de que o falante torne a proposição verdadeira. Os *acknowledgements* expressam sentimentos para com o interlocutor. Cada uma das classes divide-se em subclasses que expressam variações do estado mental geral da classe.

Aos *atos de fala comunicativos*, os *atos de fala institucionalizados*, ou seja, atos que são bem sucedidos se proferidos por uma pessoa adequada em uma situação adequada. Há duas classes de atos institucionalizados: *effectives* e *verdictives*. Os *effectives* são enunciados que produzem ou alteram o estatuto institucional de algo. Os *verdictives* são julgamentos que possuem valor oficial na instituição em que são produzidos.

As principais diferenças com relação à classificação de Searle são: i. a divisão dos atos institucionalizados em duas classes, enquanto em Searle aparecem indistintamente como *declarações*; ii. o fato de que os *constatives* de Bach e Harnish possuem algo a mais que os *assertivos* de Searle: exprimem a vontade que o interlocutor acredite que o conteúdo proposicional do ato de fala seja verdadeiro.

Além disso, Bach e Harnish se diferem de Austin por considerarem que os enunciados com verbos performativos realizam contemporaneamente duas ações. Uma delas é a ação expressa de forma explícita pelo performativo (no caso de um ato de fala direto) e a outra é a ação de fazer uma afirmação. Eles argumentam a favor dessa hipótese dizendo que há um dispositivo linguístico para explicitar as duas forças ilocucionárias: construções como *'Leave;*

and that's na order' (Saia; e isso é uma ordem) ou *'I will come/ and that's a promise*' (Eu virei; e isso é uma promessa).

Segundo os autores, a interpretação de todo ato de fala (e não somente dos atos indiretos) é feita com base em processos inferências a partir de informações linguísticas e contextuais. Assim, Bach e Harnish elaboram um esquema de interpretação dos atos de fala que seria acionado em toda comunicação verbal. Tal esquema é fortemente influenciado pelo modelo de Grice (1975).

2.6. Sbisà

A reflexão de Sbisà (1989) baseia-se em uma visão da comunicação como um processo intersubjetivo, no qual os atos linguísticos têm o papel de fazer alterações no contexto. Nessa visão, o contexto é visto como o conjunto das características físicas e psicológicas de uma situação comunicativa. A autora elabora uma classificação dos atos de fala com base nos efeitos que os mesmos causam no contexto. Para Sbisà, o ato ilocucionário produz efeitos de três tipos no contexto:

- a) efeitos de recepção: a compreensão do seu significado e da sua força por parte de um ouvinte;
- b) efeitos não-naturais: as mudanças que se inserem no curso natural dos eventos em função da realização do ato de fala;
- c) solicitações de resposta: os comportamentos exigidos do interlocutor a partir da realização de um ato de fala.

A classificação empreendida pela autora baseia-se nos efeitos não-naturais, ou seja, nas mudanças provocadas pelos atos de fala. Cada classe exprimiria uma diferente relação entre os participantes da interação e os valores modais de "poder" e "dever", em sentido deontico, e de "saber", em sentido epistêmico. Para a autora, o 'saber' também tem uma dimensão deontica na medida em que pressupõe também conseguir demonstrar o que se sabe, diferenciando-se do "crer". As classes identificadas com base nesses valores são *Exercitivo*, *Comissivo*, *Verditivo* e *Comportativo*, conforme expostas no QUADRO 2.1.

O esquema proposto considera a existência de dois destinatários para uma mesma ilocução. Tanto o destinador quanto os destinatários não devem ser vistos como os atores empíricos da interação, mas sim como instância fonte (destinador) e a instância que é afetada pela ilocução (destinatário), em um nível mais abstrato. Nesse sentido, o "Destinatário 1"

corresponde ao interlocutor e o "Destinatário 2" à própria pessoa que realiza o ato. Um esquema como esse permite compreender melhor, por exemplo, os atos comissivos. Neles, o destinador atribui uma obrigação a si mesmo (Destinatário 2) e o papel do interlocutor (Destinatário 1) seria o de entender e aceitar o compromisso do falante.

QUADRO 2.1
Classes ilocucionárias de Sbisà

| Tipo ilocucionário | Destinador | Destinatário 1 | Destinatário 2 |
|---------------------------|-------------------|-----------------------|-----------------------|
| Esercitivo | Poder | Dever | Dever |
| Comissivo | Poder | Poder | Dever |
| Verditivo | Poder | Saber | Dever |
| Comportativo | Dever | Saber | Poder |

Fonte: SBISÀ, 1989.

Sbisà não fornece critérios precisos para identificar os atos de fala, nem apresenta uma lista com os possíveis atos de uma língua. Além disso, a autora não reconhece a existência de uma entidade linguística particular, identificável por um conjunto preciso de propriedades, que realiza um ato de fala. Para a autora, a identificação da ilocução se baseia na análise do turno conversacional como um todo, extraindo o efeito geral dele a partir de alguns índices gramaticais (lexicais, morfológicos, sintáticos e prosódicos). Ademais, em muitos casos, indicadores de forças ilocucionárias diferentes atuam simultaneamente em um mesmo turno, formando uma força ilocucionária específica.

Em alguns trabalhos, Sbisà integra a Teoria dos Atos de Fala à análise conversacional. Sbisà (1999) investiga o ato de fala de desculpa conjugando a visão de Austin com conceitos de Goffman (1971)⁵. Para a autora, a desculpa desempenha um importante papel na relação entre falantes, e esse aspecto não pode ser excluído da definição do ato ilocucionário. Logo, uma das consequências do ato é tida como parte do mesmo.

2.7. Ilocução e prosódia

Não são poucos os estudos que exploram as relações entre prosódia e atos de fala. O próprio Austin (1962) sugere que, em estágios da língua anteriores à criação dos verbos performativos, a prosódia fosse um dos mecanismos utilizados para veicular os atos de fala, juntamente com outros elementos linguísticos. Searle (1979c), apesar de concentrar as suas investigações no âmbito da sintaxe, afirma que frequentemente os atos de fala indiretos são

⁵ GOFFMAN, E. *Relations in public*. New York: Basic Books, 1971.

realizados com a prosódia de seu ato de fala primário, e não do ato secundário. Esse tema foi explorado por Sag e Liberman (1975), que mostram como os atos de fala indiretos de pedido feitos com a estrutura sintática de pergunta possuem efetivamente a prosódia característica dos pedidos.

Na maior parte dos estudos, porém, esse problema é colocado em termos de uma relação entre *prosódia* e *modalidade de frase*. A esse respeito, é significativo que, em uma revisão bibliográfica que cobre uma grande diversidade de funções da prosódia, Fónagy (2003) fale explicitamente de uma função modal, mas não de uma função ilocucionária.

O'Connor e Arnold (1961) descrevem 10 grupos tonais do inglês e mostram quais nuances de significado são produzidas ao se realizar os quatro tipos principais de frases (afirmações, questões, ordens e interjeições) em cada um deles. Halliday (1976) identifica sete tons para o inglês e sete funções no discurso (*afirmações, perguntas QU-, perguntas sim/não, ordens, respostas, exclamações e chamamentos*), e mostra como o significado de cada função do discurso é alterado ao ser realizado nos diferentes tons. Martin (1978) propõe que a expressão dos índices prosódicos da modalidade de frase tenha locais preferenciais dentro do enunciado e, a partir dessa premissa, descreve um conjunto de perfis prosódicos do Italiano. Já Bolinger (1982) defende que a melodia – e, em especial, as alterações melódicas na parte final do enunciado – constitua um recurso para diferenciar as asserções das perguntas em Inglês Norte-americano. Em um importante volume editado por Hirst e Di Cristo (1998), autores de renome fazem a descrição do sistema prosódico de 20 línguas,⁶ e um dos temas abordados é a relação entre a prosódia e a modalidade de frase. Somente para três línguas presentes no livro (Holandês, Grego e Finlandês), os respectivos autores não admitiram a existência de um padrão associado às perguntas. Moraes (1998), que participa desse volume, mostra que há padrões distintos para sentenças declarativas e para interrogativas em Português Brasileiro, e que o contorno melódico das interrogativas depende da estrutura lógica do tipo de pergunta expressa pelo enunciado. Por meio de um experimento de manipulação do curso de frequência fundamental (f_0) de um enunciado, o autor mostra como a interpretação da modalidade de frase muda em função do perfil prosódico de *sílabas-chave*, e não de todo o enunciado. Além disso, segundo o autor, a prosódia seria o principal elemento para a distinção de atos de fala de tipo diretivo (ordem, pedido, sugestão, conselho, ameaça, etc.) em PB.

⁶ As línguas abordadas no livro são: Inglês Norte-Americano, Inglês Britânico, Alemão, Holandês, Sueco, Dinamarquês, Espanhol, Português Europeu, Francês, Italiano, Romeno, Russo, Búlgaro, Grego, Finlandês, Húngaro, Árabe Ocidental (Marrocos), Japonês, Vietnamita, Chinês (Pequim).

2.8. Levinson e sua crítica à Teoria dos Atos de Fala

Levinson (1983) diz que há algumas razões pelas quais a Teoria dos Atos de Fala pode acabar sendo superada por abordagens pragmáticas mais complexas que analisem as funções executadas na comunicação. A principal delas é a de que, a despeito da grande preocupação em se mapearem os possíveis atos de fala de uma língua, os fatores contextuais responsáveis pela atribuição de uma ilocução em um enunciado são tão complexos e tão importantes que restaria pouco espaço para uma análise propriamente linguística do fenômeno. Nesse sentido, o autor ressalta que o instrumental proposto pelas diferentes abordagens não consegue explicar, por exemplo, como os atos de fala indiretos são muito mais frequentes que os atos de fala diretos na comunicação cotidiana.

Insatisfeitos com as propostas apresentadas por Searle para explicar como a linguagem codifica a intenção comunicativa, Levinson (1983) e Brown e Levinson (1978; 1987) desenvolvem a teoria da *politeness* para dar conta do fenômeno. Todavia, ao fazê-lo, saem de uma análise de natureza estritamente linguística e entram em um paradigma sócio-cultural mais amplo, incluindo cada vez mais elementos contextuais, de natureza extralinguística e inferencial.

2.9. A *Language into Act Theory* e um novo paradigma para o estudo das ilocuções

Como pôde ser observado até aqui, os diferentes autores que trabalharam com os atos de fala encontraram problemas em comum, os quais podem ser resumidos nos seguintes pontos: i. dificuldades na identificação dos elementos (linguísticos ou não) que condicionam a realização de uma ou outra ilocução, sobretudo quando se tenta analisar a fala espontânea; ii. dificuldades para explicar os atos de fala indiretos; iii. sobreposição das categorias de ilocução, atitude e modalidade.

A *Language into Act Theory*, ou L-AcT (CRESTI, 2000; CRESTI; MONEGLIA, 2005; MONEGLIA, 2011; RASO, 2012; MONEGLIA; RASO, 2014), que fundamenta o presente trabalho, constitui um paradigma inovador que consegue superar essas dificuldades. Em primeiro lugar, é importante dizer que a L-AcT trata-se uma teoria formulada a partir da análise de corpora de fala espontânea e foi desenvolvida para explicar a estrutura informacional do enunciado a partir do ponto de vista da sua produção.

A L-AcT fundamenta-se na observação empírica de que todo enunciado (unidade linguística) realiza uma ilocução (unidade pragmática), e a marca linguística necessária para a veiculação da ilocução é a prosódia. Segundo a teoria, a compreensão ilocucionária se baseia no reconhecimento de propriedades prosódicas ilocucionárias em combinação com alguns

parâmetros pragmático-cognitivos que guiam a interpretação da forma prosódica. Os estudos conduzidos por Moneglia (2011) e Cresti (2011) mostram que o contexto de realização das ilocuções pode ser descrito em função de uma quantidade muito reduzida de parâmetros pragmático-cognitivos (cf. 4.3.2). Sendo assim, o fato de que cada ilocução deva ser realizada em uma situação pragmaticamente apropriada não faz com que a teoria recaia em uma visão como a de Brown e Levinson, em que cada contexto constitui-se de uma combinação única de traços pragmáticos, esvaziando a análise linguística dos atos de fala. Por esses motivos, a L-AcT permite compreender o problema de *como o enunciado veicula uma ação* sob uma perspectiva linguística. Isso é feito por meio da análise dos perfis prosódicos associados a cada ilocução, integrada a uma análise objetiva do contexto de realização do enunciado.

Com relação aos atos de fala indiretos, o estudo do padrão prosódico dos enunciados segundo os pressupostos da L-AcT permite compreender como os *atos de fala indiretos convencionalizados* de Searle (1979c) são sempre realizados com o padrão prosódico do *ato de fala primário*. Ou seja, do ponto de vista da L-AcT, esses constituem atos de fala diretos, e não indiretos⁷. Os atos de fala indiretos não convencionalizados, por outro lado, são um problema a parte e devem ser analisados a partir de inferências griceanas. Com uma análise desse tipo, percebe-se que os atos de fala indiretos constituem um problema menor do que as demais abordagens fazem parecer.

Quanto à sobreposição entre os conceitos de ilocução, atitude e modalidade, tão presente em outras abordagens, nota-se que o quadro proposto pela L-AcT permite uma distinção muito clara entre os três conceitos, como mostrado por Mello e Raso (2011). Segundo eles, a ilocução define-se como uma ação verbalizada sobre o interlocutor (ordem, pedidos, chamamento, dêixis, recusa, perguntas, etc.). A modalidade seria o “ponto de vista” do falante com relação ao conteúdo proposicional (eu *jogo* bola, eu *preciso* jogar bola, eu *tenho a capacidade de* jogar bola, eu *sou obrigado a* jogar bola, eu *tenho permissão para* jogar bola), ou seja, o *modus* do *dictum* (BALLY, 1950). A atitude seria o “ponto de vista” do falante com relação à ilocução (sedutor, nervoso, gentil, arrogante, autoritário, irritado, cortês, etc.), ou o *modus* do *actum*, parafraseando Bally.

⁷ Na seção 5.5, será analisado um enunciado com o conteúdo locutivo “vai colocando aí” que, na visão de Searle, seria entendido como um ato de fala indireto de pedido com a força ilocucionária secundária de uma pergunta polar. Por meio da análise prosódica do enunciado e das propriedades pragmático-cognitivas de seu contexto de realização, mostraremos como esse caso trata-se, na realidade, de uma ilocução de Ordem com atitude Cortês.

3. LANGUAGE INTO ACT THEORY (L-AcT)

A *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000; MONEGLIA; RASO, 2014; MONEGLIA, 2011; RASO, 2012a), quadro teórico em que se baseia esse trabalho, fornece um panorama para compreender a estrutura informacional da fala a partir do ponto de vista da produção. Formulada pela italiana Emanuela Cresti, a L-AcT surge a partir da observação de regularidades na fala espontânea ao longo de mais de 30 anos de trabalho com corpora.

Atualmente, os principais grupos a se ocuparem do desenvolvimento de estudos sob essa perspectiva teórica, bem como do desenvolvimento da teoria em si, são o grupos de pesquisa do LABLITA⁸ (Laboratório de Linguística da Universidade de Florença) e do LEEL (Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem, na UFMG), com o projeto C-ORAL-BRASIL.⁹ Uma grande quantidade do material já publicado encontra-se disponível em seus *websites*.

A primeira preocupação de uma teoria que pretende explicar a forma com que se articula a informação na fala deve ser a de identificar a unidade linguística que organiza a fala acima do nível da palavra e que constitui, portanto, o objeto mínimo de contextualização dos fenômenos estudados. Em seguida, a teoria deve ser capaz de explicar a estrutura interna dessa unidade, mostrando quais elementos a constituem e como podem se combinar. A subseção 3.1 se encarregará de fornecer as bases para compreender o conceito de *enunciado* proposto pela L-AcT, o qual será apresentado em 3.2. A subseção 3.3 fará uma introdução ao modelo de análise prosódica proposto pela teoria. A partir desse modelo, serão apresentadas, em 3.4, as diversas unidades informacionais que podem compor o enunciado. A subseção 3.5 tratará, por fim, da diferença entre ilocução e atitude, dentro do panorama da L-AcT.

3.1. O enunciado como unidade de referência da fala

Na tradição linguística, a unidade de referência da fala é convencionalmente chamada de *enunciado* (*utterance*, em Inglês), em oposição à *sentença* (*sentence*), unidade de referência da escrita. Todavia, a forma com que se define o enunciado varia enormemente de autor para autor.

Segundo Cresti e Gramigni (CRESTI; GRAMIGNI, 2003), há quatro grandes tendências presentes na literatura para se definir o enunciado: i. definição sintática, ii. definição dialógica, iii. definição temporal e iv. definição pragmática. Examinemos uma a uma.

⁸ <www.lablita.dit.unifi.it>.

⁹ <www.c-oral-brasil.org/>.

A primeira delas, a *definição sintática*, toma o enunciado como uma versão oral da sentença, ou seja, uma ‘sentença dita’. Em uma visão pré-chomskiana a sentença é definida como uma unidade que: i. interpreta sintaticamente uma proposição com uma estrutura oracional completa e ii. realiza uma predicação (CRESTI, 2003). A definição de Chomsky (1970) se fundamenta diretamente na estrutura argumental do verbo e define a sentença como a projeção máxima do constituinte V.

Há, no entanto, fortes evidências contrárias à hipótese de se definir o enunciado como ‘frase dita’. Uma delas é a de que, nos corpora de fala espontânea C-ORAL-ROM de Italiano, Francês, Português Europeu e Espanhol (CRESTI; MONEGLIA, 2005) e no corpus C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012), a sentença, em sua versão tradicional, aparece em menos de 5% dos enunciados. Esse é um percentual abaixo do necessário para que seja considerado um fenômeno típico da fala. Além disso, nos casos em que o enunciado é formado por uma sentença, tem-se um sujeito pronominal ou um predicado reduzido (quando o sujeito é mais complexo). A inserção de um sujeito ou predicado reduzidos deve-se à necessidade de concentrar toda a sentença dentro de uma única unidade tonal (RASO, 2013).

Com relação à sentença chomskiana, levantamentos realizados no corpus LABLITA mostram que 38,1% de seus enunciados não possuem nenhuma forma verbal, sendo formados somente por SNs, SPs, adjetivos ou interjeições (CRESTI, 2003). Já no C-ORAL-BRASIL, 22,12% dos enunciados de textos monológicos e 29,5% dos enunciados de textos dialógicos não possuem formas verbais (RASO; MITTMANN, 2012). A *Longman Grammar* indica um percentual de 38% para o mesmo fenômeno para o Inglês (CRESTI, 2003).

A segunda definição, a *definição dialógica*, entende que o enunciado corresponde ao turno dialógico, ou seja, à porção de fala que vai do silêncio de um falante até outro silêncio do mesmo, seguido por um turno de outro falante ou pela conclusão da interação. Assim, o turno, que é uma unidade natural da fala, pode ser identificado pela mudança de falante. Todavia, como pode ser observado na análise da fala espontânea, o turno dialógico é uma unidade por demais heterogênea, podendo ser formado por um número muito reduzido de palavras (ou mesmo por uma só unidade lexical), como é frequente em textos de maior interatividade, ou por sequências que podem durar minutos, como acontece sobretudo em monólogos. Sendo assim, é irreal supor que a unidade mínima de organização textual acima do nível da palavra seja o turno dialógico.

De acordo com a *definição temporal*, o enunciado seria a sequência linguística delimitada por duas pausas do mesmo falante. Assim, um turno dialógico poderia ser formado

por um ou mais enunciados em função do número de pausas no seu interior. Esse é o critério adotado, por exemplo, no *Dutch Corpus* (SCHUURMAN *et al.*, 2003). Um dos problemas dessa definição é o de que, na fala espontânea, a pausa é um fenômeno muito raro (CRESTI; GRAMIGNI, 2003). Outro problema é que a pausa é um fenômeno que não pode ser quantificado objetivamente: tanto a oclusão necessária às consoantes surdas quanto o silêncio produzido por uma hesitação podem ser considerados pausas. Também deve ser dito que a frequência e a duração das pausas são amplamente influenciadas por fatores extralinguísticos como as emoções e o estilo individual de um falante. Por fim, outro ponto importante, que será aprofundado em breve, é o de que pode haver uma pausa dentro de uma mesma sequência fônica sem que, por esse motivo, a sequência seja interpretada como dois enunciados prosodicamente autônomos. Em outras palavras, pode haver uma pausa dentro de um enunciado.

Segundo a *definição pragmática*, o enunciado é “a menor unidade da fala interpretável pragmaticamente (e prosodicamente) em autonomia” (CRESTI, 2000). O enunciado assim definido corresponde a um ato de fala (AUSTIN, 1962) e é identificável por meio de quebras prosódicas de valor percebido como terminal (CRYSTAL, 1975). A quebra prosódica é uma marca que se deve a uma grande quantidade de fatores: “pausa e/ou reset da curva de f_0 e/ou uma mudança brusca de intensidade e/ou uma mudança brusca de velocidade de fala” (RASO, 2013). Contrariamente à definição sintática de enunciado, a definição pragmática parte, portanto, de um fenômeno de tipo perceptual, assim como as definições dialógica e temporal.

Para compreender melhor a definição prosódica de enunciado, bem como para observar os limites da definição sintática, convém observar alguns exemplos de corpora. O exemplos (3.1) e (3.2), a seguir apresentam sequências linguísticas extraídas do C-ORAL-BRASIL. O exemplo (3.3) contém uma sequência oriunda do *Santa Barbara Corpus of American English*. Para todas as sequências, será apresentada uma versão ‘limpa’, sem segmentação em enunciados, seguida de uma ou mais possibilidades de segmentação sintática. Na segunda versão, a inicial de cada sentença será grafada em maiúscula, segundo as convenções próprias da escrita. Na primeira versão, somente as iniciais de nomes próprios serão grafadas em maiúsculas, para não sugerir nenhum tipo de segmentação.

Exemplo 3.1 – bfammn02¹⁰ (áudio ex-3.1)

¹⁰ Todos os exemplos em Português Brasileiro presentes nessa tese foram extraídos do corpus C-ORAL-BRASIL, exceto quando são sinalizados com as palavras “em estúdio”, que marcam aqueles que foram

- *DFL: e então tinha muito texto do tio Carlos então ele falava ah ele é tio da minha tia
- *DFL: E, então, tinha muito texto do tio Carlos. Então, ele falava: “Ah, ele é tio da minha tia”.
- *DFL: E, então, tinha muito texto do tio Carlos. Então, ele falava: “Ah! Ele é tio da minha tia”.

Uma pessoa que tentasse realizar uma segmentação dessa sequência com base em um critério sintático, possivelmente seria levada a identificar nela ao menos dois enunciados: "e então tinha muito texto do tio Carlos", formado por um período simples, e "então ele falava ah ele é tio da minha tia", que contém um período composto por subordinação. Outra possibilidade seria a de se considerar “ah” um enunciado autônomo, constituído somente por essa interjeição – caso em que a sequência possuiria não dois, mas três enunciados.

A oitiva do exemplo (3.1), no entanto, deixa claro que nenhuma das segmentações propostas corresponde efetivamente à estruturação realizada pelo falante, que parece construir essa sequência como um único enunciado com várias unidades internas. De fato, o trecho “e então tinha muito texto do tio Carlos” (áudio ex-3.1) não possui autonomia prosódica e pragmática para que se possa caracterizá-lo, sozinho, como um enunciado. Uma segmentação mais apropriada, considerando a informação prosódica seria:

*DFL: [11] e então / tinha muito texto do tio Carlos / então ele falava / ah / ele é tio da minha
tia //

Nessa segmentação, a barra dupla (//) indica, segundo a convenção de Moneglia e Cresti (1997), uma quebra prosódica de valor terminal (CRYSTAL, 1975), que marca o fim do enunciado, e as barras simples (/) representam uma quebra de valor não terminal, que marca as divisões internas do enunciado. A mesma convenção determina que somente os nomes próprios tenham suas iniciais grafadas em maiúsculas, evidenciando a diferença de unidade de referência entre a fala e a escrita.

Exemplo 3.2 – bpubdl01 (áudio ex-3.2_0, ex-3.2_1, ex.3.2_2)

- *PAU: não tá dando a altura daquele que a Isa marcou lá né
- *PAU: Não tá dando a altura daquele que a Isa marcou lá, né?
- *PAU: Não. Tá dando a altura daquele que a Isa marcou lá, né?

Do ponto de vista sintático, o exemplo 2 pode constituir um único enunciado na polaridade negativa ou dois enunciados separados, com o segundo deles na polaridade

afirmativa. Ouvindo o áudio a ele associado (áudio *ex-3.2_0*), percebe-se que a sequência é composta de dois enunciados prosodicamente e pragmaticamente autônomos. Nesse caso, é particularmente interessante observar como a informação prosódica altera complementemente a estrutura semântica da sequência. Os dois enunciados, identificáveis com base nas quebras prosódicas terminais (áudios *ex-3.2_1* e *ex-3.2_2*), podem ser melhor representados da seguinte forma:

*PAU: [14] não // [15] tá dando a altura daquele que a Isa marcou lá / né //

Já no exemplo (3.3), há uma grande variedade de interpretações sintáticas possíveis:

Exemplo 3.3 – *afammn02* (áudio *ex-3.3*)

*ALN: *before that he took us around the city still got his card somewhere slammed the damn door on this guy*

*ALN: *Before that, he took us. Around the city, still got his card somewhere. Slammed the damn door on this guy.*

*ALN: *Before that, he took us around the city, still got his card. Somewhere slammed the damn door on this guy.*

*ALN: *Before that, he took us around the city, still got his card somewhere. Slammed the damn door on this guy.*

*ALN: *Before that, he took us around the city. Still got his card, somewhere. Slammed the damn door on this guy.*

Mais uma vez, a informação prosódica é decisiva para segmentá-lo de forma apropriada:

*ALN: [59] *before that / he took us / around the city // [60] still got his card / somewhere // [61] slammed the damn door on this guy //*

*ALN: [59] *antes disso / ele nos levou / por toda a cidade // [60] ainda tinha o seu cartão / em algum lugar // [61] bateu a maldita porta nesse cara //*

Observem-se, agora, os exemplos (3.4) e (3.5). Olhando simplesmente para a transcrição, ambos parecem ter a mesma estrutura sintática: uma oração principal e uma oração relativa a ela subordinada. Entretanto, a oitiva dos enunciados revela estruturas informacionais muito diferentes entre si. No exemplo (3.4), o trecho é segmentado prosodicamente em dois enunciados distintos, cada um interpretável em isolamento (áudios *ex-3.4_1* e *ex-3.4_2*). Já em (3.5), tem-se um único enunciado.

Exemplo 3.4 – *bfamdl02* (áudio *ex-3.4_0*, *ex-3.4_1*, *ex-3.4_2*)

*BAL: [61] cê tá com um jarro d'água // [62] que tem uma espessura assim //

Exemplo 3.5 – bfamdl02 (áudio ex-3.5)

*BAL: [64] tá saindo de uma garrafinha que tem um bico muito pequeno //

Casos como esses, facilmente encontrados em corpora de fala, dão prova de que a segmentação da fala em enunciados não é feita com base na sintaxe, mas sim com base no critério pragmático e seu correlato prosódico.

Uma vez reconhecido o papel central desempenhado pela prosódia na segmentação da fala, é importante ressaltar as diferenças entre a definição pragmática de enunciado e a definição temporal. Mais uma vez, o exame de dados provenientes de corpora permite notar que as quebras prosódicas, sejam elas terminais ou não terminais, nem sempre correspondem a pausas. Os exemplos (3.6) e (3.7) mostram, em conjunto, que a presença de uma pausa acarreta em uma quebra prosódica, mas nem sempre as quebras prosódicas são marcadas por pausas.

Exemplo 3.6 – bfamdl02 (áudios ex-3.6_0, ex-3.6_1, ex-3.6_2, ex-3.6_3)

*BAL: [64] tá saindo de uma garrafinha que tem um bico muito pequeno // [65] então daquela coisa pequeninim nũ vai encher rápido // [66] agora imagina cê pega um balde e joga dentro //

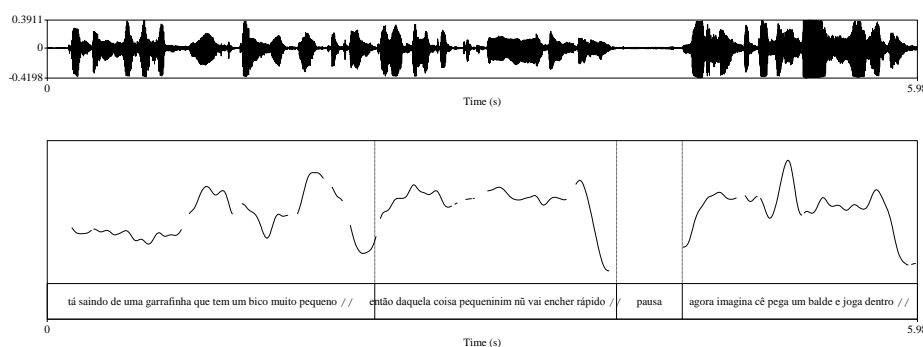


FIGURA 3.1 – Oscilograma e curso de f_0 de (3.6)

No exemplo (3.6), podemos identificar três enunciados. Ouvindo-os separadamente (áudios *ex-3.6_1*, *ex-3.6_2* e *ex-3.6_3*), não há dúvidas de que cada uma delas constitui uma sequência autônoma, interpretável em isolamento. Todavia, como pode ser visto na FIG. 3.1, somente entre a segunda e a terceira sequências há uma pausa (com a duração de 464 ms) associada à quebra prosódica terminal. Entre a primeira e a segunda, há quebra prosódica terminal, mas não há pausa.

Já o exemplo (3.7) mostra um enunciado que contém uma pausa bastante longa, de 1,281s. Ouvindo o enunciado desde o seu início até o momento em que se realiza a pausa (*ex-3.7_1*), não é possível perceber autonomia prosódica e pragmática. Isso só ocorre ouvindo o enunciado até a quebra terminal (*ex-3.7_0*).

Exemplo 3.7 – bfamd103 (áudios *ex-3.7_0*, *ex-3.7_1*)

*LUZ: [21] eu é porque nũ / nũ tenho pique de / enfrentar aquilo lá pa trabalhar //

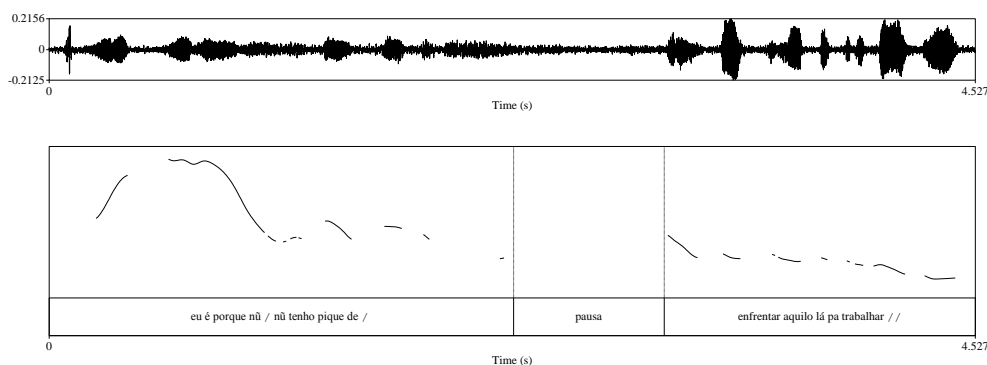


FIGURA 3.2 – Oscilograma e curso de f0 de (3.7)

O conjunto de exemplos até aqui examinado mostra, em síntese, que a segmentação do fluxo da fala em enunciados é de base prosódica, não sintática. Os limites de enunciados são marcados por quebras prosódicas terminais. Dentro de um enunciado, pode haver ulteriores subdivisões, marcadas por quebras não terminais. Além disso, sempre que se tem uma pausa, tem-se uma quebra (terminal ou não terminal), mas nem sempre que se tem quebras prosódicas, tem-se uma pausa. Essas noções constituem uma premissa para o que será discutido a seguir: o conceito de enunciado proposto pela *Language into Act Theory*.

3.2. Enunciado, prosódia e ato de fala

Segundo a *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000), o enunciado é a unidade linguística que realiza um ato de fala e é autônoma do ponto de vista prosódico. Essa é uma definição de base empírica, concebida a partir de estudos em corpora de fala espontânea realizados nos últimos 30 anos pela linguista italiana Emanuela Cresti.

O conceito proposto pela L-Act é um desenvolvimento da formulação original de Austin (1962) e compartilha com o mesmo a concepção de que todo ato de fala é constituído de locução, ilocução e perlocução. Todavia, diferentemente de Austin e Searle, que parecem não se preocupar em identificar o elemento que dá origem à ilocução (ou seja, com o que faz

com que um falante realize uma e não outra ilocução), a L-AcT define a perlocução como a pulsão afetiva que está na base do ato de fala. A ilocução, por sua vez, seria um esquema acional linguístico convencionalizado para a verbalização de uma pulsão afetiva do falante¹¹.

Uma importante contribuição da L-AcT para o estudo da fala é a de reconhecer a centralidade da prosódia na interface entre o domínio linguístico (locução) e o domínio acional (ilocução). Essa relação já fora intuída por vários autores¹², mas a L-AcT a elabora de forma particularmente pormenorizada e sistemática. Em primeiro lugar, a L-AcT reconhece que prosódia é o elemento responsável por **segmentar o continuum da fala em enunciados e em suas unidades internas**: os enunciados são separados por quebras prosódicas de perfil terminal (CRYSTAL, 1975), enquanto quebras de perfil não terminal assinalam suas unidades internas. Os enunciados podem ser constituídos de apenas uma unidade tonal (enunciado simples) ou de mais de uma unidade tonal (enunciado complexo). Os exemplos (3.8) e (3.9) mostram um exemplo de enunciado simples e um exemplo de enunciado complexo com o mesmo conteúdo locutivo. O enunciado complexo divide-se em duas unidades tonais, "as recarregáveis" e "tão aqui", separadas por uma quebra não terminal (marcada com "/"). Ouvindo o enunciado complexo até a quebra não terminal (áudio *ex-3.9_1*), um falante de PB não tem a sensação de que o mesmo é autônomo do ponto de vista prosódico. A sensação de autonomia prosódica de toda a sequência só é dada pela presença de uma quebra terminal (marcada com "//") (áudio *ex-3.9_0*).

Exemplo 3.8 – Em estúdio (áudio *ex-3.8*)

*BAL: as recarregáveis tão aqui //

Exemplo 3.9 – *bfamdl02* (áudios *ex-3.9_0*, *ex-3.9_1*, *ex-3.9_2*)

Situação: BAL ensina uma amiga a guardar equipamentos de áudio.

*BAL: [14] as recarregáveis / tão aqui //

¹¹ Na psicanálise, a pulsão é um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo (...). O seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). A L-AcT entende que uma das formas de suprimir o estado de tensão que origina a pulsão é realizar uma ilocução sobre o interlocutor. Como será visto adiante, cada ilocução está associada a uma determinada configuração de parâmetros prosódicos e pragmático-cognitivos, isto é, a um esquema acional socialmente convencionalizado.

¹² A esse respeito, vejam-se Hirschberg (2004) e Couper-Kuhlen (1986), que fazem uma ampla revisão sobre as funções da prosódia na literatura linguística, dedicando uma parte à questão dos atos de fala. Todavia, é preciso fazer duas observações. Em primeiro lugar, em boa parte dos trabalhos mencionados pelas autoras, nota-se uma confusão entre os conceitos de ilocução e de modalidade de frase. É significativo o fato de que Fonagy (2003), em um trabalho semelhante ao de Hirschberg e de Couper-Kuhlen, não inclui uma função relativa aos atos de fala, mas somente uma função modal. Em segundo lugar, mesmo os trabalhos que tratam propriamente da relação entre prosódia e atos de fala citados por Hirschberg e Couper-Kuhlen se dedicam a um número restrito de ilocuições, frequentemente aos diversos tipos de perguntas.

Por meio da comparação desses exemplos, percebe-se que a escolha de se realizar uma sequência linguística como um enunciado simples ou como um enunciado complexo não é condicionada pelo conteúdo locutivo do enunciado, mas consiste em uma escolha do falante para produzir efeitos comunicativos particulares.¹³ Isso é possível porque, além de segmentar a fala, a prosódia **assinala funções informacionais às diferentes partes do enunciado**. Também por meio de pesquisas empíricas, a L-AcT identificou uma série de funções que uma unidade tonal pode assumir dentro de um enunciado, sendo que a principal delas é a de veicular uma ilocução. Assim como cada função está associada a características prosódicas específicas, uma unidade tonal pode assumir somente uma função dentro do enunciado. O inventário das funções já identificadas é amplo e será aprofundado na subseção 3.4, mas uma delas é necessária e suficiente para a constituição de um enunciado: a função de veicular uma ilocução.

Conforme dito anteriormente, todo enunciado veicula uma ilocução. Logo, todo enunciado possui uma unidade informacional dedicada a esse fim, a qual recebe o nome de Comentário. Um enunciado simples é constituído somente pela unidade informacional de Comentário, como no exemplo (3.8). Já em (3.9), o enunciado possui duas unidades informacionais. Ouvindo-as separadamente (áudios *ex-3.9_1* e *ex-3.9_2*), fica claro que a unidade de Comentário é a segunda delas ("tão aqui"), pois é ela que realiza a ilocução e é interpretável em autonomia. Em linha geral, o objetivo das outras unidades informacionais é o de criar condições para que a ilocução seja veiculada de maneira mais eficaz.

A prosódia é também responsável por cumprir uma terceira função: **atribuir um valor ilocucionário ao enunciado**. Cada ilocução está relacionada a uma determinada configuração de parâmetros prosódicos da unidade informacional de Comentário (cf. seção 3.2.1). Observe-se o exemplo a seguir.

Exemplo 3.10 – bfaamd104 (ex-3.10_0, ex-3.10_1, ex-3.10_2, ex-3.10_3)

Situação: conversa entre faxineiras, enquanto arrumam cozinha.

*KAT: [99] o quê //

*SIL: [100] copos // [101] copos de Urano / que tem aí //

*KAT: [102] copos de quê //

*SIL: [103] **Urano** //

*KAT: [104] **Urano** //

*SIL: [105] é // [106] **Urano** // [107] Urano //

¹³ Naturalmente, por razões de ordem fisiológica, um conteúdo locutivo muito extenso deve ser escandido em mais de uma unidade tonal. Todavia, na maior parte das vezes, as unidades tonais de um enunciado complexo possuem uma quantidade de sílabas muito reduzida, de modo que seria possível agrupá-las em unidades tonais maiores.

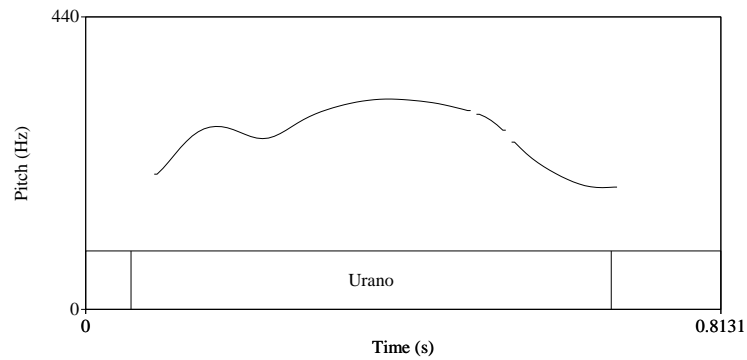


FIGURA 3.3 – Curso de f0 do enunciado [103]. Ilocução: Confirmação

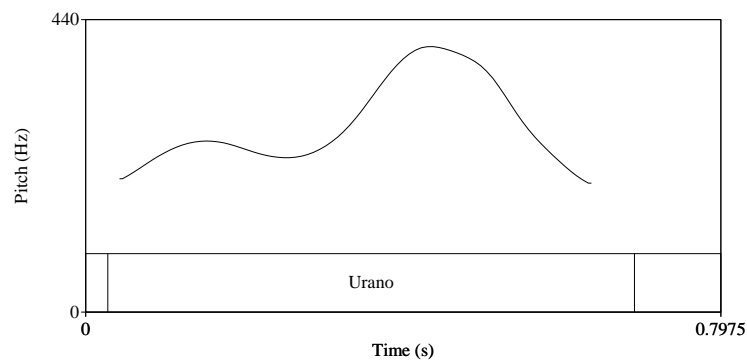


FIGURA 3.4 – Curso de f0 do enunciado [104]. Ilocução: Incredulidade

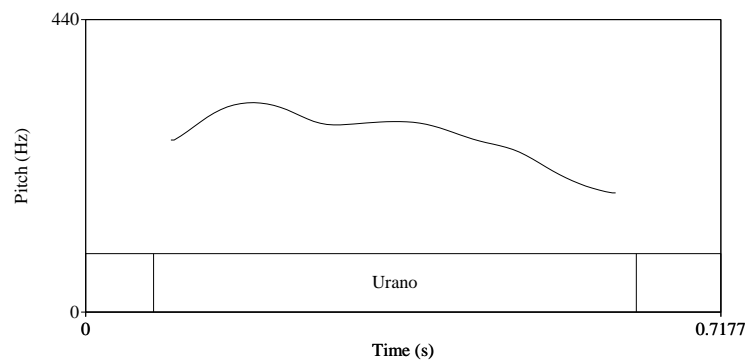


FIGURA 3.5 – Curso de f0 do enunciado [106]. Ilocução: Conclusão

No exemplo (3.10), os enunciados [103], [104] e [106] (áudio ex-3.10_1 a ex-3.10_3) possuem o mesmo conteúdo locutivo (“Urano”) e a mesma estrutura semântica e morfossintática. O que faz com que esses enunciados possuam valores comunicativos diferentes e não sejam tautológicos é justamente o fato de não veicularem a mesma ilocução, o que se deve às diferentes propriedades prosódicas expressas por eles. As FIG. 3.3 a 3.5 permitem observar as diferenças no curso de f_0 de [103], [104] e [106].

A partir do reconhecimento de que a ilocução é veiculada não por índices lexicais ou estruturas predicativas, mas sim pela realização de determinados padrões prosódicos na unidade de Comentário de um enunciado, a L-AcT sustenta que a prosódia seja a interface entre a locução (manifestação linguística) e a ilocução (unidade pragmática). Com base na análise do corpus LABLITA, foram identificadas mais de 80 ilocuções no Italiano (CRESTI, 2000; MONEGLIA, 2011). O QUADRO 3.1, apresenta as ilocuções encontradas até então.

QUADRO 3.1

Quadro de referência das ilocuções encontradas no corpus LABLITA (MONEGLIA, 2011), acrescido das ilocuções identificadas por essa pesquisa e por estudos conduzidos no LEEL

| REPRESENTATIVOS | DIRECTIVOS | EXPRESSIVOS | RITOS |
|----------------------------|----------------------------------------|-------------------------|----------------------------|
| Asserção tomada como óbvia | Chamamento distal – objeto não visível | Exclamação | Declarações de valor legal |
| Asserção | Chamamento distal – objeto visível | Expressão de contraste | Saudações |
| Resposta | Chamamento proximal | Expressão de obviedade | Desculpas |
| Comentário | Chamamento funcional | Atenuação | Cumprimentos |
| Identificação | Dêixis distal | Expressão de surpresa | Parabéns |
| Averiguação | Dêixis proximal | Expressão de medo | Desejos |
| Reivindicação | Apresentação (objeto/evento) | Expressão de alívio | Elogios |
| Hipótese / Suposição | Apresentação (pessoa) | Expressão de satisfação | Agradecimento |
| Explicação | Pedido de informação | Expressão de incerteza | Condenação |
| Inferência | Pedido de ação | Expressão de dúvida | Condolência |
| Definição | Ordem | Expressão de certeza | Batismo |
| Narração | Pergunta total | Expressão de desejo | Promessa |
| Descrição | Pergunta parcial | Expressão de descrença | Aposta |
| Citação | Pergunta focal | Expressão de pena | |
| Objeção | Pergunta de confirmação | Ironia | |
| Conclusão | Pedido de confirmação | Reclamação | |
| Confirmação | Anúncio | Arrependimento | RECUSAS |
| Aprovação | Aviso | Imprecação | Recusa |
| Desaprovação | Advertência | Escárnio | |
| Acordo | Sugestão | Provocação | |
| Desacordo | Proposta | Censura | |
| Correção | Recomendação | Palpite | |
| | Convite | Encorajamento | |
| | Oferta | Garantia | |
| | Exortação | Ameaça | |
| | Permissão | Desistência | |
| | Autorização | Queixa | |
| | Proibição | Insulto | |
| | Instrução | | |
| | Discurso reportado | | |
| | Insinuação | | |
| | Colocação em dúvida | | |
| | Desafio | | |

À proposta original de Moneglia (2011), foram adicionadas, no QUADRO 3.1, as ilocuções de Oferta (*Offer*) e Pergunta de Confirmação (*Confirmation question*), encontradas durante essa pesquisa, e Chamamento Funcional (*Functional recall*), identificada em pesquisas do LEEL. Além disso, foram excluídos os rótulos Asserção Fraca (*Weak assertion*) e Asserção Forte (*Strong assertion*), que anteriormente eram tradas como ilocuções diferentes, mas agora são vistas como a mesma ilocução realizada com atitudes diferentes. Também foi excluída a ilocução Pergunta Alternativa (*Alternate question*), pois agora elas são consideradas não como uma única ilocução, mas um Comentário Ligado.¹⁴ Ainda, esse quadro deve ser complementado com outras ilocuções encontradas durante a realização dessa pesquisa e que não foram incluídas agora, pois não se sabe ainda a qual classe pertencem. São elas: Permissão para Falar (*Permission to talk*), Pedido de Repetição Total (*Request of full repetition*), Pedido de Concordância (*Request of agreement*) e Manifestação de Atenção Continuada (*Assent*), também encontradas no presente trabalho. Todas elas, assim como a Oferta, serão vistas no capítulo 6, destinado à apresentação e análise de dados.

A partir do exame das ilocuções presentes em corpora, Cresti propõe uma classificação em cinco macro-classes ilocucionárias em função do tipo de ativação pulsional requerido pela ilocução. As macro-classes de Cresti são apresentadas pelo QUADRO 3.2.

QUADRO 3.2
Macro-classes ilocucionárias da L-AcT

| Classe | Definição |
|-----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Recusa | Ilocuções que manifestam relação de liberdade e independência com relação ao interlocutor |
| Representativos | Ilocuções que manifestam relação de certeza do falante em face do interlocutor, dando ao falante a possibilidade de propor julgamentos, avaliações, etc., na expectativa que o interlocutor se relacione com eles |
| Diretivos | Ilocuções que manifestam tomada em consideração das capacidades, possibilidades, disponibilidades do interlocutor na expectativa que ele transforme o mundo através de ações, informações, ou que o interlocutor transforme a si mesmo com relação ao horizonte atencional, conhecimentos, habilidades, ponto de vista |
| Expressivos | Ilocuções que manifestam a realização de sensibilidades centradas em próprias situações internas; manifestação de estados internos na expectativa que o interlocutor os considere com adesão |
| Rituais | Ilocuções que manifestam, com base em papéis mais ou menos codificados, a realização de tarefas linguísticas que podem ser efetivadas com uma participação afetivo-pulsional mínima |

Fonte: CRESTI, 2000.

¹⁴ Para o conceito de Comentário Ligado, veja-se a seção 3.4.3.3.

A semelhança terminológica entre os nomes das classes e dos tipos ilocucionários de Cresti e as de Searle pode levar a uma impressão enganosa de que não há grandes diferenças no panorama desses autores. Todavia, é necessário ter em mente que Cresti adota, para identificar as ilocuções, um critério estritamente empírico e, para definir as classes ilocucionárias, um critério de base psicológica. Searle, por sua vez, baseia sua taxionomia em um critério lexical e a sua classificação em um critério lógico-sintático. Em função de diferenças tão expressivas, é possível afirmar que: (a) as ilocuções identificadas por esses autores **constituem objetos diferentes**, ainda que algumas delas possuam os mesmos nomes; (b) ilocuções com o mesmo nome podem aparecer em classes diferentes em Cresti e Searle; (c) as ilocuções identificadas por Cresti e Searle são, em boa medida, diferentes. Uma explicação para esse último fato é a de que muitas das ações observáveis na natureza não são traduzíveis por verbos performativos (como a Dêixis e o Chamamento), enquanto vários performativos não correspondem a ações identificáveis empiricamente (MONEGLIA, 2011).

Ainda sobre as classes ilocucionárias de Cresti, frisamos que essas formulações foram feitas em um momento anterior à proposta de Mello e Raso (2011) para a inclusão da categoria de *atitude* no quadro teórico da L-Act.¹⁵ Por mais que o quadro geral proposto por Cresti seja propício à distinção entre ilocução e atitude, a inclusão da atitude enquanto “*modus do actum*” (ou maneira pela qual a ilocução é realizada) põe um problema para a classe dos Expressivos.

Como dito anteriormente, os Expressivos são o conjunto de ilocuções que exprime “a realização de sensibilidades centradas em próprias situações internas” (CRESTI, 2000). O problema dessa definição está no fato de que muitas atitudes – como a irritação a sedução, etc. –, senão todas elas, parecem se originar de “sensibilidades centradas em próprias situações internas”. Sendo assim, seria difícil compreender o limite entre o que é **realizar uma ilocução da classe dos Expressivos** e **exprimir uma atitude**. A própria definição dos Expressivos parece solucionar esse problema, ao dizer que um ato de fala dessa classe possui a “expectativa de que o interlocutor (...) considere com adesão” as sensibilidades internas realizadas pelo ato. Assim, uma ilocução Expressiva teria como objetivo não somente expressar um estado interno, mas também obter adesão do interlocutor com relação ao estado expresso. Já a atitude, que é tão somente a “maneira pela qual a ilocução é realizada”, não possui a princípio objetivos comunicativos.

¹⁵ Essa proposta é apresentada em 3.6.

Por outro lado, mesmo tendo em vista essa distinção teórica, muitas vezes é difícil compreender se um dado exemplo veicula uma ilocução da classe dos Expressivos ou uma ilocução Assertiva com uma atitude particularmente marcada. A esse propósito, observe-se o exemplo (3.11).

Exemplo 3.11 – bfamcv04 (áudio ex-3.11_0, ex-3.11_1)

Situação: Enquanto SIL e sua filha arrumam a cozinha da casa de sua patroa, conversam sobre um conjunto de copos.

*SIL: [113] ela falou que tem dezoito // [114] eu nũ sei se tem dezoito ali não // [115] acho que + [116] nũ sei // [117] pode ser que tenha // [118] sei lá // [119] **mas nunca contei também** // [120] como é que eu vou saber //

Uma possível interpretação é de que esse exemplo se trata de uma ilocução de Obviedade, da classe dos Expressivos (áudio *ex-3.11_1*). Outra interpretação seria a de que é uma Explicação, da classe dos Assertivos, com atitude de Obviedade.

3.2.1. *Estrutura do Comentário e forma prosódica*

Segundo a L-Act, a prosódia é a marca linguística que permite que o falante veicule uma ilocução em um enunciado. Cada ilocução está associada a um conjunto de propriedades prosódicas, chamado de *forma prosódica*, que é impresso na unidade de Comentário de todos os enunciados que veiculam essa ilocução. Assim, a identificação da ilocução realizada por um falante no processo comunicativo se dá a partir do reconhecimento de suas marcas prosódicas na unidade de Comentário do enunciado. Para entender com maior profundidade como se dá o processo de veiculação da ilocução, convém observar alguns exemplos de corpus.

Exemplo 3.12 – bfamcv09 (áudio ex-3.12)

*MAR: [63] **Pri** //

Exemplo 3.13 – bfamcv32 (áudio ex-3.13, ex-3.13_n)

*GUI: [231] **Tommaso** //

Exemplo 3.14 – bfamcv18 (áudio ex-3.14, ex-3.14_n)

*CAR: [309] **ô Márcia** //

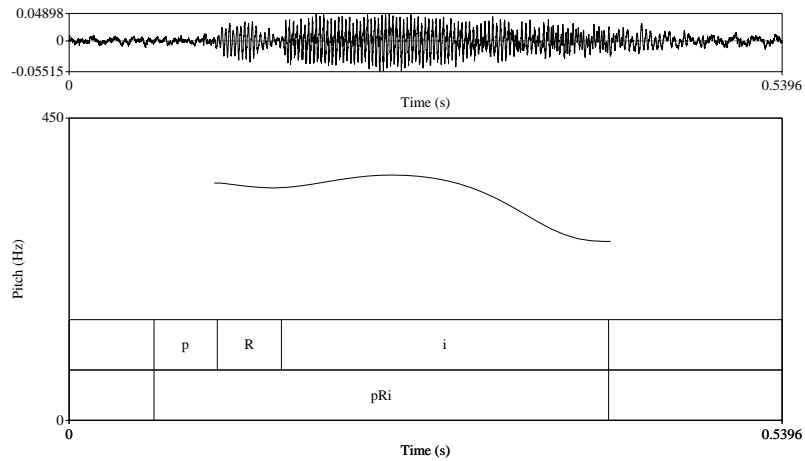


FIGURA 3.6 – Oscilograma e curso de f_0 de (3.12) – *Pri*

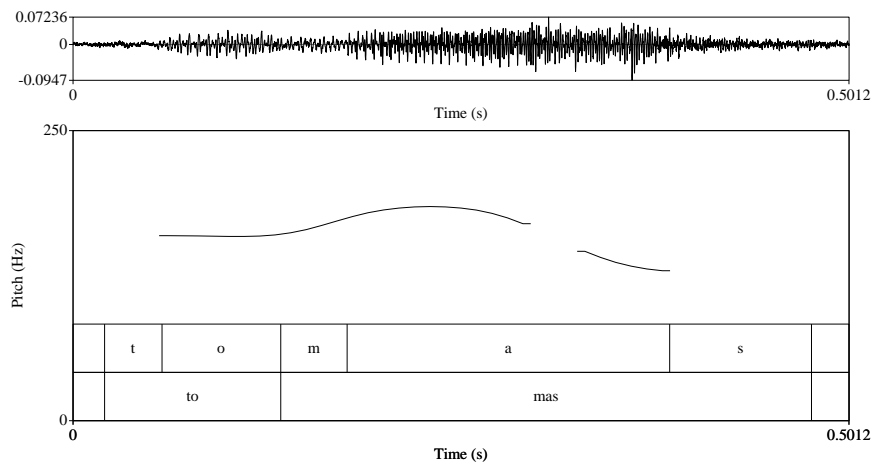


FIGURA 3.7 – Oscilograma e curso de f_0 de (3.13) – *Tommaso*

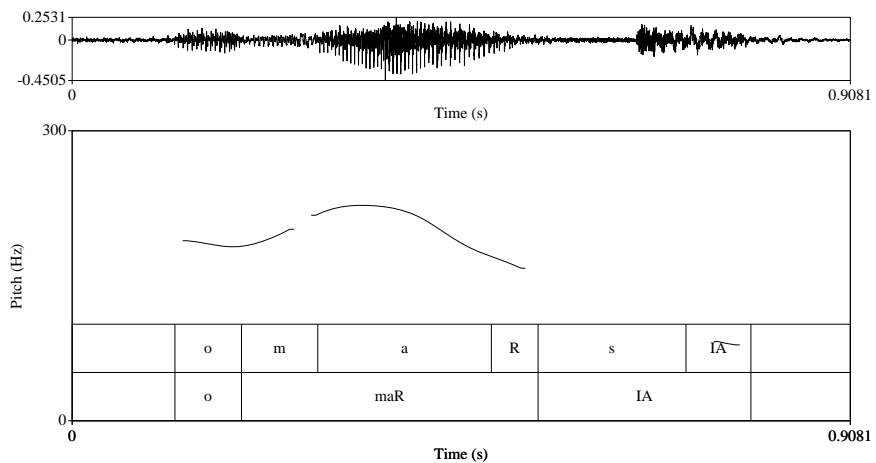


FIGURA 3.8 – Oscilograma e curso de f_0 de (3.14) – *ô Márcia*

Os três exemplos mostram enunciados simples com a ilocução de Chamamento Proximal. Apesar de divergirem com relação ao número de sílabas e à estrutura acentual, todos eles apresentam uma configuração de movimentos de f_0 que termina por um movimento

descendente. O movimento descendente tem início na metade da vogal tônica final do Comentário, a qual é aparentemente alongada com relação às demais. Em todos os exemplos, basta ouvir a sílaba em que ocorre o movimento descendente final para que se perceba que o enunciado veicula um Chamamento (áudios *ex-3.12*, *ex-3.13_n* e *ex-3.14_n*), ainda que a supressão dos outros segmentos traga prejuízos à interpretação semântica do conteúdo locutivo. Somente no exemplo (3.12) a sílaba com o movimento descendente ocupa toda a unidade.

Esse tipo de verificação empírica permite observar que a forma prosódica de uma ilocução (que, no caso do Chamamento Proximal, parece estar relacionada ao movimento descendente de f_0 , realizado lentamente e com o pico na tônica) nem sempre ocupa toda a extensão da unidade informacional de Comentário. Assim, as sílabas em que se manifestam a forma prosódica são chamadas de *núcleo funcional* do Comentário e correspondem sempre a um *núcleo prosódico*, ou seja, a uma saliência prosódica.

O Comentário pode ser formado exclusivamente pelo seu núcleo, como em (3.12), ou pode conter porções voltadas para o preenchimento lexical, quando seu conteúdo locutivo contiver um número maior de sílabas do que aquelas previstas pela forma prosódica, como em (3.13) e (3.14). Se o preenchimento lexical posiciona-se antes do núcleo, é chamado de *preparação*. Se é colocado após o núcleo, é denominado *coda*. Em (3.13), tem-se uma porção de preparação antecedendo o núcleo; em (3.14), uma preparação e uma coda, além do núcleo.

Para algumas ilocuções, como o Chamamento Proximal, a forma prosódica é realizada sempre pelo mesmo número de sílabas, independentemente da extensão da unidade informacional de Comentário. Assim, nessas ilocuções, o núcleo possui sempre o mesmo tamanho e o que varia é a extensão das porções de preparação e coda. O exemplo (3.15), a seguir, mostra um exemplo de ilocução de Contraste, com uma longa porção de preparação (áudio *ex-3.15_1_p*) seguida pelo núcleo (áudio *ex-3.15_1_n*), que ocupa três sílabas.

Exemplo 3.15 – bfaamd108 (áudio *ex-3.15_0*, *ex-3.15_1*, *ex-3.15_p*, *ex-3.15_n*)

Situação: AND ensina a BRU o caminho para Sete Lagoas.

*BRU: [33] aqui / aí indo pela Antônio Carlos / eu saio lá de casa //

*AND: [34] cê sai da sua casa / pega a &An [3] vira à direita / né / pega a Antônio Carlos descendo / e vai reto toda vida // [35] cê vai ter que virar em lugar nenhum //

*BRU: [36] **então é melhor cê me ensinar pelo Anel** //

Outras ilocuções, como as Perguntas Parciais, possuem o núcleo de tamanho variável, frequentemente ocupando toda a extensão do Comentário. Em (3.16) e em (3.17), o núcleo ocupa a totalidade do Comentário. Em (3.16), possui quatro sílabas (áudio *ex-3.16_1*) e, em

(3.17), uma única sílaba (áudio *ex-3.17_1*). Já a Pergunta Parcial em (3.18) apresenta um núcleo extenso (arquivo *ex-3.18_1_n*) seguido por uma coda de uma sílaba (“tão”, de “então”). Sendo assim, para algumas ilocuções, pode não ser fácil identificar com precisão o número mínimo de sílabas que corresponde ao núcleo do Comentário nos enunciados produzidos pelos falantes.

Exemplo 3.16 – bfamcv08 (áudio *ex-3.16_0*, *ex-3.16_1*)

*REN: [92] papel higiênico // [93] ela bateu uma / duas / três // [94] Nossa //

*FLA: [95] **que que a gente faz** //

Exemplo 3.17 – bfamcv11 (áudio *ex-3.17_0*, *ex-3.17_1*)

*TIT: [55] pensei que fosse o [/1] aquele homem que comprou lingüiça do Onofre //

*CAR: [56] **quem** //

Exemplo 3.18 – bfamcv33 (áudio *ex-3.18_0*, *ex-3.18_1*, *ex-3.18_n*)

Situação: Amigos se organizam para gravar um vídeo.

*BAO: [1] vamo lá //

*DAN: [2] tão // [3] mas pera aí //

*MAR: [4] pera aí // [5] **que que eu tenho que fazer então** //

Nem sempre o núcleo coincide com a última tônica do Comentário. No exemplo (3.19), com conteúdo locutivo “Nossa Senhora”, o núcleo está na primeira sílaba do enunciado (“Nos”) e é seguido pela coda, composta pela postônica (“sa”) e por outra palavra lexical (“Senhora”).

Exemplo 3.19 – bfamcv03 (áudio *ex-3.19_0*, *ex-3.19_1*, *ex-3.19_1_n*, *ex-3.19_1_c*)

Situação: CAR e alguns amigos jogam sinuca. Ao perceber que houve uma sinuca, CAR se manifesta por meio do enunciado em destaque.

*CAR: [288] deu sinuca //

*CEL: [289] deu / uai //

*CAR: [290] **Nossa Senhora** //

Além do Comentário, a única unidade informacional que possui núcleo funcional é o Tópico. Até o presente momento, foram identificadas três formas prosódicas de Tópico em Italiano (FIRENZUOLI; SIGNORINI, 2002), Português Brasileiro (MITTMANN, 2012), Português Europeu (ROCHA, 2011) e Inglês Norte-americano (CAVALCANTE, 2016). Assim como no Comentário, as formas prosódicas de Tópico (cf. 3.4.1.2) podem ser realizadas com porções de preparação e coda. Nas formas de tipo 3 e 4, em particular, que possuem dois semi núcleos, pode haver preenchimento lexical entre os mesmos. Se o preenchimento é colocado entre os semi núcleos, é chamado de *ligação*. Em (3.20), observa-

se um Tópico de tipo 4 (*ex-3.20_1*) com porção de ligação entre os seus semi núcleos (em destaque, na imagem abaixo). O valor funcional da unidade permanece inalterado mesmo se a porção de ligação for suprimida (*ex-3.20_1_n*).

Exemplo 3.20 – pnatte03 (áudios *ex-3.20_0*, *ex-3.20_1*, *ex-3.20_1_n*)

*MAR: [76] são as intervenções do narrador no tempo da história /=TOP= que reorganizam a narrativa //COM=

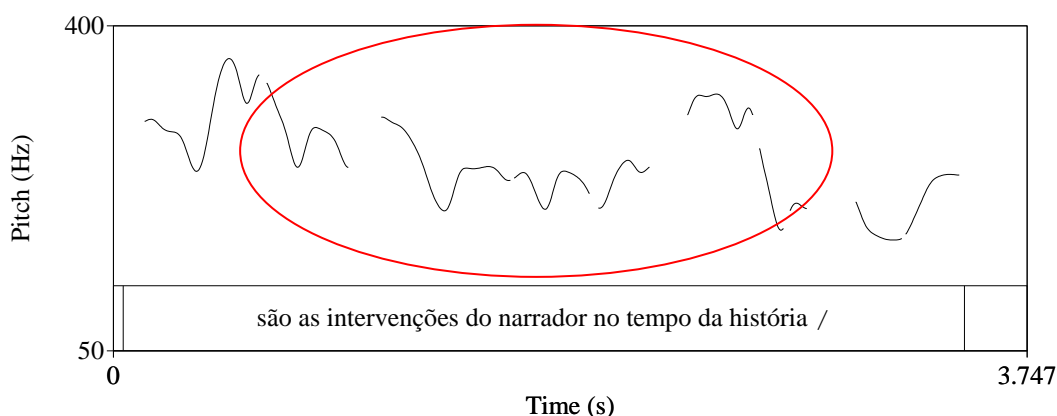


FIGURA 3.9 – Tópico de (3.20). A porção de ligação, em destaque, corresponde a “(são as in)tervenções do narrador no tempo da (história)”

Até o presente momento, não foram encontradas ilocuções cujas formas prosódicas se constituem de dois semi núcleos. Todavia, em uma abordagem empírica, deve-se estar atento a essa possibilidade.

3.2.2. A importância dos parâmetros pragmático-cognitivos para a ilocução

A realização do núcleo do Comentário segundo a forma prosódica de uma ilocução é uma condição necessária para o cumprimento dessa ilocução. Entretanto, estudos experimentais indicam que há grupos de ilocuções associadas à mesma forma prosódica (MORAES, 2012). Isso leva a crer que, na comunicação cotidiana, a compreensão ilocucionária seja feita não somente a partir do reconhecimento da forma prosódica expressa pelo enunciado, mas também de certas propriedades contextuais que guiam a sua interpretação.

Por meio de um extenso trabalho de corpus, o grupo LABLITA conseguiu identificar um pequeno conjunto de propriedades pragmático-cognitivas que se associam, em graus diferentes, às diversas ilocuções. Essas propriedades representariam, em alguma medida, as oposições primárias em que os falantes se baseiam para realizar e para reconhecer as

ilocuções no processo comunicativo, permitindo assim a identificação dos tipos ilocucionários em corpus.

A parametrização dessas propriedades constitui um passo importante para uma teoria dos atos de fala, pois permite ver como, dentre todos os fatores que caracterizam uma situação real de fala, somente um grupo muito restrito é pertinente para diferenciar um grande número de ilocuções. Com isso, a L-AcT supera a principal dificuldade apontada por Levinson (1983) para o estudo dos atos de fala: o fato de o contexto comunicativo ser tão amplo e complexo a ponto de restar pouco para uma análise estritamente linguística.

(Continua)

QUADRO 3.3

Parâmetros pragmático-cognitivos das ilocuções

| Parâmetro | Descrição e exemplificação |
|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Canal de comunicação | Estado do canal de comunicação no momento da realização da ilocução ou ser aberto por ela. Algumas ilocuções são realizadas com o canal de comunicação fechado (ilocução de Chamamento Distal sem Objeto Visível). Outras são feitas com canal já aberto (ilocução de Pergunta Polar). Há também ilocuções que podem ser realizadas em ambos os contextos (ilocução de Dêixis). |
| Atenção | Relação entre o foco e o horizonte atencionais do falante e de seu interlocutor. Como mostra Firenzuoli (2003), há formas prosódicas diferentes para as ilocuções de Chamamento Distal com Objeto Visível e de Chamamento Distal sem Objeto Visível. No plano pragmático, elas se diferenciam em função do falante ver ou não o interlocutor, o qual constitui o objeto da ilocução. |
| Proxêmica | Posição do falante com relação ao interlocutor e/ou ao objeto referido pela ilocução. A oposição entre os tipos de chamamento (de um lado, o Chamamento Proximal e, de outro, o Chamamento Distal com Objeto Visível e o Chamamento Distal com Objeto Não Visível). |
| Propriedades intencionais do processo | Tipo de intencionalidade envolvida na ilocução. A Ordem constitui um processo de tipo operativo, a Resposta e a Instrução são processos cognitivos, a Expressão de Obviedade e a Atenuação são processos avaliativos. |
| Efeitos | Mudanças efetuadas no contexto pragmático-cognitivo e/ou no interlocutor em função da realização da ilocução. Com a ilocução de Ordem, o efeito é uma mudança de mundo decorrente do comportamento do interlocutor. Em uma Resposta, o efeito é o de compartilhar a informação destacada pelo conteúdo locutivo do enunciado. Em uma Instrução, o efeito é a formação de conhecimento no interlocutor. |
| Modificações no interlocutor | Tipo de modificação no interlocutor decorrente da realização da ilocução. Na ilocução de Ordem, a modificação esperada no interlocutor é uma modificação de tipo operativo. Com uma resposta, tem-se uma modificação cognitiva. |
| Características perceptuais do objeto ontológico referido | Muitas ilocuções fazem referência a um objeto externo por meio de seu conteúdo locutivo ou de maneira indireta. Na Conclusão, o objeto referido deve encontrar-se próximo ao falante. Firenzuoli (2003) encontra três formas prosódicas de dêixis (Dêixis Proximal, Dêixis Distal com Objeto em Movimento e Dêixis Distal com Objeto Parado), sendo que duas delas se opõem justamente pelo fato de o objeto indicado pelo falante estar parado ou em movimento. |

QUADRO 3.3

Parâmetros pragmático-cognitivos das ilocuções

(Conclusão)

| | |
|---------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Condição preparatória do falante | Parâmetro de base searliana segundo o qual as ilocuções possuem condições cognitivas ou pragmáticas prévias. Em uma Instrução, a condição preparatória do falante é a de possuir um conhecimento específico para ser disponibilizado para o interlocutor. Na Ordem, a condição preparatória é possuir um controle contextual sobre o interlocutor, seja devido a papéis sociais, seja por possuir alguma habilidade pragmática particular. |
| Condição preparatória do interlocutor | Parâmetro de base searliana segundo o qual as ilocuções possuem condições cognitivas ou pragmáticas prévias. Uma Instrução tem como condição preparatória do interlocutor que o mesmo necessite de conhecimento sobre um tema específico para realizar uma ação futura. A condição preparatória do interlocutor em uma Ordem é que ele tenha a possibilidade de realizar a ação requerida pelo falante. |

O QUADRO 3.3 apresenta o conjunto de parâmetros que têm sido usado pelo grupo LABLITA para caracterizar as ilocuções. Apesar da centralidade dos mesmos para o quadro da L-AcT, esses parâmetros ainda carecem de definições formais. Assim, na coluna da direita do quadro, será feita uma tentativa de descrição e de exemplificação dos mesmos. Além disso, para ajudar na compreensão dos parâmetros, sugere-se a leitura da seção 4.3.2, que mostra uma caracterização contrastiva entre exemplos de Ordem e Instrução.

A caracterização pragmática das ilocuções é um procedimento que ainda deve ser aprimorado para que se consiga separar, para cada ilocução, os parâmetros definidores dos parâmetros de eliciação. Todavia, desde já, é possível fazer algumas considerações para algumas ilocuções em particular, como será mostrado no próximo parágrafo.

Firenzuoli (2003) identificou, em Italiano, três tipos de chamamento, associados a formas prosódicas diferentes: *Chamamento Proximal*, *Chamamento Distal com Objeto Visível* e *Chamamento Distal com Objeto não Visível*. A oposição entre essas ilocuções é dada, dentre outros fatores, pelos parâmetros *proxêmica* e *atenção*: na primeira, os falantes devem estar próximos um do outro e podem ou não compartilhar a atenção; nas outras, os falantes devem estar distantes, sendo que, no Chamamento Distal com Objeto não Visível, não compartilham o horizonte atencional. A Ordem, por outro lado, é tendencialmente realizada em contextos em que os falantes estão próximos e têm a atenção compartilhada, mas também parece possível (embora mais raro) que ocorra em uma situação em que a atenção não é compartilhada. Desse modo, a *atenção* e a *proxêmica* parecem ser, para os vários tipos de chamamento, parâmetros definidores. Para a Ordem, parecem ser parâmetros de eliciação (ou

seja, parâmetros que favorecem a realização dessa ilocução, mas que não são necessários para ela).

3.3. O modelo prosódico

Uma teoria que se propõe a explicar a estruturação da fala deve, além de identificar a sua unidade de referência, conseguir explicar a estrutura interna dessa unidade. Para fazê-lo, a L-AcT lança mão de um modelo de análise que enxerga três níveis distintos de análise da prosódia. A estrutura do enunciado só pode ser compreendida por meio da integração desses níveis. O modelo é amplamente baseado na metodologia proposta pelos pesquisadores do IPO (Instituto de Pesquisa Perceptual), apresentada por 't Hart *et al.* (1990).

O primeiro nível de análise prosódica é o que reconhece os *movimentos de pitch* como unidade prosódica mínima. Os estudos conduzidos pelo IPO ('t HART *et al.*, 1990) mostram que, dentre todos os movimentos de *pitch*¹⁶ da curva melódica de um enunciado, somente as variações produzidas de forma intencional pelo falante (ainda que de forma não consciente) são perceptivelmente relevantes. Os movimentos involuntários, que se devem a fenômenos de tipo segmental, não são processados pelos interlocutores. Por meio da manipulação do curso original de f_0 do enunciado, é possível produzir uma versão em que são eliminados todos os movimentos involuntários, preservando-se somente as variações perceptivelmente relevantes. Essa versão é chamada de *close copy* e corresponde ao que o interlocutor de fato percebe a partir do que lhe foi dito pelo seu interlocutor.

Essa questão será mostrada experimentalmente com o exemplo (3.21).

Exemplo 3.21 – bfaamd104 (áudios Ex-3.21_0, Ex-3.21_1, Ex-3.21_2)

Situação: conversa entre amigas.

*SIL: [29] **deu palpite nenhum** //

¹⁶ O termo *pitch* "indica um ponto em uma escala da sensação auditiva. Trata-se de um traço fonético correspondente, até certo grau, ao traço acústico de frequência" (CRYSTAL, 1988). Segundo 't Hart *et al.* (1990) as variações de f_0 são, em grande medida, responsáveis pela percepção de diferenças de *pitch*, ainda que parâmetros prosódicos como a duração, o alinhamento e a frequência também exerçam alguma influência.

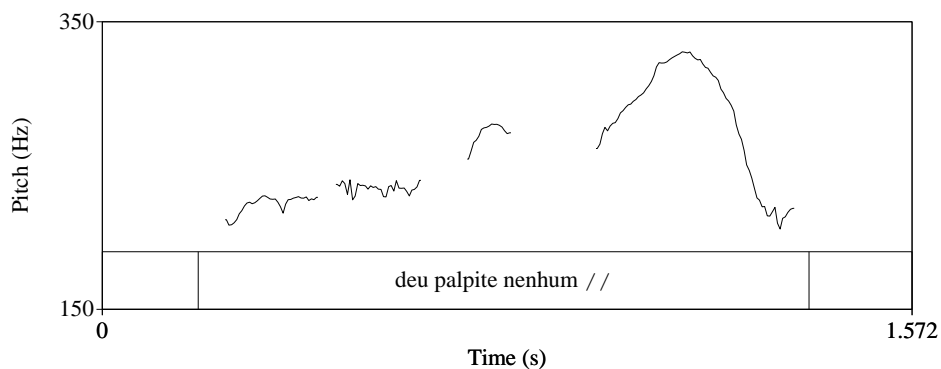


FIGURA 3.10 – Curso de f_0 de (3.21)

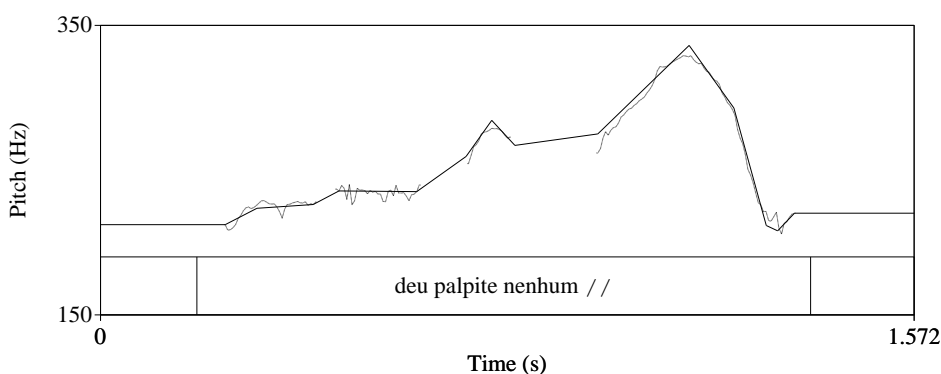


FIGURA 3.11 – Síntese de (3.21) sem os movimentos irrelevantes de f_0

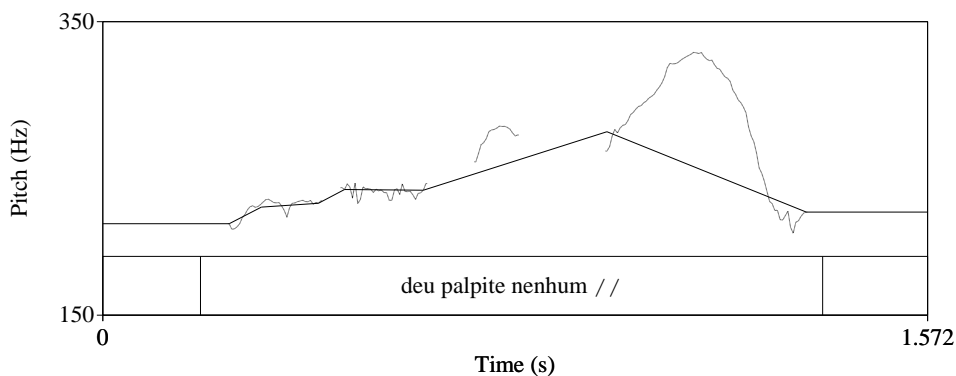


FIGURA 3.12 – Síntese de (3.21) sem movimentos relevantes de f_0

Na FIG. 3.10, podem ser observados todos os movimentos de f_0 do enunciado do exemplo (3.21)¹⁷ (áudio ex-3.21_0). Já na FIG. 3.11, foram eliminadas, todas as variações

¹⁷ O leitor perceberá que essa imagem possui muito mais variações de f_0 do que as outras imagens presentes nessa tese. Isso ocorre porque todas as outras imagens foram submetidas a um tratamento chamado de “suavização” do curso de f_0 (ou *smooth*) que tem como objetivo, justamente, reduzir as variações que se devem a fenômenos determinados fisiologicamente (como os fenômenos micromelódicos). Tais variações não tem relevância para a análise funcional das curvas e, por esse motivo, foram excluídas. Na FIGURA 6, em particular, o curso de f_0 não foi suavizado justamente para que se observe como a sua eliminação não traz diferenças perceptuais.

produzidas de forma involuntária, resultando em uma curva de f_0 muito simplificada com relação à original (que aparece pontilhada atrás da curva sintetizada, em linha sólida) (áudio ex-3.21_1). Todavia, mesmo com tantas alterações, não é possível perceber diferenças entre o áudio original e o modificado e, por esse motivo, a versão manipulada é uma *close copy* da original. Por outro lado, se movimentos voluntários são eliminados, a diferença é facilmente percebida (FIG. 3.12 e áudio ex-3.21_2).

O primeiro nível de análise da prosódia se refere não ao reconhecimento de todo e qualquer movimento de *pitch*, mas somente àqueles produzidos de forma voluntária pelos falantes. Segundo o IPO, eles podem ser descritos a partir dos seguintes parâmetros:

- a) direção: ascendente (*+rising*) ou descendente (*+falling*);
- b) posição na sílaba: início de sílaba (*+early*), fim de sílaba (*+late*) ou meio de sílaba (*-early -late*);
- c) duração: realizado em mais de uma sílaba (*+spread*) ou em uma sílaba (*-spread*);
- d) excursão: completo (*+full*) ou incompleto (*-full*).

Os movimentos são descritos a partir da combinação entre esses parâmetros, como expresso pelo QUADRO 3.4.

QUADRO 3.4
Movimentos de f_0 identificados pelo IPO

| | /1/ | /2/ | /3/ | /4/ | /5/ | /A/ | /B/ | /C/ | /D/ | /E/ |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| rise | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - |
| early | + | - | - | - | + | - | + | - | - | + |
| late | - | + | - | + | - | - | - | + | + | - |
| spread | - | - | - | + | - | - | - | - | + | - |
| full | + | + | + | + | - | + | + | + | + | - |

Fonte: 't HART *et al.*, 1990.

As pesquisas do IPO mostram também que alguns movimentos e/ou configurações de movimentos (sequências de movimentos adjacentes) são avaliados como sendo equivalentes pelos falantes de uma língua, dividindo-se em classes teóricas de movimentos. Note-se que essa avaliação é baseada puramente na percepção da prosódia do enunciado, e não na função que os movimentos desempenham no enunciado.

As classes teóricas de movimentos, chamadas de *perfis prosódicos*, constituem o segundo nível de análise prosódica na L-Act. Os perfis podem ser formados por movimentos

similares (A, A', A''), por configurações de movimentos (A+B, C+D) e por movimentos com partes opcionais e partes obrigatórias (a+A+c, b+C, a+D'+c).¹⁸ Frequentemente, um enunciado é formado por uma sequência de perfis prosódicos.

A primeira unidade tonal dos exemplos (3.22) e (3.23), a seguir, possuem o mesmo perfil prosódico, como pode ser comprovado pela oitiva dos enunciados (áudios Ex-3.22_0 e Ex-3.23_0). Na FIG. 3.12, relativa à primeira unidade tonal de (3.17), tem-se uma sequência formada por uma configuração opcional “a+b+c” (em destaque) seguida de um movimento obrigatório “A” (áudio Ex-3.22_1). Já em (3.23), tem-se somente o movimento obrigatório “A”, que pode ser visto na FIG. 3.13 (áudio Ex-3.23_1). Ou seja, a sequência “a+b+c+A”, de (3.22), e a sequência “A”, de (3.23), são variantes do mesmo perfil prosódico.

Exemplo 3.22 – bfamcv02 (áudios Ex-3.22_0 e Ex-3.22_1)

*TER: [102] **a mãe da Fafica** / vai dar / o fogão //

Exemplo 3.23 – bfamdl03 (áudios Ex-3.23_0 e Ex-3.23_1)

*LUZ: [315] **eu** / e esse carro de trás / nós vamos lá na Maria Elisa e no Duda //

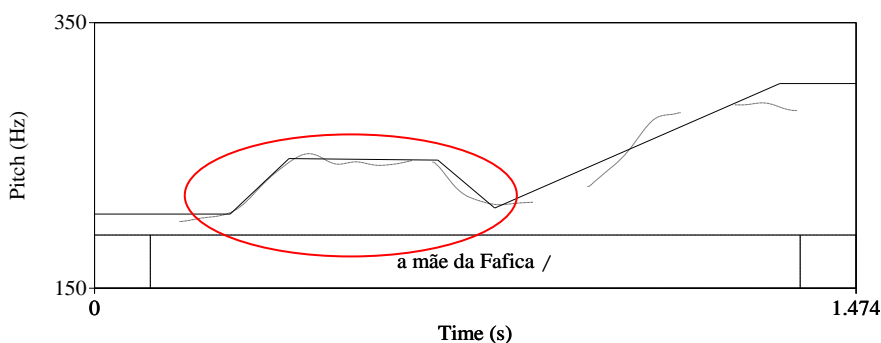


FIGURA 3.13 – Curva de f0 de (3.22)

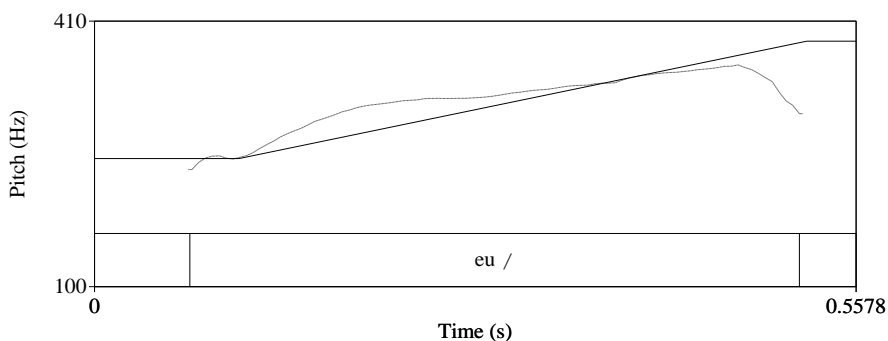


FIGURA 3.14 – Curva de f0 de (3.23)

¹⁸ A divisão entre “movimentos similares”, “classes de movimentos” e “movimentos com partes opcionais e partes obrigatórias” é proposta pela L-Act e não pelo IPO. N

De acordo com os estudos desenvolvidos no LABLITA (CRESTI, 2000), os perfis prosódicos podem ser formados por:

- a) um ou dois movimentos obrigatórios de f_0 ;
- b) uma porção opcional chamada *preparação*, anterior ao movimento obrigatório;
- c) uma porção opcional chamada *coda*, posterior ao movimento obrigatório;
- d) uma porção opcional chamada *ligação*, entre o primeiro e o segundo movimentos obrigatórios.

Frequentemente, um enunciado é composto de uma sequência de perfis prosódicos. Esse é o caso seja de (3.22), seja de (3.23), que possuem o perfil evidenciado pelas respectivas imagens sucedido por outros perfis relativos às outras unidades tonais que os compõem.

As pesquisas do IPO mostram, ainda, que os perfis prosódicos não podem se concatenar livremente para formar enunciados. A análise distribucional dos perfis prosódicos revelou a existência de perfis de três tipos:

- a) Raiz (*root*): perfis obrigatórios e não recursivos. Todo enunciado possui um perfil de tipo raiz;
- b) Prefixo (*prefix*): perfis opcionais e recursivos que devem preceder um perfil de tipo raiz;
- c) Sufixo (*suffix*): perfis opcionais e recursivos que devem suceder um perfil de tipo raiz.

Uma vez que os perfis não podem se combinar livremente para constituir enunciados, é possível identificar, para cada língua, modelos composicionais de enunciados, chamados de padrões tonais. A análise dos padrões tonais é o terceiro nível de análise prosódica na L-AcT e é a partir dela que se explica a estrutura informacional do enunciado.

Tomando como ponto de partida esse quadro de referência, amplamente baseado na proposta do IPO, as pesquisas de Cresti revelaram que cada tipo de perfil prosódico associa-se sistematicamente a uma função. Unidades tonais com perfis de tipo raiz, por exemplo, são sempre aquelas que possuem a função de veicular a ilocução, em qualquer que seja o enunciado. A partir dessa observação, Cresti formulou a hipótese do padrão informacional

(*Informational Patterning Hypothesis*), segundo a qual todo enunciado possui um padrão prosódico associado a um padrão informacional, em uma relação isomórfica. Dessa forma, cada unidade tonal possui uma e somente uma função informacional. Assim, toda unidade tonal do padrão prosódico corresponde a uma unidade informacional no padrão informacional. Essa relação é expressa pelo QUADRO 3.5.

QUADRO 3.5
Padrão tonal x padrão informacional

| Prosodic Pattern | | | Information Pattern | |
|-----------------------|----------|---|-----------------------|------------|
| root | | → | Comment | |
| (prefix) | (suffix) | → | (Topic) | (Appendix) |
| (parenthesis) | | → | (Parenthetical) | |
| (locutive introducer) | | → | (Locutive Introducer) | |
| (auxiliaries) | | → | (Auxiliaries) | |

3.4. As unidades informacionais

A ideia de fundo da hipótese do padrão informacional é a de que todo enunciado possui uma unidade informacional responsável por veicular a ilocução, a qual pode ser acompanhada por outras unidades, com funções diversas, para que a ilocução seja veiculada de forma mais eficaz. O falante, assim, tenta programar e executar um padrão informacional que melhor se adeque às suas exigências comunicativas.

Amparada por um longo trabalho empírico, foram identificados dois tipos de unidades informacionais. O primeiro grupo é o das unidades que contribuem na composição do texto do enunciado e, por isso, são chamadas de unidades textuais. Outras são unidades dialógicas, que regulam a interação entre o falante e seu interlocutor.¹⁹ Todas as unidades, que serão apresentadas em breve, foram identificadas conjuntamente por três critérios, amparados pelo modelo prosódico da L-Act e pela hipótese do padrão informacional:

¹⁹ Para uma comparação da estrutura informacional do PB e do Italiano com relação às suas unidades informacionais, veja-se Panunzi e Mittmann (2014).

- a) Critério funcional: a função que a unidade desempenha na articulação da informação no enunciado;
- b) Critério prosódico: o perfil prosódico da unidade, que pode ser de raiz (necessário e suficiente para a constituição de um enunciado), prefixo, sufixo, introdutor, apêndice, parentético e auxiliar. Cada perfil possui características prosódicas específicas;
- c) Critério distribucional: a posição da unidade com relação à unidade informacional de Comentário, com o perfil de tipo raiz.

Segundo a L-AcT esse conjunto de critérios é também utilizado pelos falantes para identificar as unidades informacionais no contínuo da fala.

3.4.1. *As unidades textuais*

3.4.1.1. Comentário (COM)

A unidade de Comentário possui a função de veicular a ilocução e, por esse motivo, é a única unidade necessária e suficiente para a constituição do enunciado. Do ponto de vista prosódico, o Comentário possui um foco funcional, ou seja, um núcleo prosódico que marca o seu valor funcional. O núcleo da unidade de Comentário especifica a ilocução veiculada pelo enunciado: cada ilocução está associada a um modelo prosódico específico, chamado de *forma prosódica* (cf. seção 3.2.1). Do ponto de vista distribucional, a posição do Comentário dentro do enunciado é livre, uma vez que possui um perfil de tipo raiz. Assim, são as outras unidades que se organizam entorno dele.

O Comentário sempre constitui uma ‘novidade’ do ponto de vista acional e, por esse motivo, é sempre informativo. Assim, não é preciso que o enunciado apresente sempre uma ‘novidade’ do ponto de vista referencial, como sustenta Halliday (1976), para quem o enunciado possui uma estrutura básica que se divide em informação *dada* e informação *nova*. Mesmo em uma sequência de enunciados idênticos do ponto de vista lexical, semântico e sintático, cada enunciado é sempre uma nova ação que se está realizando sobre o interlocutor e, desse ponto de vista, não é nunca tautológico, nem previsível.

De fato, ouvindo novamente o exemplo (3.10) – reproposto, agora, como exemplo (3.24) –, em que os falantes se alternam repetindo a palavra ‘Urano’, percebe-se claramente que cada enunciado possui valor informativo dentro da comunicação. O mesmo ocorre nos exemplos (3.25) e (3.26), a seguir.

Exemplo 3.24 – bfamdl04 (áudios ex-3.24_0, ex-3.24_1, ex-3.24_2, ex-3.24_3, ex-3.24_4)

Situação: conversa entre faxineiras, enquanto arrumam cozinha.

*KAT: [99] o quê //
*SIL: [100] copos // [101] copos de Urano / que tem aí //
*KAT: [102] copos de quê //
*SIL: [103] **Urano** //
%ill: [103] *conclusão*
*KAT: [104] **Urano** //
%ill: [104] *incredulidade*
*SIL: [105] é //
*SIL: [106] **Urano** //
%ill: [106] *confirmação*
*SIL: [107] **Urano** //
%ill: [106] *confirmação*

Exemplo 3.25 – afamdl02 (ex-3.25_0, ex-3.25_1, ex-3.25_2, ex-3.25_3)

Situação: conversa entre amigos.

*DAR: [181] do what you want / with the time you have // [182] learn / give / whatever //
*PAM: [183] **love** //
%ill: [183] *proposta*
*DAR: [184] **love** //
%ill: [184] *ironia*
*PAM: [185] **love** //
%ill: [185] *conclusão*

Exemplo 3.26 – bfamcv05 (ex-3.26_0, ex-3.26_1, ex-3.26_2, ex-3.26_3)

Situação: amigos jogam futebol. Um deles diz ao seu parceiro para jogar a bola no alto.

*MAR: [195] **alto** //
%ill: [195] *ordem*
*MAR: [196] **no alto** / varão //
%ill: [196] *ordem*
*MAR: [197] **no alto** //
%ill: [197] *reclamação*

3.4.1.2. Tópico (TOP)²⁰

A unidade informacional de Tópico constitui o âmbito de aplicação da força ilocucionária (CRESTI, 2000; SIGNORINI, 2005). Em outras palavras, o Tópico estabelece uma referência cognitiva para a ilocução realizada pelo Comentário, distanciando-a do atual contexto linguístico e extralinguístico. Essa é uma função importante que, no processo de aquisição da linguagem, é aprendida posteriormente pela criança. A partir da observação da fala de crianças em diferentes estágios de aquisição, Moneglia e Cresti (1997) constataram que os primeiros enunciados produzidos por um indivíduo são sempre enunciados simples compostos por uma só palavra. Mais tarde, o a criança é capaz de formar enunciados simples cuja unidade de Comentário possui mais de uma palavra. Posteriormente, aprende a distanciar um

²⁰ Atualmente, há estudos sobre a unidade de tópico em Italiano (FIRENZUOLI; SIGNORINI, 2002; SIGNORINI, 2005), Português Brasileiro (MITTMANN, 2012), Português Europeu (ROCHA, 2011) e Inglês Norte-Americano (CAVALCANTE, 2016).

âmbito cognitivo da ação que realiza e começa a produzir enunciados complexos com as unidades de Tópico e Comentário.

O Tópico é a única unidade além do Comentário que possui núcleo funcional (ou dois semi-núcleos), o qual tem perfil de *prefix* ('t HART *et al.*, 1990) e pode ser realizado segundo três formas prosódicas.²¹ A forma de tipo 1 caracteriza-se por uma configuração de f0 ascendente-descendente realizada na última tônica e em uma eventual postônica da unidade, associada ao alongamento de tais sílabas. O núcleo pode ser precedido por uma porção de preparação. A forma de tipo 2 também pode começar por uma preparação, e o seu núcleo possui um movimento ascendente de f0 que se inicia na última tônica da unidade, com aparente alongamento. A forma de tipo 3 possui dois semi núcleos, frequentemente separados por uma porção de ligação. O primeiro semi núcleo possui valores altos de f0 (sobretudo em PB e em PE, em que alcança valores extra altos se comparados ao restante do Tópico). O segundo semi núcleo possui um aparente alongamento na última tônica da unidade e pode ser realizado em um movimento de f0 ascendente, nivelado ou descendente. Em Inglês, registram-se casos de tópico de tipo 3 com valores de ataque mais baixos que nas outras línguas, o que é compensado por um alongamento mais pronunciado na última sílaba.

Distribucionalmente, o Tópico vem sempre antes da unidade de Comentário e pode ser recursivo. Não possui restrições morfossintáticas, podendo ser realizado por sintagmas nominais, preposicionais, adjetivais, adverbiais e verbais ou, até mesmo, por uma sentença completa.

²¹ Os trabalhos de Cresti (2000), de Firenzuoli e Signorini (2002) e de Signorini (2005) identificaram três formas de Tópico no Italiano. Mittmann (2012) registrou a presença das três formas em PB e também identificou um quarto tipo de Tópico na mesma língua. Rocha (2011) atestou a existência de todas as quatro formas em PE. Posteriormente, Cavalcante (2016) revela que todos os casos da terceira forma de Tópico podem ser descritos pelas propriedades da quarta forma. Com isso, o autor mostra que a descrição anterior da terceira forma de Tópico era inadequada e que, na realidade, existem somente três formas prosódicas de Tópico.

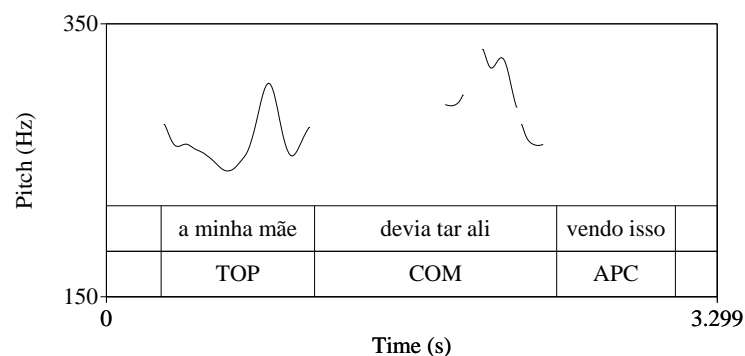


FIGURA 3.15 – Curso de f0 do Tópico de (3.27). A porção correspondente a “vendo isso” aparece sem curva de f0 em função da piora da qualidade de áudio

Exemplo 3.27 – bpubd104 (áudio ex-3.27)

*ELI: [101] **a minha mãe** /=TOP= devia tar ali /=COM= vendo isso //APC=

Exemplo 3.28 – bfamd103 (áudio ex-3.28)

*LAU: [148] **departamento** /=TOP= Artes Plásticas //COM=

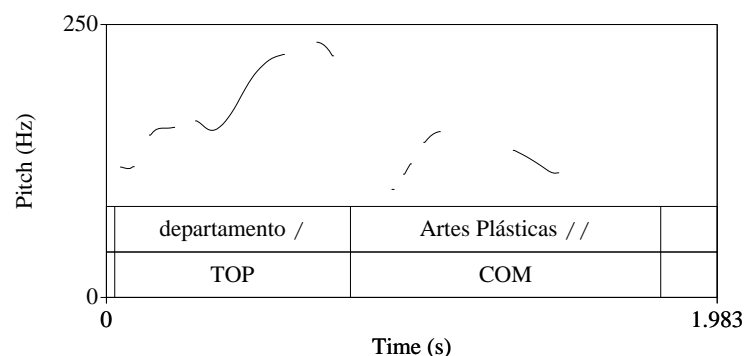


FIGURA 3.16 – Curso de f0 do Tópico de (3.28)

Exemplo 3.29 – bfamd102 (áudio ex-3.29)

*TER: [186] **do lado da mãe da Fafica** /=TOP= tudo pobrezinho //COM=

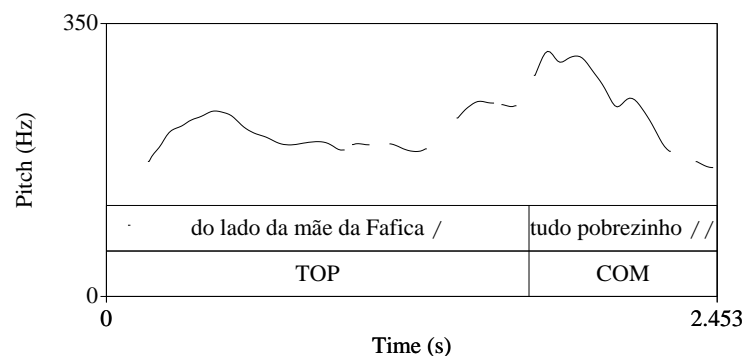


FIGURA 3.17 – Curso de f0 do Tópico de (3.29)

Exemplo 3.30 – bfamd101 (áudio ex-3.30)

*REN: [536] **pequeno** /=TOP= só tem esse dali //COM=

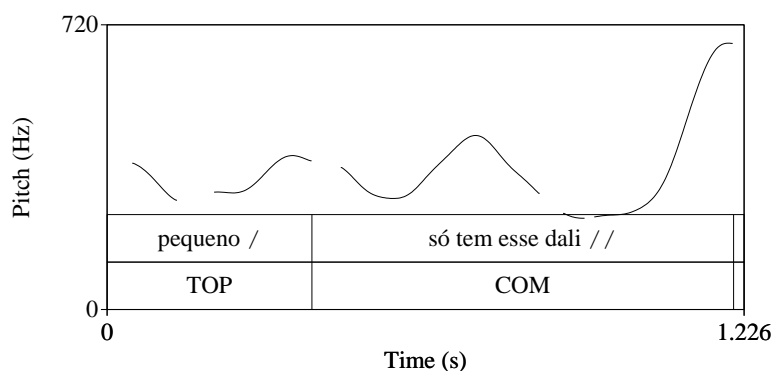


FIGURA 3.18 – Curso de f_0 do Tópico de (3.30)

Exemplo 3.31 – bfamdl05 (áudio ex-3.31)

*CES: [408] **aqui** /=TOP= ele é maior //=COM=

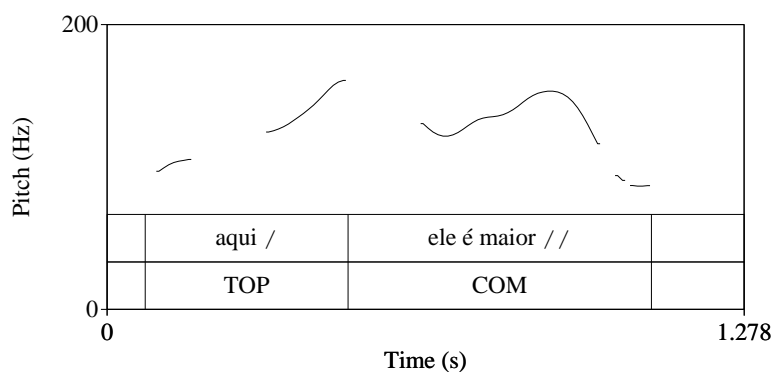


FIGURA 3.19 – Curso de f_0 do Tópico de (3.31)

Exemplo 3.32 – bfammn01 (áudio ex-3.32)

*MAI: [28] **aí quando ele** [2]=SCA= **quando ele lá vinha embora** /=TOP= ea começou a quebrar mato //=COM=

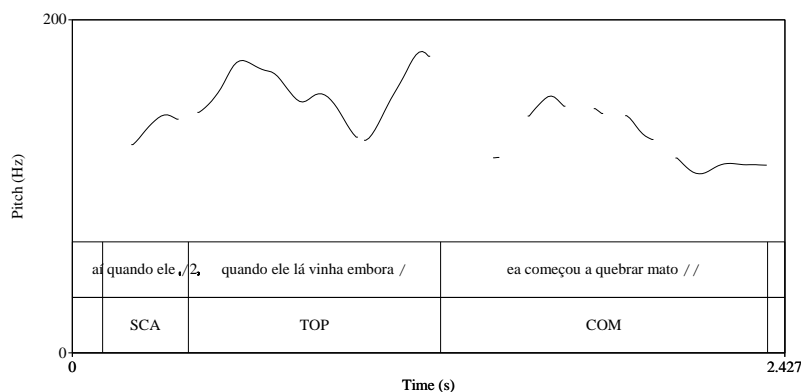


FIGURA 3.20 – Curso de f_0 do Tópico de (3.32)

Exemplo 3.33 – bfamdl04 (áudio ex-3.33)

*SIL: [49] **colocar esse aparelho do Tommaso** /=TOP= mesma coisa que tar no Big Brogher //=COM=

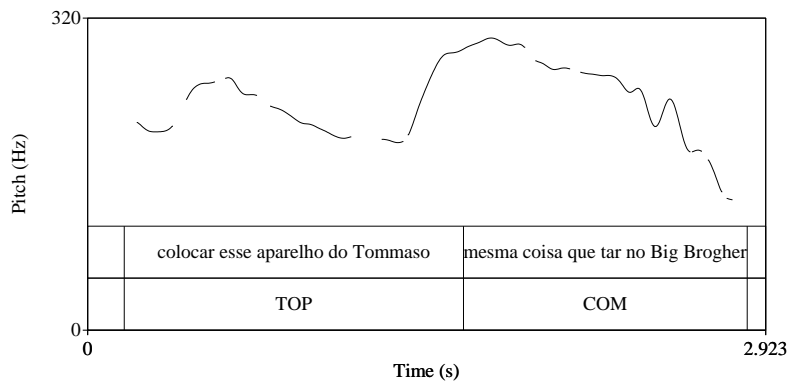


FIGURA 3.21 – Curso de f_0 do Tópico de (3.33)

3.4.1.3. Apêndice de Tópico (APT) e Apêndice de Comentário (APC)

O Apêndice de Tópico e o Apêndice de Comentário possuem a função de fazer uma integração textual a uma unidade de Tópico ou de Comentário. A integração pode ocorrer em forma de integrações lexicais, correção ou repetição. Os Apêndices têm padrão de sufixo, sem foco funcional, e localizam-se imediatamente após a unidade por elas integrada.

Exemplo 3.34 – bfamd103 (áudio ex-3.34)

*LUZ: [130] mas é pra mestre ou pa doutor /=COM= **essa aí** //APC=

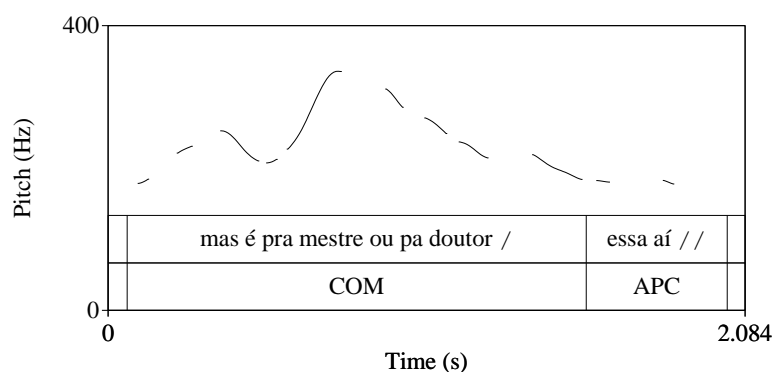


FIGURA 3.22 – Curso de f_0 do Apêndice de Tópico de (3.34)

Exemplo 3.35 – bfammn05 (áudio ex-3.35)

*CAR: [84] porque eu /=TOP= **também se fosse pela mãe** /=APT= nũ levaria não //COM=

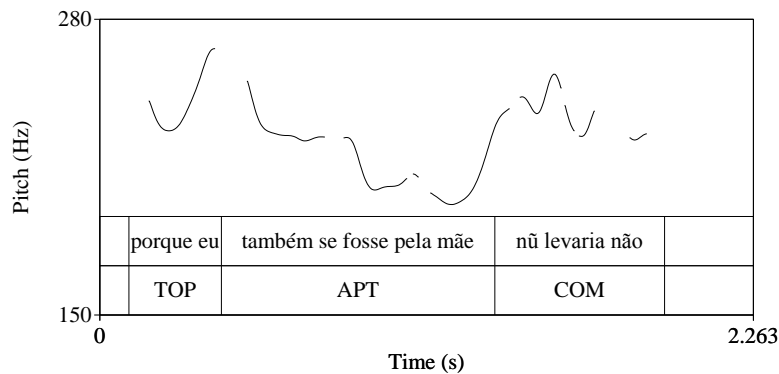


FIGURA 3.23 – Curso de f_0 do Apêndice de Tópico de (3.35)

3.4.1.4. Parentético (PAR)

O Parentético possui função metalinguística, fornecendo informações sobre como deve ser interpretado o enunciado (ou parte dele), com a finalidade de facilitar a compreensão do texto. Frequentemente, é usado de forma modalizadora. O Parentético pode se referir a todo o enunciado, a uma unidade informacional (frequentemente, um Tópico ou um Comentário) ou a outro Parentético. Distribucionalmente, pode estar em qualquer posição do enunciado, localizando-se antes, depois ou mesmo dentro da unidade a que se refere. A única restrição é a de que não pode iniciar um enunciado. Prosodicamente, possui perfil nivelado ou modulado, sem núcleo funcional, com f_0 mais baixa que a do restante do enunciado (mas não são raros os casos em que a f_0 é mais alta). O Parentético tende a ser realizado com velocidade um pouco superior a das demais unidades informacionais do mesmo enunciado.

No exemplo (3.36), observam-se dois Parentéticos, cada um referente ao Tópico que o precede. Em (3.37), o Parentético localiza-se dentro da unidade de Comentário.

Exemplo 3.36 – bpubmn01 (áudio ex-3.36)

*SHE: [65] porque /=DCT= o que acontece /=TOP= **não sei como que é nas escolas** /=PAR= é que o professor /=TOP= **onde eu dava aula** /=PAR= se vira com tudo //COM=

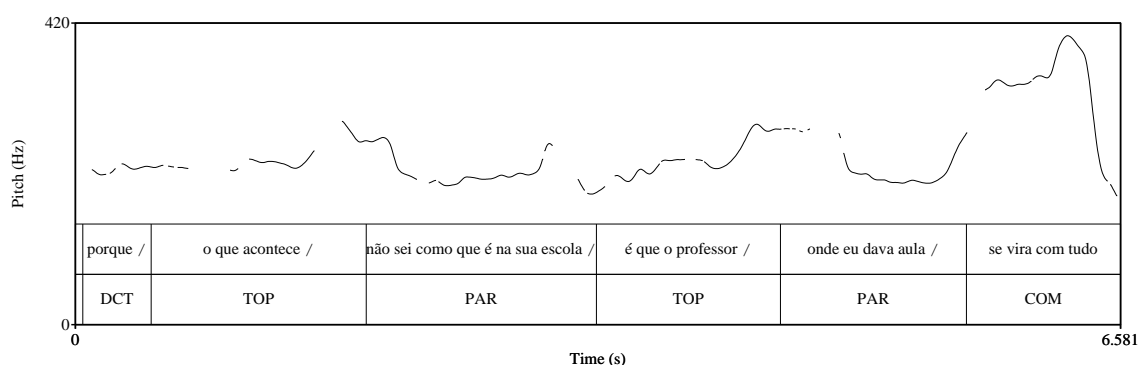


FIGURA 3.24 – Curso de f₀ dos Parentéticos de (3.36)

Exemplo 3.37 – bfamcv04 (áudio ex-3.37)

*BMR: [118] todo mundo olha /=i-COM= **por exemplo** /=PAR= do lado amarelo //COM=

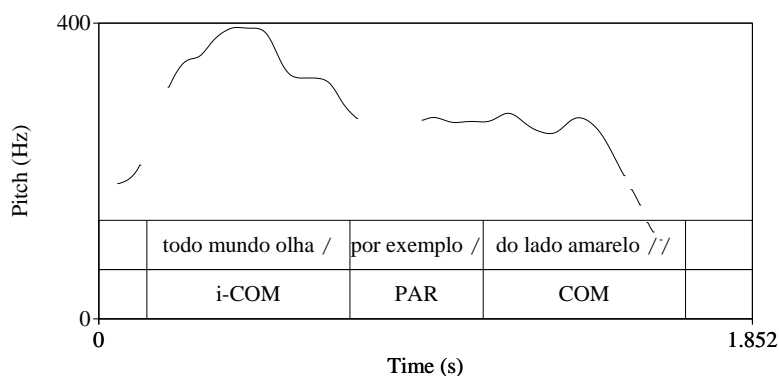


FIGURA 3.25 – Curso de f₀ do Parentético de (3.37)

3.4.1.5. Introdutor Locutivo (INT)

O Introdutor Locutivo tem a função de sinalizar que o conteúdo subsequente possui um *hic et nunc* diferente daquele do momento da enunciação e pertence a um outro nível hierárquico. Geralmente, essa unidade é utilizada para introduzir uma metailocução – *discurso direto reportado, citação, exemplificação emblemática e pensamento falado* (CRESTI, 2000) –, cuja ilocução não opera no mundo real. Prosodicamente, possui um perfil descendente que termina com valores de f₀ abaixo dos da unidade subsequente, além de ser realizado com velocidade muito acima à do restante do enunciado. São essas características que, em conjunto, indicam a mudança de *hic et nunc*. Distribucionalmente, aparecem antes da unidade que introduzem e, tendencialmente, adjacentes à mesma.

Exemplo 3.38 – bfammn02 (áudio ex-3.38)

*DFL: [22] quando falei “Itabira” /=TOP= e **ele falou assim** /=INT= ah /=EXP_r= a terra do poeta maior //COM_r=

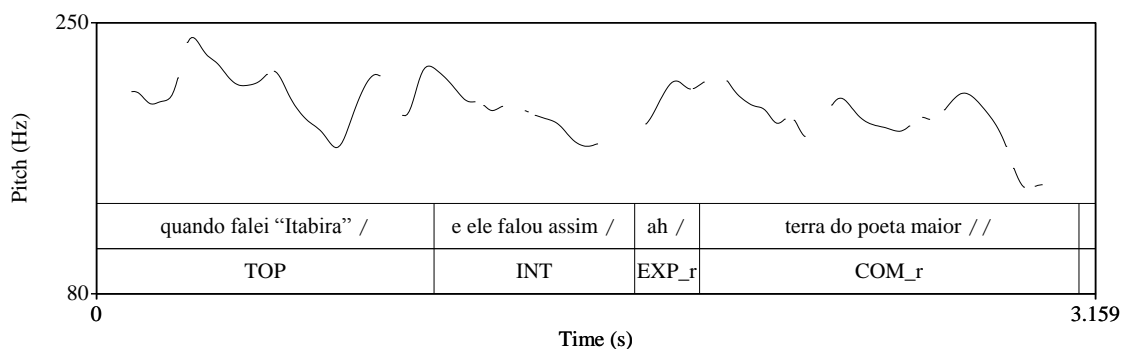


FIGURA 3.26 – Curso de f0 do Introdutor Locutivo de (3.38)²²

Nos exemplos que se seguem, a unidade de Introdutor Locutivo introduz, respectivamente, uma ação oral não verbal (o assovio, transcrito como “hhh”) e um gesto, que não é transcrito por ser uma ação não verbal. Nesse último caso, como a falante não produz nenhuma sequência linguística após o Introdutor Locutivo, o enunciado foi considerado um enunciado interrompido, marcado com o símbolo “+”. Isso se deve ao fato de que a sequência linguística que corresponde a esse enunciado não é interpretável em isolamento. Ela só possui autonomia pragmática se se considera o gesto que o segue. Todavia, o conjunto formado por esse enunciado e pelo gesto que o segue deve ser considerado como um enunciado terminado, mesmo que não verbalmente.

Exemplo 3.39 – bfamev04 (áudio ex-3.39)

*BMR: [175] <se for> /=SCA= um passarinho /=TOP= **cê nũ pode fazer** /=INT= hhh // =COM=

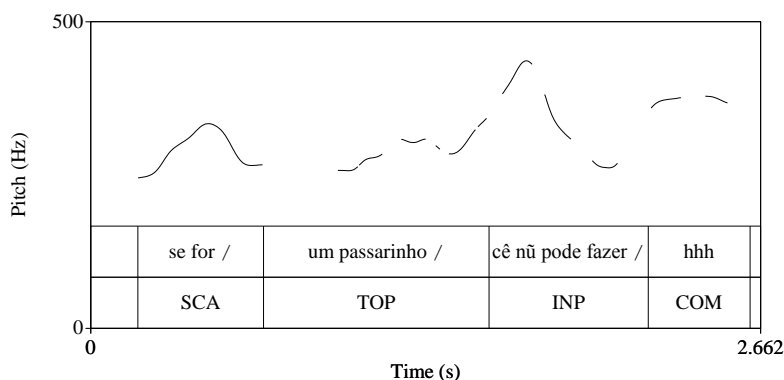


FIGURA 3.27 – Curso de f0 do Introdutor Locutivo de (3.39)

²² Na notação adotada no C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012), o sufixo “_r” indica que a unidade informacional à qual é ligada trata-se de discurso reportado. Em unidades de discurso reportado, o falante reproduz parcialmente ou completamente um ou mais enunciados proferidos por ele mesmo ou por outra pessoa em outra situação comunicativa.

Exemplo 3.40 – bfamev04 (áudio ex-3.40)

*HEL: [464] mas primeiro cê nũ fez assim /=COB= **tipo** +=INT= [465] fez //COM=

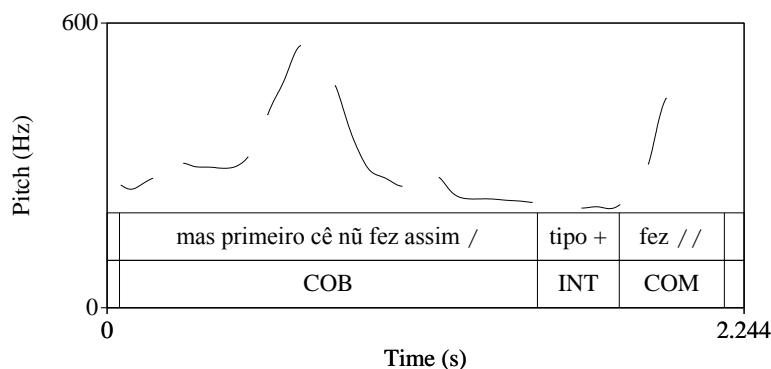


FIGURA 3.28 – Curso de f0 do Introdutor Locutivo de (3.40)

Como nota Raso (2012a), esses exemplos são particularmente interessantes: por um lado, ressaltam a multimodalidade da fala, mesmo em um corpus que não é multimodal, mas é segmentado de acordo com critérios pragmáticos. Por outro, o segundo exemplo, em que a unidade de Comentário é substituída por uma ação concreta, mostra como podem ser formados padrões informacionais complexos. Para o autor, o fato de que a unidade que carrega a força ilocucionária do enunciado (o Comentário) possa ser substituído por uma ação concreta constitui um forte argumento a favor tanto da teoria dos atos de fala (que enxerga o enunciado enquanto uma ação) quanto dos critérios de segmentação da L-Act (que divide o enunciado em unidades que veiculam ações).

3.4.2. Unidades de auxílio dialógico

As unidades de auxílio dialógico²³ dirigem-se diretamente ao interlocutor e têm como função regular a interação com o mesmo. Prosodicamente e distribucionalmente, se comportam de formas variadas, de acordo com o tipo de auxílio dialógico. As unidades de auxílio dialógico são importantes para a organização informacional da fala: dos 966 enunciados complexos do subcorpus do C-ORAL-BRASIL, 65,5% apresenta ao menos uma unidade dialógica²⁴ (RASO; MITTMANN, 2012).

²³ Para uma descrição das unidades dialógicas em Italiano, veja-se Frosali (2008). Para as unidades dialógicas em Português, veja-se Raso (2014).

²⁴ Esse número refere-se à soma do percentual de enunciados complexos somente com unidades dialógicas (50,8%) e do percentual de enunciados complexos com unidades dialógicas e textuais (14,7%) (RASO; MITTMANN, 2012, p. 194).

3.4.2.1. Incipitário (INP)

O Incipitário indica um tipo de contraste de natureza afetiva com o conteúdo proposicional do enunciado anterior. Todavia, esse não deve ser entendido como um contraste lógico-formal, ligado a um valor de adversidade. O Incipitário é frequentemente usado para iniciar um novo enunciado ou turno dialógico. Possui duração curta e intensidade alta. Apresenta perfil ascendente-descendente com variações expressivas de f_0 , exceto quando a unidade por uma oclusiva desvozeada. Nesses casos, possui um perfil nivelado ou descendente de f_0 . O exemplo (3.41), em que o primeiro segmento efetivamente pronunciado é o “t”, de “então”, é um caso de Incipitário com perfil nivelado. Distribucionalmente, a unidade localiza-se exclusivamente em início de enunciado, a menos que preceda outro Incipitário.

Exemplo 3.41 – bfamcv04 (áudio ex-3.41)

*BRU: [300] **então** /=INP= amarelo /=COM= né //CNT=

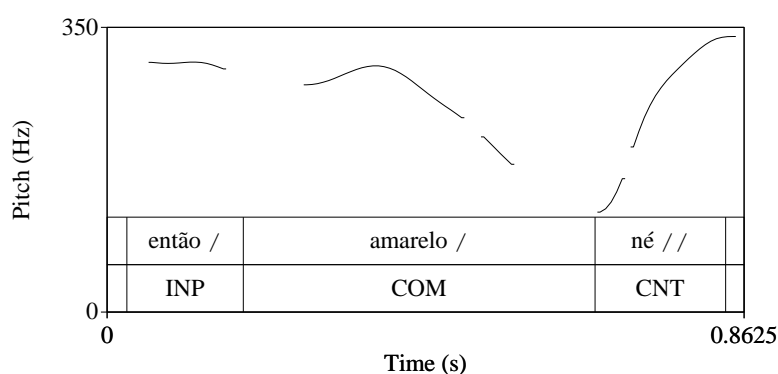


FIGURA 3.29 – Curso de f_0 do Incipitário de (3.41)

3.4.2.2. Fático (PHA)

O Fático é uma das unidades dialógicas mais frequentes nos enunciados complexos. Sua função é a de abrir o turno ou manter aberto o canal comunicativo. Possui perfil nivelado, intensidade baixa e duração curta, frequentemente apresentando realização fonética reduzida. Aparecem em qualquer posição do enunciado.

Exemplo 3.42 – bpubmn01 (áudio ex-3.42)

*SHE: [72] **então** /=PHA= a orientadora /=TOP= ela nã quer fazer o papel da coordenadora //COM=

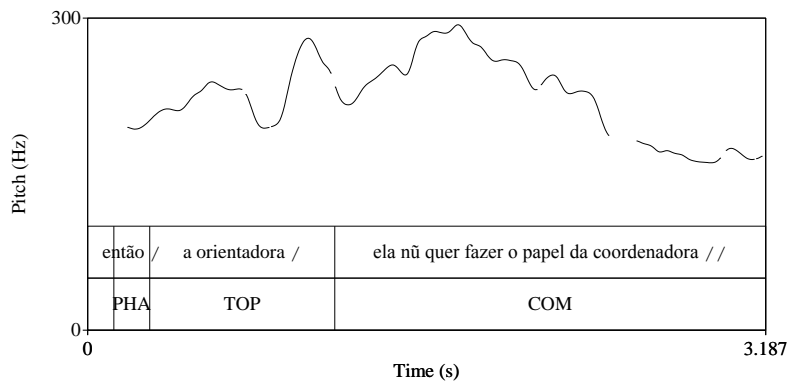


FIGURA 3.30 – Curso de f0 do Fático de (3.42)

3.4.2.3. Alocutivo (ALL)

O Alocutivo é uma unidade que marca coesão social e individualiza o interlocutor. Os Alocutivos correspondem ao que é tradicionalmente chamado de *vocativo*. Todavia, é necessário notar que a categoria dos *vocativos* compreende também as ilocuções de Chamamento. As diferenças entre Alocutivos e as ilocuções de Chamamento se dão não só no nível funcional, mas também no nível prosódico. Os Alocutivos possuem um perfil descendente, com baixa intensidade e nenhum foco prosódico. A diferença entre essas unidades podem ser notadas por meio da comparação entre os exemplos (3.43) e (3.44). O primeiro é composto por uma ilocução de Chamamento com o conteúdo locutivo "Rena". Já no segundo, tem-se o mesmo conteúdo locutivo realizado como um Alocutivo. A ilocução possui uma duração, intensidade e variações de f_0 maiores do que a do Alocutivo. Além disso, a ilocução possui foco informacional, o que lhe confere autonomia prosódica e pragmática, enquanto o Alocutivo é subordinado à unidade de Comentário de seu enunciado.

Exemplo 3.43 – bfamd101 (ex-3.43)

*FLA: [255] **Rena** // =COM=

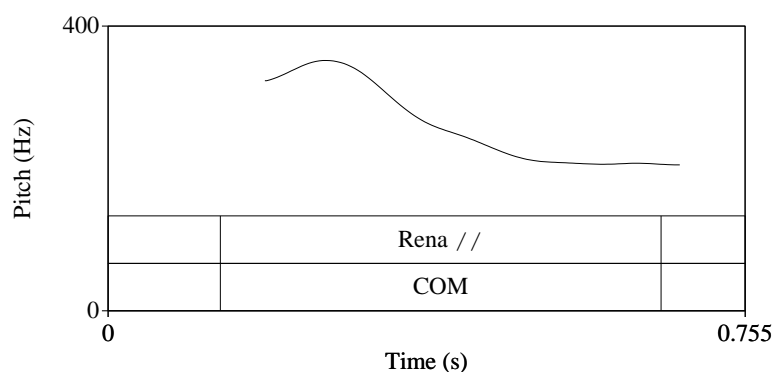


FIGURA 3.31 – Curso de f0 do Ilocução de Chamamento de (3.43)

Exemplo 3.44 – bfamd101 (ex-3.44)

*FLA: [496] vai esse /=COM= né /=PHA= **Rena** //ALL=

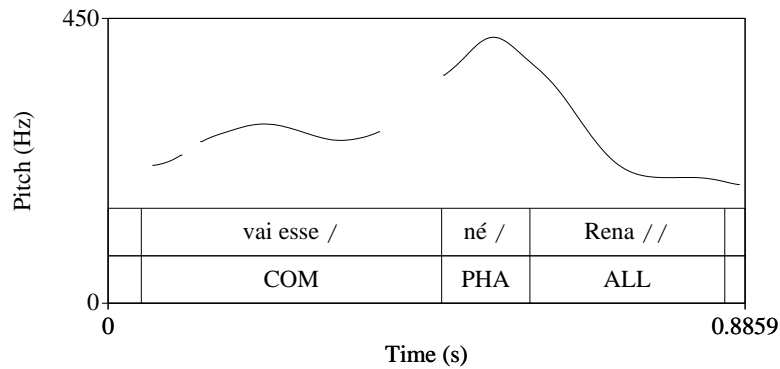


FIGURA 3.32 – Curso de f0 do Alocutivo de (3.44)

3.4.2.4. Conativo (CNT)

O Conativo tem a função de induzir o interlocutor a cumprir uma ação ou desistir da mesma, mas não tem autonomia prosódica e pragmática para que seja considerada uma ilocução. O Conativo possui perfil descendente, intensidade alta e duração curta. Pode ocorrer em qualquer posição do enunciado.

Exemplo 3.45 – bpubd102 (áudio ex-3.45)

*JAN: [217] **olha** /=CNT= essa aqui praticamente nũ cabe no meu pé //COM=

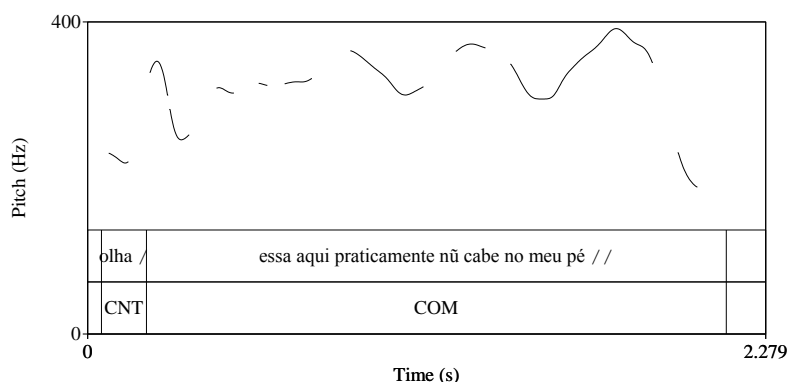


FIGURA 3.33 – Curso de f0 do Conativo de (3.45)

3.4.2.5. Expressivo (EXP)

O Expressivo atua como um suporte emocional para a ilocução realizada no Comentário, também estabelecendo coesão social com o interlocutor e servindo para tomar o turno sem

marcar contraste afetivo. Possui perfis prosódicos variados e posição livre no enunciado, com uma forte preferência para o começo, devida à função de tomada de turno.

Exemplo 3.46 – bfammn04 (áudio ex-3.46)

*REG: [61] **menino** /=EXP= assim /=PHA= aí foi um acontecimento //COM=

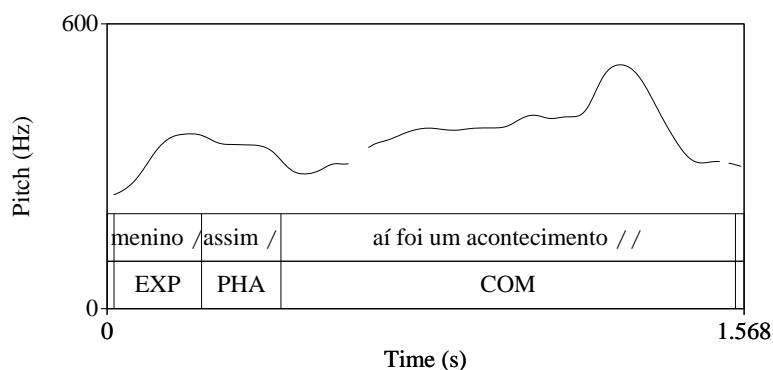


FIGURA 3.34 – Curso de f0 do Expressivo de (3.46)

3.4.2.6. Conector Discursivo (DCT)

Os Conectores Discursivos sinalizam que a sequência que se segue está em continuidade com o conteúdo anterior, seja ele um enunciado, um sub-padrão, uma unidade informacional ou um turno. Nesse último caso, marca continuidade com o que foi dito pelo interlocutor. Possui perfil modulado ou nivelado, duração longa e intensidade alta.

Exemplo 3.47 – bfammn01 (áudio ex-3.47)

*MAI: [13] **aí** /=DCT= ea canta igual galo //COM=

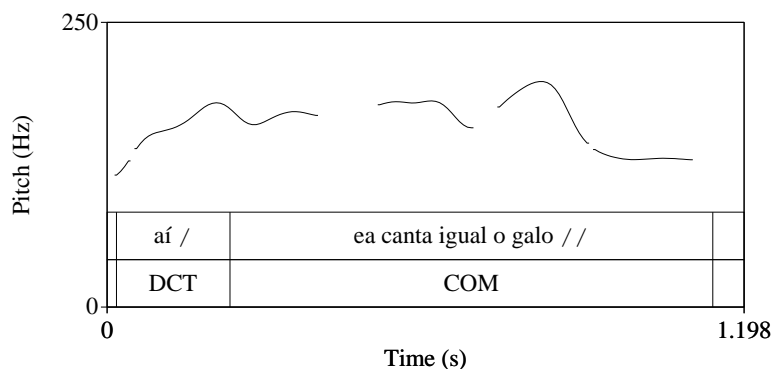


FIGURA 3.35 – Curso de f0 do Conector Discursivo de (3.47)

3.4.3. Limites do isomorfismo

Uma das bases da L-AcT é o reconhecimento do isomorfismo entre o padrão prosódico e o padrão informacional do enunciado. Esse isomorfismo se realiza com regularidade alta, sobretudo em interações espontâneas de tipo dialógico ou conversacional, mas pode diminuir em certos contextos. A L-AcT também fornece os instrumentos para analisar esses casos, que estão ligados a certas tipologias discursivas e à forma de se estruturar o discurso nas mesmas.

3.4.3.1. Unidades de escansão (SCA)

Quando o isomorfismo entre unidade tonal e unidade informacional não ocorre, o falante realiza uma unidade informacional em duas ou mais unidades tonais. Esse fenômeno pode ocorrer somente com unidades textuais (e, em particular, com Comentário, Tópico e Parentéticos) e pode ser ocasionado seja por razões articulatórias (quando a unidade informacional possui muitas sílabas), seja por imperícia do falante (é comum em crianças ou em falantes de diastratia baixa) seja para provocar efeitos de ênfase em determinadas porções do texto. Em todos esses casos, o perfil prosódico próprio da unidade é realizado sempre na última unidade tonal, e as unidades que a precedem apresentam um perfil neutro, sem valor informacional. Essas unidades tonais são chamadas de *unidades de escansão*, marcadas com a sigla 'SCA'. As unidades de escansão sempre possuem composicionalidade sintática e semântica com a unidade subsequente, o que confirma como a composicionalidade tem como âmbito a unidade informacional.

Exemplo 3.48 – bpubcv01 (áudio ex-3.48)

*BRU: [164] **mas como é que faz separar** /=SCA= o plasma da plaqueta //COM=

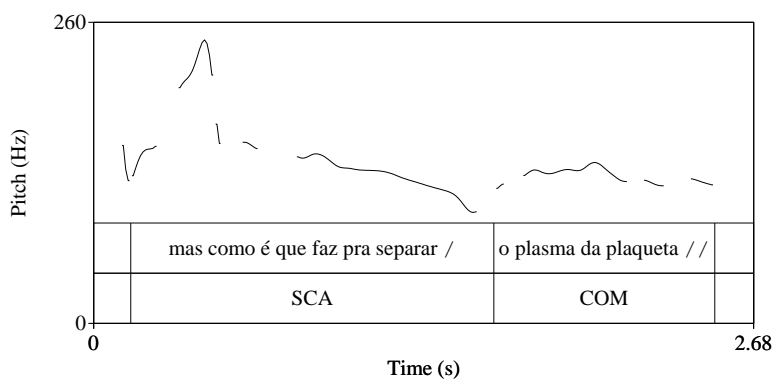


FIGURA 3.36 – Curso de f0 da Escansão de (3.48)

3.4.3.2. Comentários Múltiplos (CMM)

Os Comentários Múltiplos constituem uma sequência de dois Comentários (ou, raramente, mais de dois) que estabelecem uma relação padronizada retoricamente e possuem uma interpretação holística. Isso significa que, embora seja possível identificar o valor ilocucionário de cada unidade de Comentário, as ilocuções adquirem um sentido diferente ao serem realizadas em conjunto. Assim, uma sequência de Comentários Múltiplos não corresponde à soma dos valores ilocucionários dos Comentários que a compõem.

Os possíveis tipos de Comentários Múltiplos constituem, a princípio, uma lista em aberto e ainda falta um trabalho sistemático para reconhecer os já existentes. Todavia, os primeiros a serem identificados foram: *lista*, *comparação*, *pedido de confirmação* e *relação necessária*, exemplificados a seguir. Na relação necessária, é estabelecida uma relação de tipo lógico entre o primeiro e o segundo Comentário Múltiplo sem que, para isso, sejam necessários índices lexicais.

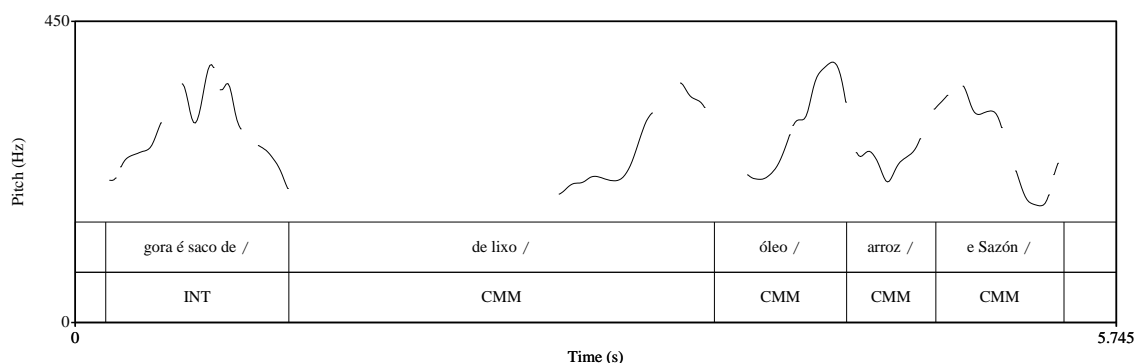


FIGURA 3.37 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de lista de (3.49)

Exemplo 3.49 – bfamd101 (áudio Ex-3.49)

*REN: [431] gora é saco de /=INT= **de lixo** /=CMM= **óleo** /=CMM= **arroz** /=CMM= **e Sazón** //CMM=

Exemplo 3.50 – bfamd103 (áudio ex-3.50)

*LAU: [132] uma é pra doutor /=CMM= e as outras são pra mestre //CMM=

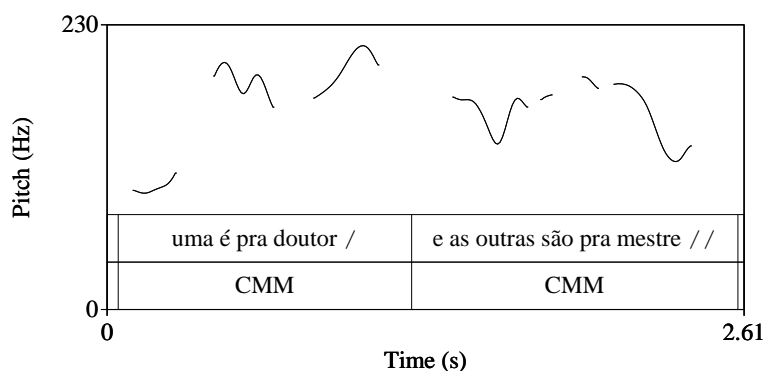


FIGURA 3.38 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de comparação de (3.50)

Exemplo 3.51 – bfamd105 (áudio ex-3.51)

*CES: [189] e' tá a venda /=CMM= nũ tá //CMM=

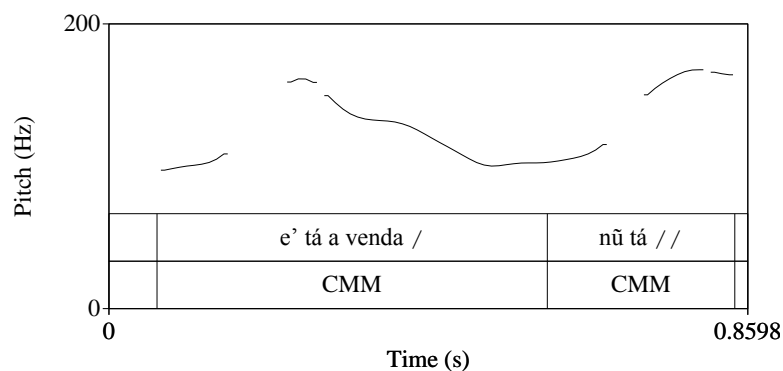


FIGURA 3.39 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de pedido de confirmação de (3.51)

Exemplo 3.52 – bpubcv01 (áudio Ex-3.52)

*MAR: [76] cê lavou /=CMM= já acabou //CMM=

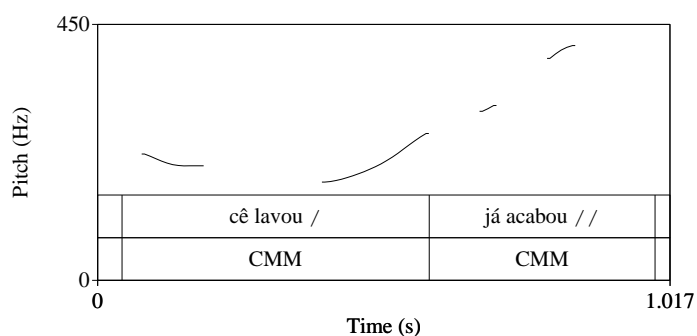


FIGURA 3.40 – Curso de f0 dos Comentários Múltiplos de relação necessária de (3.52)

3.4.3.3. Estrofes (COB)

A Estrofe é uma entidade formada não por uma única unidade ilocucionária, mas sim por uma sequência delas, ligadas umas às outras por um sinal prosódico de continuidade. Somente ao

final da estrofe é colocada uma quebra terminal, indicando que as unidades ilocucionárias que as compõem, chamadas de Comentários Ligados, não devem ser interpretadas em isolamento. As Estrofes representam o desenvolvimento falado de um pensamento que é elaborado concomitantemente à construção do texto oral e, por esse motivo, não correspondem a um único ato de fala ou a atos de fala padronizados. Segundo Cresti (2000), os Comentários Ligados possuem uma força ilocucionária mais fraca e homogênea (ou seja, são sempre da mesma classe ilocucionária) e são realizados processualmente, sem padronização prosódica, diferentemente dos Comentários Múltiplos.

Dentro de uma mesma Estrofe, podem surgir subpadrões envolvendo cada um de seus Comentários Ligados e outras unidades informacionais, frequentemente Tópicos e Parentéticos. Os subpadrões são comumente ligados entre si por unidades de Conector Discursivo.

As Estrofes podem ocorrer em qualquer tipo de texto, mas são comuns em tipologias com menor interatividade, como as situações monológicas, justamente por representarem o enfraquecimento da interação entre o falante e o seu interlocutor.

A seguir, serão apresentados dois exemplos de estrofes. Em (3.53), a primeira unidade de Comentário Ligado forma um subpadrão com o Parentético subsequente, que integra o seu texto. O segundo Comentário Ligado forma subpadrão com as unidades de Tópico e de Apêndice de Tópico que o precedem. Em (3.54), além dos subpadrões com Parentéticos e Apêndices de Tópicos, chamam a atenção o tamanho da unidade. Desconsiderando os *retractings* e levando em conta que as unidades de Escansão pertencem à unidade a elas subsequente, essa Estrofe possui 26 unidades. Nela, o grande número de *retractings* e de unidades de Tomada de Tempo evidenciam o caráter processual da Estrofe, em conjunto com os Fáticos, que mantêm aberto o canal comunicativo.

Exemplo 3.53 – bfamd103 (áudio ex-3.53)

*LUZ: [104] aqui o' /=CNT= **eu topei cum caminhão aqui** /=COB= o dia que eu vim sozinha /=PAR= ele /=TOP= fazendo a curva /=APT= subindo /=TOP= me &es [2]=EMP= **me espremeu ali** /=COB= **quase que eu caí na vala** //COM=

Exemplo 3.54 – bpubmn01 (áudio ex-3.54)

*SHE: [51] agora /=PHA= se eu for olhar tempo mesmo /=TOP= né /=PHA= *de* [1] =EMP= *de* [1]=EMP= *de sentar e escrever* /=APT= *aquilo* /=APT(1)= *pra dar aquela aula ideal* /=APT= *né* /=PHA= *aquela* [1]=EMP= *aquela aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é* &o [1]=SCA= *é tudo de bom* /=PAR= *né* /=PHA= **nũ tem** /=COB= *porque também eu acho que* /=SCA= &he /=TMT= &v [1]=EMP= **depende muito dos alunos de tar preparado** /=COB= *por exemplo* /=INT= **cê prepara aquela aula** /=COB= *maravilhosa* /=COB= *e acha que vai dar tudo certo* /=COB= **de repente ocê encontra lá o aluno** /=COB= *né* /=PHA= *que* /=INT= &he /=TMT= &he /=TMT= **nũ** [1]=EMP= **nũ** [1]=EMP= **foi pra escola** /=COB= **nũ**

almoçou /=COB= tá [/1]=EMP= tá com fome /=COB= ou brigou com o pai /=COB= ou aquelas questões todas familiares que vão influenciar //COM=

3.5. A independência entre as noções de ilocução e predicação

As seções anteriores desse capítulo procuraram expor a maneira pela qual a L-AcT concebe a estrutura informacional do enunciado. Em síntese, foi dito que o enunciado é a menor unidade linguística interpretável pragmaticamente e autônoma do ponto de vista prosódico, composta por pelo menos uma unidade ilocucionária (o Comentário) e eventualmente integrado por outras unidades textuais e dialógicas, as quais, de maneiras específicas, são usadas para garantir uma interpretação adequada da ilocução veiculada pelo Comentário. Também foi dito que a condição necessária para a realização de uma ilocução é a produção de um enunciado cuja unidade ilocucionária expresse a sua forma prosódica, em uma situação pragmaticamente apropriada. Desse modo, a L-AcT não vincula a realização de uma ilocução à presença de uma estrutura predicativa no enunciado, contrariamente a abordagens de matriz searliana. Esse é um ponto importante, haja vista a grande influência de Searle sobre uma parcela considerável dos trabalhos recentes sobre os atos de fala.

Moneglia (2015) argumenta a favor da independência entre as noções de ilocução e predicação de duas maneiras. Primeiramente, o autor nota que, em uma quantidade substancial de enunciados usados na comunicação cotidiana, não há (i) atribuição de qualidade ou temático a argumentos, (ii) a representação de um evento e (iii) uma estrutura predicativa. Ou seja, tratam-se de sequências linguísticas que não apresentam as condições necessárias para que se tenha uma predicação. Por esse motivo, não possuem a estrutura $F(p)$, em que F é um predicado performativo e p é uma proposição. Isso pode ser observado nos enunciados em destaque dos exemplos a seguir.

Exemplo 3.55 – bfamd122 (áudio ex-3.55_0, ex-3.55_1)

Situação: HHB, funcionária de um salão de beleza, chama uma colega.

*HHB: [199] <ô Héli^{da}> //

*JAN: [200] é //

*HHB: [201] que que cê tá fazendo //

*HEL: [202] tô trocando de roupa //

*HHB: [203] &na [1] desce aqui embaixo / <depois> //

Exemplo 3.56 – bfamev02 (áudio ex-3.56_0, ex-3.56_1)

Situação: Amigas conversam sobre os presentes de uma amiga que irá se casar em breve.

*JAE: [16] <ganhou / não> //

*TER: [17] <não> //

*JAE: [18] vai ganhar / <né> //

*TER: [19] <vai ganhar / mas> +

*JAE: [20] <ea nũ tem nada> na mão //

*TER: [21] **ô Jael** // [22] mas / gente velha / já prometeu o [1] os presente / <já / pode> garantir que ganhou //

*RUT: [23] <ah / é / uai> //

Exemplo 3.57 – bpubdl07 (áudio ex-3.57_0, ex-3.57_1)

Situação: Garçon serve convidadas em uma festa.

*JAD: [730] você //

*PTE: [731] não / brigada //

*JAD: [732] **a senhora** //

Exemplo 3.58 – bfamdl28 (áudio ex-3.58_0, ex-3.58_1)

Situação: ALV conversa com seu amigo REN sobre sua infância.

*REN: [62] eu nasci aqui / fui criado aqui em Belo Horizonte / mas minha infância /

*ALV: [63] **Perdões** //

*REN: [64] / era Perdões //

Exemplo 3.59 – bfamev07 (áudio ex-3.59_0, ex-3.59_1)

Situação: Um grupo de amigos conversa sobre o curta-metragem *Tapa na Pantera*. Ao perceber que TOM não conhecia o vídeo, LAU dá uma Instrução para que o amigo o busque na internet.

*BRU: [138] <aquilo é muito> bom //

*LAU: [139] <aquilo é muito bom> //

*TOM: [140] <o que é que é isso> //

*LIL: [141] é // [142] tem no YouTube também / a moça + [143] não / então / se ocê nũ viu eu nũ vou nem falar // [144] <mas que o> [1] <o Bruno te mostra> / depois //

*LAU: [145] <coloca lá> // [146] <"Tapa na Pantera"> // [147] "**Tapa na <Pantera>**" //

*LIL: [148] <"Tapa na Pantera" //

Apesar de não possuírem formas verbais, é inegável que essas sequências são interpretáveis em autonomia e que, em cada uma delas, o falante realiza uma ação sobre o interlocutor.

O próprio Searle reconhece que há manifestações linguísticas que não são realizadas pela fórmula $F(p)$. Algumas delas poderiam, segundo o autor, ser analisadas como estruturas de tipo $F(n)$, em que n seria uma expressão com referência. Sendo assim, nesses casos, o ato de fala corresponderia à aplicação de uma força ilocucionária a uma expressão que indica um referente, e não uma proposição. Uma explicação como essa conseguiria dar conta dos exemplos (3.55) a (3.59). Todavia, levantamentos em corpora de fala espontânea mostram que casos como esse não constituem fenômenos marginais nas interações verbais, mas sim eventos muito frequentes.

Para avaliar a importância de enunciados sem conteúdo proposicional para a comunicação cotidiana, observem-se as tabelas a seguir, que registram a quantidade de

enunciados sem verbo nos textos monológicos e dialógicos dos corpora do projeto C-ORAL-ROM e no C-ORAL-BRASIL.

TABELA 3.1
Enunciados simples e complexos com e sem verbo nos textos dialógicos
do C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM

| Dialógico (Diálogos + Conversações) | PB⁺ | PE* | IT* | ES* | FR* |
|-----------------------------------------------|-----------------------|------------|------------|------------|------------|
| Simple sem verbo | 23,8% | 30,1% | 33,0% | 33,3% | 26,9% |
| Simple com verbo | 36,3% | 20,1% | 18,6% | 24,5% | 42,3% |
| Complexo sem verbo | 5,7% | 11,9% | 11,9% | 11,9% | 11,9% |
| Complexo com verbo | 34,1% | 40,4% | 36,6% | 34,1% | 28,2% |

* Fonte: CRESTI, 2005, p. 229.

⁺ Fonte: RASO; MITTMANN, 2012, p.202.

TABELA 3.2
Enunciados simples e complexos com e sem verbo nos textos monológicos
do C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM

| Monológico | PB⁺ | PE* | IT* | ES* | FR* |
|--------------------|-----------------------|------------|------------|------------|------------|
| Simple sem verbo | 18,9% | 30,1% | 17,11% | 15,25% | 7,94% |
| Simple com verbo | 26,51% | 20,1% | 13,44% | 17,8% | 36,1% |
| Complexo sem verbo | 3,83% | 11,9% | 10,58% | 7,00% | 0,36% |
| Complexo com verbo | 51,38% | 49,53% | 58,87% | 60,57% | 55,54% |

* Fonte: CRESTI, 2005, p. 229.

⁺ Fonte: RASO; MITTMANN, 2012, p.202.

As TAB. 3.1 e 3.2 mostram que, nas línguas contempladas pelos corpora do projeto C-ORAL, os enunciados sem formas verbais correspondem a cerca de 30-40% do total de enunciados de textos dialógicos e a 20-30% de textos monológicos. Além desses enunciados, há outros dois tipos de ocorrências muito frequentes em PB que também não realizam predicação: (a) enunciados cujo verbo não ocupa a posição nuclear na estrutura sintática do Comentário – como no exemplo (3.60) – e (b) os enunciados cujo verbo é empregado como um substituto das expressões “sim” e “não” e, portanto, não possui função verbal – como em (3.61). A TAB. 3.3, a seguir, registra a frequência desses enunciados em um subcorpus de 20 textos do C-ORAL-BRASIL.

Exemplo 3.60 – bfamd103 (áudio ex-3.60_0, ex-3.60_1)

Contexto: LUZ e LAU fazem uma viagem de carro. LUZ dirige e LAU observa a paisagem.

*LAU: [196] mas nu é bonitim demais / chegar aqui //

*LUZ: [197] é //

Exemplo 3.61 – bfamd101 (áudio ex-3.61_0, ex-3.61_1)

Contexto: FLA e REN fazem compras em um supermercado.

*FLA: [176] cê nu quer comprar um trezinho que espirra pro seu banheiro não //

*REN: [177] **trenzim que espirra** //

*FLA: [178] é //

TABELA 3.3

Enunciados simples e complexos verbais e não verbais no subcorpus do C-ORAL-BRASIL

| Tipologia | Complexidade do enunciado | Verbal núcleo | Verbal não núcleo | Verbal sem função verbal | Não verbal | Total |
|--------------|---------------------------|---------------|-------------------|--------------------------|------------|--------|
| Conversações | Simple | 9,11% | 0,79% | 3,91% | 9,01% | 22,82% |
| | Complexos | 9,68% | 1,05% | 0,87% | 1,94% | 13,53% |
| Diálogos | Simple | 12,46% | 1,63% | 5,38% | 10,44% | 29,92% |
| | Complexos | 11,13% | 1,03% | 0,71% | 2,10% | 14,96% |
| Monólogos | Simple | 3,33% | 0,71% | 0,58% | 3,23% | 7,84% |
| | Complexos | 8,89% | 1,33% | 0,06% | 0,65% | 10,93% |
| Total | Total | 55% | 7% | 12% | 27% | 100% |

Fonte: RASO; MITTMANN, 2012.

Na tabela, lê-se que o total de enunciados que possuem núcleo verbal corresponde a 55% das ocorrências do subcorpus do C-ORAL-BRASIL. Os restantes 45% tratam-se de enunciados em que não há predicação em sentido estrito, dentre os quais encontram-se os enunciados com verbo em posição não nuclear (7%) e sem função verbal (12%). A centralidade de estruturas como essa para a fala espontânea já seria suficiente para mostrar como a realização de um ato de fala independe de uma estrutura predicativa – e como, por consequência, que uma análise dos mecanismos linguísticos relacionados à veiculação de um ato de fala não deva se fundar na análise dos elementos relacionados à predicação. Além disso, Moneglia (2015) chama a atenção para o fato de que muitos dos enunciados realizados sem estrutura predicativa veiculam ilocuções que sequer se associam a verbos performativos e que, por esse motivo, ferem o princípio de expressabilidade de Searle (1969). As ilocuções de Chamamento e de Reprovação, em (3.55) e (3.56), bem como outras ilocuções muito frequentes na comunicação cotidiana (cf. 6.2), são exemplos disso.

Moneglia também argumenta a favor da independência entre predicação e ilocução mostrando que a presença de uma estrutura predicativa em uma unidade tonal de um enunciado não garante que essa unidade veicule uma ilocução. De fato, não são raros os enunciados em que uma unidade não ilocucionária apresenta uma predicação, ao passo que a ilocução é realizada pela unidade posterior. Os exemplos a seguir ilustram essa situação.

Exemplo 3.62 – bfamcv01 (áudio *ex-3.62_0*, *ex-3.62_1*, *ex-3.62_3*)

Situação: GIL conversa com organizadores de um importante torneio de futebol a respeito do complexo esportivo São Vicente, local em que foi realizada a última edição do evento.

*GIL: [80] **quando eu descobri lá o São Vicente** /=TOP= eu adorei // =COM= eu achei aquele lugar lá incrível //

Exemplo 3.63 – bfammn02 (áudio *ex-3.63_0*, *ex-3.63_1*, *ex-3.63_2*, *ex-3.63_3*, *ex-3.63_4*)

Situação: DFL conta ao seu neto uma história de infância de um parente.

*DFL: [5] <o Laurinho> / <&s> [1] &he / sobrinho do João / ele estudou no / do Bueno Brandão //

*LUC: [6] <beleza> // [7] <hum hum> // [8] hum hum //

*DFL: [9] <aqui na> [1] na Savassi //

*LUC: [10] <sei> //

*DFL: [11] e então /=DCT= **tinha muito texto do tio Carlos** /=TOP= **então ele falava** /=INT= ah /=EXP_r= ele é tio da minha tia // =COM_r= [12] ele passou a ter o apelido de tio da minha tia hhh //

Em (3.62), o enunciado [20] (áudio *ex-3.62_1*) começa por uma unidade de Tópico oracional, seguida de dois Comentários Múltiplos. A simples presença da estrutura predicativa em Tópico não garante autonomia pragmática à unidade, como parece mostrar a sua oitava em isolamento (áudio *ex-3.62_2*). É somente a unidade seguinte que confere interpretabilidade pragmática ao enunciado, permitindo o reconhecimento da realização de uma ação (áudio *ex-3.62_3*). Já no exemplo (3.63), o enunciado [11] (áudio *ex-3.63_1*) começa por um enunciado com não somente uma unidade oracional sem valor ilocucionário, mas com duas delas. A primeira trata-se um Tópico (áudio *ex-3.63_2*), e a segunda é um Introdutor Locutivo (áudio *ex-3.63_3*). Também nesse enunciado, a presença de estruturas predicativas nas duas primeiras unidades não garante a realização de uma ilocução, o que ocorre somente na unidade de Comentário (áudio *ex-3.63_4*).

É evidente que, em muitos casos, a unidade informacional de Comentário efetivamente possui uma estrutura predicativa. Também é inegável que algumas ilocuições tendem a ser realizadas por enunciados que apresentam alguns elementos lexicais ou sintáticos associados a elas (como as Perguntas Parciais, que frequentemente – mas nem sempre – possuem um elemento QU-). Todavia, a frequência de exemplos como os que foram mostrados ao longo dessa seção é um forte indício de que a relação entre certos tipos ilocucionários e alguns elementos lexicais, sintáticos e semânticos é de natureza probabilística. Por outro lado, como

foi argumento nesse capítulo, a L-AcT entende que há uma relação necessária entre uma ilocução e o conjunto formado pela sua forma prosódica e o seu contexto de realização. Assim, a forma prosódica ilocucionária seria o elemento linguístico que permitiria explicar a relação entre todas as realizações de um tipo ilocucionário, independentemente da estrutura lexical e sintática do enunciado que o realiza.

3.6. Atitude

O termo ‘atitude’ vem sendo utilizado na literatura linguística para se referir a uma dimensão relacionada sobretudo às categorias de emoção e ilocução, mas também à de modalidade. Frequentemente, nota-se uma falta de preocupação na conceituação desses termos e na identificação dos domínios da comunicação aos quais eles pertencem. Há, contudo, propostas muito interessantes que tentam analisar os limites entre essas categorias e a maneira pela qual cada delas é expressa.

Scherer (2014) propõe uma classificação entre sete tipos de estados afetivos, dos quais fazem parte *atitude*, as *emoções utilitárias* e as *emoções estéticas*. A caracterização de cada uma deles é feita a partir de um conjunto de oito parâmetros, como a *duração*, a *intensidade* e o *impacto no comportamento* do indivíduo. Todo estado afetivo expressaria essas mesmas propriedades, mas em graus diferentes (muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto), como pode ser observado no QUADRO 3.6.

QUADRO 3.6

Propriedades dos diferentes tipos de fenômenos afetivos

| Type of affect | Design features | | | | | | | |
|-----------------------|--------------------|----------------------------|--------------------------------|------------------------|---------------------------|--------------------------|------------------|-----------------|
| | <i>Event focus</i> | <i>Intrinsic appraisal</i> | <i>Transactional appraisal</i> | <i>Synchronization</i> | <i>Rapidity of change</i> | <i>Behavioral impact</i> | <i>Intensity</i> | <i>Duration</i> |
| Preferences | VH | VH | M | VL | VL | M | L | M |
| Attitudes | VL | L | L | VL | L | L | M | H |
| Moods | L | M | L | L | M | H | M | H |
| Affect dispositions | VL | L | VL | VL | VL | L | L | VH |
| Interpersonal stances | H | L | L | L | VH | H | M | M |
| Aesthetic emotions | H | VH | L | M | H | L | L-M | L |
| Utilitarian emotions | VH | M | VH | VH | VH | VH | H | L |

Fonte: SCHERER, 2014, p. 214.

Na classificação de Scherer, as *attitudes* seriam crenças e predisposições relativamente estáveis com relação a objetos (ou a eventos e grupos específicos) e são formadas por um componente cognitivo (crenças a respeito do objeto), um componente afetivo e um componente comportamental (tendência estável de ação com relação ao objeto). O autor nota que as atitudes não necessariamente são desencadeadas por eventos particulares, mas podem se tornar mais evidentes quando o sujeito se depara com certos objetos ou pensa neles. Sendo assim, as atitudes se diferenciariam, por exemplo, das *emoções utilitárias* (como a raiva, o medo, a culpa, etc.) e das *emoções estéticas* (como o encanto). As emoções utilitárias são aquelas que possuem funções evolucionárias e permitem que o organismo se adapte rapidamente ao ambiente, produzindo respostas pertinentes. Diferentemente das atitudes, são fortemente relacionadas ao evento que as provoca, possuem duração curta, intensidade alta e tem um impacto comportamental muito alto. Já as *emoções estéticas* refletem, na terminologia de Kant, o “prazer desinteressado” por um objeto, tendo como o único motivo a fruição estética (SCHERER, 2014, p. 215). De acordo com o esquema de Scherer, as emoções estéticas possuem baixo impacto no comportamento do indivíduo, sendo esse um dos fatores que as diferenciam das emoções utilitárias. Além disso, as emoções estéticas são altamente focadas no evento que as desencadeiam (parâmetro *event focus*), contrariamente às atitudes, que, como dito anteriormente, não necessariamente estão ligadas a eventos particulares.

Outra perspectiva interessante para a compreensão da categoria de atitude é a de Moraes, Rilliard e colaboradores (MORAES; MIRANDA; RILLIARD, 2012; MORAES; RILLIARD, 2014). Os autores têm desenvolvido, em uma perspectiva multimodal, um estudo aprofundado sobre a interação entre pistas prosódicas e gestos faciais para a expressão e reconhecimento das *attitudes sociais* (atitudes com relação ao interlocutor, como sedução, hostilidade e polidez) e a *attitudes proposicionais* (atitude com relação ao que está sendo dito, como crença, desejo e esperança) (MORAES; MIRANDA; RILLIARD, 2012; MORAES; RILLIARD, 2014).

Valendo-se de uma série de testes de percepção, os autores mostram que os dois tipos de atitude são mais facilmente reconhecidos quando o sujeito é exposto contemporaneamente a informações visuais e auditivas. Quando se tem acesso a somente um tipo de informação, porém, o canal visual mostra-se mais significativo para a identificação da atitude social, enquanto o canal sonoro é mais significativo para a da atitude proposicional. Essas observações refletem o nível de alteração prosódica que cada tipo de atitude provoca nos enunciados. Como mostram os autores, as atitudes proposicionais produzem mudanças mais

expressivas no enunciado, chegando a alterar a sua configuração melódica básica. Por outro lado, as atitudes sociais provocam mudanças marginais, preservando o perfil da atitude neutra. Ainda, os autores analisam os gestos faciais usados na expressão de cada tipo de atitude, a partir do conceito de *unidades de ação* (*action units*, AU), ou seja, atividades musculares que produzem mudanças pontuais no rosto do falante. A partir da comparação das unidades de ação empregadas durante a produção do enunciado, os autores identificam gestos usados preferencialmente para as atitudes proposicionais e gestos usados prioritariamente para expressar atitudes sociais.

Em face das diferenças prosódicas entre as atitudes sociais e as atitudes proposicionais, Moraes (2011) propõe que elas sejam vistas como parte de sistemas prosódicos independentes: de um lado, as emoções e as atitudes sociais; de outro, as atitudes proposicionais e os atos de fala.

Mello e Raso (2011), que trabalham dentro da perspectiva da *Language into Act Theory*, definem atitude como um nível sócio-interacional convencionalizado em que o falante mostra o seu estado de espírito (*mood*) enquanto realiza uma ilocução. Enquanto a modalidade é, nos termos de Bally (1950), o *Modus* do *Dictum*, a atitude é o *Modus* do *Actum*, ou a maneira com que uma ilocução é realizada. Arrogância, gentileza, sedução, hostilidade, autoritarismo são exemplos de atitude, segundo os autores. Apesar de fundamentadas em tradições diferentes, parece haver uma correspondência, pelo menos parcial, entre o que Mello e Raso chamam de atitude e o que Moraes chama de atitude social.

Para compreender a relação entre ilocução e atitude, Mello e Raso (2011) valem-se do *teste da comutação*. Segundo esse teste, se dois elementos podem ocorrer concomitantemente, pertencem a categorias distintas. Se nunca são concomitantes, pertencem à mesma categoria. Cresti (2011) já usara o mesmo teste para mostrar que ilocução e modalidade são fenômenos distintos. Segundo Mello e Raso, é possível realizar uma ilocução de Ordem com atitude Arrogante ou com atitude Gentil. Uma ilocução de Pergunta Polar pode ser realizada com atitude Sedutora ou Impaciente. Pode-se fazer uma Asserção com atitude Tímida ou com atitude Autoritária. Na fala cotidiana, há diferentes combinações entre atitudes e ilocuições. Por outro lado, duas atitudes ou duas ilocuições não podem ser combinadas em um único enunciado: não é possível produzir uma ilocução que seja, contemporaneamente, uma Asserção e uma Pergunta Polar. Não se pode ter uma ilocução com atitude Arrogante e Gentil.

Mello e Raso também entendem que a atitude, assim como a ilocução, é veiculada por meio da prosódia. Todavia, os autores notam diferenças importantes no domínio prosódico

dessas categorias. Como foi argumentado ao longo da seção 3.2.1, as únicas variações prosódicas capazes de veicular ilocuções são aquelas que ocorrem exclusivamente no núcleo funcional da unidade informacional de Comentário. Com relação à atitude, Mello e Raso (2011) analisam um conjunto de enunciados produzidos em estúdio e mostram como as marcas prosódicas atitudinais se estendem por toda a unidade tonal.

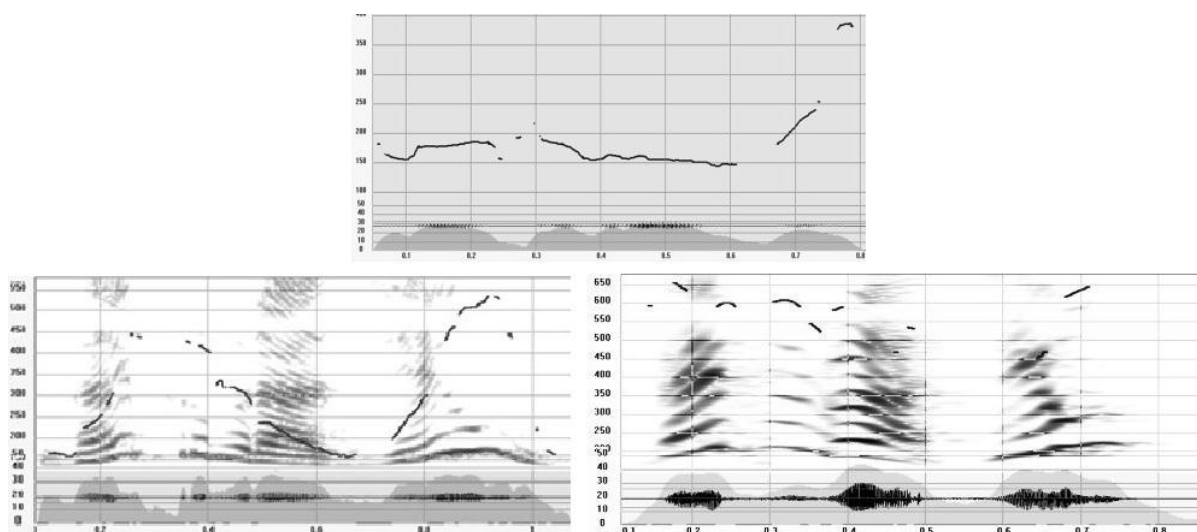


FIGURA 3.41 – Oscilograma, e curso de f_0 dos enunciados de Pergunta Total com atitude *não marcada* (ao centro), Pergunta Total com atitude Engajada (à esquerda) e Pergunta Total com atitude Irritada (à direita), com locução *Vem pro Brasil*

Fonte: MELLO; RASO, 2011.

Os enunciados usados pelos autores veiculam a ilocução de Pergunta Polar²⁵ e possuem o mesmo conteúdo locutivo (“vem pro Brasil”), mas exprimem atitudes diferentes: o primeiro é realizado com uma atitude percebida como *não marcada*²⁶ para a ilocução de Pergunta Polar, o segundo é realizado com atitude Engajada e o último expressa atitude Irritada. Como pode ser facilmente observado na FIG. 24, que mostra o curso de f_0 desses enunciados, as diferenças de atitude produzem diferenças prosódicas que se estendem por toda a unidade tonal em que elas se manifestam: a atitude Engajada corresponde a uma maior excursão de valores de f_0 do que a atitude *não marcada*, enquanto a atitude Irritada associa-se

²⁵ A ilocução de Pergunta Polar pode ser definida como “um pedido [realizado ao interlocutor] de consenso ou dissenso linguístico sobre um conteúdo cognitivo” (FIRENZUOLI, 2003, p. 99).

²⁶ O conceito de atitude *não marcada* (que, em alguns trabalhos aparece como atitude *prototípica* ou *neutra*) será discutido em 4.4. Em síntese, a posição defendida nesse trabalho é a de que toda ilocução se associa preferencialmente a alguma atitude, a qual passa a ser percebida como *não marcada* para essa ilocução. Ainda assim, deve-se considerar que, em primeiro lugar, todo enunciado expressa uma atitude, a qual possui marcas prosódicas. Em segundo lugar, não há argumentos para pressupor que uma atitude que é sentida como não marcada para uma ilocução seja a mesma atitude que é sentida como não marcada para outra ilocução. Sendo assim, não há uma atitude que seja percebida como *não marcada* para toda ilocução com a qual ela se associa.

a uma excursão ainda maior que a da atitude Engajada e maior intensidade. Comparando os exemplos, notam-se também diferenças nos valores de intensidade para cada atitude. Apesar disso, em linhas gerais, o perfil prosódico do núcleo da unidade de Comentário continua o mesmo: um movimento de f_0 ascendente localizado na última tônica.

A ideia de que tanto ilocuções quanto atitudes se manifestam por meio da prosódia já está presente na literatura linguística há muitos anos. Além disso, a quantidade de enunciados usados por Mello e Raso em seu trabalho e o tipo de análise prosódica empreendida por eles são limitados se comparados aos de outros estudos. Por outro lado, os autores têm os expressivos méritos de: (a) chamar a atenção para a grande sobreposição entre as categorias de ilocução, atitude e modalidade na tradição linguística, o que impede de concebê-las como fenômenos distintos, embora relacionados; (b) repropor esses conceitos de uma maneira que não se sobreponham, identificando, por procedimentos experimentais, a maneira pela qual cada um deles é expressa linguisticamente; (c) mostrar a relevância dessas categorias para a compreensão da fala espontânea em uma perspectiva pragmática e empírica.

O quadro proposto por Mello e Raso traz consequências importantes para o estudo de das categorias de ilocução e atitude. Essas consequências serão introduzidas e exploradas pela seção 4.4, que faz uma análise crítica da metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções, e pela seção 4.5, que apresenta a nova metodologia proposta por esse trabalho.

4. DISCUSSÃO E ELABORAÇÃO METODOLÓGICA

A presente seção tem como objetivos apresentar e problematizar a metodologia para o estudo de ilocuções desenvolvida pelo grupo LABLITA e, em seguida, propor uma metodologia. Antes, porém, faz-se necessária uma série de explicações que servirá como premissa à metodologia propriamente dita. Assim, em 4.1, serão apresentadas as características mínimas que um corpus deve possuir para que seja adequado ao estudo das ilocuções. Em 4.2, serão apresentados o corpus C-ORAL-BRASIL e os corpora C-ORAL-ROM, usados nessa pesquisa, evidenciando como satisfazem os pré-requisitos apontados anteriormente. A subseção 4.3 introduz e exemplifica os procedimentos metodológicos adotados pela metodologia LABLITA para identificar e descrever as ilocuções da fala espontânea. Em seguida, 4.4 analisa criticamente a metodologia, apontando seus méritos e também os motivos que nos levaram a propor uma nova versão. Por fim, 4.5 propõe ajustes na metodologia para superar as suas principais limitações.

4.1. Características de um corpus adequado ao estudo das ilocuções

Como premissa para o estudo das ilocuções presentes na fala, é preciso de um corpus de fala espontânea com arquitetura adequada. O exame de um corpus de fala espontânea é a maneira com que se consegue chegar mais próximo à observação direta das ilocuções em natureza e, conseqüentemente, garantir que as ilocuções efetivamente realizadas pelos falantes sejam capturadas pelo pesquisador. Essa abordagem se difere em muito da perspectiva tradicional dos estudos das ilocuções. Austin, por exemplo, afirma que se, por um lado, os performativos não são primitivos linguísticos, por outro lado eles são um bom guia para identificar as ilocuções de uma língua. Searle compartilha dessa visão, mas acredita que nem todo performativo indique ilocuções. Para o autor, uma rigorosa classificação dos tipos ilocucionários a partir de traços lógicos poderia ajudar a compreender quais verbos performativos exprimem ilocuções.

Há, no entanto, mais de um motivo para se preferir uma abordagem empírica ao problema. O primeiro deles é um fato elementar, mas nem por isso menos significativo: uma ilocução é um objeto que ocorre na natureza. Logo, para identificá-lo e descrevê-lo, convém observá-lo da forma mais direta possível. Um corpus de gravações de fala espontânea diafasicamente variado constitui a melhor forma de observar as realizações concretas de uma ilocução, pois conserva, além das informações lexicais e morfossintáticas do enunciado que realiza uma ilocução: (a) as propriedades prosódicas do enunciado que realiza uma ilocução; (b) uma grande quantidade de informações contextuais que são fundamentais para analisar

uma ilocução.²⁷ Nesse sentido, Moneglia lembra, em entrevista a Raso e Mittmann (2013), que o estudo de ilocuções aproxima-se de um estudo naturalístico.

Outro forte argumento a favor de uma abordagem empírica é o fato de que algumas ilocuções muito frequentes na fala não estão associadas a verbos performativos, como a ilocução de Dêixis, o Pedido de Repetição Total, os vários tipos de Chamamento, dentre outras. Conduzir um estudo fora de corpora de fala pode mascarar não só a existência dessas ilocuções, mas também a importância delas para o processo comunicativo.

Todavia, para se estudar as ilocuções efetivamente presentes na fala, não basta que o pesquisador disponha de um corpus de fala espontânea. O corpus utilizado deve possuir quatro características fundamentais: i. alta variação diafásica; ii. segmentação prosódica; iii. alta qualidade acústica; iv. alinhamento texto-som. A importância de cada item será explicada abaixo.

4.1.1. Alta variação diafásica

Variação diafásica significa variação em função da situação comunicativa em que ocorrem as interações verbais (BERRUTO, 1993). Se se tem por objetivo documentar a maior quantidade possível de ocorrências de um fenômeno específico, é desejável que se construa um corpus com uma variação diafásica muito restrita, privilegiando os contextos de ocorrência do fenômeno em questão. De um modo geral, é isso o que se busca na construção dos bancos de dados das pesquisas sociolinguísticas, compostos sobretudo por entrevistas com assuntos cuidadosamente estabelecidos pelo pesquisador.

Em contrapartida, se o objetivo de um corpus é o de contemplar a variação ilocucionária existente em uma língua, ele deve conter uma variação diafásica tão ampla quanto possível. A razão para isso é simples: cada tipo ilocucionário constitui um diferente tipo de ação desempenhado pelo falante sobre o seu interlocutor, e as pessoas tendem a realizar ações diferentes em contextos diferentes. Em entrevistas, é comum encontrar uma grande quantidade de ilocuções como Perguntas, Respostas e Asserções. Ilocuções como Ordens, Instruções, Reclamações e Advertências, por outro lado, são mais raras nesse tipo de situação comunicativa, apesar de poderem existir. Em contrapartida, essas últimas serão

²⁷ Naturalmente, a quantidade de informações contextuais que uma gravação em áudio consegue capturar é limitada com relação a um registro em vídeo e, nesse sentido, seria vantajoso que estudos sobre as ilocuções fossem conduzidos em corpora multimodais. Todavia, além do alto custo de produção de corpora multimodais, a presença de câmeras de vídeo limita em muito o tipo de situações comunicativas que pode ser registrado (principalmente, contextos em que os falantes não se movimentam muito). Por outro lado, uma gravação em áudio permite, em um número muito significativo de casos, que sejam reconstruídas as principais propriedades pragmático-cognitivas contextuais que têm se mostrado relevantes para descrever as ilocuções.

observadas com maior facilidade em, por exemplo, um jogo de futebol. É importante notar que o que está em jogo na variação diafásica não é o *assunto/tema/tópico* abordado nas interações verbais, mas sim o tipo de *situação comunicativa*: uma entrevista com o tema futebol tem, a princípio, ilocuções muito semelhantes a qualquer outra entrevista e muito diferentes de um jogo de futebol (ou qualquer outro esporte coletivo e extremamente dinâmico como esse).

Para argumentar a favor da alta variação diafásica, Moneglia (2011) mostra que o repertório de ilocuções documentadas pelo corpus LABLITA, que contem uma ampla gama de situações comunicativas, é expressivamente maior que o repertório observável em corpora com variação diafásica mais restrita.

Atualmente, existem poucos corpora com essa característica, seja por falta da percepção dos ganhos que a variação diafásica trás, seja por limitações técnicas dos equipamentos utilizados para as gravações e de dificuldades práticas para se registrar o áudio. A construção de um corpus com alta variação diafásica compreende o registro de situações comunicativas em que os participantes encontram-se ao ar livre e em movimento, ou em contextos que requerem um planejamento complexo para serem gravados. O importante British National Corpus (BNC) (BRITISH NATIONAL CORPUS, 2010), por exemplo, exibe, em sua seção oral, predominantemente conversas em ambiente familiar, realizadas no período em que os participantes faziam alguma refeição (MELLO, 2012).

4.1.2. Segmentação prosódica

A segunda característica fundamental de um corpus voltado para o estudo de ilocuções é a segmentação de seus enunciados de acordo com um critério prosódico. A discussão sobre qual deve ser a unidade mínima de análise da fala é grande e tem grande relevância para as discussões metodológicas concernentes à elaboração de um corpus. A nossa preferência por uma segmentação prosódica se dá por mais de um motivo. O primeiro deles é a percepção de que a divisão do fluxo da fala em enunciados se dá de acordo quebras prosódicas terminais e não terminais, e não com base em pausas ou em critérios sintáticos (cf. 3.1). Naturalmente, a sintaxe possui importantes funções na fala e a segmentação sintática pode, em muitos casos, coincidir com a segmentação prosódica, mas isso nem sempre ocorre. Por esse motivo, defendemos que a segmentação prosódica dos enunciados seja uma característica desejável para todos os corpora que desejem documentar a fala de maneira apropriada, além de necessária para o estudo de ilocuções.

Outro argumento para a segmentação prosódica é o de que, se se deseja estudar as ilocuções presentes em uma língua, convém que o corpus seja segmentado em unidades de valor ilocucionário e percebidas como prosodicamente autônomas. A princípio, poderia não haver relação entre esses fatos, uma série de estudos empíricos mostra que existe uma correspondência entre a realização de um enunciado (identificável com base em quebras prosódicas) e a realização de uma ilocução (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011; MONEGLIA; RASO, 2014; MELLO, 2014).

4.1.3. Alta qualidade acústica

Um corpus para o estudo das ilocuções deve ser composto por gravações de alta qualidade acústica (boa resposta dos microfones, pouco ruído de fundo e pouca sobreposição de vozes), permitindo uma clara visualização dos formantes do som e a computação da f_0 , para uma análise acústica acurada. Apesar das pesquisas empíricas sobre a prosódia dos atos de fala serem praticamente inexistentes até os dias de hoje, é grande o número de pesquisas experimentais que consideram que a realização de um ou outro ato de fala está relacionada determinados perfis prosódicos (COUPER-KUHLEN, 1986; HIRSCHBERG, 2004; MORAES; RILLIARD, 2014; MORAES, 2012). Mesmo abordagens mais tradicionais, que associam a realização da ilocução a índices lexicais e estruturas sintáticas (como o paradigma de Searle) reconhecem, em alguma medida, a relação entre prosódia e ilocução.

Em um corpus com grande variação diafásica, a qualidade acústica desejável pode ser obtida somente um equipamento de gravação sem fio de alta qualidade e com o manuseio correto do mesmo. Ainda assim, em função de propriedades intrínsecas a algumas situações comunicativas (como o ambiente em que é realizada e a quantidade de falantes que participam), é de se esperar que nem todas as gravações tenham qualidade máxima.

4.1.4. Alinhamento texto-som

O alinhamento texto-som é uma característica tão importante quanto as demais. O alinhamento é um processo ao qual são submetidas uma gravação e sua transcrição, em um *software* especializado. Como resultado final, o pesquisador pode consultar, simultaneamente e na mesma interface, a transcrição de uma gravação, o áudio correspondente e seus parâmetros acústicos e prosódicos. O alinhamento confere extrema agilidade à pesquisa em corpus, pois, para ouvir um enunciado qualquer de uma gravação, basta clicar sobre o mesmo, em sua transcrição.

A necessidade de que todos os textos de um corpus estejam devidamente alinhados advém do fato de que, em corpora não alinhados, o pesquisador tende a basear as suas pesquisas exclusivamente nas transcrições das gravações. Isso decorre das dificuldades de se encontrar partes muito específicas de áudio em arquivos – ou CDs e fitas K7 – que, muitas vezes, possuem mais de 1 hora de duração.²⁸ Analisando um texto a partir somente de sua transcrição, perde-se toda a riqueza de informações veiculadas exclusivamente pela prosódia, fundamentais para uma análise apropriada da fala – ou pior, o pesquisador se vê obrigado a imaginar como se deu a realização prosódica das sequências linguísticas, o que pode levá-lo a incontáveis erros de naturezas diversas. Por último, analisando somente a transcrição, o pesquisador fica à mercê de eventuais erros de interpretação e de atenção dos transcritores.

Anteriormente ao desenvolvimento de *softwares* para esse fim, era compreensível que os corpora não fossem alinhados, mas, no estado atual da arte, não hesitamos em afirmar que o alinhamento é um recurso imprescindível para a adequada fruição de um corpus de fala espontânea em todas as suas potencialidades.

4.1.5. *Corpora que possuem essas características*

Como foi visto, não são poucas as propriedades que um corpus deve possuir para que seja adequado ao estudo das ilocuções na fala espontânea. Efetivamente, os corpora dotados de todas essas características são poucos e muito recentes. Citamos os corpora do consórcio C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005), em suas quatro vertentes (Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol), o C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012a), de Português Brasileiro, e o Santa Barbara Corpus of Spoken American English (SBCSAE) (DU BOIS *et al.*, 2000-2005).²⁹

Cumprir lembrar que, naturalmente, cada tipo de estudo possui suas exigências e, por esse motivo, outros corpora podem ser utilizados para outras finalidades.

4.2. O corpus C-ORAL-BRASIL

O C-ORAL-BRASIL, corpus utilizado nessa pesquisa, atende a todas as exigências para o estudo das ilocuções. Desenvolvido por Tommaso Raso e Heliana Mello, da UFMG, o C-

²⁸ Em verdade, o que ocorre mais frequentemente é que o pesquisador deve encontrar um grande número de ocorrências em textos diferentes, dificultando mais ainda o seu trabalho. Assim, uma tarefa que poderia ser realizada em poucos minutos em um corpus alinhado torna-se, compreensivelmente, irrealizável em um corpus não alinhado.

²⁹ <<http://www.linguistics.ucsb.edu/research/sbcorpus.html>>.

ORAL-BRASIL visa documentar a fala espontânea brasileira, com enfoque na diatopia mineira, de Belo Horizonte.

O C-ORAL-BRASIL constitui a quinta ramificação do C-ORAL-ROM, corpus multilíngue e comparável de quatro das principais línguas românicas (Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol). Para garantir a comparabilidade com os corpora que integram o C-ORAL-ROM, o C-ORAL-BRASIL foi construído seguindo sua arquitetura, seus critérios de segmentação e seus critérios de transcrição. Os aspectos comuns a todos os corpora C-ORAL serão apresentados na subseção 4.2.1. Em seguida, em 4.2.2, serão mostradas as peculiaridades do C-ORAL-BRASIL.

4.2.1. *O corpus C-ORAL-ROM*

O C-ORAL-ROM é um corpus comparável de Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol, fruto de um consórcio homônimo, sediado na Universidade de Florença e financiado pela União Europeia. Publicado em 2005, serviu de base para numerosos estudos desenvolvidos no LABLITA (*Laboratorio Linguistico di Italianistica*, da Universidade de Florença), que se encontram disponíveis em sua página oficial.³⁰ O C-ORAL-ROM visa suprir a carência de corpora orais no panorama atual das línguas românicas, disponibilizando quatro corpora de cerca de 300.000 palavras cada. Ao total, o C-ORAL-ROM dispõe de 121:43:07 de gravações, distribuídas em 772 textos, com 1.427 informantes. Todos os textos do corpus são dotados de:

- a) um arquivo de som, em formato *wav*;
- b) um arquivo de transcrição, em formato *txt*;
- c) um arquivo de alinhamento texto-som, em formato *xml* e utilizável no *software WinPitch* (MARTIN, 2004);
- d) cabeçalhos das transcrições, com metadados da sessão e dos participantes (no C-ORAL-ROM, os cabeçalhos estão integrados às transcrições; no C-ORAL-BRASIL, em arquivos à parte).

Uma preocupação durante a elaboração da arquitetura do C-ORAL-ROM é a de que os seus corpora tivessem alto grau de comparabilidade. Há várias estratégias comumente utilizadas para se conseguir a comparabilidade de corpora orais, e cada estratégia garante um

³⁰ <www.lablita.dit.unifi.it>.

tipo de comparabilidade. Uma delas é formar corpora de textos lidos, em que os informantes devem ler um texto apropriadamente traduzido em sua língua. Outra possibilidade é a de formar um corpus cujas gravações retratam situações comunicativas em que atores devem desempenhar tarefas específicas (como *pedir uma informação a um desconhecido*), com certa liberdade de ação. Naturalmente, ambas as estratégias não se prestam à documentação da fala espontânea.

A estratégia adotada para a o C-ORAL-ROM consistiu em: i. fixar parâmetros que garantissem a maior representatividade da variação diafásica em todas as línguas (os mesmos parâmetros foram usados para todas as línguas) e ii. buscar a maior variação de situações comunicativas dentro de cada parâmetro. É, pois, uma comparabilidade com relação à variação diafásica e ao grau de espontaneidade das interações. Nessa perspectiva, a comparabilidade da variação diafásica pode ser expressa da seguinte forma: quanto mais variadas são as situações comunicativas que integram um corpus (e, conseqüentemente, quanto mais representativo ele é), mais comparável esse corpus é com relação aos demais.

Para orientar a estruturação dos corpora de modo a garantir comparabilidade, foram escolhidos alguns parâmetros que a tradição sociolinguística tem identificado como pertinentes para compreender a estruturação da fala (MONEGLIA, 2005). O primeiro deles é a oposição entre o registro *informal* e o *formal+mídia+telefone*. Essa oposição é representada no C-ORAL-ROM pela presença de uma seção para cada divisão.

Com relação à parte *formal+mídia+telefone*, a primeira subdivisão se dá entre interações em *contexto natural* (interações face a face), interações em *mídia* e interações *telefônicas* (humano-humano e humano-máquina). O contexto natural corresponde a 43% das gravações e possui textos de aproximadamente 3000 palavras dos principais domínios semânticos da fala formal: *aulas, conferências, discursos políticos, debate políticos*, interações em contextos *legais*, em contextos de *negócios* e em contextos *religiosos*. As interações em mídia correspondem a 40% das gravações, também com textos de aproximadamente 3000 palavras, divididos em *imprensa científica, entrevistas, esportes, meteorologia, notícias, reportagens* e *talk shows*. As interações telefônicas constituem 17% da parte formal do corpus, sendo que 60% delas são interações humano-humano e os restantes 40%, interações humano-máquina. Na seção telefônica, as gravações têm o limite máximo de 1500 palavras, mas não têm limite mínimo.

No registro informal, a primeira subdivisão é feita entre interações em ambiente *familiar/privado*, com 75% das gravações, e interações em ambiente *público*, com os restantes

25%. Essa diferença visa espelhar o fato de que a maior parte do tempo em que um indivíduo interage verbalmente ocorre justamente em ambiente familiar/privado (RASO, 2012b). No C-ORAL-ROM, tanto o ambiente *familiar/privado* quanto o *público* contém um terço de *monólogos*, um terço de *diálogos* e um terço de *conversações*.

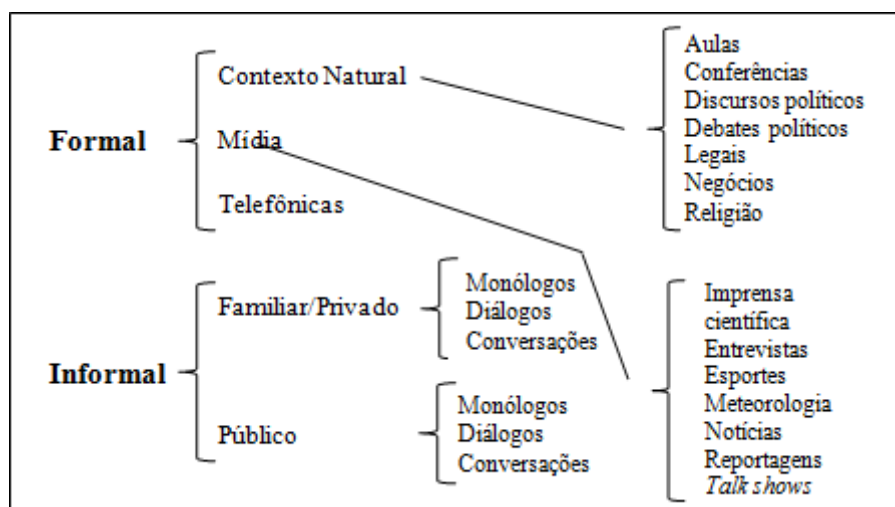
Nesse ponto, é necessário fazer duas observações a respeito da arquitetura da parte informal do corpus. A primeira delas se refere ao que se entende por *monólogos*, *diálogos* e *conversações*. Monólogos são as interações com participação predominante de um único indivíduo, o qual segue seu plano de ação, de modo que seu planejamento textual é pouco alterado em função de eventuais intervenções (verbais ou não) de outros participantes. Sendo assim, os monólogos não se limitam a situações em que uma pessoa fala com exclusividade. Além disso, deve-se considerar que, no registro informal, não existem monólogos perfeitos, mas sim situações que são predominantemente monológicas. Diálogos são situações marcadas pela interatividade entre dois indivíduos, cujos programas textuais são construídos juntos. Segundo esse critério, são considerados diálogos mesmo as situações em que um único indivíduo fala, mas reage continuamente a comportamentos não verbais do outro. Já as Conversações são diálogos com participação efetiva de três ou mais indivíduos. Naturalmente, a mesma interação entre um conjunto de indivíduos pode ter partes monológicas, dialógicas e conversacionais. Todavia, para os corpora, foram selecionadas porções mais uniformes desse ponto de vista e que apresentam autonomia textual.

A segunda observação é a de que a parte informal do corpus não é estruturada segundo os seus principais domínios de interação, contrariamente à parte formal (o contexto natural divide-se em *aulas*, *discursos políticos*, *negócios*, etc.; as gravações de mídia dividem-se em *talk shows*, *programas esportivos*, etc.). Isso ocorre porque se, por um lado, a tradição sociolinguística permite identificar os principais domínios das interações formais (BERRUTO, 1987; BIBER; CONRAD; REPPEN, 1998; BIBER; CONRAD, 2001; GADET, 1996a, 1996b, 1997, 2000; HALLIDAY, 1989; LABOV, 1966), os domínios das interações informais são tão diversificados e numerosos que é impossível criar uma lista fechada dos mesmos ou definir quais são os mais representativos. Por esse motivo, se se quer atingir representatividade da variação existente na fala informal, como é o objetivo do C-ORAL-ROM, é necessário deixar a lista dos domínios das interações informais em aberto, perseguindo a maior variedade possível de situações comunicativas.

A arquitetura dos corpora C-ORAL-ROM é representada pelo QUADRO 4.1, a seguir.

QUADRO 4.1

Arquitetura dos corpora C-ORAL-ROM



No que tange os aspectos teóricos e metodológicos relativos à concepção e compilação do C-ORAL-ROM, destaca-se a necessidade de representar de forma adequada o componente prosódico da fala. Para esse fim, utilizou-se como fundamentação teórica a *Language into Act Theory* (L-Act) (CRESTI, 2000), que define o enunciado como a menor sequência linguística dotada de interpretabilidade pragmática e prosódica, identificável por meio de quebras prosódicas terminais.

Sendo assim, procedeu-se a uma segmentação prosódica do corpus, marcando as quebras prosódicas terminais (//) e as quebras não terminais (/), que delimitam as divisões internas dos enunciados. As quebras terminais foram alternativamente anotadas como “?” e como “...” quando possuíam valor interrogativo e suspensivo, respectivamente. Além disso, foram anotados os *retractings* ([/], [//] e [///]), retrações de diferentes tipos, e os enunciados abandonados (+), que correspondem a sequências linguísticas que ocorrem quando o falante abandona o seu programa textual antes da conclusão do enunciado. Os textos foram transcritos com base no formato CHILDES-CLAN (MACWHINNEY, 2000), adaptado para a anotação prosódica (MONEGLIA; CRESTI, 1997).

4.2.2. Características do C-ORAL-BRASIL

Como já foi dito, o C-ORAL-BRASIL é a quinta ramificação do C-ORAL-ROM e representa o Português Brasileiro, com enfoque especial na diatopia mineira, de Belo Horizonte. Em 2012, foi publicada a seção *informal* do corpus (RASO; MELLO, 2012) e, atualmente, está em fase avançada de preparação a seção *formal*. A parte *informal* do C-ORAL-BRASIL

contém 208.130 palavras, em 139 textos de, em média, 1.500 palavras cada. Há poucos textos maiores, com cerca de 5000 palavras, e poucos textos menores, que, ainda assim, possuem autonomia textual. O contexto *familiar/privado* conta com 159.364 palavras e o *público*, com 48.766. Cada contexto é dividido em *monólogos*, *diálogos* e *conversações*, com aproximadamente o mesmo número de gravações para cada partição.

O C-ORAL-BRASIL também é segmentado prosodicamente em enunciados e unidades tonais. Todavia, diferentemente do C-ORAL-ROM, todas as quebras terminais foram anotadas com o mesmo símbolo (/). Essa é uma importante decisão metodológica que tem como objetivo colocar em evidência a propriedade compartilhada por todas as quebras terminais: indicar que uma sequência linguística é prosodicamente autônoma com relação à sequência subsequente. Dessa forma, a anotação do C-ORAL-BRASIL preserva de maneira mais clara a distinção básica entre (a) uma quebra prosódica produzida de maneira voluntária para concluir uma sequência linguística (quebra terminal) e (b) uma quebra prosódica voluntária que indica continuidade (quebra não terminal).

A decisão de anotar todas as quebras terminais com um único símbolo também visa separar o nível do **reconhecimento** de uma quebra terminal do nível do **juízo** que se faz sobre a função dessa quebra. De fato, as marcas adotadas pelo C-ORAL-ROM para identificar as quebras terminais parecem sugerir o tipo de ilocução veiculada pelo falante com o enunciado concluído por ela. Essa decisão tem mais de uma consequência negativa. Em primeiro lugar, reflete uma classificação ilocucionária baseada na modalidade de frase, incompatível com a classificação pragmática defendida pela própria L-AcT³¹. Outro problema é o de que muitos enunciados complexos (ou seja, formados por mais de uma unidade tonal) terminam por uma unidade informacional não ilocucionária, como os Alocutivos (cf. 3.4.2.3). Ao se colocar um símbolo como “?” para caracterizar a quebra terminal de um enunciado como esse, seria atribuído um valor à quebra que não diz respeito nem mesmo à unidade em que ela se encontra.

Com relação à transcrição, o C-ORAL-BRASIL adota um critério semiortográfico, que registra alguns fenômenos candidatos a lexicalização ou gramaticalização no Português Brasileiro. Todavia, a quantidade de fenômenos documentados pela transcrição do C-ORAL-

³¹ Na classificação da L-AcT, muitas ilocuições chamadas comumente de perguntas (Pergunta Polar, Pergunta Parcial e Pedido de Confirmação, dentre outras) são tipos ilocucionários da classe Diretiva. Ao se atribuir um símbolo específico para quebras terminais com “valor interrogativo”, atribui-se um estatuto diferenciado às perguntas com relação às demais ilocuições Diretivas, sem um motivo claro para isso. Esse é um problema grave considerando que os variados tipos de pergunta possuem perfis prosódicos muito diferentes entre si e que cada tipo de pergunta não está relacionado a uma estrutura sintática ou a um elemento lexical específicos.

BRASIL é maior do que a dos corpora do C-ORAL-ROM. Alguns dos fenômenos contemplados pela transcrição do C-ORAL-BRASIL são aférese, rotacismo, redução pronominal (*ela* > *ea*, *ele* > *e'*, etc.), perda da marcação de plural (*as menina*), dentre outros (MELLO *et al.*, 2012)³².

Os procedimentos metodológicos empreendidos na compilação da parte informal do C-ORAL-BRASIL foram, em síntese:

1. gravação de interações espontâneas em contexto natural, realizadas com equipamentos *wireless* de alta qualidade;
2. transcrição das gravações por transcritores *experts*, segundo os critérios estabelecidos por Moneglia e Cresti (1997) e adaptados para o Português Brasileiro por Mello e Raso (2009);
3. revisão das transcrições;
4. segunda revisão das transcrições;
5. terceira revisão e alinhamento texto-som, feito com o programa *WinPitch* (MARTIN, 2004);
6. etiquetagem léxico-morfossintática com o *parser Palavras* (BICK, 1998), integrado a um pré-processamento na linguagem *R* (BICK, 2012).
7. validação da segmentação prosódica e da transcrição (MELLO *et al.*, 2012).
8. etiquetagem informacional com base na *Language into Act Theory* de um subcorpus de 20 textos (mais de 30.000 palavras) por etiquetadores *experts*;
9. disponibilização *online* da plataforma DB-IPIC (PANUNZI; MITTMANN, 2014),³³ com:
 - a. um subcorpus do C-ORAL-BRASIL etiquetado informacionalmente, com 20 textos;
 - b. um subcorpus do C-ORAL-ROM Italiano etiquetado informacionalmente, comparável ao subcorpus brasileiro;
 - c. o corpus C-ORAL-ROM Italiano etiquetado informacionalmente.

³² Para uma descrição detalhada dos critérios de transcrição e segmentação do C-ORAL-BRASIL, veja-se Mello *et al.* (2012).

³³ A plataforma IPIC é um poderoso motor de buscas nas três coleções mencionadas utilizando uma grande variedade de filtros. Os filtros permitem que o pesquisador busque por unidades informacionais, padrões informacionais, classes de palavras, lemas e formas. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/ipic/>>.

A obtenção de uma ampla variação diafásica sempre foi um dos pilares dos corpora do C-ORAL-ROM. No C-ORAL-BRASIL, porém, esse objetivo recebeu uma atenção particular. O corpus contempla uma ampla gama de situações comunicativas, que compreende situações como uma aula de autoescola, uma situação em que *drag queens* se maquiam enquanto se preparam para um show, um jogo de futebol (em que os participantes da gravação são os jogadores), situações de compra e venda (em uma farmácia e em uma loja de calçados, dentre outras), uma situação em que colegas de faculdade ensinam a uma amiga como jogar um jogo de tabuleiro, etc. Muitas situações presentes no corpus foram gravadas em contextos em que os participantes se movimentam continuamente. Em uma gravação, duas amigas andam por um supermercado, decidindo o que comprar. Em outra, duas empregadas domésticas arrumam a cozinha e outras partes de uma casa. Outra gravação registra um corretor de imóveis e sua irmã, interessada em comprar um apartamento, enquanto visitam algumas obras.

O registro dessa ampla variedade de contextos comunicativos foi possível, em grande medida, pela alta qualidade do equipamento de gravação utilizado pela equipe do C-ORAL-BRASIL,³⁴ que permitia mobilidade aos participantes, sem abrir mão da qualidade acústica das gravações. Na maior parte das gravações, foram usados microfones de lapela omnidirecionais *wireless* EK100/SK100, conectados a um gravador de alta definição Marantz PMD660. Nos casos em que eram necessários mais de dois microfones, usava-se uma mesa de som Behringer intermediando a conexão entre eles e o gravador. Uma pequena quantidade de gravações foi feita com um microfone omnidirecional conectado diretamente ao gravador.

Apesar de que garantir um balanceamento na variação diastrática não fosse uma das diretivas do C-ORAL-BRASIL, ao final da compilação do corpus, observou-se que o mesmo apresentava um grande equilíbrio com relação à distribuição de gênero, idade e nível de escolarização em função do número de palavras de cada informante. Do total de informantes presentes no corpus, 203 são do sexo feminino e 159 são do sexo masculino. Com relação ao número de palavras, 50% foram pronunciadas por informantes homens e os outros 50% por informantes mulheres. Com relação à idade (TAB. 4.1), 27,1% das palavras foram pronunciadas por informantes da faixa etária A (entre 18 e 25 anos), 30,3% por informantes da faixa B (entre 25 e 40 anos) e 31% da faixa C (entre 41 e 60 anos). Quanto à escolaridade, a TAB. 4.2 mostra que o nível escolar médio-alto é o mais bem representado (faixas 2 e 3, com 41% e 40% das palavras, respectivamente), mas também estão representados os falantes com escolaridade baixa ou ausente (faixa 1, com 16% das palavras). Esses dados parecem indicar

³⁴ Para as especificações técnicas dos equipamentos usados nas gravações, veja-se Raso e Mello (2012b).

que a busca por uma ampla variação diafásica leva também a um equilíbrio dos fatores diastráticos. Por outro lado, não há motivos para se pensar que um equilíbrio de fatores diastráticos leve a uma grande variação diafásica.

TABELA 4.1

Idade dos falantes do C-ORAL-BRASIL

| Faixa etária | Percentual de palavras no corpus |
|------------------------|----------------------------------|
| M – menor de 18 anos | 1,6% |
| A – entre 18 e 25 anos | 27,1% |
| B – entre 26 e 40 anos | 30,3% |
| C – entre 41 e 60 anos | 31% |
| D – maior de 60 anos | 8,1% |
| X – idade desconhecida | 1,9% |

Fonte: RASO; MITTMANN, 2012.

TABELA 4.2

Escolaridade dos falantes do C-ORAL-BRASIL

| Faixa de escolaridade | Percentual de informantes |
|------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| 1 – sem escolarização ou escolarização até o nível primário incompleto | 16% |
| 2 – até o 3º grau completo, exercendo uma profissão que não requer o 3º grau | 41% |
| 3 – 3º grau completo, exercendo profissão que requer o 3º grau | 40% |
| X – escolaridade desconhecida | 3% |

Fonte: RASO; MITTMANN, 2012.

Essa seção e a anterior apresentaram os corpora C-ORAL-ROM e C-ORAL-BRASIL. A seção 4.3 vai apresentar a metodologia LABLITA para a identificação e a descrição de ilocuções.

4.3. Metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções

A metodologia para a descrição das ilocuções do grupo LABLITA foi desenvolvida ao longo dos últimos 30 anos, a partir de um extenso trabalho em corpora de fala espontânea. Firenzuoli (2003) apresenta resumidamente a metodologia e a aplica para o estudo de um número expressivo de ilocuções no Italiano, com dados do C-ORAL-ROM. Moneglia (2011) aprofunda alguns de seus aspectos principais.

Os procedimentos utilizados pelo grupo organizam-se entorno de dois objetivos centrais: i. identificação das ilocuções em corpus de fala espontânea e ii. descrição da forma prosódica das ilocuções.

Como se vê, a metodologia prevê que o trabalho de identificação dos tipos ilocucionários presentes em uma língua seja feito a partir do exame de registros em áudio de situações reais de fala. Nessa primeira análise, o pesquisador deve visitar continuamente o corpus procurando enunciados que possuam semelhança **pragmática** e **prosódica** e que aparentem, portanto, veicular a mesma ilocução. A análise pragmática, que será explicada na próxima seção, visa estabelecer se, do ponto de vista funcional, os enunciados são destinados a realizar o mesmo tipo de atividade, servindo-se, para isso, dos parâmetros pragmático-cognitivos indicados por Moneglia (2011). A análise prosódica tem como objetivo ver se dois enunciados expressam a mesma forma prosódica. Por abordarem duas faces distintas da ilocução (**função** e **forma prosódica**), essas análises são complementares.

Durante o exame do corpus, deve-se ter em mente que as formas prosódicas são entidades abstratas que, ao serem realizadas concretamente no enunciado, sofrem influência seja de fatores linguísticos (dimensão e estrutura acentual do conteúdo locutivo), seja de fatores extralinguísticos (características fisiológicas dos falantes). Conseqüentemente, o perfil prosódico de um enunciado não espelha a sua forma prosódica ilocucionária, mas sim a interação da forma prosódica com esses fatores. Assim, o exame dos perfis prosódicos dos exemplos de corpus permite que se façam somente observações muito gerais a respeito da forma prosódica das ilocuições estudadas (relativas, por exemplo, à quantidade e o tipo de movimentos de f_0), possibilitando a separação de exemplos com diferenças prosódicas muito marcadas.

O fato de que a análise prosódica dos exemplos de corpus não é suficiente para conseguir classificar as ilocuições em tipos ilocucionários coloca em evidência a importância da análise pragmática dos exemplos. De fato, enunciados prosodicamente semelhantes, mas com diferenças pragmático-cognitivas muito marcadas, devem ser tomados como exemplos de ilocuições diferentes. Essa afirmação ganha ainda mais peso considerando-se que mais de uma ilocução pode estar associada à mesma forma prosódica, de modo que elas sejam diferenciáveis somente pelas suas propriedades pragmático-cognitivas.

Por esse conjunto de fatores, a metodologia LABLITA entende que os enunciados a serem submetidos à análise prosódica fina para a descrição da forma prosódica ilocucionária não devam ser os exemplos de corpus. A solução proposta é a de que o pesquisador crie cenas fictícias, registradas em vídeo, para eliciar os enunciados que veiculem as ilocuições desejadas. A produção de enunciados em contextos de eliciação seria uma maneira para controlar os fatores linguísticos e extralinguísticos que incidem na realização prosódica de um

enunciado, permitindo que se tenha um acesso mais direto à forma prosódica ilocucionária. As cenas devem ser construídas a partir das propriedades pragmático-cognitivas associadas a cada ilocução, de modo a contextualizar a ilocução desejada e, ao mesmo tempo, restringir a possibilidade de ocorrência de outras ilocuições.

O esquema a seguir sintetiza os procedimentos previstos pela metodologia LABLITA. Esses procedimentos serão explicados e exemplificados ao longo dessa seção.

1. Identificação de ilocuições em corpus de fala espontânea;
2. Descrição pragmático-cognitiva das ilocuições;
3. Produção de cenas fictícias em vídeo que eliciem cada ilocução a partir dos parâmetros pragmático-cognitivos identificados;
4. Extração de uma *forma prosódica prototípica* para cada ilocução, a partir da cena de eliciação em vídeo;
5. Validação da forma prosódica prototípica de cada ilocução por meio de sua repetição, no contexto de eliciação, por diversos atores (*teste de repetição*);
6. Substituição da forma de uma ilocução no contexto de eliciação de outras ilocuições (*teste de substituição*);
7. Descrição da forma prosódica da ilocução em diferentes variantes acentuais.

4.3.1. Identificação das ilocuições em corpus

Na etapa de identificação das ilocuições em corpus, o pesquisador deve ouvir uma grande quantidade de seus textos, buscando enunciados que aparentam veicular a mesma ilocução. Os enunciados são, então, separados em grupos e a cada grupo é dado um nome provisório que representa aquela ilocução. Nessa primeira busca, o pesquisador deve classificar os exemplos com base em uma forte semelhança pragmática e uma compatibilidade prosódica geral entre eles. Desde já, é necessário que se escolha um grupo de ilocuições com as quais se deseja trabalhar, deixando as demais para estudos futuros.

A identificação de exemplos em corpus será ilustrada a partir da análise dos enunciados que se seguem, extraídos do C-ORAL-ROM Italiano.

Exemplo 4.1 – ifamcv27 (áudios ex-4.1_0 e ex-4.1_1)

Situação: VAL conversa com dois amigos enquanto esperam que um professor os receba. Giacomo olha para a lista com os horários de atendimento do professor e a retira da parede. VAL, então, o diz para recolocar a lista em seu lugar de origem.

*VAL: [299] <rimetti a posto> //

*POL: [300] <ma questa> + [301] questo è i' vecchio +

*VAL: [302] Giacomo / <rimett' a posto la lista> //

*VAL: [299] <coloca no lugar> //

*POL: [300] <mas essa> + [301] esse é o velho +

*VAL: [302] Giacomo / <coloca a lista no lugar> //

Exemplo 4.2 – innate02 (áudio Ex-4.2)

Situação: PAP, uma professora universitária, dá uma aula sobre Paolo Volponi, escritor italiano. Após concluir um assunto, a professora para de falar, esperando que os alunos façam alguma pergunta. A turma permanece em silêncio, bloqueando momentaneamente a situação comunicativa. PAP, então, incita os alunos a fazerem alguma pergunta com o enunciado [1].

*PAP: [1] **domande** //

*PAP: [1] *perguntas* //

Exemplo 4.3 – ipubdl03 (áudio ex-4.3_0, ex-4.3_1)

Situação: Dois amigos que não se veem há algum tempo conversam. SAB reclama longamente de uma terceira pessoa. Depois que o assunto termina, percebe que o amigo não toma iniciativa de começar contar alguma novidade, bloqueando momentaneamente a situação comunicativa. Com o objetivo de desbloquear a situação, SAB realiza o enunciado [106], incitando AGO a lhe dizer algo sobre a universidade.

*SAB: [99] anche stamattina / è venuto / voleva che pulissi tutto il giardino davanti //

*AGO: [100] con questo freddo //

*SAB: [101] sì / da' retta / oh // [102] 'un è mica + [103] Dio bòno // [104] xxx 'nsomma // [105] **I' università** //

*AGO: [106] mah / abbastanza bene //

*SAB: [99] *hoje de manhã também / ele veio / queria que eu limpasse toda a frente do jardim //*

*AGO: [100] *com esse frio //*

*SAB: [101] *sim / me deixa em paz / oh //* [102] *não é nem + [103] Deus bom //* [104] *xxx enfim //* [105] **a universidade** //

*AGO: [106] *ah / bem o bastante //*

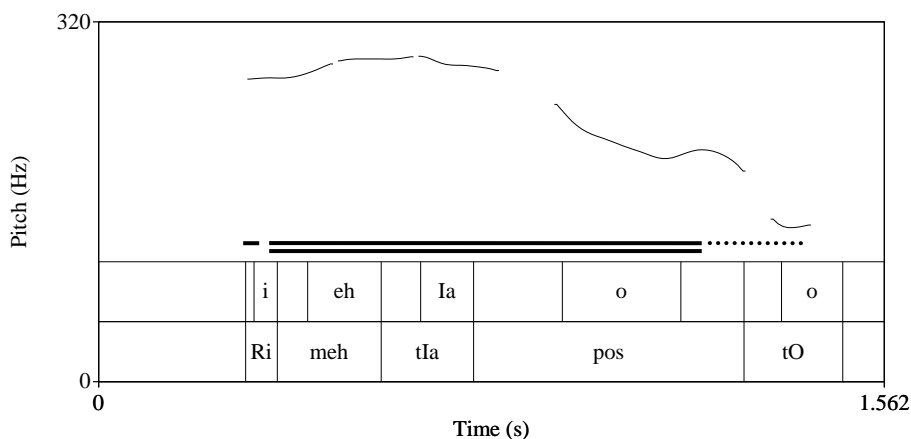


FIGURA 4.1 – Curso de f0 e divisão em fones de (4.1) – *rimetti a posto*

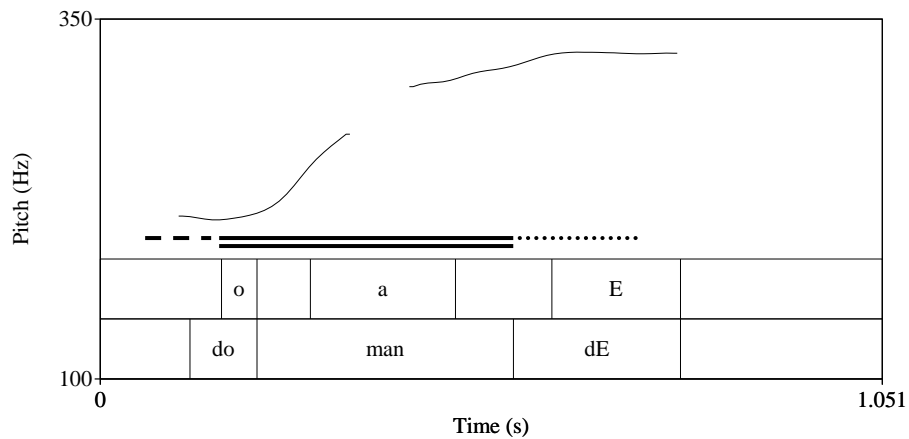


FIGURA 4.2 – Curso de f0 e divisão em fones de (4.2) – *domande*

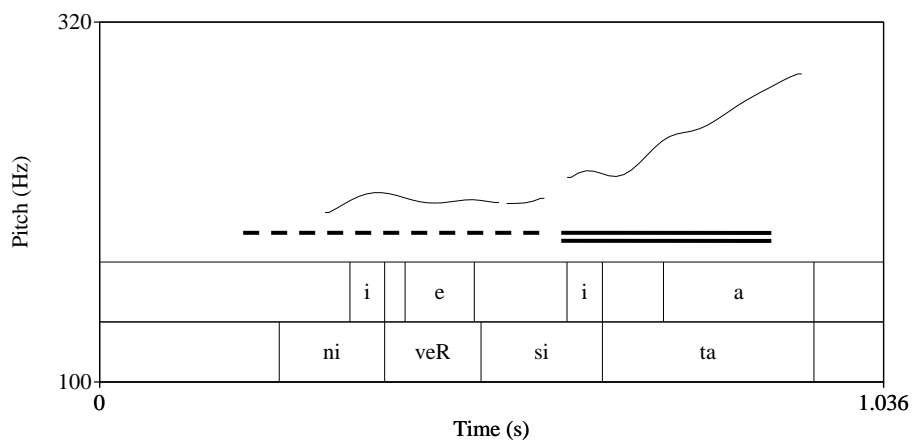


FIGURA 4.3 – Curso de f0 e divisão em fones de (4.3) – *l'università*

Nessas imagens, a porção destacada pela linha dupla corresponde ao núcleo da unidade informacional de Comentário, responsável por veicular a ilocução. Ouvindo somente o núcleo (áudios *ex-4.1_1_n*, *ex-4.2_n* e *ex-4.3_1_n*), tem-se a percepção de que a ilocução é realizada. As sílabas indicadas pelas linhas tracejadas e pontilhadas constituem porções de preparação e coda, respectivamente.

Comparando os exemplos, percebe-se que (4.2) e (4.3), registrados em contextos comunicativos bastante diferentes, retratam duas situações com uma grande semelhança pragmática: em ambos os casos, a ilocução em questão é realizada para que se tenha o *efeito de desbloquear a situação comunicativa*, induzindo o interlocutor a desempenhar uma ação cuja necessidade é evidenciada pelo contexto. Em (4.2), parece claro que os alunos deveriam fazer alguma pergunta sobre a matéria ensinada pela professora, estabelecendo uma dinâmica muito comum em aulas expositivas. Assim como os alunos não se manifestam, a situação se bloqueia momentaneamente e a professora profere o enunciado em destaque. Em (4.3), a ação

que o interlocutor deveria desempenhar seria a de dar continuidade à conversa introduzindo um novo tópico. Como o interlocutor não o faz por contra própria, mesmo após a falante lhe dar pistas de que já havia concluído o assunto, a situação se bloqueia temporariamente. Assim, a falante realiza o enunciado [105], induzindo o interlocutor a continuar a conversa falando sobre o assunto por ela escolhido. Do ponto de vista prosódico, há uma clara compatibilidade entre (4.2) e (4.3): em ambos os casos, a unidade de Comentário se inicia por uma porção de preparação com um movimento nivelado de f_0 , seguida pelo núcleo da unidade, com um movimento ascendente de f_0 em sua última tônica. Em (4.2), há ainda uma coda com movimento nivelado na postônica. Observada a compatibilidade prosódica e pragmática entre esses exemplos, podemos supor que se tratem da mesma ilocução, a qual chamaremos de Exortação (em Inglês, *Prompt*; em Italiano, *Sollecito*), em alusão à propriedade de exortar o interlocutor a realizar uma ação evidenciada pelo contexto para desbloquear a situação comunicativa³⁵.

O exemplo (4.1), por sua vez, apresenta uma configuração nuclear de movimentos de f_0 nivelado-descendente, precedida por uma preparação e sucedido por uma coda e, portanto, é expressivamente diferente de (4.2) e (4.3), do ponto de vista prosódico. Além disso, uma análise pragmática desse exemplo permite a observação de pelo menos uma diferença importante que o separa dos demais: enquanto (4.2) e (4.3) buscam alcançar o *efeito* de *desbloquear a situação comunicativa*, o enunciado (4.1) visa o *efeito* de produzir uma *mudança de mundo* por meio de uma ação do seu interlocutor. A mudança de mundo que SAB deseja que seja feita é a recolocação do cartaz na parede. Sendo assim, a ilocução de (4.1) pode ser chamada de Ordem (em Inglês, *Order*; em Italiano, *Ordine*), em alusão à propriedade de pedir uma mudança de mundo ao interlocutor.

Como foi visto, o parâmetro pragmático *efeito* permitiu a diferenciação das ilocuições em exame, que foram chamadas de *Exortação* e *Ordem*. Uma caracterização mais fina de cada uma delas pode ser feita a partir dos outros parâmetros pragmático-cognitivos apontados por Moneglia (2011) (cf. 3.2.2).

³⁵ Ainda sobre (4.2) e (4.3), é importante notar que as mesmas não se tratam de Perguntas Polares ou Perguntas Parciais. Com a Pergunta Polar, o objetivo do falante é o de pedir a consenso ou dissenso linguístico com relação a algum tópico. Já a Pergunta Parcial seria um pedido para que o interlocutor discorra sobre um determinado argumento, normalmente sinalizado por um elemento *Qu-*. Além da incompatibilidade prosódica entre esses dois tipos de pergunta e as ilocuições de (4.2) e (4.3) – assunto que não será abordado aqui por economia de espaço –, há importantes diferenças funcionais entre essas ilocuições. Insistimos que, tanto em (4.2) como em (4.3), as ilocuições são realizadas primariamente para desbloquear a situação fazendo com que o interlocutor desempenhe uma ação evidenciada pelo contexto. Para uma diferenciação prosódica entre as ilocuições de Pergunta Polar (*Domanda Totale*), Pergunta Parcial (*Domanda Parziale*) e Exortação (*Sollecito*), veja-se Firenzuoli (2003).

Nessa primeira fase, o pesquisador pode encontrar muitas dificuldades para a classificação dos exemplos. Muitas vezes não é claro se uma diferença pragmática observável entre dois enunciados é relevante o bastante para que se considere que eles veiculam ilocuções diferentes. Do ponto de vista prosódico, as primeiras análises permitem observações muito gerais, que possibilitam separar somente enunciados com propriedades prosódicas muito diferentes. Apesar da pesquisa empírica de ilocuções começar por esse passo, a identificação das ilocuções em corpus deve ser entendida como uma fase à qual o pesquisador retorna continuamente seja para buscar novos exemplos das ilocuções estudadas, seja para reexaminar os exemplos já encontrados. Esse trabalho é extremamente proveitoso, pois, à medida que o pesquisador conhece melhor uma ilocução, o seu olhar sobre o corpus muda. Retornando aos dados já analisados, o pesquisador torna-se capaz de encontrar explicações para exemplos que pareciam problemáticos e, não raramente, chega-se a reclassificar algum exemplo.

Quanto à nomenclatura das ilocuções, cumpre frisar um ponto de grande importância: o rótulo usado para designar um tipo de ilocução (Ordem, Exortação, etc.) deve ser entendido como um termo técnico usado para fazer referência às propriedades específicas daquele tipo ilocucionário. Nesse sentido, a palavra, enquanto termo técnico que designa uma ilocução, pode ter uma acepção muito diferente daquela que possui na linguagem comum ou em outros trabalhos acadêmicos. A palavra ‘ordem’, por exemplo, na linguagem comum, é frequentemente usada para indicar o ato de exigir uma ação de uma pessoa hierarquicamente inferior ou exigir uma ação de forma autoritária. Ainda na linguagem comum, a ‘ordem’ é frequentemente vista como um ato descortês. Nesse trabalho, por outro lado, o termo ‘Ordem’ foi escolhido para se referir a um tipo ilocucionário dotado de propriedades prosódicas e pragmáticas específicas, ainda que não tenha se chegado ainda a uma formalização definitiva dessas propriedades. Para a mesma ilocução, seria possível dar um nome diferente, como ‘Pedido’ ou ‘Exigência’, ‘Requisição’ ou qualquer outro, sem que fossem alteradas as propriedades comuns aos objetos por ele designados. Em outras palavras, deve-se sempre ter consciência de que o objeto da descrição linguística é **o tipo ilocucionário**, cuja realização concreta pode ser encontrada na natureza, e não alguma propriedade que é intuitivamente associada ao nome dado à ilocução.

Naturalmente, há uma tendência de se escolher os nomes das ilocuções baseando-se, de forma mais ou menos direta, na linguagem comum e na literatura linguística. Todavia, ao longo de todas as etapas de uma pesquisa, deve-se sempre:

- a) utilizar os rótulos de forma coerente com as propriedades associadas às ilocuções (ou seja, usar um rótulo para designar enunciados que apresentam as mesmas propriedades pragmáticas);
- b) não deixar-se influenciar pelo significado do rótulo na linguagem comum;
- c) não deixar-se influenciar pelo significado do rótulo em outros trabalhos científicos, quando esses rótulos não correspondem a uma descrição pragmática.

De forma paralela, ao se deparar com rótulos como ‘Ordem’, ‘Instrução’, ‘Exortação’ e outros usados nesse trabalho, deve-se tentar compreender quais são as **propriedades prosódicas e pragmático-cognitivas** às quais o termo faz referência, sem se deixar levar, de forma enganosa, por outras acepções dessas palavras.

Também é importante notar que, nessa pesquisa, o termo ‘pedido’ não é usado para designar uma ilocução, mas sim para indicar uma propriedade comum a todas as ilocuções da classe dos Diretivos. De fato, todos os Diretivos constituem algum tipo de pedido que o falante faz ao interlocutor, embora sejam muito diferentes entre si. Uma Dêixis, por exemplo, pode ser entendida como um pedido de mudança de foco atencional do interlocutor. Uma Pergunta Parcial seria um pedido de verbalização voltado ao interlocutor para que o mesmo forneça uma informação sobre um elemento especificado pelo conteúdo locutivo do enunciado. Uma Ordem pode ser descrita como um pedido de comportamento que o falante faz ao interlocutor para obter uma mudança de mundo específica.

Naturalmente, nada impede que o termo ‘pedido’ seja usado para designar uma ilocução. Todavia, para isso, seria necessário encontrar um grupo de enunciados que (a) apresentem as mesmas características prosódicas e propriedades pragmático-cognitivas e (b) **se diferenciem pragmaticamente das ilocuções já encontradas**. Ou seja, para sustentar a existência de uma nova ilocução, independentemente do nome dado a ela, é preciso encontrar uma forte motivação pragmática.

À medida que o pesquisador começa a explorar um corpus com significativa variedade diafásica, emerge em princípio uma grande quantidade de ilocuções diferentes entre si. Assim, como já mencionado, deve-se escolher um grupo de ilocuções sobre o qual trabalhar, deixando as outras para trabalhos futuros. Considerando que um dos objetivos desse tipo de pesquisa é fazer uma investigação contrastiva entre as ilocuções para compreender em que medida elas se aproximam ou se distanciam do ponto de vista pragmático e prosódico,

convém selecionar para o trabalho ilocuções que possuem algum grau de semelhança funcional e e/ou prosódica. Esse é um raciocínio análogo ao do linguista que faz a descrição fonêmica de uma língua desconhecida. A metodologia estruturalista prevê que o pesquisador encontre pares suspeitos, compostos por sons foneticamente semelhantes, e verifique se os elementos que o compõem estão associados a fonemas distintos ou são alofones do mesmo fonema (CRISTÓFARO SILVA, 1999). Para sons foneticamente muito distantes, supõe-se de antemão que se associem a fonemas diferentes.

Uma vez identificados exemplos de algumas ilocuções e feita uma descrição prosódica geral dessas ilocuções, deve-se passar à identificação dos parâmetros pragmáticos e cognitivos associados às mesmas. Esse assunto será abordado em 4.3.2, a seguir.

Para concluir essa seção, ressaltamos que a identificação das ilocuções em corpus a partir de um critério de base pragmática é um processo minucioso e ainda pouco explorado, o qual será retomado no capítulo 7. Além disso, toda a discussão relativa à identificação, nomeação e descrição dos tipos ilocucionários põe um problema interessante, expresso pela oposição entre (i) a facilidade do falante/pesquisador de uma língua em reconhecer naturalmente, no processo de comunicação, uma unidade ilocucionária e (ii) a dificuldade, por parte do mesmo falante/pesquisador, em atribuir rótulos e descrever as propriedades das unidades que naturalmente reconhece como ilocucionárias. De acordo com a nossa visão, isso ocorre porque o reconhecimento de uma ilocução na comunicação cotidiana é uma questão de competência, análoga aos julgamentos de gramaticalidade que qualquer falante consegue fazer a respeito das estruturas de sua língua. Por outro lado, a descrição das ilocuções (e de outros elementos linguísticos) envolve uma metodologia rigorosa e um olhar muitas vezes distante daquele do falante sem treinamento específico.

4.3.2. Descrição pragmático-cognitiva das ilocuções

A descrição dos parâmetros pragmáticos e cognitivos das ilocuções é um passo central da metodologia LABLITA. Por um lado, esses parâmetros exprimem regularidades que ajudam a compreender as diferenças entre ilocuções e classificar os exemplos de corpus. Por outro lado, permitem criar contextos de eliciação para cada ilocução, ou seja, situações fictícias que condicionam a realização de uma – e não outra – ilocução, constituindo um importante recurso metodológico usado na descrição das formas prosódicas ilocucionárias.

Quando se tem o objetivo de fazer uma caracterização pragmático-cognitiva de uma ilocução, corre-se o sério risco de superespecificar a descrição de um exemplo, uma vez que uma quantidade infindável de propriedades contextuais pode ser descrita em termos de

parâmetros pragmáticos ou cognitivos da ação ali realizada. O fato de um enunciado ter sido proferido de dia ou de noite, por exemplo, é um parâmetro pragmático. Entretanto, dificilmente essa característica exprime regularidades que ajudam a compreender as diferenças entre ilocuções ou eliciá-las. Sendo assim, o horário de realização da ilocução é um parâmetro sem utilidade para o estudo de ilocuções.

O grupo LABLITA (MONEGLIA, 2011) propõe uma lista com 9 parâmetros que têm se mostrado relevantes para descrever e eliciar ilocuções diversas: *canal de comunicação, horizonte atencional, foco atencional, relação entre falante e interlocutor, implicações de conhecimento, operabilidade, ativação afetiva; condição preparatória do falante e do interlocutor, linha de ação* (cf. QUADRO 3.3, na seção 3.2.2). Em função de variações nesses parâmetros, é possível compreender diferenças funcionais entre ilocuções existentes na língua. Não é certo que esses 9 parâmetros consigam caracterizar todas as ilocuções existentes em uma língua e, caso outro parâmetro se mostre necessário, essa lista pode ser acrescida. Todavia, para as ilocuções estudadas até então, os parâmetros já identificados têm se mostrado suficientes.

Para exemplificar a descrição pragmático-cognitiva das ilocuções, será feita uma comparação entre uma ilocução de Ordem – exemplo (4.1), agora chamado de (4.4) – e uma ilocução de Instrução – exemplo (4.5). O QUADRO 4.2, a seguir, mostra a descrição desses exemplos. Vale notar que a distinção entre essas ilocuções se dá com base na diferença de alguns dos parâmetros apontados por Moneglia (2011), mas não em todos eles.

Exemplo 4.4 – ifamcv27

Situação: VAL conversa com dois amigos enquanto esperam que um professor os receba. Giacomo olha para a lista com os horários de atendimento do professor e a retira da parede. VAL, então, o diz para recolocar a lista em seu lugar de origem.

*VAL: [299] <**rimetti a posto**> //

*POL: [300] <ma questa> + [301] questo è i' vecchio +

*VAL: [302] Giacomo / <rimett' a posto la lista> //

*VAL: [299] <**coloca de volta**> //

*POL: [300] <mas essa> + [301] esse é o velho +

*VAL: [302] Giacomo / <coloca a lista no lugar> //

Exemplo 4.5 – ifamcv09

Situação: NIC explica a um amigo o funcionamento de um jogo.

*NIC: [21] allo' / io metto / dei colori qua // [22] e metto questo qua //

[23] poi tu / **li devi indovinare** //

*NIC: [21] então / eu coloco / algumas cores aqui // [22] e coloco isso aqui //

[23] depois você / **tem que adivinhá-las** //

QUADRO 4.2

Descrição pragmático-cognitiva do exemplo de Ordem e de Instrução

| Parâmetro | Ordem | Instrução |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|
| Canal de comunicação | Aberto | Aberto |
| Atenção | Compartilhada | Compartilhada |
| Proxêmica | Interação direta | Interação direta |
| Propriedades intensionais do processo | Comportamental | Cognitiva |
| Efeitos | Mudança de mundo | Modificação nos conhecimentos |
| Modificações no interlocutor | Operativa | Cognitiva |
| Características perceptuais no objeto ontológico referido no contexto pragmático/cognitivo | Presente | Possibilidade de explorar o contexto |
| Condição preparatória do falante | Habilidade pragmática | Conhecimento |
| Condição preparatória do interlocutor | Possibilidade de intervir na situação | Necessidade de <i>know-how</i> |

Na linguagem comum, os termos ‘instrução’ e ‘ordem’ muito se assemelham. Todavia, são aqui usados para designar ilocuções muito diferentes entre si do ponto de vista pragmático-cognitivo. A Ordem é uma ilocução de tipo comportamental que tem como *efeito* uma *mudança de mundo* por meio de uma *modificação* de tipo *operativa* no interlocutor. Já Instrução é um processo cognitivo cujo *efeito* é uma *modificação nos conhecimentos* do interlocutor para que, com esse conhecimento, possa realizar uma ação futura. Enquanto com a Instrução não se exige nenhuma ação do interlocutor, com a Ordem, sim.

À medida que o pesquisador se depara com um número maior de exemplos da mesma ilocução, pode verificar quais são os valores mais frequentes para cada parâmetro e generalizar uma descrição da ilocução (e não de um exemplo individual). Nos casos em que há alguma divergência, é trabalho do pesquisador entender qual dos valores divergentes está mais comumente associado à ilocução e conseguir eliciá-la melhor.

4.3.3. Produção de cenas fictícias em vídeo que eliciem as ilocuções

Após identificar em corpus exemplos das ilocuções que se deseja estudar e fazer a descrição pragmático-cognitiva das mesmas, deve-se extrair a forma prosódica prototípica de cada ilocução. A forma prosódica prototípica é obtida a partir do exame de perfis prosódicos produzidos por atores em cenas fictícias, registradas em vídeo, que funcionam como contexto

de eliciação das ilocuções. Os perfis eliciados pelas cenas devem ser prosodicamente compatíveis com os perfis originais.

O roteiro de cada cena deve retratar a interação entre algumas pessoas (normalmente, duas) e, em um determinado momento, uma delas deve proferir um enunciado com a ilocução desejada. Os atores devem seguir rigorosamente o roteiro proposto, sem liberdade de improvisação, garantindo que os traços pragmáticos e cognitivos presentes no roteiro estejam presentes nas cenas. A ideia por trás desse procedimento é a de que, construindo as cenas a partir das propriedades pragmático-cognitivas de uma ilocução, consegue-se favorecer a ocorrência dessa ilocução e, ao mesmo tempo, restringir a possibilidade de ocorrência de outras. Por mais que as pessoas tenham sempre uma grande liberdade de ação, a presença de determinados fatores pode condicionar fortemente a ilocução realizada por uma pessoa. Isso será mostrado em breve, com a análise das cenas de Ordem e Instrução criadas pelo LABLITA.

Para controlar alguns dos fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar na realização do enunciado, é fundamental que, em primeiro lugar, o conteúdo locutivo do enunciado com as ilocuções estudadas seja idêntico em todos os vídeos. Dessa forma, consegue-se anular o efeito do contexto fônico que a realização de enunciados de tamanhos diferentes e/ou com estruturas acentuais diferentes poderia trazer. Em segundo lugar, é necessário que os enunciados sejam gravados pelo mesmo ator, para controlar a influência de fatores fisiológicos sobre realização prosódica do enunciado.

A construção de cenas que eliciem perfis compatíveis com os encontrados em corpus parece um procedimento demasiadamente simples, mas não o é. É possível que o perfil prosódico da ilocução produzida em uma cena seja sistematicamente diferente do perfil original, indicando que a cena elicia uma ilocução diferente da desejada. Situações como essas podem ocorrer seja porque a cena elaborada pelo pesquisador diverge em um ou mais pontos da descrição pragmático-cognitiva da ilocução, seja porque o pesquisador não fez uma boa descrição pragmático-cognitiva da ilocução estudada. Em ambos os casos, é necessário reexaminar os exemplos extraídos de corpus, ajustar a descrição pragmática e produzir novas cenas que, de fato, eliciem a ilocução.

Isso ocorreu durante a produção da cena da ilocução de Conclusão pelos membros do LABLITA. A cena (vídeo *LABLITA_conclusão*) reporta o diálogo entre um homem e uma perita criminal, que deve comparar duas impressões digitais. Ao final da cena, a perita diz “é Massimo”, concluindo que as duas impressões digitais pertencem à mesma pessoa. Nas

primeiras tentativas de se gravar a cena de Conclusão, o perfil prosódico obtido não correspondia àquele encontrado em corpus. Somente depois de uma análise minuciosa do contexto de produção dessa ilocução, percebeu-se que um parâmetro pragmático necessário à ilocução de Conclusão é o de que o falante esteja olhando para o objeto da Conclusão enquanto realiza o enunciado com essa ilocução. Em outras palavras, a ilocução de Conclusão é eliciada por situações em que o *foco atencional* do falante é o *objeto alvo da Conclusão*. Após esse parâmetro ter sido ajustado, a cena conseguiu eliciar uma ilocução com o mesmo perfil prosódico encontrado em corpus.

A seguir, serão apresentadas cenas produzidas no LABLITA para as ilocuições de Ordem e Instrução, as quais foram validadas no momento de sua produção, visto que conseguiram eliciar perfis prosódicos compatíveis com aqueles encontrados em corpus para as ilocuições propostas.

Na cena da ilocução de Ordem (vídeo *LABLITA_ordem*), uma senhora carrega uma caixa que obstrui sua visão e é guiada por um senhor, que indica aonde deve ir. Em um determinado momento, o senhor lhe dá a Ordem “gira a destra” (literalmente, “vire à direita”), para que a senhora vire à direita, evitando que bata na parede.

A cena de Instrução (vídeo *LABLITA_instrução*), por outro lado, se passa em um escritório de uma universidade. Durante o expediente, uma estudante entra na sala e pergunta a um funcionário se ele sabe lhe dizer onde será a prova de Latim. O funcionário lhe mostra um corredor e realiza uma Instrução para que a jovem siga por ele. O conteúdo locutivo é idêntico ao da cena de Ordem. Todavia, com a ilocução de Instrução, o falante deseja simplesmente transmitir uma informação ao interlocutor, para que o mesmo a utilize da forma que lhe convier, diferentemente da ilocução de Ordem, em que o falante incita o interlocutor a desempenhar uma ação para provocar uma determinada mudança de mundo especificada pelo conteúdo locutivo do enunciado.

Como mostra o QUADRO 4.2, a ilocução de Ordem tem como *efeito* produzir uma *mudança de mundo* por meio de um comportamento do interlocutor, provocando no interlocutor uma *mudança* de tipo *comportamental*. Essas propriedades não somente se adequam à cena produzida para a ilocução de Ordem, como também são motivadas pela mesma: o fato de que a caixa carregada pela senhora obstrui a sua visão, cria uma situação emergencial que motiva a realização dessa ilocução. Nessa situação, seria inadequada a produção de uma Instrução, que tem o *efeito* de *disponibilizar um conhecimento* ao interlocutor e causa uma *mudança* de tipo *cognitivo*. Por outro lado, a cena criada para a

Instrução motiva essa ilocução, por mostrar uma pessoa que tem necessidade de uma informação. Ao mesmo tempo, restringe a possibilidade de uma ilocução como a Ordem, visto que o falante não tem motivos para pedir uma *mudança de mundo* ao interlocutor.

4.3.4. Extração de uma forma prosódica prototípica para as ilocuções

A partir das cenas de Ordem e de Instrução, é possível deduzir a *forma prosódica prototípica* dessas ilocuções, ou seja, um modelo prosódico de cada ilocução. Para tanto, é necessário, em primeiro lugar, extrair o perfil prosódico dos enunciados realizados pelos atores em cada cena de eliciação. Como não dispomos do áudio do vídeo em Italiano em boa qualidade, esse procedimento será exemplificado com um enunciado do corpus C-ORAL-ROM Italiano, apontado por Firenzuoli (2003) como um exemplo de Ordem. O perfil prosódico original (áudio *ex-4.6_0*) encontra-se na FIG. 4.4, à esquerda. O perfil estilizado (*ex-4.6_1*) está à direita.

Exemplo 4.6 – Firenzuoli (2003) (áudios *ex-4.6_0*, *ex-4.6_1*)

*ABC: **brontolalo** //

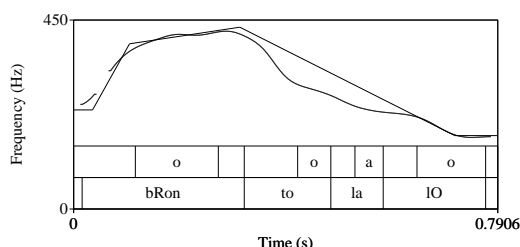


FIGURA 4.4 – Perfil prosódico de (4.6) (linha tracejada) e sua estilização (linha contínua) – *brontolalo*

Após a extração do perfil prosódico, o mesmo deve ser estilizado de modo a suavizá-lo ao máximo, sem que se perca a equivalência funcional com o perfil original. Ao final desse processo, o pesquisador dispõe de um perfil prosódico com uma quantidade mínima de movimentos de f_0 , mas que veiculam a mesma ilocução. Esse perfil estilizado representa a forma prosódica prototípica de uma ilocução. A forma prototípica da ilocução de Ordem é mostrada pela FIG. 4.4, à direita.

4.3.5. Validação da forma prosódica prototípica das ilocuções (teste de repetição)

A validação da forma prosódica prototípica de cada ilocução é feita pelo chamado *teste de repetição*. Nesse teste, alguns atores são expostos ao vídeo original e, em seguida, a uma versão do vídeo em que o enunciado com a ilocução em exame foi suprimido. Nessa ocasião,

devem dublar o enunciado eliminado, repetindo o perfil prosódico do vídeo original. Se os atores conseguem sistematicamente reproduzir o perfil prosódico desejado (ou seja, se o perfil prosódico acontece como uma função da cena), o mesmo é validado.

4.3.6. *Substituição da forma de uma ilocução no contexto de eliciação de outras ilocuições (teste de substituição)*

Em muitos casos, os perfis prototípicos de enunciados que veiculam duas ilocuições distintas são tão semelhantes que não se pode dizer aprioristicamente se as poucas diferenças observáveis entre eles expressam formas prosódicas diferentes ou se exprimem variações sem valor funcional da mesma forma prosódica. O *teste de substituição* foi elaborado para superar esse problema, permitindo compreender se ilocuições diferentes estão associadas à mesma forma prosódica.

O teste consiste na substituição do perfil prosódico produzido na cena de eliciação de uma ilocução pelo perfil produzido na cena de outra ilocução. Para testar as formas prosódicas de Ordem e Instrução, por exemplo, o perfil obtido na cena de Ordem deve ser substituído por aquele obtido na cena de Instrução e vice-versa.

A ideia por trás desse teste é a de que se, por um lado, uma cena bem construída dá origem sistematicamente a um perfil prosódico, por outro lado, um perfil prosódico deve funcionar somente em uma cena dotada das características pragmáticas e cognitivas apropriadas para ele. Logo, a inserção de um perfil prosódico em uma cena inapropriada deve causar inadequação.

Para ilustrar o teste de substituição, serão mostrados os vídeos usados para a instrução de Ordem e de Instrução. Na cena produzida para a ilocução de Ordem (vídeo *LABLITA_ordem*), foi inserido o enunciado com o perfil da ilocução de Instrução (vídeo *LABLITA_ordem_com_instrução*). Na cena produzida para a Instrução (vídeo *LABLITA_instrução*), foi inserida a Ordem (vídeo *LABLITA_instrução_com_ordem*). Em um teste informal de percepção realizado no LABLITA, concluiu-se que a substituição causa uma forte inadequação.

4.3.7. *Descrição da forma prosódica*

Uma vez que o pesquisador passa por todas as etapas anteriores, pode passar à descrição das formas prosódicas encontradas. Firenzuoli (2003) descreve as formas prosódicas do Italiano a partir dos parâmetros movimentos de f_0 , frequência (de ataque, média e mínima), duração (das sílabas e das vogais), intensidade e alinhamento da estrutura silábica aos movimentos de f_0 . A

descrição da forma prosódica de Ordem e da forma prosódica de Instrução de Firenzuoli (2003) com relação aos parâmetros que se mostraram relevantes é resumida pelo quadro a seguir.

QUADRO 4.3

Forma prosódica de Ordem e forma prosódica de Instrução de Firenzuoli (2003)

| Parâmetro | Ordem | Instrução |
|------------------|----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| Config. de f0 | ascendente-descendente [1A] ³⁶ | ascendente-descendente-descendente [1A][D] |
| Alinhamento | configuração à esquerda na primeira tônica, que não é alongada | configuração espalhada por toda a unidade, com alongamento da tônica final |
| Duração silábica | 100-200ms | 100-300ms |
| Excursão de f0 | 150-250Hz (H); 100-450Hz (M) | 80-150Hz (H); 150-300Hz (M) |

A FIG. 4.5, a seguir, reporta a sobreposição dos perfis produzidos nas cenas de eliciação de Ordem e Instrução do LABLITA e também foram usados de base para essa descrição. Firenzuoli (2003) nota que a subida de f0 ao fim dos enunciados não é significativa.

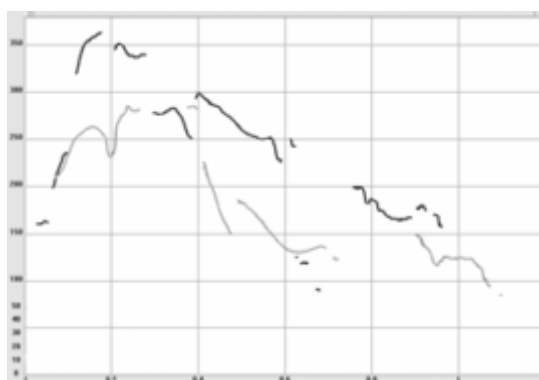


FIGURA 4.5 – Sobreposição do perfil de f0 das ilocuções de Instrução (cinza) e Ordem (preto) – *gira a destra* (“vire à direita”)

Fonte: MONEGLIA, 2011, p.501.

4.4. Análise crítica da metodologia LABLITA³⁷

A metodologia LABLITA constitui uma abordagem inovadora para o estudo de ilocuções por aliar uma fase empírica de identificação das ilocuções em corpus a uma fase experimental para descrição de suas formas prosódicas. A fase empírica conta com uma análise pragmático-cognitiva que considera um pequeno número de fatores para explicar as diferenças entre as

³⁶ A autora usa os símbolos [1A] e [D], de ‘t Hart *et al.* (1990) para caracterizar a configuração de f0 das ilocuções.

³⁷ Essa seção segue a linha argumentativa elaborada por Raso e Rocha (2015) como preparação para essa tese.

ilocuções. Esse procedimento permite discriminar, dentre todas as propriedades contextuais que caracterizam um evento de fala, quais são aquelas pertinentes para compreender em que medida as ilocuções se diferenciam. Além disso, o trabalho em corpus permite que o pesquisador identifique um número significativo de ilocuções que não poderiam nem mesmo ser concebidas a partir de um critério lógico-lexical como o de Searle (1979), como as ilocuções que não se associam a um verbo performativo (Dêixis, Chamamento, Cumprimento e outras). Outro grande mérito do trabalho empírico é o de garantir que o pesquisador observe diretamente os perfis efetivamente usados pelos falantes na comunicação cotidiana.

A fase experimental da metodologia também é de grande relevância. A criação de cenas de eliciação para cada ilocução permite que se controlem os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar na realização prosódica do enunciado. Além disso – e aqui está o seu caráter mais inovador –, as cenas garantem (a) que os perfis analisados correspondam, de fato, àqueles das ilocuções que se deseja estudar e (b) que o pesquisador saiba com precisão qual é a função que esses perfis cumprem na comunicação. Sendo assim, evita-se que se descrevam perfis que existem em uma língua, mas que não se sabe ao certo como são usados pelos falantes ou perfis que não tenham valor paradigmático. Por esse motivo, a metodologia defende que o trabalho de eliciação dos perfis prosódicos seja indissociável do trabalho de coleta e análise pragmática dos exemplos de corpus.

Apesar de seus expressivos méritos, a metodologia lida com a categoria de *atitude* de uma forma que acreditamos ser insuficiente, comprometendo os resultados a que pretende chegar. Como premissa para essa discussão, chamamos a atenção para o fato de que a metodologia foi elaborada anteriormente ao trabalho de Mello e Raso (2011) que formula o conceito de *atitude* como a maneira pela qual a ação é realizada, expressa prosodicamente em toda a unidade tonal.

Uma interpretação dessa definição é a de que toda ilocução é veiculada com alguma atitude e, conseqüentemente, todo enunciado carrega marcas prosódicas ilocucionárias e atitudinais. Sendo assim, não seria possível falar de enunciados *com atitude* em contraposição a enunciados *sem atitude*, ou enunciados com atitude *não marcada*, no sentido de não possuírem marcas prosódicas atitudinais.³⁸

³⁸ Nesse sentido, a *atitude* tem um estatuto muito diferente do da *emoção*, que também é expressa pela prosódia, embora de maneira não convencionalizada. Segundo Scherer (2014), “a emoção é um episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas no estado de todos ou da maior parte dos cinco subsistemas do organismo (...), em resposta à avaliação de que um estímulo interno ou externo é relevante para as principais preocupações do organismo”. De acordo com essa definição, é possível pensar que existam enunciados *sem emoção* (produzidos com o organismo em seu estado normal) e enunciados com *emoção* (produzidos com o organismo perturbado).

Todavia, essa perspectiva não impede de se considerar que uma ilocução se associe preferencialmente a uma atitude em particular, de modo que essa atitude seja percebida como *neutra, não marcada* ou *prototípica* pelos falantes da língua, desde que se considere que essa atitude **é sempre expressa prosodicamente**. De fato, é de se esperar que a ilocução de Ordem se associe mais prototipicamente a uma atitude mais “impositiva” que a ilocução de Pergunta Polar, que possivelmente se associa mais prototipicamente a uma atitude mais “polida”.

Nesse ponto, lembramos que a forma prosódica ilocucionária, enquanto uma configuração de parâmetros prosódicos associada a um tipo ilocucionário, é uma entidade abstrata que, ao ser expressa concretamente no enunciado, sofre necessariamente interferência de fatores linguísticos (tamanho e estrutura acentual do enunciado) e extralinguísticos (fatores fisiológicos como sexo, idade, idiossincrasias do falante, etc.). Uma metodologia para o estudo de ilocuições deve ter a preocupação de controlar esses fatores para evitar que alguma propriedade prosódica devida a eles seja vista como parte da forma prosódica ilocucionária. A esse conjunto de fatores, acrescentamos a *atitude*, como um elemento convencionalizado (portanto, um elemento linguístico) que influi sistematicamente na realização prosódica do enunciado e que, por esse motivo, deve ser controlado. Todavia, assim como cada ilocução pode se associar mais prototipicamente a atitudes diferentes, sustentamos que **o fator *atitude* não pode ser controlado simplesmente analisando enunciados que veiculam uma ilocução com uma atitude percebida como não marcada** pelos falantes da língua.

Os principais trabalhos que explicam a metodologia LABLITA (FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011) não mencionam a categoria *atitude* em suas descrições. Todavia, ao usarem o termo “forma prosódica prototípica”, parecem assumir que a forma prosódica prototípica é aquela realizada com a atitude que mais prototipicamente se associa àquela ilocução. Desse modo, ao comparar formas prosódicas prototípicas de ilocuições diferentes, o fator *atitude* não está sendo controlado de forma adequada.

A nosso ver, o fato de a metodologia LABLITA não controlar a variável *atitude* não só a impede de distinguir as propriedades ilocucionárias daquelas atitudinais em um enunciado, mas também invalida o *teste de substituição* da forma com que ele foi originalmente proposto. Conforme explicado em 4.3.6, esse teste é feito para verificar se duas ilocuições compartilham a mesma forma prosódica ou se possuem formas diferentes. Ele consiste na troca do enunciado obtido na cena de eliciação de uma ilocução pelo enunciado obtido na cena de outra ilocução. Se a substituição é vista como inadequada por falantes nativos, significa que a forma prosódica das ilocuições é diferente. A explicação para isso seria a de que quaisquer

variações prosódicas significativas entre os perfis prosódicos eliciados por cenas diferentes refletiriam formas prosódicas ilocucionárias diferentes, visto que, nas cenas, os perfis são produzidos sempre pelo mesmo falante e possuem sempre o mesmo conteúdo locutivo.

Ao estudar as ilocuções de Ordem e Instrução, Firenzuoli (2003) conclui, por meio do teste de substituição, que elas possuem formas prosódicas diferentes. Moneglia (2011) justifica o resultado do teste por meio de uma imagem da FIG. 4.6 (anteriormente apresentada como FIG. 4.5) em que mostra a sobreposição dos perfis prosódicos obtidos para essas ilocuções.

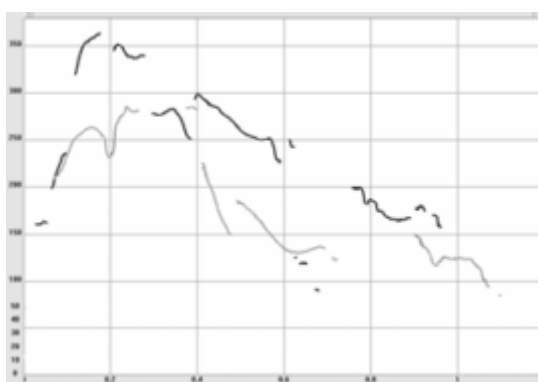


FIGURA 4.6 – Sobreposição do perfil de f0 das ilocuções de Instrução (cinza) e Ordem (preto) – *gira a destra* (“vire à direita”)

Fonte: MONEGLIA, 2011, p.501

De fato, as diferenças entre os perfis de Ordem e de Instrução eliciados pelas cenas de Firenzuoli (2003) são evidentes. Todavia, sustentamos que elas possam se dever não necessariamente a questões de ordem ilocucionária, mas também – ou simplesmente – ao fato de os enunciados expressarem atitudes diferentes, visto que a última categoria também se exprime por marcas prosódicas nos enunciados.

Essa reflexão se originou a partir da tentativa de Rocha e Raso (2014) de replicar os resultados de Firenzuoli com dados do Português Brasileiro. Para tanto, foram produzidas cenas de eliciação de Ordem e Instrução (vídeo *pb_ordem*, *pb_instrução*) e foi conduzido, com um número reduzido de sujeitos, um teste de substituição em caráter preliminar (vídeo *pb_ordem_com_instrução*, *pb_instrução_com_ordem*). Cada cena foi elaborada a partir dos parâmetros de eliciação apontados pelo grupo LABLITA para as ilocuções de Ordem e Instrução (QUADRO 4.4, a seguir). Na cena de Ordem criada pelos autores, um homem recebe um amigo que chega de carro em seu prédio e guia até o local onde deve parar o carro. Em um ponto, o homem dá a Ordem “vira à direita”, para que o amigo coloque o carro na

vaga correta (vídeo *pb_ordem*). Na cena de Instrução, um homem está na garagem de seu prédio e é chamado por uma mulher que, de dentro de um carro, lhe pergunta onde é a vaga para visitantes. O homem aponta o corredor ao fundo e profere a instrução “vira à direita” (vídeo *pb_instrução*). No teste de substituição realizado por Rocha e Raso, os sujeitos afirmaram que o perfil produzido na cena de Ordem é incompatível com a cena de Instrução, mas, diferentemente do esperado, o perfil produzido na cena de Instrução era compatível com a cena de Ordem.

QUADRO 4.4
Parâmetros de eliciação das ilocuções de Ordem e Instrução

| Parâmetro | Ordem | Instrução |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|
| Canal de comunicação | Aberto | Aberto |
| Atenção | Compartilhada | Compartilhada |
| Proxêmica | Interação direta | Interação direta |
| Propriedades intensionais do processo | Comportamental | Cognitiva |
| Efeitos | Mudança de mundo | Modificação nos conhecimentos |
| Modificações no interlocutor | Operativa | Cognitiva |
| Características perceptuais no objeto ontológico referido no contexto pragmático/cognitivo | Presente | Possibilidade de explorar o contexto |
| Condição preparatória do falante | Habilidade pragmática | Conhecimento |
| Condição preparatória do interlocutor | Possibilidade de intervir na situação | Necessidade de <i>know-how</i> |

Em face disso, Rocha e Raso (2014) examinam as cenas de Ordem (vídeo *LABLITA_ordem*) e Instrução (vídeo *LABLITA_instrução*) de Firenzuoli (2003) e notam que a primeira delas possui um caráter de urgência ausente na segunda: na cena de Ordem, o homem deve agir de forma emergencial para evitar que a mulher não bata na parede. Esse caráter de urgência pode ter motivado uma atitude diferente daquela da cena de Instrução. O fato de que as ilocuções não expressam a mesma atitude poderia ser o bastante para explicar a existência de diferenças prosódicas significativas entre os enunciados. Portanto, com relação aos testes de percepção de Firenzuoli (2003), é possível conceber que os sujeitos tenham julgado como inaceitável a colocação do perfil de Ordem na cena de Instrução e vice-versa não necessariamente porque essas ilocuções não possuem a mesma forma prosódica, mas sim porque a atitude com a qual a ilocução foi veiculada em uma cena não é aceitável na outra.

Para dar suporte a essa argumentação, na seção 5.2 desse trabalho serão apresentados 4 perfis prosódicos da ilocução de Ordem realizados com atitudes distintas, os quais apresentam diferenças prosódicas mais expressivas que aquelas ilustradas por Moneglia (2011) na FIG. 4.6. Além disso, serão apresentados os resultados de um teste de percepção que mostram como a substituição de enunciados que indubitavelmente veiculam a mesma ilocução em atitudes diferentes nem sempre é vista como aceitável pelos falantes da língua.

Em face de toda essa discussão, defendemos que os pontos fortes da metodologia LABLITA sejam:

- a. a identificação dos tipos ilocucionários em corpus de fala espontânea;
- b. a caracterização pragmático-cognitiva das ilocuções;
- c. o estudo da forma prosódica ilocucionária a partir de enunciados produzidos em contextos de eliciação baseados nas características pragmático-cognitivas da ilocução.

Em contrapartida, as principais limitações da metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções podem ser resumidas pelos seguintes pontos:

- a. a metodologia visa descrever uma forma prosódica a partir de uma realização prototípica, sem considerar que as ilocuções se associam prototipicamente a atitudes diferentes (**limitação teórica**);
- b. a metodologia não fornece meios para discriminar as propriedades prosódicas ilocucionárias daquelas atitudinais (**limitação metodológica**);
- c. o teste de substituição não consegue determinar se duas ilocuções possuem formas prosódicas diferentes, pois a inadequação em uma substituição pode se dever a questões de ordem atitudinal (a realização concreta de uma forma) e não ilocucionária (a forma em si) (**limitação metodológica**);
- d. o conceito de forma prosódica não é concebido de modo suficientemente abstrato, pois não se verifica como uma forma pode se realizar concretamente em função de diferentes atitudes e quais são as propriedades em comum entre essas realizações (**limitação teórica**);
- e. a metodologia não descreve a forma prosódica da ilocução, mas sim a forma de uma de suas realizações possíveis (**limitação metodológica consequente das limitações teóricas**).

4.5. Uma nova proposta de metodologia³⁹

Essa seção visa apresentar uma nova metodologia empírica para o estudo de ilocuções. A nova proposta visa manter os expressivos méritos da metodologia LABLITA e superar o seu principal problema, a saber, o tratamento inadequado da categoria de atitude. Sinteticamente, a proposta consiste em: i. coletar ilocuções com a maior variação atitudinal possível, tanto em corpus, quanto em contextos fictícios registrados em vídeo; ii. identificar as propriedades que permanecem mais estáveis entre as realizações de uma ilocução com atitudes diferentes. Esse conjunto de propriedades estáveis será tomado como a forma prosódica da ilocução, enquanto as propriedades diferenciais serão vistas como atitudinais.

A primeira parte da nova metodologia consiste na identificação em corpus de enunciados que veiculem as ilocuções que serão estudadas. Todavia, diferentemente da proposta original, entendemos que o pesquisador deva coletar exemplos que expressem a maior variação atitudinal possível de uma ilocução. Durante essa tarefa, (a) deve-se considerar que tanto a forma prosódica ilocucionária quanto a atitude veiculada por um enunciado se manifestam por meio de propriedades prosódicas e (b) não se deve pensar que dois enunciados que possuem diferenças prosódicas evidentes necessariamente veiculam ilocuções diferentes. Assim como nem toda diferença funcional entre dois enunciados é facilmente percebida como sendo ilocucionária ou atitudinal, ganha importância a fase de descrição pragmático-cognitiva dos exemplos. É, em última análise, a descrição pragmático-cognitiva que permite definir se dois enunciados correspondem a ilocuções diferentes ou à mesma ilocução realizada com atitudes diferentes. Esse é um problema delicado e importante, que será melhor explorado no capítulo 7.

Da mesma forma que a versão original da metodologia, esse trabalho defende que os enunciados a serem submetidos à análise prosódica devam ser eliciados em contextos fictícios registrados em vídeo. Assim, para cada atitude da mesma ilocução, deve ser produzida uma cena de eliciação que espelhe todas as propriedades pragmático-cognitivas associadas a essa ilocução. Além disso, a cena deve conter elementos contextuais que ajudem a eliciar a atitude desejada. Por mais que a realização de uma ou outra atitude dependa mais de estados internos do falante do que de propriedades contextuais, os vídeos produzidos durante essa pesquisa mostram que é possível motivar uma atitude em particular manipulando alguns parâmetros pragmático-cognitivos (cf. 5.2.1). Para eliciar uma Ordem com atitude de Cortesia, por exemplo, pode ser produzida uma cena em que os falantes não se conhecem. Naturalmente, ao

³⁹ Essa seção, da mesma forma que a anterior, segue a linha argumentativa do artigo de Raso e Rocha (2015) realizado como preparação para essa tese.

tentar motivar uma atitude, deve-se estar atento para não alterar alguma propriedade que elicie outra ilocução que não a desejada.

A descrição prosódica das propriedades ilocucionárias deve entender a forma prosódica como uma entidade mais abstrata, associada não a valores fixos de alguns parâmetros prosódicos, mas sim a um espectro de variações possíveis que se dão em função das atitudes com as quais a ilocução é veiculada (e da intensidade com a qual as atitudes são veiculadas). É necessário considerar que a forma prosódica ilocucionária possa ser constituída por relações de proporção entre parâmetros, admitindo algumas variações dentro de um limite específico. Conseqüentemente, para se fazer uma melhor caracterização fonética dos parâmetros que não podem ser alterados sem que se tenha variação ilocucionária, é proveitoso estudar, em certa medida, as propriedades que caracterizam as atitudes com as quais essa ilocução pode ser veiculada.

É inegável que o processo de descrição das formas ilocucionárias proposto nessa versão da metodologia é mais complexo que aquele proposto pela versão original, o que leva a uma mudança de foco da metodologia: a versão original dá um peso grande à comparação entre formas prosódicas de ilocuições diferentes, para determinar se possuem ou não a mesma forma prosódica; na nossa proposta, o foco está na descrição da forma, mesmo sabendo que provavelmente não se chegará a uma descrição que compreenda toda a variabilidade atitudinal da ilocução. Nesse novo quadro, o meio previsto pela metodologia LABLITA para verificar se duas ilocuições possuem a mesma forma prosódica – o teste de substituição – deve ser visto com mais cautela. Se aplicado, deve ser usado para comparar somente ilocuições realizadas com a mesma atitude (ou seja, não pode ser feito um teste de substituição entre duas ilocuições com atitudes sentidas como *não marcadas* para aquelas ilocuições).

Os passos da metodologia são:

1. Identificação das ilocuições em corpus, coletando exemplos da mesma ilocução expressa com a maior variedade atitudinal possível;
2. Descrição das propriedades pragmático-cognitivas das ilocuições e identificação de seus parâmetros de eliciação;
3. Produção de cenas fictícias que eliciem a mesma ilocução com o maior número de atitudes diferentes;
4. Extração do perfil prosódico do enunciado produzido no contexto de eliciação de cada atitude;

5. Validação do perfil prosódico pela repetição por atores no contexto de eliciação, com diferentes conteúdos locutivos e estruturas acentuais;
6. Identificação de propriedades prosódicas comuns aos enunciados da mesma ilocução com atitudes diferentes;
7. Substituição do perfil de uma ilocução com uma determinada atitude no contexto de eliciação de outra ilocução com a mesma atitude;
8. Caracterização das marcas formais de uma atitude, por meio de manipulações e testes de percepção.

4.6. Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa

Nessa pesquisa, foram analisadas 34 conversações e 35 diálogos do corpus C-ORAL-BRASIL. Em particular, privilegiou-se a busca por exemplos das ilocuições de Ordem em suas várias atitudes, mas a coleta de dados não se restringiu a elas. Após a identificação de 40 enunciados (ANEXO III), escolheu-se trabalhar com as atitudes de Referência,⁴⁰ Cortesia, Irritação e Urgência da ilocução de Ordem. A seleção dessas atitudes será discutida em breve, em 5.1.1.

Para cada atitude, foi produzida uma cena de eliciação em PB em que o enunciado que realiza a Ordem possui o conteúdo locutivo “pega o livro preto” (vídeos *pb_referência*, *pb_cortesia*, *pb_irritação* e *pb_urgência*). A cena para estudo da Irritação, em particular, possui três enunciados com essa locução: a primeira trata-se de uma Ordem sem atitude de Irritação (ou seja, com atitude de Referência); a segunda é uma Ordem com pouca Irritação; a terceira, uma Ordem com muita Irritação. As cenas com atitude de Referência, Cortesia e Urgência possuem somente um enunciado com a locução “pega o livro preto”.

As cenas foram atuadas por um ator não profissional de 32 anos e uma atriz não profissional de 30 anos. Todas as gravações foram feitas com uma câmera Canon EOS Mark III 5D. Os atores usaram microfones sem fio Sennheiser (ME 4 clip-on), ligados a um kit de *transmitter* e *receiver* Sennheiser (SK 100 G3 e EK 100 G3) e a um gravador Marantz (PMD660 Professional Solid State Recorder). Com o objetivo de garantir maior qualidade de áudio aos vídeos, as cenas foram dubladas pelos mesmos atores, usando um microfone Sennheiser (ME 4 clip-on) ligado a um kit de *transmitter* e *receiver* Sennheiser (SK 100 G3 e

⁴⁰ Conforme explicado em 4.4, a atitude de Referência é uma atitude sentida como *neutra*, *menos marcada* ou *prototípica* pelos falantes de uma língua para uma ilocução e serve como uma referência para a descrição prosódicas com relação às outras atitudes, percebidas como *marcadas*. Ainda assim, entende-se que (a) a atitude de Referência possui marcas prosódicas, assim como as demais e (b) a atitude de Referência de duas ilocuições diferentes não é necessariamente a mesma.

EK 100 G3) e a um computador DELL Vostro (Intel Core i5-2430M CPU @ 2.40GHz), com o programa *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2015).

Para a análise prosódica da Ordem em PB, o ator de sexo masculino dublou enunciados de três tamanhos diferentes para cada atitude estudada: “pega o livro”, “pega o livro preto” e “pega o livro preto pra mim”. Além disso, foram registrados três *takes* (ou seja, três realizações) de cada enunciado, todos usados na análise prosódica. Ao total, foram gravados 54 enunciados, como mostra o esquema na FIG. 4.7, a seguir. Esses enunciados foram registrados em duas seções diferentes, usando o mesmo equipamento especificado anteriormente para a dublagem das cenas. Nas duas seções, o pesquisador manteve o microfone sempre na mesma distância com relação à boca e não movimentou a cabeça enquanto os realizava.

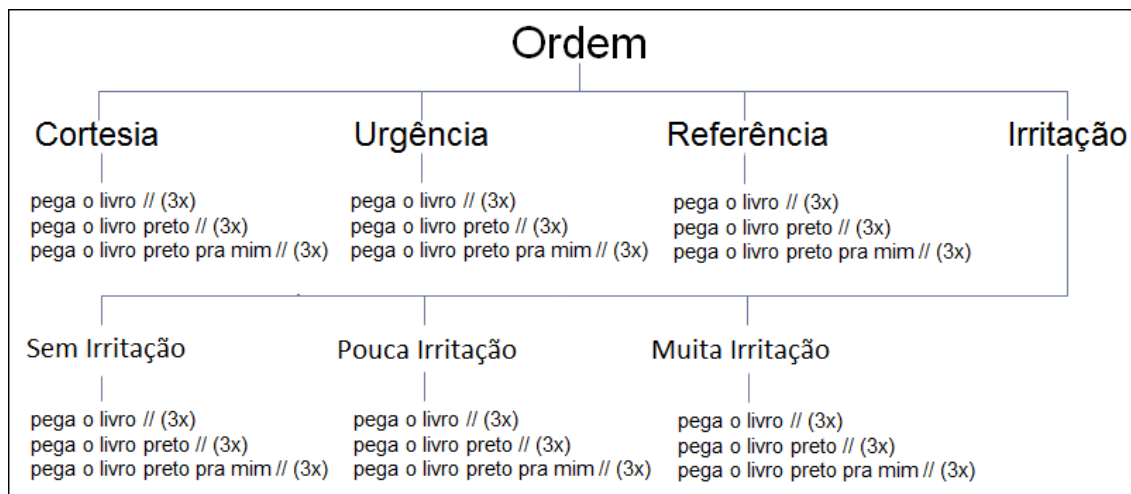


FIGURA 4.7 – Esquema dos enunciados gravados para a análise prosódica da ilocução de Ordem

Também para a análise prosódica, foi calculada a f0 de base do falante do sexo masculino. Para tanto, foi feita uma edição do áudio de todas as cenas de eliciação gravadas para essa pesquisa em que os enunciados do ator foram colocados em sequência. Em seguida, foram eliminadas todas as sílabas tônicas. Por fim, foi calculada a média de f0 das sílabas pretônicas e postônicas, obtendo o valor de 131 Hz, que foi considerado a frequência de base da voz do ator.

Em seguida, para a análise da Ordem e de suas atitudes em Italiano, as cenas foram dubladas por um ator não profissional de 50 anos e por uma atriz não profissional de 31 anos, ambos falantes nativos de Italiano (vídeos *it_referência*, *it_cortesia*, *it_irritação* e *it_urgência*). Em todas as cenas, o conteúdo locutivo do enunciado com a Ordem era “prendi

il libro nero”. Posteriormente, o ator Italiano gravou, para cada ilocução, três *takes* das locuções “prendi il libro”, “prendi il libro nero” e “prendi il libro nero per favore”, seguindo o mesmo esquema ilustrado pela FIG. 4.7.

Nessa pesquisa, também foi realizado um experimento com o objetivo de testar se a substituição de um enunciado de Ordem com uma atitude pelo perfil da mesma ilocução com atitude diferente pode causar inadequação. A motivação e a elaboração do teste serão discutidas na seção a seguir.

4.6.1. *Teste de percepção*

A metodologia LABLITA em sua versão original entende que a substituição do perfil prosódico obtido na cena de eliciação de uma ilocução pelo perfil obtido na cena de outra ilocução é um mecanismo eficiente para testar se duas ilocuções possuem a mesma forma prosódica. Se a substituição dos perfis é julgada como inaceitável pelos falantes da língua, significaria que as ilocuções possuem formas prosódicas distintas. Se a substituição é vista como aceitável, as ilocuções possuiriam a mesma forma prosódica. Esse procedimento é chamado de *teste de substituição* e foi explicado em maiores detalhes em 4.3.6.

Conforme argumentado em 4.4, esse trabalho defende a hipótese de que o teste de substituição não constitui uma maneira eficaz para a comparação da forma prosódica de ilocuções diferentes: a inadequação causada pela substituição do perfil eliciado em uma cena pelo perfil eliciado em outra pode se dever não a uma incompatibilidade ilocucionária entre as cenas, mas a uma incompatibilidade atitudinal. Em outras palavras, se o perfil prosódico de uma ilocução é inserido em uma cena que é incompatível com a atitude com que essa ilocução foi realizada, a substituição será avaliada como inaceitável.

Com o objetivo de testar essa hipótese, foi realizado um teste de substituição entre os perfis eliciados nas cenas de Ordem de PB com as 4 atitudes estudadas nesse trabalho (atitude de Referência, Cortesia, Irritação e Urgência). Para o teste, foram produzidas versões de cada cena em que o perfil eliciado por ela era substituído pelo perfil eliciado pelas outras atitudes da ilocução de Ordem, totalizando 16 vídeos (QUADRO 4.5). Esses vídeos foram exibidos a falantes de PB que deveriam avaliar se o perfil prosódico do enunciado era adequado ou inadequado para a cena. Como hipótese inicial do teste, acreditava-se que algumas substituições seriam mais bem aceitas que outras. Em particular, acreditava-se que (a) a colocação dos perfis de Ordem com atitude de Referência e de Cortesia nas demais cenas seria julgada como aceitável, e (b) a colocação dos perfis de Ordem com as atitudes de Urgência e Irritação em outros contextos seria menos aceitável.

O teste de percepção foi feito em três etapas – *pré-teste piloto*, *teste piloto* e *versão definitiva* –, que serão explicadas adiante.

QUADRO 4.5

Vídeos da ilocução de Ordem com diferentes atitudes⁴¹

| Cena | Atitude | Nome do vídeo |
|-------------|----------------|------------------------------------|
| Referência | Referência | <i>pb_referência</i> |
| Referência | Cortesia | <i>pb_referência_com_cortesia</i> |
| Referência | Irritação | <i>pb_referência_com_irritação</i> |
| Referência | Urgência | <i>pb_referência_com_urgência</i> |
| Cortesia | Cortesia | <i>pb_cortesia</i> |
| Cortesia | Referência | <i>pb_cortesia_com_referência</i> |
| Cortesia | Irritação | <i>pb_cortesia_com_irritação</i> |
| Cortesia | Urgência | <i>pb_cortesia_com_urgência</i> |
| Irritação | Irritação | <i>pb_irritação</i> |
| Irritação | Referência | <i>pb_irritação_com_referência</i> |
| Irritação | Cortesia | <i>pb_irritação_com_cortesia</i> |
| Irritação | Urgência | <i>pb_irritação_com_urgência</i> |
| Urgência | Urgência | <i>pb_urgência</i> |
| Urgência | Referência | <i>pb_urgência_com_referência</i> |
| Urgência | Cortesia | <i>pb_urgência_com_cortesia</i> |
| Urgência | Irritação | <i>pb_urgência_com_irritação</i> |

4.6.1.1. Pré-teste piloto

A primeira versão do teste, chamada de *pré-teste piloto*, foi aplicada a indivíduos sem formação em linguística, com escolaridade e idade variadas, para selecionar os vídeos que seriam usados nas versões posteriores do teste. Assim como cada vídeo tem duração aproximada de 30 segundos, considerou-se que exibir todos eles a cada sujeito poderia resultar em uma tarefa muito cansativa, afetando o julgamento de aceitabilidade feito para cada vídeo.

O *pré-teste piloto* foi aplicado nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2015, a 9 sujeitos, divididos em dois grupos, de 5 e 4 indivíduos, respectivamente. Cada grupo assistiu a 9

⁴¹ O QUADRO 4.5 mostra, na segunda linha, a palavra “Referência” na coluna “Cena” e a palavra “Referência” na coluna “Atitude”. Isso significa que o vídeo em questão, chamado de *referência*, trata-se da cena desenvolvida para a atitude de Referência com o perfil de Ordem com atitude de Referência. Na linha seguinte, tem-se a cena de “Referência” com a atitude de “Cortesia”. Assim, o vídeo *referência_com_cortesia* contém a cena planejada para a atitude de Referência com o perfil de Ordem com atitude de Cortesia. A terceira linha indica a cena feita para a atitude de Referência

vídeos, divididos em duas seções, realizadas em dias diferentes. Todos os testes foram realizados individualmente, na casa dos sujeitos. Os vídeos foram sempre reproduzidos em um computador DELL Vostro (Intel Core i5-2430M CPU @ 2.40GHz), conectado a fones de ouvido Philips SHP1900.

Todos os sujeitos responderam a um questionário impresso (ANEXO I) em que deviam avaliar a adequação do enunciado “pega o livro preto” ao contexto em que ele se encontrava. Para tanto, após assistir a cada vídeo, o sujeito deveria atribuir uma nota de 1 a 5 ao enunciado “pega o livro preto”, usando a escala presente na FIG. 4.8. O sujeito podia ver o mesmo vídeo duas vezes antes de responder à questão, caso desejasse. Antes do início do teste, o pesquisador lia em voz alta o questionário, esclarecendo eventuais dúvidas.

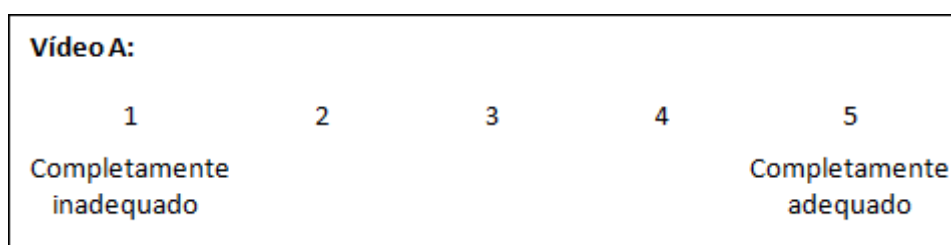


FIGURA 4.8 – Escala do questionário pré-teste piloto

Após a aplicação do questionário, o pesquisador reproduzia novamente cada vídeo, pedindo ao sujeito que explicasse o motivo das notas atribuídas a eles. Durante esse processo, foram identificados alguns problemas na formulação do experimento:

- a. Não estava claro para os sujeitos o que significava "completamente inadequado". Alguns deles disseram que não marcaram essa opção para nenhum vídeo porque, em todos os casos, o personagem conseguia “passar a mensagem” do enunciado “pega o livro preto”;
- b. Os sujeitos interpretavam o nível 3 da escala como o valor “adequado”, ao invés de o interpretarem como um nível intermediário em que não é possível determinar se há ou não adequação/inadequação. Assim, de acordo com essa interpretação, a escala possuía 3 níveis de adequação e 2 níveis de inadequação;
- c. Grande parte dos sujeitos manifestou que sentiu confusão ao avaliar a mesma cena mais de uma vez;

- d. Alguns sujeitos manifestaram que se sentiam confusos pelo fato da cena de Ordem com Irritação ter três enunciados com o conteúdo locutivo “pega o livro preto”, sendo que eles deveriam avaliar somente um deles;
- e. Alguns sujeitos achavam engraçado o desfecho da cena de Ordem com Irritação.

O QUADRO 4.6 e 4.7, a seguir, mostram os vídeos assistidos por cada grupo de sujeitos e reportam as notas dadas a cada vídeo.

QUADRO 4.6

Resultado do *pré-teste piloto* para o Grupo A (5 sujeitos)

| Cena | Atitude | Nome do vídeo | Notas | | | | | Notas agrupadas | | |
|------------|------------|------------------------------------|-------|---|---|---|---|-----------------|---|--------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 1 ou 2 | 3 | 4 ou 5 |
| Referência | Cortesia | <i>pb_referência_com_cortesia</i> | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 3 |
| Cortesia | Irritação | <i>pb_cortesia_com_irritação</i> | 0 | 2 | 1 | 0 | 2 | 2 | 1 | 2 |
| Referência | Urgência | <i>pb_referência_com_urgência</i> | 1 | 0 | 2 | 2 | 0 | 1 | 2 | 2 |
| Urgência | Cortesia | <i>pb_urgência_com_cortesia</i> | 0 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 5 |
| Irritação | Referência | <i>pb_irritação_com_referência</i> | 0 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 5 |
| Urgência | Referência | <i>pb_urgência_com_referência</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 0 | 0 | 5 |
| Referência | Referência | <i>pb_referência</i> | 0 | 1 | 0 | 2 | 2 | 1 | 0 | 4 |
| Cortesia | Referência | <i>pb_cortesia_com_referência</i> | 0 | 0 | 1 | 1 | 3 | 0 | 1 | 4 |
| Referência | Irritação | <i>pb_referência_com_irritação</i> | 0 | 0 | 2 | 3 | 0 | 0 | 2 | 3 |

QUADRO 4.7

Resultado do *pré-teste piloto* para o Grupo B (4 sujeitos)

| Cena | Atitude | Nome do vídeo | Notas | | | | | Notas agrupadas | | |
|------------|-----------|------------------------------------|-------|---|---|---|---|-----------------|---|--------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 1 ou 2 | 3 | 4 ou 5 |
| Referência | Cortesia | <i>pb_referência_com_cortesia</i> | 0 | 0 | 1 | 0 | 3 | 0 | 1 | 3 |
| Cortesia | Urgência | <i>pb_cortesia_com_urgência</i> | 0 | 2 | 1 | 0 | 1 | 2 | 1 | 1 |
| Irritação | Urgência | <i>pb_irritação_com_urgência</i> | 0 | 0 | 0 | 1 | 3 | 0 | 0 | 4 |
| Urgência | Urgência | <i>pb_urgência</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 0 | 4 |
| Urgência | Irritação | <i>pb_urgência_com_irritação</i> | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Cortesia | Cortesia | <i>pb_cortesia</i> | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 4 |
| Irritação | Cortesia | <i>pb_irritação_com_cortesia</i> | 0 | 1 | 3 | 0 | 0 | 1 | 3 | 0 |
| Irritação | Irritação | <i>pb_irritação</i> | 0 | 1 | 0 | 1 | 2 | 1 | 0 | 3 |
| Referência | Irritação | <i>pb_referência_com_irritação</i> | 0 | 1 | 1 | 2 | 0 | 1 | 1 | 2 |

Apesar da atribuição de notas aos vídeos não ser sistemática, o pré-teste piloto mostrou que: (i) os vídeos contendo os perfis prosódicos originalmente produzidos para eles possuíam um elevado grau de aceitabilidade; (ii) algumas substituições são tendencialmente vistas como adequadas; (iii) outras substituições são tendencialmente vistas como inadequadas.

4.6.1.2. Teste piloto

Para a segunda etapa do teste de percepção, o *teste piloto*, foram selecionados 8 vídeos: os 4 vídeos originalmente desenvolvidos para cada atitude estudada, 2 vídeos em que a substituição das atitudes obteve maior aceitação e 2 vídeos em que a substituição obteve menor aceitação. Os sujeitos foram divididos em dois grupos e cada grupo assistiu a um conjunto diferente de vídeos, que continha dois vídeos originais, uma substituição com maior aceitação e uma substituição com menor aceitação. Assim como os sujeitos do pré-teste piloto afirmaram que sentiram confusão ao avaliar a mesma cena mais de uma vez, os vídeos foram divididos em grupos em que uma cena não era nunca repetida.

QUADRO 4.8

Vídeos de Ordem com diferentes atitudes usados no *teste piloto*

| Grupo A | | | Grupo B | | |
|-------------|-------------------------|----------------------------|-------------|-------------------------|-------------------------------|
| <i>Cena</i> | <i>Atitude</i> | <i>Nome do vídeo</i> | <i>Cena</i> | <i>Atitude</i> | <i>Nome do vídeo</i> |
| Cortesia | Cortesia* | pb_cortesia | Referência | Referência* | pb_referência |
| Irritação | Irritação* | pb_irritação_2 | Urgência | Urgência* | pb_urgência |
| Urgência | Referência ⁺ | pb_urgência_com_referência | Irritação | Referência ⁺ | pb_irritação_2_com_referência |
| Referência | Urgência ⁻ | pb_referência_com_urgência | Cortesia | Urgência ⁻ | pb_cortesia_com_urgência |

Legenda:

* Vídeos originais

⁺ Substituição com maior aceitação

⁻ Substituição com menor aceitação

Em face dos problemas atestados no *pré-teste piloto*, a instrução do questionário foi alterado, enfatizando que o sujeito deveria julgar o tom com que o enunciado é realizado, e não o enunciado em si (ANEXO II). Também foram alteradas as possibilidades de resposta, explicitando o significado de cada ponto da escala, como mostra a FIG. 4.9.

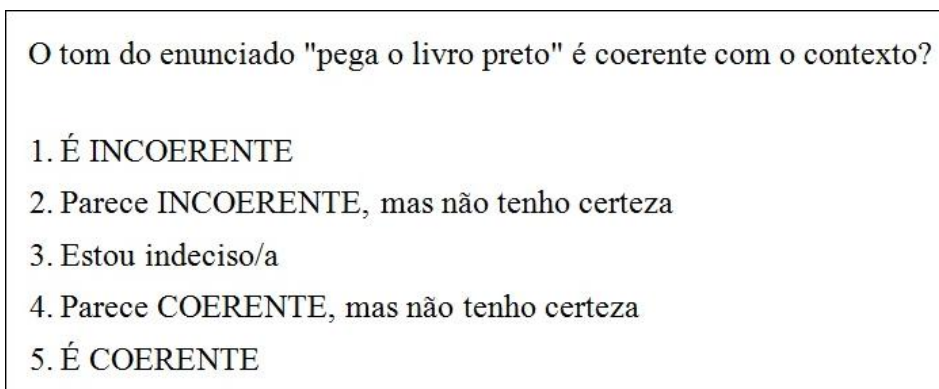


FIGURA 4.9 – Escala usada no teste piloto e na versão definitiva do teste de percepção

Além disso, foram feitas algumas mudanças na cena de Ordem com Irritação. Conforme dito anteriormente, a cena original de Irritação (vídeo *pb_irritação*) possui três enunciados com a locução “pega o livro preto”. O primeiro trata-se de uma Ordem sem Irritação (ou seja, uma Ordem com atitude de Referência), o segundo é uma Ordem com pouca Irritação e o terceiro é uma Ordem com muita Irritação. Desses enunciados, somente a Ordem com pouca Irritação deveria ser avaliada. Visto que alguns dos sujeitos manifestaram que se sentiam confusos por dever avaliar somente um dos enunciados, foi produzida uma nova versão do vídeo em que (a) a locução do primeiro enunciado foi alterada para “pega esse livro de capa preta aí” e (b) o último enunciado foi suprimido (vídeos *pb_irritação_2* e *pb_irritação_2_com_referência*). Com isso, também foi retirada a parte final do vídeo, que provocava um efeito cômico e prejudicava a avaliação do enunciado.

O teste piloto foi realizado no *PsychoPy* (PEIRCE, 2007). Esse programa permitiu que o teste fosse feito de forma completamente automatizada. Os vídeos eram randomizados em cada seção de aplicação, e o participante podia ver a mesma cena duas vezes, se desejasse. A única intervenção da pessoa que aplicava o teste se dava quando o sujeito terminava de ler as instruções. Nessa ocasião, perguntava-se ao sujeito se havia dúvidas com relação à tarefa e as eventuais dúvidas eram esclarecidas. Desse ponto em diante, o aplicador se mantinha afastado e retornava ao final do experimento. Todos os testes foram realizados no LEEL (FALE/UFMG), nos *desktops* do laboratório, com fones de ouvido da marca Sennheiser. O ANEXO II mostra as telas de instrução exibidas aos sujeitos e a tela de avaliação dos vídeos no *PsychoPy*.

Os resultados do teste piloto – QUADRO 4.9 e 4.10 – também parecem confirmar a hipótese de que nem toda substituição entre perfis que veiculam a mesma ilocução é aceita. Conforme esperado, a cena da atitude de Referência com o perfil de Urgência (vídeo

referência_com_urgência) foi mal avaliada pelos sujeitos, recebendo 4 notas entre 1 e 2 e apenas 1 nota entre 4 e 5. Da mesma forma, a cena da atitude de Cortesia com o perfil de Urgência (vídeo *cortesia_com_urgência*) foi mal avaliada: todos os sujeitos a atribuíram uma nota entre 1 e 2. Por outro lado, as demais substituições (vídeos *urgência_com_referência* e *irritação2_com_referência*) foram bem avaliadas, recebendo sobretudo notas entre 4 e 5, assim como as cenas com os seus perfis originais (vídeos *cortesia*, *irritação*, *urgência* e *referência*).

QUADRO 4.9

Resultado do teste piloto para o Grupo A (5 sujeitos)

| Cena | Atitude | Nome do vídeo | Notas | | | | | Notas agrupadas | | |
|------------|------------|-----------------------------------|-------|---|---|---|---|-----------------|---|--------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 1 ou 2 | 3 | 4 ou 5 |
| Cortesia | Cortesia | <i>pb_cortesia</i> | 0 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 5 |
| Irritação | Irritação | <i>pb_irritação_2</i> | 0 | 0 | 0 | 2 | 3 | 0 | 0 | 5 |
| Urgência | Referência | <i>pb_urgência_com_referência</i> | 0 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 5 |
| Referência | Urgência | <i>pb_referência_com_urgência</i> | 3 | 1 | 0 | 1 | 0 | 4 | 0 | 1 |

QUADRO 4.10

Resultado do teste piloto para o Grupo B (3 sujeitos)

| Cena | Atitude | Nome do vídeo | Notas | | | | | Notas agrupadas | | |
|------------|------------|--------------------------------------|-------|---|---|---|---|-----------------|---|--------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 1 ou 2 | 3 | 4 ou 5 |
| Referência | Referência | <i>pb_referência</i> | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 3 |
| Urgência | Urgência | <i>pb_urgência</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 |
| Irritação | Referência | <i>pb_irritação_2_com_referência</i> | 0 | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 2 |
| Cortesia | Urgência | <i>pb_cortesia_com_urgência</i> | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 |

4.6.1.3. Versão definitiva do teste de percepção

A versão definitiva do teste de percepção foi aplicada, com o programa *PsychoPy* (PEIRCE, 2007), a alunos de graduação do curso de Letras da UFMG, com idade entre 18 e 30 anos, entre os dias 15 de outubro e 1 de dezembro de 2015, seguindo o mesmo protocolo e a mesma versão do questionário usado no teste piloto. O teste foi aplicado a um total de 80 sujeitos, divididos em dois grupos de 40 indivíduos, que assistiram a conjuntos de vídeos diferentes (QUADRO 4.9 e 4.10). Os resultados do teste de percepção serão apresentados e discutidos em 5.4.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Esse capítulo se encarrega de apresentar os dados relativos à aplicação da nova metodologia para estudar a ilocução de Ordem em quatro atitudes (atitude de Referência, Cortesia, Irritação e Urgência). A discussão será feita com base no exame de enunciados do corpus C-ORAL-BRASIL (5.1) e dos enunciados produzidos nas cenas de eliciação de Ordem em PB nas quatro atitudes estudadas (5.2). Após caracterizar as atitudes e a forma prosódica de Ordem em Português Brasileiro, será feita uma comparação preliminar com os enunciados em Italiano produzidos nas cenas de eliciação dubladas nessa língua (5.3). Na parte final do capítulo (5.4), serão mostrados os resultados do teste de substituição entre as cenas de Ordem em PB.

5.1. Análise dos enunciados encontrados em corpus

A ilocução de Ordem trata-se de um pedido de ação realizado pelo falante ao seu interlocutor. Com ela, o falante visa o *efeito* de obter uma *mudança de mundo* especificada pelo conteúdo locutivo do enunciado. Sendo assim, a Ordem constitui um *processo* de tipo *comportamental* que provoca uma *modificação* de tipo *operativo* no interlocutor. Para que seja realizada uma Ordem, o falante deve possuir um *controle contextual* sobre o interlocutor que pode ser dado pelo seu papel social. Todavia, em muitos casos, o controle contextual advém de uma habilidade pragmática que coloca o falante em posição privilegiada com relação ao interlocutor: em uma situação hipotética em que um trabalhador percebe que seu chefe vai colocar a mão em um objeto excessivamente quente, o subordinado pode dar uma Ordem para que o chefe não o faça. Normalmente, as Ordens são dadas em situações em que o falante está próximo de seu interlocutor, compartilha o mesmo foco atencional e o canal de comunicação já está aberto.

A descrição feita no parágrafo anterior é uma elaboração textual de algumas das propriedades pragmático-cognitivas associadas à ilocução de Ordem por Moneglia (2011), presentes no QUADRO 4.2, na seção 4.3.2. A pesquisa em corpus revelou a existência de um grande número de enunciados com essas propriedades e que, portanto, foram classificados como Ordens (ANEXO III), como os exemplos (5.1) a (5.15). Apesar de veicularem a mesma ilocução, esses enunciados exprimem uma grande variação atitudinal. Além da atitude de Referência para a ilocução de Ordem (5.1, 5.2, 5.3, 5.5, 5.7 e 5.12), foram encontradas atitudes que foram chamadas de Autoridade (5.4 e 5.6), Irritação (5.8), Insistência (5.9 e 5.10), Cortesia (5.11, 5.13 e 5.14) e Interesse (5.15), dentre outras. O que conta aqui, mais do que os nomes dados a essas atitudes, é o fato de que são claramente distintas umas das outras.

Exemplo 5.1 – bfamdl01 (áudio ex-5.1_0, ex-5.1_1) – Referência

Contexto: Duas amigas fazem compras em um supermercado.

*FLA: [153] <a gente> compra desse aqui / nũ é //

*REN: [154] é // [155] pode ser //

*FLA: [156] cabe aí //

*FLA: [157] **vê o preço** //

*REN: [158] um e oitenta-e-cinco //

Exemplo 5.2 – bpubdl03 (áudio ex-5.2_0, ex-5.2_1) – Referência

Contexto: O instrutor de academia GUI percebe que seu aluno está posicionado de forma errada enquanto faz um exercício. Assim, realiza a ilocução a seguir para que o aluno se levante um pouco.

*GUI: [55] vão lá // [56] mais dois segundos //

*TOM: [57] eu vou cair de cara aqui hhh //

*GUI: [58] güenta firme // [59] **sobe um pouquinho** // [60] aí //

Exemplo 5.3 – bfamdl05 (áudio ex-5.3_0, ex-5.3_1) – Referência

Contexto: ANE e seu irmão, um corretor de imóveis, entram em uma obra.

*CES: [390] esse é maior do que o de lá //

*ANE:[391] quer dizer / quer ver // [392] olha aqui // [393] **olha aí se nũ tem ninguém** / César //

*CES: [394] acho que nũ tem ninguém aí não //

Exemplos 5.4 e 5.5 – bfamdl23 (áudio ex-5.4_0, ex-5.4_1, ex-5.5_0, ex-5.5_1) – Autoridade e Referência

Situação: Uma amiga de JAN mostra a ela um jogo de computador. JAN se incomoda com o volume da música e dá uma Ordem para que a amiga a abaixe. Assim como a amiga não entende o que foi dito, JAN repete a Ordem. Em seguida, percebendo que a atitude da primeira Ordem não era compatível com a situação (e, provavelmente, em após receber um sinal não verbal de desaprovação da amiga), JAN diz “por favor”.

*JAN: [1] quem é você aí // [2] **baixa <essa música>** //

*BAR: [3] <&es> + [4] Balsian // [5] ahn //

*JAN: [6] **baixa essa música** // [7] por favor //

Exemplo 5.6 e 5.7 – bfamcv18 (áudio ex-5.6_0, ex-5.6_1, ex-5.7_0, ex-5.7_1) – Autoridade e Referência

Contexto: HER e uma funcionária de seu restaurante preparam o almoço.

*HER: [275] **pára um pouquinho** // [276] **xá eu ver quanto tem aí** //

Exemplo 5.8 – bpubdl07 (áudio ex-5.8_0, ex-5.8_1) – Irritação

Situação: COC percebe que seu filho se afastou e lhe dá uma Ordem com atitude de Irritação para que ele volte para perto dela.

*COO: [532] dá pro papai lá / né / ô / zorelha //

*COC: [583] Luis Gustavo / **volta aqui** //

Exemplos 5.9 e 5.10 – bfamdl16 – Insistência e Insistência

Situação: Mãe e filha conversam. A mãe diz à filha para levar o irmão para o quarto e a filha diz que vai fazê-lo depois. A mãe dá duas Ordens com atitude de Insistência para que a filha faça o que lhe foi dito.

*ASI: [306] <&c> [1] cê quer ir lá // [307] leva ele lá pra cama então // [308] aí depois cê volta / e acaba de arrumar //

*CRI: [309] pera aí //

*ASI: [310] **vai lá** // [311] **leva ele** //

Exemplos 5.11 e 5.12 – bfamdl33 (áudio ex-5.11_0, ex-5.11_1, ex-5.12_0, ex-5.12_1, ex-5.12_2) – Cortesia e Referência

Situação: DAN, Marco e BAO, que dividem um apartamento, estão recebendo uma visita. DAN percebe que a convidada está assentada no chão e realiza uma Ordem (áudio 9a), para que Marco lhe dê a almofada, que será depois passada à convidada.

*DAN: [26] cê quer uma almofada // [27] Marco / **dá essa almofada** <marrom aí / o'> //

*JUL: [28] <yyyy> //

*HEL: [29] <é bom / é bom> //

*BAO: [30] <**dá a almofada**> **marrom pra Helô** //

Exemplo 5.13 – bpubdl09 (áudio ex-5.13_0, ex-5.13_1) – Cortesia

Contexto: Um tatuador está mostrando a MAR, que quer fazer uma tatuagem, um desenho para lhe servir de inspiração. MAR fica curioso com um detalhe do desenho e realiza a ilocução em destaque para que o tatuador aumente o desenho.

*FAB: [206] é // [207] mas cê vê que tem um efeito bom aqui de [/1] de três dê / olha //

*MAR: [208] mas por quê // [209] **aumenta um pouquinho aqui** // [210] que o cara quis fazer //

Exemplo 5.14 – bpubdl03 (áudio ex-5.14_0, ex-5.14_1) – Cortesia

Contexto: O instrutor de academia GUI percebe que seu aluno posicionou os pés de forma errada enquanto faz um exercício. Assim, realiza a ilocução a seguir para que o aluno reposicione os pés.

*GUI: [192] dois segundos / um / beleza / descansa / boa // [193] **pode arredar o pé um pouquinho pra trás** //

Exemplo 5.15 – bfamdl23 (áudio ex-5.15_0, ex-5.15_1) – Interesse

Contexto: BAR mostra a JAN um jogo de computador.

*BAR: eu tenho dezoito / e duzentos-e-setenta-e-sete zenes //

*JAN: **me explica esse jogo** / moça //

*BAR: eu sou essa pessoa /

*JAN: ahn //

*BAR: / e me chamo Balsian // eu sou uma noviça //

Além de possuírem as mesmas propriedades pragmático-cognitivas, esses exemplos possuem algumas propriedades prosódicas gerais em comum: uma configuração formada por dois movimentos ascendentes, sendo que o primeiro é um movimento nivelado ou ascendente, e o segundo é um movimento descendente. O primeiro movimento é alinhado às primeiras sílabas da unidade. O segundo, se espalha pelas sílabas seguintes. Essas propriedades podem ser observadas nas FIG. 5.1 a 5.5, que mostram os movimentos de f0, o oscilograma e a divisão em fones dos exemplos 5.1 (Referência), 5.4 (Autoridade), 5.8 (Irritação), 5.10 (Insistência) e 5.15 (Interesse).

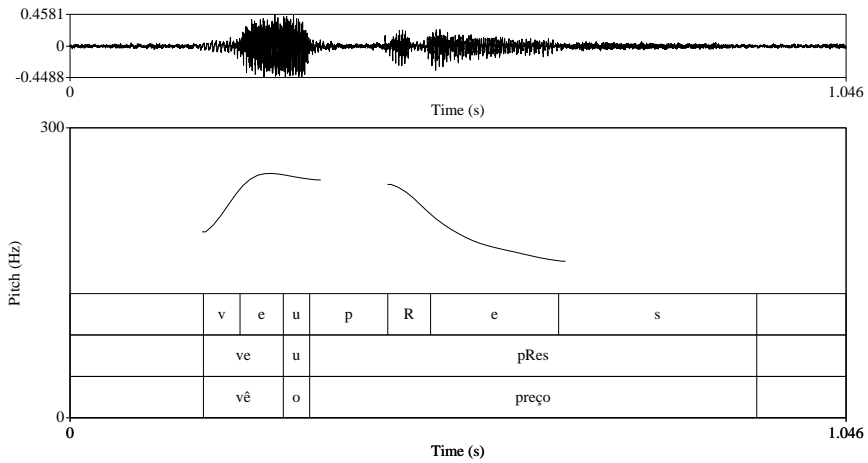


FIGURA 5.1 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.1) – Ordem com atitude de Referência – *vê o preço*

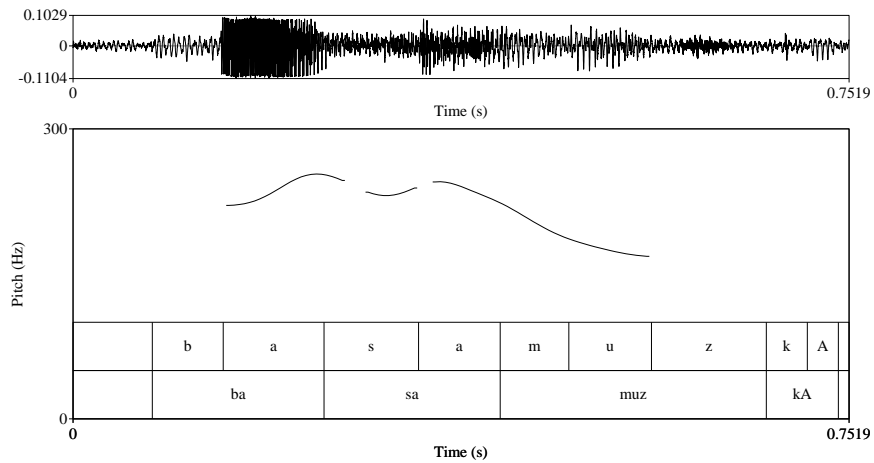


FIGURA 5.2 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.4) – Ordem com atitude de Autoridade – *baixa música*

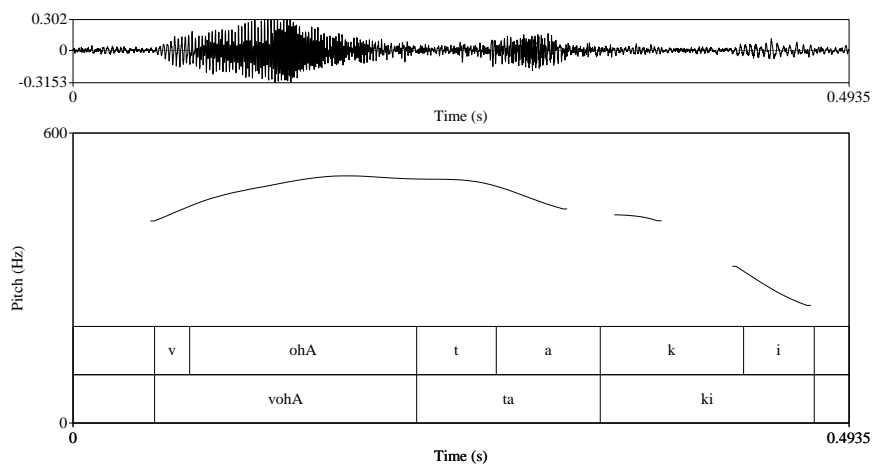


FIGURA 5.3 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.8) – Ordem com atitude de Irritação – *volta aqui*

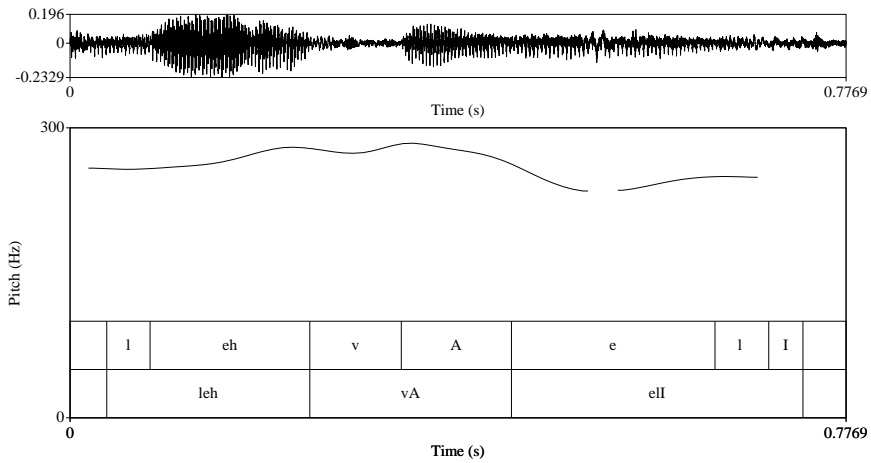


FIGURA 5.4 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.10) – Ordem com atitude de Insistência – *leva ele*

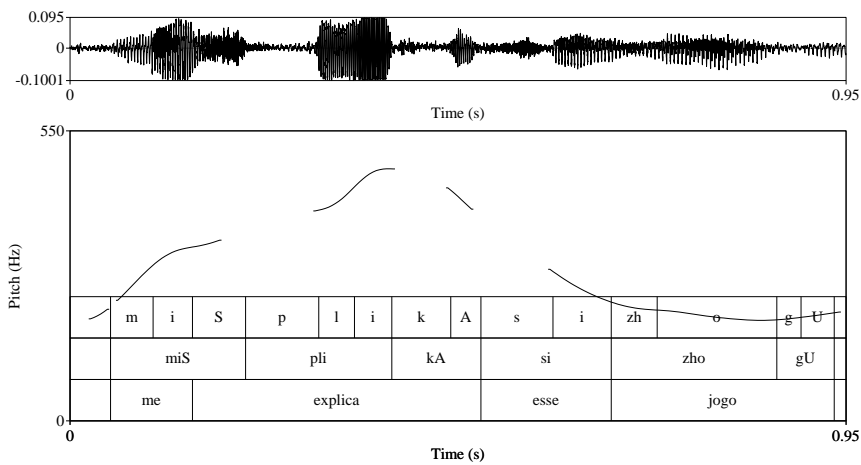


FIGURA 5.5 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.15) – Ordem com atitude de Interesse – *me explica esse jogo*

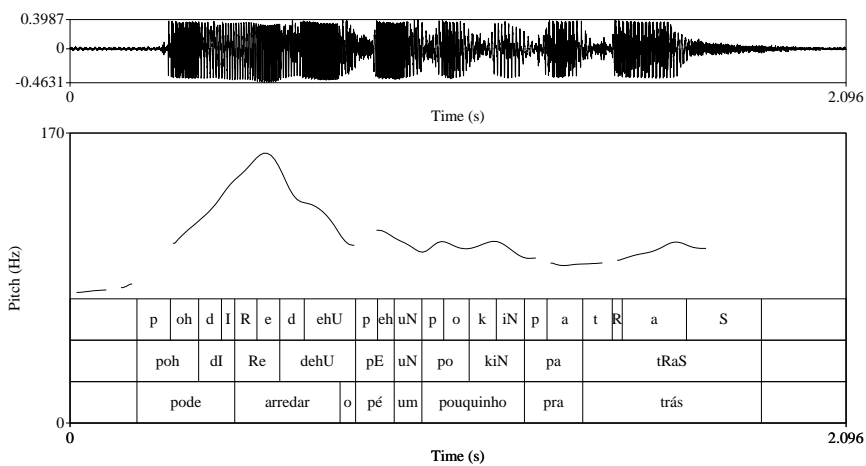


FIGURA 5.6 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de (5.14) – Ordem com atitude de Cortesia – *pode arredar o pé um pouquinho pra trás*

Além da configuração ascendente-descendente de f0, os enunciados de Ordem com Cortesia possuem um movimento ascendente ao final da unidade. Essa propriedade pode ser observada na FIG. 5.6, que retrata o exemplo (5.14).

Ainda que perceptivamente saliente, defendemos, a princípio, que o movimento ascendente final dos enunciados de Cortesia não faça parte do núcleo da unidade informacional de Comentário. Em outras palavras, esse não parece um movimento relevante para a atribuição da ilocução da unidade. De fato, ao se ouvir uma edição do enunciado que preserva somente a sua porção ascendente-descendente, tem-se já a percepção de que o enunciado em questão trata-se de uma Ordem. Isto é, ouvindo somente o núcleo, continua claro que, com essa ilocução, o falante quer provocar uma *mudança* de tipo *operativo* no interlocutor, para obter o *efeito* de uma *mudança de mundo* especificada pelo conteúdo locutivo do enunciado. Sendo assim, do ponto de vista funcional, a supressão do movimento ascendente final parece levar à perda do principal fator associado à atitude de Cortesia do enunciado original.

Para dar suporte a essas afirmações, serão exibidas a seguir um conjunto de manipulações de dois dos exemplos apresentados anteriormente. Na primeira delas (áudio *ex-5.14_2*), ilustrada pela FIG. 5.7, o movimento ascendente de f0 ao final de 5.14 foi transformado em um movimento descendente. Com isso, perde-se o valor atitudinal de Cortesia veiculado pelo enunciado original, mantendo somente o valor ilocucionário de Ordem. Na segunda manipulação (áudio *ex-5.12_2*), o final do curso de f0 do enunciado 5.12, que originalmente possui atitude de Referência, foi transformado em um movimento ascendente de f0, como mostra a FIG. 5.8. Desse modo, o enunciado, que originalmente veicula a atitude de Referência da ilocução de Ordem, passa a ter atitude de Cortesia.

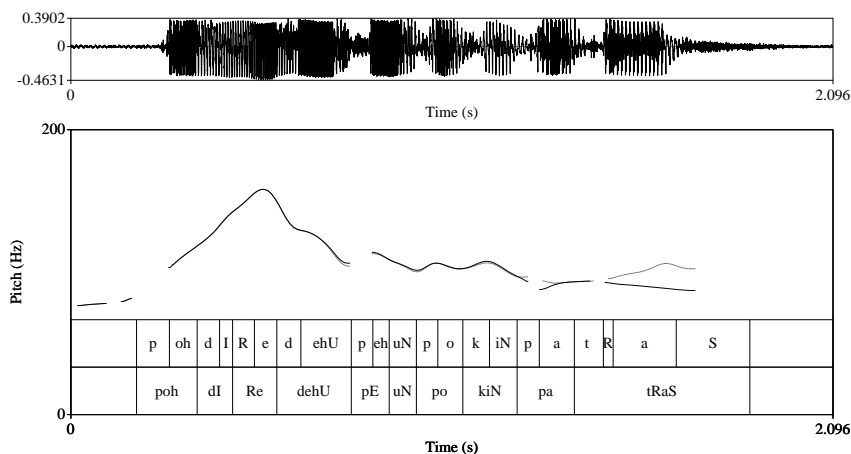


FIGURA 5.7 – Manipulação do curso de f0 de (5.14) no Praat, transformando o movimento ascendente final em um movimento descendente. O curso de f0 resultante da manipulação corresponde à linha contínua e o curso original é representado pela linha tracejada – *pode arredar o pé um pouquinho pra trás*

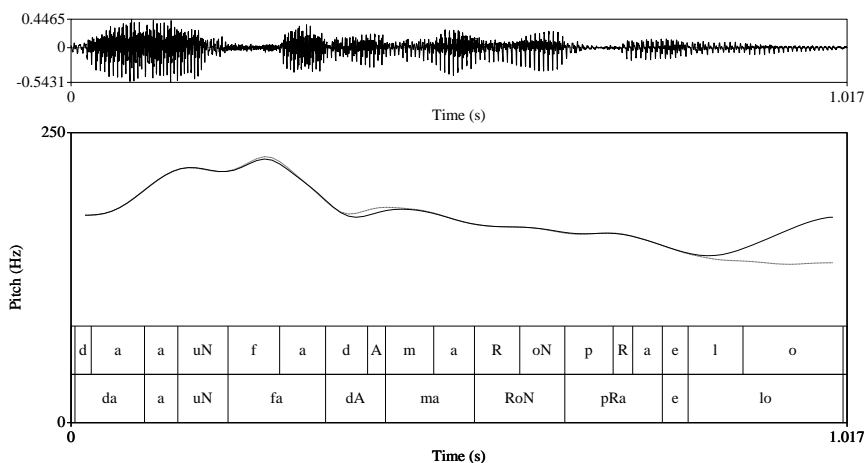


FIGURA 5.8 – Manipulação do curso de f0 de (5.12) no Praat, transformando a parte final do movimento descendente em um movimento ascendente. O curso de f0 resultante da manipulação corresponde à linha contínua e o curso original é representado pela linha tracejada – *dá a almofada marrom pra Helô*

5.1.1. Seleção das atitudes

Após a identificação de um grande número de enunciados que veiculam a ilocução de Ordem, escolheu-se trabalhar com um grupo de quatro atitudes que acreditamos ser facilmente reconhecíveis e muito diferentes entre si, sendo três delas identificadas em corpus (Referência, Irritação e Cortesia), e uma quarta atitude produzida diretamente a partir de uma cena de eliciação (Urgência). Por Urgência, entende-se uma atitude eliciada por contextos em que a ilocução deve ser realizada em caráter emergencial.

O caráter emergencial que favorece a atitude de Urgência parece estar presente na cena de eliciação de Ordem produzida no LABLITA (vídeo *LABLITA_ordem*; cf. 4.3.3).⁴² Nela, uma mulher carrega uma caixa que a impede de ver adiante e um homem lhe dá uma Ordem para que vire à direita, evitando que a mulher se choque contra a parede. Com um teste de substituição, Firenzuoli (2003) atesta que a colocação do perfil de uma dessas ilocuções na cena de eliciação da outra é vista como inaceitável por falantes de Italiano. A partir disso, a autora conclui que Ordem e Instrução possuem formas prosódicas diferentes. Todavia, Firenzuoli não considera que a incompatibilidade entre os perfis de Ordem e Instrução possa se dever ao fato de que a atitude eliciada pela cena de Ordem (com caráter emergencial) não é compatível com a atitude favorecida pela cena de Instrução (sem caráter emergencial) e vice-versa.

A atitude de Urgência foi incluída nessa pesquisa para que fosse possível testar se a inserção de uma Ordem com Urgência na cena de eliciação de Ordem com outras atitudes é percebida como inadequada. Com isso, pretende-se mostrar que o teste de substituição não pode ser tido como um procedimento metodológico que permite compreender se duas ilocuções possuem a mesma forma prosódica ou se possuem formas diferentes. Naturalmente, essa demonstração poderia ser feita com teste de substituição entre as atitudes encontradas em corpus (Referência, Irritação e Cortesia). Todavia, julgou-se oportuno inserir a atitude de Urgência para que a demonstração fosse feita com a mesma atitude (ou com uma atitude semelhante) àquela usada por Firenzuoli.

Com relação à Cortesia, ressaltamos que a escolha dessa atitude deve-se à vontade de se trabalhar com enunciados que, do ponto de vista prosódico, apresentam diferenças evidentes com relação aos demais, mas que, no plano funcional, não parece haver motivos pragmáticos fortes o bastante para considerar que veiculem ilocuções diferentes. De fato, os enunciados de Ordem com Cortesia parecem ter as mesmas propriedades pragmáticas que qualquer outra Ordem. Essa discussão será aprofundada no capítulo 7.

5.2. Análise dos enunciados produzidos em laboratório

Para cada atitude da ilocução de Ordem, foi produzida uma cena de eliciação em que o enunciado com a Ordem possuía o conteúdo locutivo “pega o livro preto”. Posteriormente, para estudar o impacto que a extensão do conteúdo locutivo exerce sobre a concretização da forma prosódica no enunciado, foram registradas, para cada cena, três *takes* (ou seja, três

⁴² Não será possível mostrar uma imagem do perfil prosódico da Ordem com Urgência produzida pelo LABLITA, pois a qualidade de áudio do vídeo que possuímos não permite a visualização do perfil de f0.

realizações) de enunciados de tamanhos diferentes: “pega o livro”, “pega o livro preto” e “pega o livro preto pra mim”. Todas as cenas foram feitas em Português Brasileiro e, em seguida, foram dubladas em Italiano, para possibilitar a comparação entre a ilocução de Ordem nessas línguas (cf. 5.3). Também em Italiano foram gravados enunciados com locuções de três tamanhos: “prendi il libro”, “prendi il libro nero” e “prendi il libro nero per me”.

Primeiramente, serão apresentadas as cenas de eliciação de Ordem (5.2.1). A próxima seção mostrará como foi feita a identificação do núcleo dos enunciados com a ilocução de Ordem (5.2.2). Em seguida, serão mostradas algumas medidas prosódicas extraídas dos enunciados (5.2.3) e será feita a caracterização de cada atitude (5.2.4). Após isso, será feito um esboço da forma prosódica da ilocução de Ordem no Português Brasileiro a partir das propriedades que se mantêm mais estáveis em todas as realizações da ilocução (5.2.5).

5.2.1. *Cenas de eliciação de Ordem com atitudes diferentes*

Todas as cenas da ilocução de Ordem expressam o mesmo conjunto de propriedades pragmático-cognitivas mostrado pelo QUADRO 5.1. Além desses parâmetros, cada cena apresenta outras propriedades contextuais que foram inseridas para motivar a atitude desejada.

QUADRO 5.1

Parâmetros utilizados na cena de Ordem

| Parâmetro | Valor |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| Canal de comunicação | Aberto |
| Atenção | Compartilhada |
| Proxêmica | Interação direta |
| Propriedades intencionais do processo | Comportamental |
| Efeitos | Mudança de mundo |
| Modificações no interlocutor | Operativa |
| Características perceptuais no objeto ontológico referido no contexto pragmático/cognitivo | Presente |
| Condição preparatória no falante | Habilidade pragmática e papel social |
| Condição preparatória no interlocutor | Possibilidade de intervir na situação |

5.2.1.1. Cena de Ordem com atitude de Referência

A cena feita para a atitude de Referência mostra duas pessoas sentadas em uma mesa. Uma delas está resolvendo um exercício de matemática e a outra a está ajudando. Em um determinado ponto, a pessoa que está resolvendo o exercício discorda da explicação do colega, argumentando que o professor deles, usando um livro preto, disse que o exercício deveria ser resolvido de outra forma. Assim, o colega dá uma Ordem com atitude de Referência para que a amiga pegue o livro preto. A atitude de Referência deve-se à ausência de propriedades contextuais que motivem uma atitude mais marcada.

Os arquivos da cena de Ordem com Referência são:

- a) Cena em Português Brasileiro: *pb_referência*
- b) Cena em Italiano: *it_referência*

A FIG. 5.9 a 5.11 mostram perfis prosódicos obtidos em enunciados eliciados pela cena de Ordem com atitude de Referência com tamanhos locutivos diferentes.

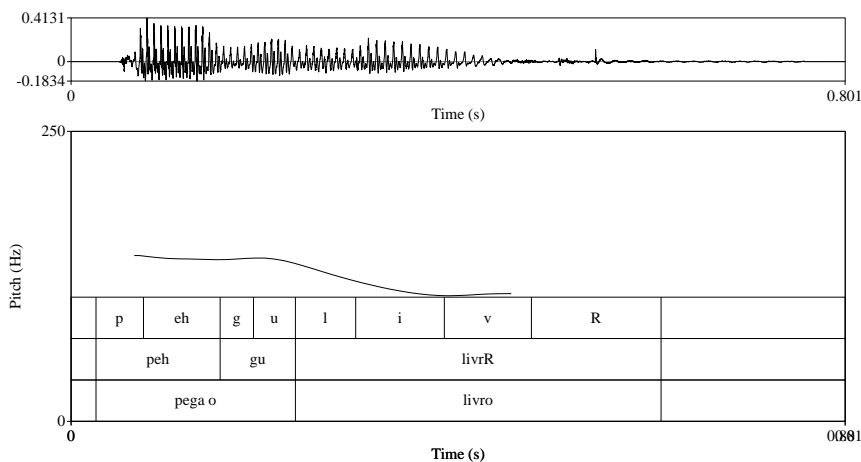


FIGURA 5.9 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Referência – *pega o livro* (áudio *pb_referência_p_1*)

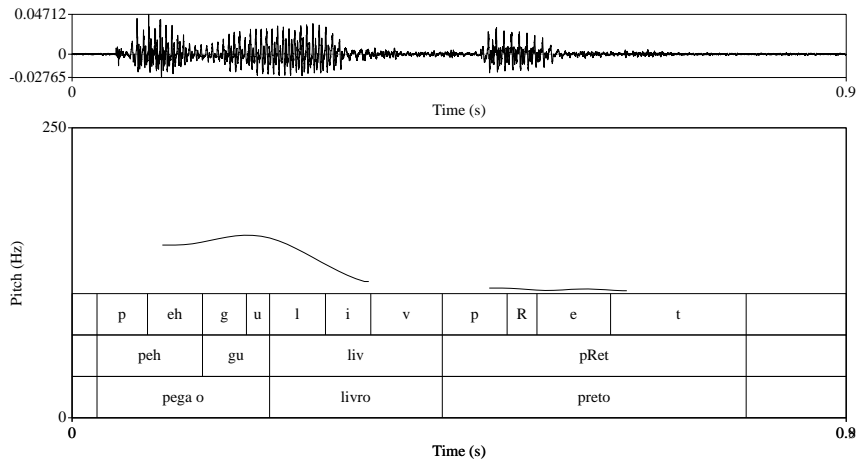


FIGURA 5.10 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Referência – *pega o livro preto* (áudio *pb_referência_m_1*)

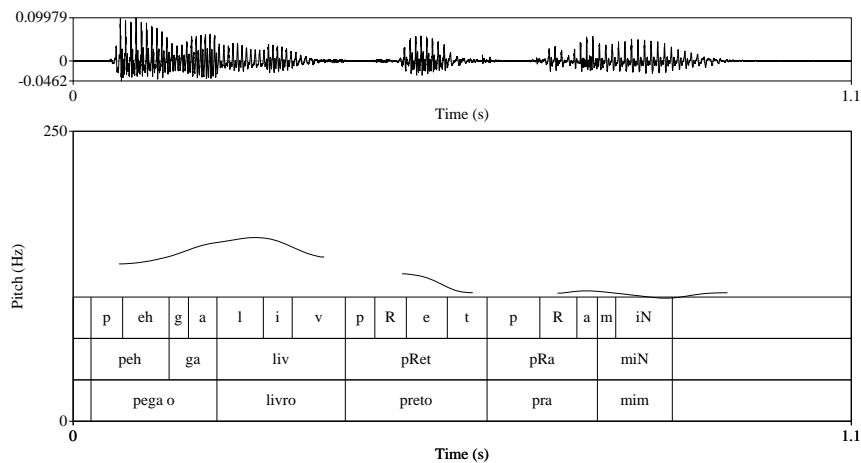


FIGURA 5.11 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Referência – *pega o livro preto pra mim* (áudio *pb_referência_g_1*)

5.2.1.2. Cena de Ordem com atitude de Cortesia

Na cena de Ordem com Cortesia, um homem está no corredor do seu prédio, entrando em seu apartamento, mas tem dificuldades para pegar a chave de casa, pois está segurando muitos objetos em suas mãos. Uma vizinha passa, o cumprimenta e oferece ajuda. O homem dá uma Ordem, com atitude de Cortesia, para que a vizinha pegue o livro preto que está em suas mãos. Nessa cena, a falta de intimidade entre os falantes (que são vizinhos e não se conhecem bem) e a gentileza da vizinha motivam a atitude de Cortesia.

Os arquivos da cena de Ordem com Cortesia são:

- a) Cena em Português Brasileiro: *pb_cortesia*
- b) Cena em Italiano: *it_cortesia*

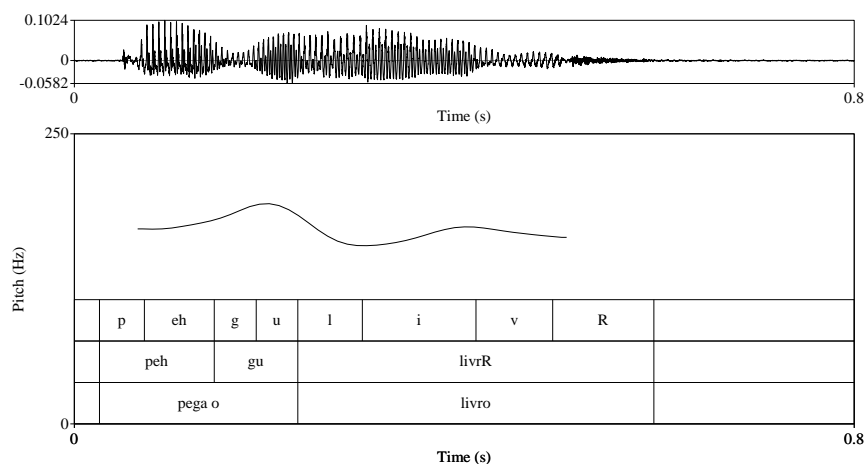


FIGURA 5.12 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Cortesia – *pega o livro* (áudio *pb_cortesia_p_1*)

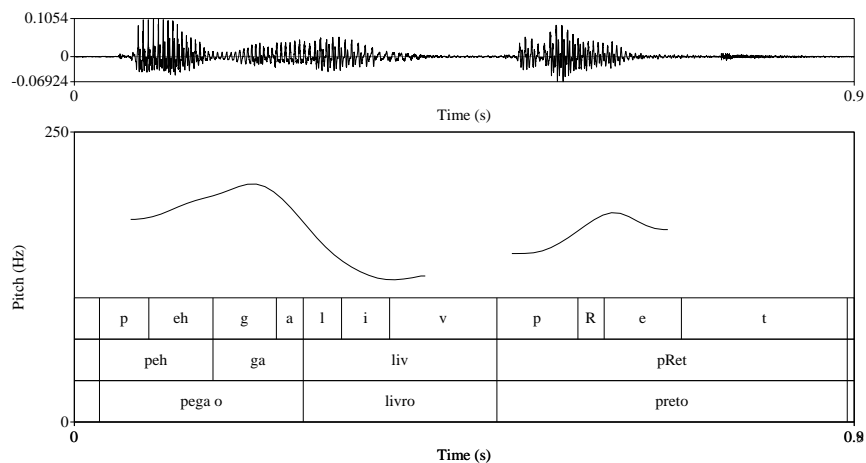


FIGURA 5.13 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Cortesia – *pega o livro preto* (áudio *pb_cortesia_m_1*)

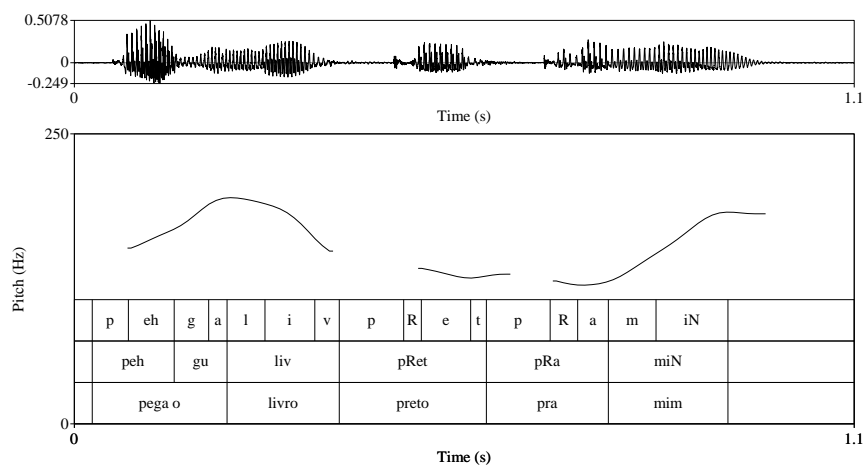


FIGURA 5.14 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Cortesia – *pega o livro preto pra mim* (áudio *pb_cortesia_g_1*)

5.2.1.3. Cena de Ordem com atitude de Irritação

Na cena de Ordem com Irritação, uma mulher está jogando um jogo de computador na sala de sua casa. O seu companheiro se aproxima e, percebendo que ela está jogando com o personagem dele, dá uma Ordem com atitude de Referência para que a mulher, no jogo, pegue um livro preto que está próximo ao personagem. A mulher, que é mais experiente, diz que o livro preto o matará. O homem não dá ouvidos a ela e repete a Ordem para que a mulher pegue o livro preto, dessa vez com atitude de Irritação. Novamente, ela se recusa, e o homem, mais uma vez, repete a Ordem, com atitude ainda mais Irritada. A mulher pega o livro e, em seguida, toca uma música que indica que o personagem morreu. Em ambos os casos, a atitude de Irritação do enunciado de Ordem seria motivada pelo fato de a mulher se recusar a cumprir a ação que lhe foi pedida, bem como pela atitude de Irritação já presente nos enunciados anteriores de ambos os falantes.

A cena de Irritação possui três enunciados com o conteúdo locutivo “pega o livro preto”: uma Ordem com atitude de Referência, uma Ordem com pouca Irritação e uma Ordem com muita Irritação. A Ordem com Referência produzida no vídeo de Irritação será chamada, durante a análise de dados, de Ordem **sem Irritação**, para deixar claro que ela foi eliciada pela cena de Irritação e para que não seja confundida com os enunciados produzidos na cena de Referência. As outras serão chamadas de Ordem com **pouca Irritação** e Ordem com **muita Irritação**, respectivamente.

Para o teste de percepção, foi feita uma segunda versão do vídeo, aproveitando as imagens originais. Nela, trocou-se o conteúdo locutivo da Ordem com atitude de Referência de “pega o livro preto” para “pega esse livro de capa preta aí”. Além disso, o final do vídeo foi editado, retirando a segunda Ordem com atitude de Irritação. Essas alterações foram feitas para que os sujeitos, que deveriam avaliar a primeira Ordem com atitude de Irritação, não ouvissem mais de uma vez, no mesmo vídeo, o conteúdo locutivo “pega o livro preto”. Além disso, na versão usada no teste, suprimiu-se a música colocada ao final do vídeo, pois notou-se que muitos sujeitos riam ao ouvi-la. Assim como o teste de percepção foi feito somente com falantes brasileiros, não foi produzida uma segunda versão do vídeo em Italiano.

Os arquivos da cena de Ordem com Irritação são:

- a) 1ª versão da cena em Português Brasileiro: *pb_irritação*
- b) 2ª versão da cena em Português Brasileiro: *pb_irritação_2*
- c) 1ª versão da cena em Italiano: *it_irritação*

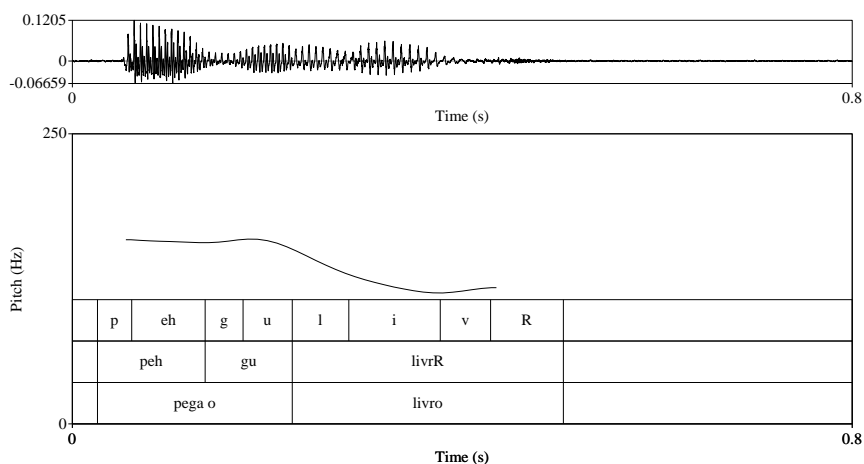


FIGURA 5.15 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado sem Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro* (áudio *pb_irritação_sem_p_1*)

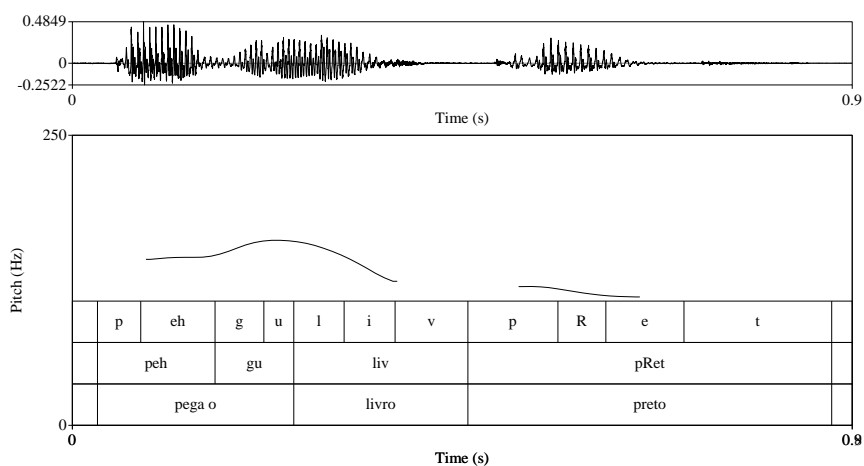


FIGURA 5.16 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado sem Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro preto* (áudio *pb_irritação_sem_m_1*)

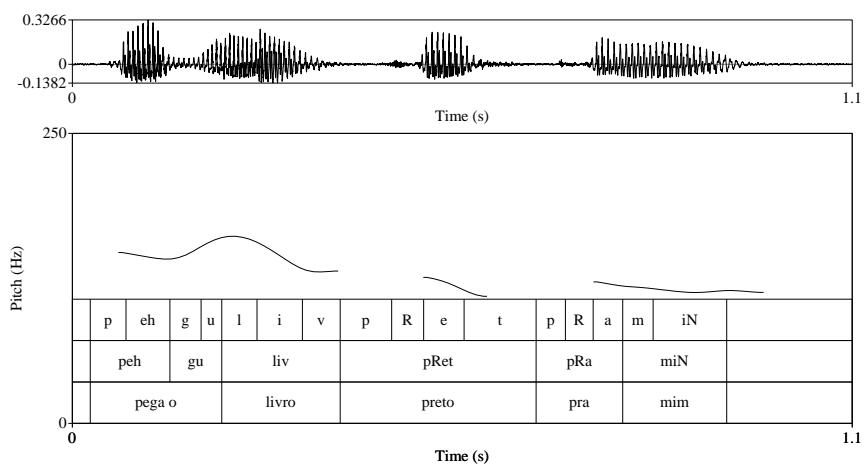


FIGURA 5.17 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de enunciado sem Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro preto pra mim* (áudio *pb_irritação_sem_g_1*)

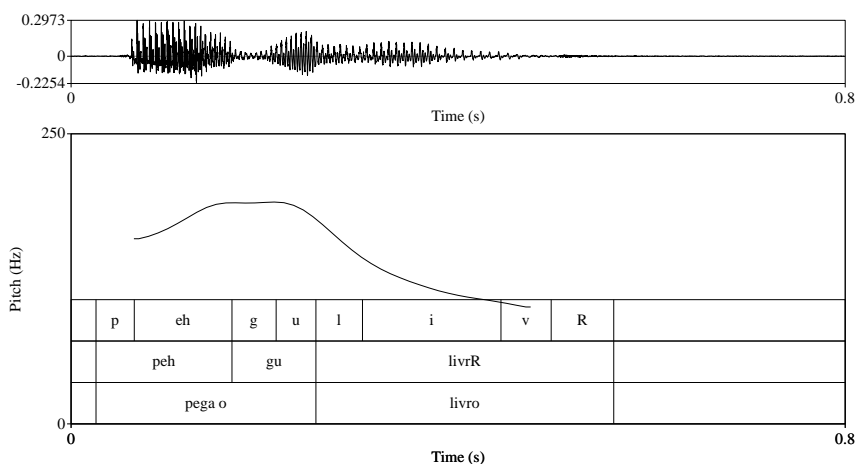


FIGURA 5.18 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonos de enunciado com pouca Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro* (áudio *pb_irritação_pouca_p_1*)

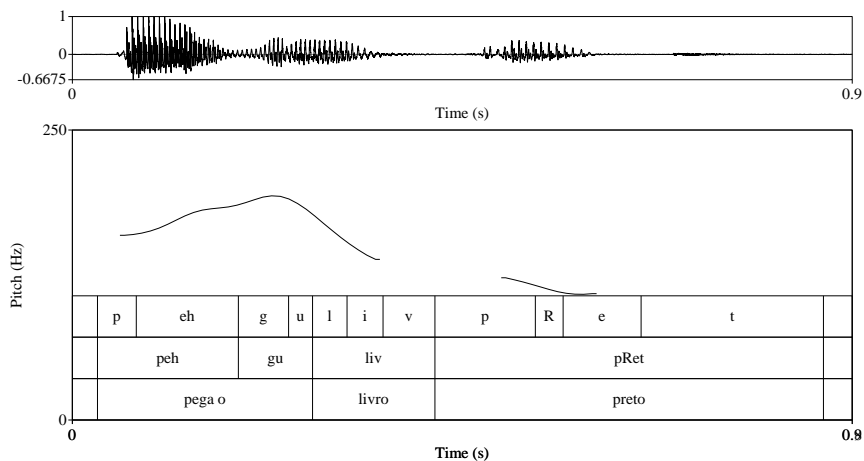


FIGURA 5.19 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonos de enunciado com pouca Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro preto* (áudio *pb_irritação_pouca_m_1*)

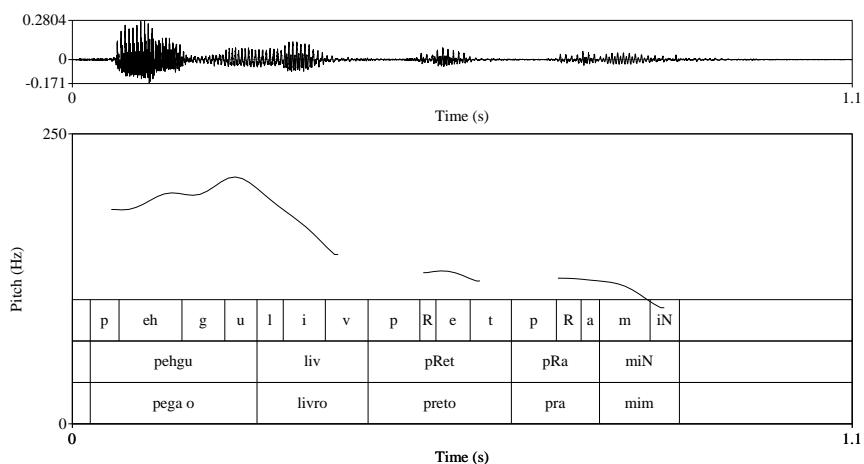


FIGURA 5.20 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonos de enunciado com pouca Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro preto pra mim* (áudio *pb_irritação_pouca_g_1*)

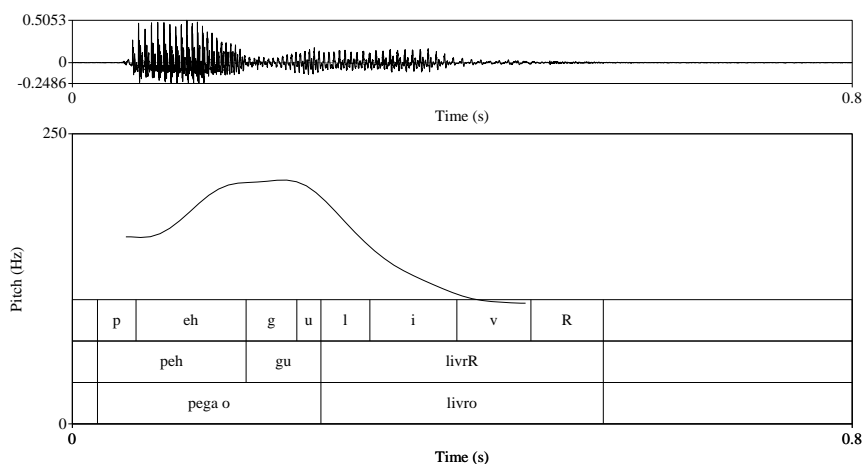


FIGURA 5.21 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com muita Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro* (áudio *pb_irritação_muita_p_1*)

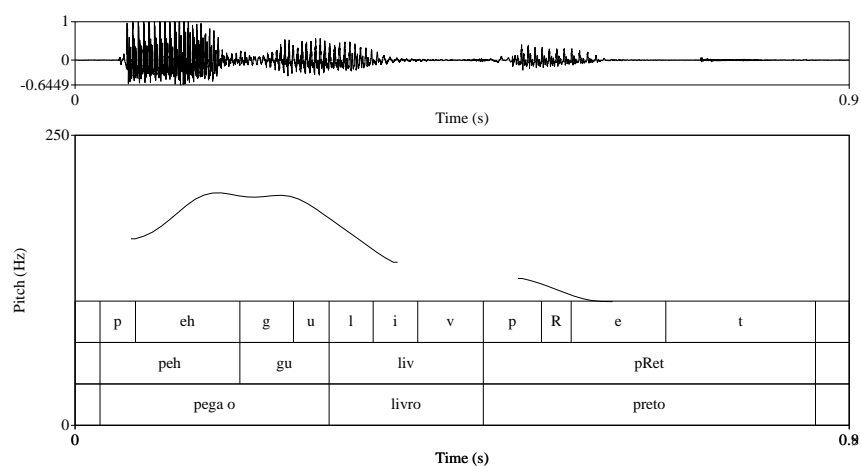


FIGURA 5.22 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com muita Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro preto* (áudio *pb_irritação_muita_m_1*)

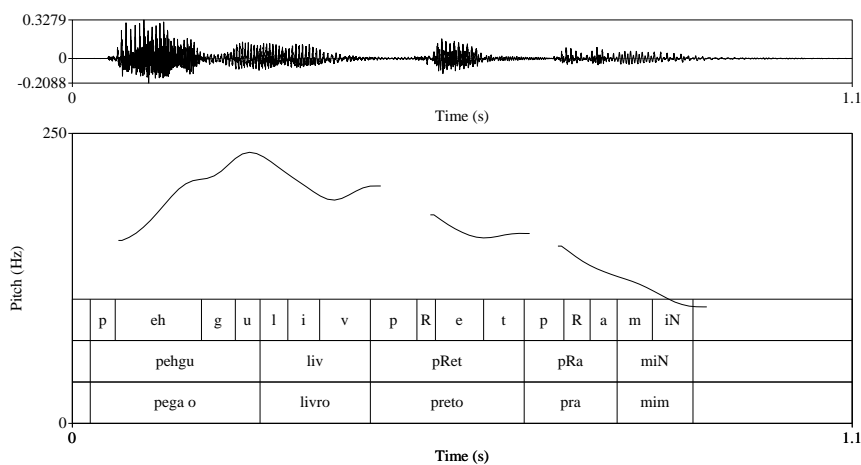


FIGURA 5.23 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fones de enunciado com muita Irritação produzido na cena de eliciação de Ordem com Irritação – *pega o livro preto pra mim* (áudio *pb_irritação_muita_g_1*)

5.2.1.4. Cena de Ordem com atitude de Urgência

Essa cena mostra uma dupla de *hackers* (piratas de computadores) tentando invadir um sistema antes que sejam rastreados. Ao ser informado que faltam apenas dois minutos para sejam descobertos, o homem, que está ao computador, diz que vai precisar de um algoritmo que está em um livro preto. Assim, dá uma Ordem com atitude de Urgência para que a mulher o pegue. Nessa cena, o caráter emergencial da ação que estão desempenhando motiva a atitude de Urgência da ilocução de Ordem, bem como das ilocuições que a antecedem.

Os arquivos da cena de Ordem com Urgência são:

- a) Cena em Português Brasileiro: *pb_urgência*
- b) Cena em Italiano: *it_urgência*

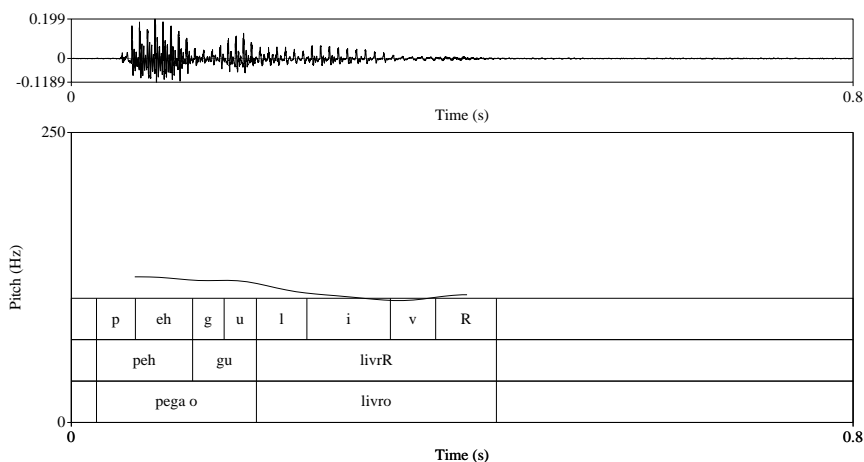


FIGURA 5.24 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonos de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Urgência – *pega o livro* (áudio *pb_urgência_p_1*)

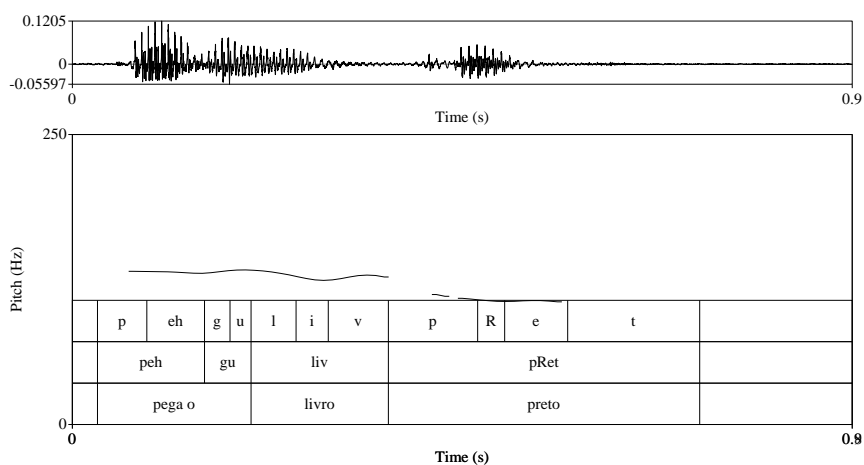


FIGURA 5.25 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonos de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Urgência – *pega o livro preto* (áudio *pb_urgência_m_1*)

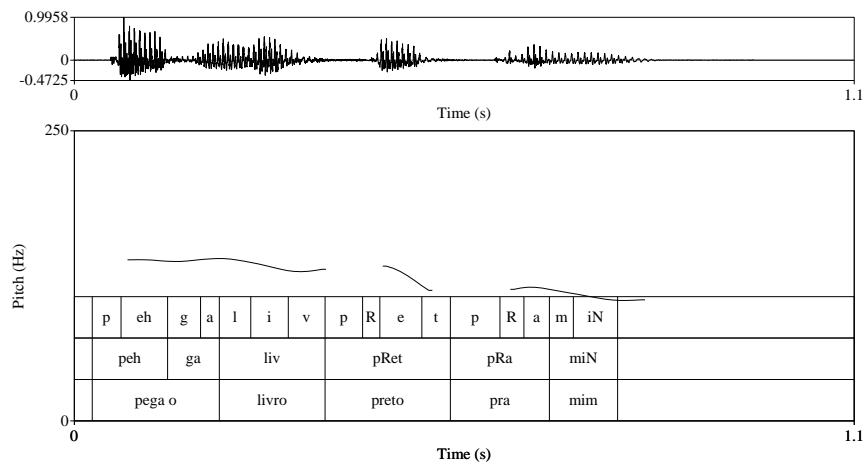


FIGURA 5.26 – Oscilograma, curso de f_0 e divisão em fones de enunciado produzido na cena de eliciação de Ordem com Urgência – *pega o livro preto pra mim* (áudio *pb_urgência_g_1*)

Diferentemente do esperado, os perfis de Ordem com atitude de Urgência produzidos a partir da cena de eliciação são diferentes do perfil Ordem do produzido no LABLITA. Assim como não dispomos do áudio original da cena do LABLITA, não será possível fazer uma comparação entre os perfis prosódicos. Todavia, a sensação que se tem ao ouvir os dois enunciados nos respectivos vídeos (vídeos *pb_urgência* e *LABLITA_ordem*) é a de que o perfil italiano possui uma maior variação de f_0 com relação ao perfil brasileiro. Todavia, como será visto adiante, o fato de que essas cenas eliciam atitudes aparentemente diferentes não compromete os resultados da pesquisa.

5.2.2. Identificação do núcleo dos enunciados de Ordem

Uma etapa de grande importância para a descrição da forma prosódica de uma ilocução é a identificação do seu núcleo, ou seja, da porção mínima da unidade de Comentário em que é realizada a forma prosódica ilocucionária. Em algumas ilocuições, a forma prosódica tem tamanho fixo (cf. 3.2.1), sendo realizada pelo mesmo número de sílabas independentemente da extensão da unidade informacional de Comentário. Em casos como esse, a identificação do núcleo ilocucionário é um processo simples. Em outras ilocuições, o núcleo possui tamanho variável e sua extensão é condicionada, dentre outros fatores, pela quantidade de sílabas da unidade de Comentário. Nessas ilocuições, a identificação do núcleo é um processo mais delicado, em que o pesquisador deve contar com a sua competência como falante nativo e/ou com testes de percepção para identificar o núcleo de forma correta. Nessa pesquisa, não foram feitos testes de percepção para a identificação do núcleo.

A Ordem é uma ilocução com núcleo de tamanho variável, o que será mostrado por meio de uma breve análise de enunciados de algumas das atitudes estudadas. O QUADRO 5.2 destaca o núcleo dos enunciados produzidos na cenas de eliciação de Ordem com atitude de Referência.

QUADRO 5.2

Núcleos dos enunciados de Ordem com atitude de Referência

| Conteúdo locutivo | Take | Núcleo | Arquivo do enunciado | Arquivo do núcleo |
|----------------------------|------|--------------------|----------------------|---------------------|
| pega o livro | 1 | pega o livro | pb_referencia_p_1 | pb_referencia_p_1_n |
| | 2 | pega o livro | pb_referencia_p_2 | pb_referencia_p_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_referencia_p_3 | pb_referencia_p_3_n |
| pega o livro preto | 1 | pega o livro | pb_referencia_m_1 | pb_referencia_m_1_n |
| | 2 | pega o livro | pb_referencia_m_2 | pb_referencia_m_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_referencia_m_3 | pb_referencia_m_3_n |
| pega o livro preto pra mim | 1 | pega o livro preto | pb_referencia_g_1 | pb_referencia_g_1_n |
| | 2 | pega o livro preto | pb_referencia_g_2 | pb_referencia_g_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_referencia_g_3 | pb_referencia_g_3_n |

Em todos os enunciados com locução pequena (“pega o livro”), realizados sempre em três sílabas fonéticas, o núcleo ocupa toda a extensão do Comentário. Nos enunciados de tamanho médio (“pega o livro preto”), com quatro sílabas fonéticas, o núcleo também parece ser realizado nas três primeiras sílabas do Comentário (“pega o livro”) e é seguido por uma coda de uma sílaba fonética (“preto”). Já nos enunciados com conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”), com seis sílabas fonéticas, há uma diferença importante entre os *takes*. No *take* 3, parecem bastar três sílabas (“pega o livro”) para que a ilocução seja veiculada e percebida como uma realização natural de Ordem com atitude de Referência. Nos *takes* 1 e 2, por outro lado, as três primeiras sílabas parecem ser insuficientes (áudios *pb_referência_g_1_n1* e *pb_referência_g_2_n1*). Parece faltar a elas uma variação mínima de f_0 para que seja percebida a ilocução de Ordem. Nesses enunciados, o núcleo ocupa quatro sílabas (“pega o livro preto”) e é seguido por uma coda de duas sílabas (“pra mim”).

As Ordens com muita Irritação (QUADRO 5.3) são mais regulares com relação ao tamanho do núcleo. Em enunciados com locução pequena, o núcleo ocupa toda a unidade. Em enunciados médios, parece ocupar as primeiras três sílabas fonéticas. Em enunciados longos, parece corresponder às quatro primeiras sílabas fonéticas. Todavia, diferentemente das demais atitudes, nos enunciados com locução grande, as edições que preservam somente três sílabas

fonéticas soam mais naturais que as edições que contêm cinco sílabas (áudios *pb_irritação_muita_g_1_n1*, *pb_irritação_muita_g_2_n1* e *pb_irritação_muita_g_3_n1*).

QUADRO 5.3

Núcleos dos enunciados de Ordem com muita Irritação

| Conteúdo locutivo | Take | Núcleo | Arquivo do enunciado | Arquivo do núcleo |
|----------------------------|------|--------------------|------------------------|--------------------------|
| pega o livro | 1 | pega o livro | pb_irritação_muita_p_1 | pb_irritação_muita_p_1_n |
| | 2 | pega o livro | pb_irritação_muita_p_2 | pb_irritação_muita_p_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_irritação_muita_p_3 | pb_irritação_muita_p_3_n |
| pega o livro preto | 1 | pega o livro | pb_irritação_muita_m_1 | pb_irritação_muita_m_1_n |
| | 2 | pega o livro | pb_irritação_muita_m_2 | pb_irritação_muita_m_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_irritação_muita_m_3 | pb_irritação_muita_m_3_n |
| pega o livro preto pra mim | 1 | pega o livro preto | pb_irritação_muita_g_1 | pb_irritação_muita_g_1_n |
| | 2 | pega o livro preto | pb_irritação_muita_g_2 | pb_irritação_muita_g_2_n |
| | 3 | pega o livro preto | pb_irritação_muita_g_3 | pb_irritação_muita_g_3_n |

QUADRO 5.4

Núcleos dos enunciados de Ordem com Cortesia

| Conteúdo locutivo | Take | Núcleo | Arquivo do enunciado | Arquivo do núcleo |
|----------------------------|------|--------------------|----------------------|-------------------|
| pega o livro | 1 | pega o livro | pb_cortesia_p_1 | pb_cortesia_p_1_n |
| | 2 | pega o livro | pb_cortesia_p_2 | pb_cortesia_p_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_cortesia_p_3 | pb_cortesia_p_3_n |
| pega o livro preto | 1 | pega o livro | pb_cortesia_m_1 | pb_cortesia_m_1_n |
| | 2 | pega o livro | pb_cortesia_m_2 | pb_cortesia_m_2_n |
| | 3 | pega o livro | pb_cortesia_m_3 | pb_cortesia_m_3_n |
| pega o livro preto pra mim | 1 | pega o livro preto | pb_cortesia_g_1 | pb_cortesia_g_1_n |
| | 2 | pega o livro preto | pb_cortesia_g_2 | pb_cortesia_g_2_n |
| | 3 | pega o livro preto | pb_cortesia_g_3 | pb_cortesia_g_3_n |

A Ordem com atitude de Cortesia é realizada em três movimentos de f0, diferentemente das demais atitudes, que apresentam sempre dois movimentos. Nessa atitude, o movimento ascendente ao final da unidade é um dos principais elementos responsáveis por atribuir a Cortesia ao enunciado. Nos enunciados com locução pequena, o movimento ascendente final faz parte do núcleo do Comentário, que possui três sílabas fonéticas e ocupa toda a unidade (“pega o livro”). Nas realizações com locução média, em que o núcleo também possui três sílabas fonéticas (“pega o livro”) e é seguido por uma coda de uma sílaba fonética (“preto”), o movimento ascendente está sempre na última sílaba fonética e faz parte da coda, não tendo valor para a interpretação ilocucionária da unidade. O mesmo acontece nos enunciados com locução grande, cujo núcleo tem quatro sílabas fonéticas (“pega o livro

preto”) e o movimento ascendente localiza-se nas duas últimas sílabas (“pra mim”), na coda tonal.

Esse conjunto de análises indica que a Ordem é uma ilocução com núcleo de tamanho variável, cujo número de sílabas é influenciado pela extensão do conteúdo locutivo do enunciado. Entretanto, foi observado que o núcleo da Ordem nem sempre é identificado com facilidade e que, para algumas atitudes, enunciados com o mesmo conteúdo locutivo podem apresentar núcleos de tamanhos diferentes. Esses fatores sugerem que a quantidade de sílabas da unidade de Comentário não seja o único elemento que condiciona o tamanho do núcleo. Uma possível interpretação disso é a de que o núcleo do Comentário deve reunir um conjunto de propriedades mínimas para que a sua ilocução seja reconhecida (como, por exemplo, uma certa variação de f_0), mas a concretização dessas propriedades no enunciado é influenciada pela extensão do conteúdo locutivo e também pelo modo com que a atitude se manifesta.

As observações feitas até aqui sugerem que a análise prosódica voltada para a caracterização de uma ilocução deva se concentrar na análise do núcleo da unidade de Comentário, por ser ele a porção que reúne as características essenciais da ilocução que veicula. Em contrapartida, defendemos que as análises que visam caracterizar as atitudes com as quais a ilocução é realizada devam considerar todo o enunciado, visto que a atitude incide sobre toda a unidade tonal e não somente sobre o núcleo do Comentário. Apesar de, em alguns casos, ser possível compreender a atitude de um enunciado ouvindo somente o núcleo do Comentário, as maiores regularidades emergem a partir da comparação do enunciado como um todo. Sendo assim, as análises prosódicas que buscam caracterizar as atitudes da ilocução de Ordem serão feitas a partir das medidas relativas ao enunciado.

5.2.3. *Análise prosódica dos enunciados*

Antes de passar à análise prosódica dos enunciados, chamamos a atenção para alguns pontos importantes relativos à sua interpretação. Em primeiro lugar, as tabelas de medidas de f_0 dos enunciados (5.2.3.1), duração das vogais (5.2.3.2), taxa variação dos movimentos de f_0 (5.2.3.3) e taxa de articulação dos enunciados (5.2.3.4) mostram os **valores médios** calculados a partir das três realizações de cada enunciado. As tabelas com os valores individuais de todos os enunciados analisados estão no arquivo *pb_tabelas*.⁴³

⁴³ A TAB 5.1, que será mostrada logo adiante, apresenta medidas de f_0 dos enunciados estudados. Nela, lê-se que o valor do 1º pico de f_0 da Ordem com Urgência e locução “pega o livro” é de 131 Hz. Esse valor corresponde à média das três realizações desse enunciado (129 Hz, 131 Hz e 133 Hz), presentes no arquivo *pb_tabelas*.

Em segundo lugar, deixamos claro que os dados dessa pesquisa **não receberam tratamento estatístico**. Assim, as atitudes serão descritas a partir dos parâmetros cujos valores divergem em muito dos valores da atitude de Referência e que, por isso, parecem ser mais importantes para a caracterização dessa atitude. Todavia, estamos cientes de que as descrições aqui propostas deverão ser validadas em trabalhos futuros.

Por último, reforçamos a importância de que o leitor ouça o áudio dos exemplos mencionados para que possa acompanhar a argumentação desenvolvida ao longo desse capítulo e verificar sua validade. Assim como são analisados muitos enunciados, preferiu-se colocar os nomes dos arquivos de áudio e de seus respectivos *TextGrids* no quadro a seguir, ao invés de inserir o nome de cada arquivo a cada vez que se faça uma menção a eles.

QUADRO 5.5

Nome dos arquivos de áudio e dos arquivos de *TextGrid* dos enunciados gravados nas cenas de eliciação em PB

| Atit. | Locução | Take | Sigla | Atit. | Locução | Take | Sigla |
|------------|----------------------------|------|-------------------|-----------------------------|----------------------------|------|------------------------|
| Referência | pega o livro | 1 | pb_referência_p_1 | Irritação (sem irritação) | pega o livro | 1 | pb_irritação_sem_p_1 |
| | | 2 | pb_referência_p_2 | | | 2 | pb_irritação_sem_p_2 |
| | | 3 | pb_referência_p_3 | | | 3 | pb_irritação_sem_p_3 |
| | pega o livro preto | 1 | pb_referência_m_1 | | pega o livro preto | 1 | pb_irritação_sem_m_1 |
| | | 2 | pb_referência_m_2 | | | 2 | pb_irritação_sem_m_2 |
| | | 3 | pb_referência_m_3 | | | 3 | pb_irritação_sem_m_3 |
| | pega o livro preto pra mim | 1 | pb_referência_g_1 | | pega o livro preto pra mim | 1 | pb_irritação_sem_g_1 |
| | | 2 | pb_referência_g_2 | | | 2 | pb_irritação_sem_g_2 |
| | | 3 | pb_referência_g_3 | | | 3 | pb_irritação_sem_g_3 |
| Cortesia | pega o livro | 1 | pb_cortesia_p_1 | Irritação (pouca irritação) | pega o livro | 1 | pb_irritação_pouca_p_1 |
| | | 2 | pb_cortesia_p_2 | | | 2 | pb_irritação_pouca_p_2 |
| | | 3 | pb_cortesia_p_3 | | | 3 | pb_irritação_pouca_p_3 |
| | pega o livro preto | 1 | pb_cortesia_m_1 | | pega o livro preto | 1 | pb_irritação_pouca_m_1 |
| | | 2 | pb_cortesia_m_2 | | | 2 | pb_irritação_pouca_m_2 |
| | | 3 | pb_cortesia_m_3 | | | 3 | pb_irritação_pouca_m_3 |
| | pega o livro preto pra mim | 1 | pb_cortesia_g_1 | | pega o livro preto pra mim | 1 | pb_irritação_pouca_g_1 |
| | | 2 | pb_cortesia_g_2 | | | 2 | pb_irritação_pouca_g_2 |
| | | 3 | pb_cortesia_g_3 | | | 3 | pb_irritação_pouca_g_3 |
| Urgência | pega o livro | 1 | pb_urgência_p_1 | Irritação (muita irritação) | pega o livro | 1 | pb_irritação_muita_p_1 |
| | | 2 | pb_urgência_p_2 | | | 2 | pb_irritação_muita_p_2 |
| | | 3 | pb_urgência_p_3 | | | 3 | pb_irritação_muita_p_3 |
| | pega o livro preto | 1 | pb_urgência_m_1 | | pega o livro preto | 1 | pb_irritação_muita_m_1 |
| | | 2 | pb_urgência_m_2 | | | 2 | pb_irritação_muita_m_2 |
| | | 3 | pb_urgência_m_3 | | | 3 | pb_irritação_muita_m_3 |
| | pega o livro preto pra mim | 1 | pb_urgência_g_1 | | pega o livro preto pra mim | 1 | pb_irritação_muita_g_1 |
| | | 2 | pb_urgência_g_2 | | | 2 | pb_irritação_muita_g_2 |
| | | 3 | pb_urgência_g_3 | | | 3 | pb_irritação_muita_g_3 |

5.2.3.1. Medidas de f0 dos enunciados

A TAB. 5.1, a seguir, mostra as medidas de f0 dos enunciados estudados. Para compreender melhor como ela se organiza, chamamos a atenção para alguns fatos. Em primeiro lugar, a tabela mostra que o ataque de f0 (coluna *Ataque*) dos enunciados com atitude de Cortesia (linha *COR.*) com conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”, linha *g*) é de 157 Hz. Já os enunciados com atitude de Referência (linha *REF.*) com conteúdo locutivo grande possuem ataque de 141 Hz. Os números presentes nas colunas *Hz* são a média dos valores obtidos nas três realizações de cada atitude para cada conteúdo locutivo. Os valores originais podem ser encontrados no arquivo *pb_tabelas*.

TABELA 5.1
Medidas de f0 dos enunciados em PB (valores médios)

| Atitude | Loc. | Ataque | | 1º pico | | Máximo | | Mínimo | | Média | |
|-----------------|------|--------|-------|---------|-----------|--------|-----------|------------|-----------|-------|-------|
| | | Hz | % ref | Hz | % ref | Hz | % ref | Hz | % ref | Hz | % ref |
| REF. | p | 143 | | 146 | | 146 | | 106 | | 126 | |
| | m | 144 | | 151 | | 151 | | 103 | | 132 | |
| | g | 141 | | 157 | | 157 | | 101 | | 129 | |
| COR. | p | 167 | 17 | 189 | 30 | 195 | 34 | 149 | 40 | 166 | 32 |
| | m | 174 | 21 | 215 | 43 | 215 | 43 | 125 | 22 | 173 | 30 |
| | g | 157 | 12 | 206 | 31 | 206 | 31 | 99 | -1 | 156 | 21 |
| URG. | p | 131 | -9 | 131 | -10 | 131 | -10 | 101 | -4 | 116 | -8 |
| | m | 132 | -9 | 137 | -9 | 137 | -9 | 95 | -8 | 123 | -7 |
| | g | 138 | -2 | 139 | -11 | 139 | -11 | 102 | 1 | 125 | -3 |
| IRR. (sem) | p | 154 | 8 | 164 | 13 | 164 | 13 | 110 | 3 | 135 | 8 |
| | m | 146 | 1 | 163 | 9 | 163 | 9 | 106 | 3 | 142 | 7 |
| | g | 148 | 5 | 168 | 8 | 168 | 8 | 107 | 7 | 137 | 6 |
| IRR. (pouca) | p | 171 | 20 | 203 | 39 | 203 | 39 | 103 | -3 | 153 | 21 |
| | m | 152 | 5 | 202 | 34 | 202 | 34 | 102 | -1 | 155 | 17 |
| | g | 156 | 11 | 215 | 38 | 215 | 38 | 94 | -7 | 151 | 17 |
| IRR. (muita) | p | 161 | 13 | 221 | 52 | 221 | 52 | 100 | -5 | 160 | 27 |
| | m | 163 | 13 | 216 | 43 | 216 | 43 | 99 | -4 | 167 | 26 |
| | g | 165 | 17 | 242 | 55 | 242 | 55 | 96 | -5 | 192 | 49 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Hz – Medida em Hertz

% ref – Diferença percentual entre o valor de f0 de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

Além de registrar as medidas de f0, a tabela exhibe, nas colunas % *ref*, o percentual de variação de cada valor com relação aos enunciados correspondentes com atitude de Referência. O valor máximo de f0 (coluna *Máximo*) de enunciados com atitude de muita Irritação (linha *IRR. (muita)*) com conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”, linha *p*), que é de 221 Hz, é 52% superior ao valor máximo dos enunciados com atitude de Referência com conteúdo locutivo pequeno, que é de 146 Hz. O percentual de diferença é calculado a partir dos valores médios.

As análises de f0 dessa seção foram feitas a partir da diferença percentual entre o valor de f0 de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência (colunas % *ref*). Um rápido exame da TAB. 5.1 mostra tendências muito bem delineadas para algumas atitudes, as quais serão caracterizadas com relação à atitude de Referência:

- a) Cortesia: valor máximo e de 1º pico de f0 muito superiores (mais de 30%); valor mínimo muito superior (mais de 22%), exceto para locução pequena;
- b) Irritação (pouca Irritação): valor máximo e de 1º pico de f0 muito superiores (mais de 30%);
- c) Irritação (muita Irritação): valor máximo e de 1º pico de f0 muito superiores (mais de 50%).

5.2.3.2. Duração das vogais

A TAB 5.2 mostra a duração normalizada das vogais dos enunciados, medida em *z-score* com o script *SGDetector* (BARBOSA, 2013) (coluna *Z-score*). Valores positivos indicam um alongamento do segmento com relação à sua duração intrínseca, e valores negativos indicam o oposto. O *z-score* de cada vogal mostrado na tabela é a média dos *z-scores* de cada uma das três realizações da combinação *atitude + tamanho de conteúdo locutivo*. Os valores individuais de *z-score*, bem como a duração bruta dos segmentos, podem ser vistos no arquivo *pb_tabelas*.

Ao lado da duração normalizada de cada vogal, encontra-se, na coluna *Dif*, a diferença entre o *z-score* da vogal e o da atitude de Referência. Esse valor foi obtido a partir de uma subtração simples entre os dois *z-scores*. Trata-se, portanto, da subtração de valores médios.

Note-se também que as realizações da mesma atitude em enunciados com tamanho locutivo diferente (linhas *p*, *m* e *g*) não possuem a mesma quantidade de vogais.

TABELA 5.2

Duração das vogais dos enunciados em PB, calculadas em *z-score* (valores médios)

| Atitude | Loc. | eh | | u/A/I ⁴⁴ | | i | | e | | a | | iN | |
|-----------------|------|---------|-------------|---------------------|-------------|---------|-------------|---------|-------------|---------|-------|---------|-------|
| | | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif |
| REF. | p | -2,52 | .. | -4,86 | .. | -0,18 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -3,07 | .. | -4,72 | .. | -2,35 | .. | -2,10 | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | -2,67 | .. | -3,57 | .. | -1,92 | .. | -2,82 | .. | -2,16 | .. | -2,93 | .. |
| COR. | p | -2,25 | 0,28 | -4,66 | 0,19 | 1,11 | 1,29 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -2,55 | 0,52 | -2,08 | 2,63 | -1,95 | 0,41 | -0,77 | 1,34 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -2,69 | -0,02 | -2,40 | 1,17 | -1,10 | 0,83 | -2,16 | 0,66 | -2,08 | 0,08 | -2,62 | 0,31 |
| URG. | p | -2,70 | -0,18 | -4,81 | 0,05 | -0,10 | 0,08 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -3,08 | -0,01 | -5,09 | -0,37 | -3,04 | -0,69 | -2,87 | -0,77 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -3,03 | -0,36 | -2,57 | 1,00 | -1,87 | 0,06 | -3,05 | -0,23 | -2,01 | 0,15 | -4,26 | -1,33 |
| IRR. (sem) | p | -2,19 | 0,33 | -3,97 | 0,88 | 0,83 | 1,00 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -2,42 | 0,65 | -5,23 | -0,51 | -1,74 | 0,61 | -1,97 | 0,14 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -3,13 | -0,46 | -4,64 | -1,07 | -2,05 | -0,13 | -3,04 | -0,22 | -2,01 | 0,15 | -2,97 | -0,04 |
| IRR. (pouca) | p | -1,60 | 0,93 | -4,10 | 0,76 | 2,61 | 2,79 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -0,54 | 2,53 | -5,71 | -0,99 | -2,05 | 0,30 | -1,74 | 0,36 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -1,42 | 1,24 | -2,82 | 0,75 | -1,51 | 0,41 | -2,71 | 0,11 | -2,19 | -0,03 | -3,88 | -0,95 |
| IRR. (muita) | p | -1,05 | 1,47 | -3,98 | 0,88 | 0,60 | 0,78 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -0,32 | 2,75 | -5,17 | -0,45 | -2,03 | 0,33 | -0,71 | 1,40 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -0,45 | 2,22 | -4,37 | -0,80 | -1,90 | 0,02 | -2,32 | 0,50 | -2,16 | 0,00 | -4,66 | -1,73 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Dif – Diferença entre o z-score da vogal da atitude e o z-score da mesma vogal na atitude de Referência

⁴⁴ A segunda vogal da sequência “pega o livro preto pra mim” é pronunciada em algumas realizações como [a], em outras como [u] e em uma como [i]. O z-score foi calculado a partir da vogal efetivamente produzida.

As seguintes tendências foram identificadas a partir do exame da tabela:

- a) Cortesia: tendência de alongamento da primeira postônica, exceto na locução pequena; tendência de alongamento da última tônica, exceto com a locução grande;
- b) Irritação (pouca Irritação): alongamento da primeira tônica;
- c) Irritação (muita Irritação): alongamento da primeira tônica.

Ainda com relação à duração, é necessário fazer uma observação importante. Todos os enunciados analisados nessa seção tratam-se de enunciados simples, ou seja, enunciados formados somente pela unidade informacional de Comentário. Por esse motivo, as sílabas finais da unidade de Comentário são sempre as sílabas finais do enunciado. Considerando que todas as sílabas em final de enunciado sofrem normalmente um alongamento, não será possível ver em que medida o alongamento final é uma consequência da ilocução de Ordem e/ou das atitudes analisadas. Para tanto, seria necessário gravar enunciados em que a unidade de Comentário fosse seguida por outra unidade informacional, como uma unidade de Apêndice de Comentário. Ainda assim, foi possível comparar a duração das tônicas finais entre si, revelando que a Cortesia possui uma tendência de alongamento das vogais nessa posição com relação à Referência.

5.2.3.3. Taxa de variação melódica e excursão dos movimentos de f_0

A taxa de variação melódica ($(f_0 \text{ final} - f_0 \text{ inicial}) / \text{tempo}$) reflete a inclinação de um movimento de f_0 . Movimentos ascendentes correspondem a valores acima de 0, e movimentos descendentes apresentam valores abaixo de 0. Valores mais distantes de 0 indicam movimentos mais inclinados. A TAB 5.3 mostra a taxa de variação e a excursão dos movimentos de f_0 dos enunciados estudados. A identificação das tendências de cada atitude com relação à Referência será feita principalmente a partir da comparação da taxa de variação dos movimentos. A excursão de f_0 será usada para analisar o primeiro movimento de f_0 das atitudes, diferenciando entre movimentos nivelados e movimentos ascendentes.

TABELA 5.3

Taxa de variação e excursão do 1º e do 2º movimentos de f0 dos enunciados em PB (valores médios)

| Atitude | Loc. | 1º MOVIMENTO | | | | | 2º MOVIMENTO | | | | |
|-----------------|------|------------------|------------|----------|----------|------|------------------|-------------|----------|------|------|
| | | Taxa de variação | | Excursão | | | Taxa de variação | | Excursão | | |
| | | Valor | Dif | Hz | %var | Dif% | Valor | Dif | Hz | %var | Dif% |
| REF. | p | 14 | .. | 2 | 2 | .. | -111 | .. | -40 | -27 | .. |
| | m | 34 | .. | 6 | 4 | .. | -88 | .. | -48 | -32 | .. |
| | g | 65 | .. | 16 | 12 | .. | -93 | .. | -56 | -36 | .. |
| COR. | p | 129 | 115 | 22 | 13 | 12 | -319 | -208 | -40 | -21 | 6 |
| | m | 247 | 213 | 41 | 23 | 19 | -402 | -314 | -90 | -42 | -10 |
| | g | 281 | 216 | 48 | 31 | 19 | -253 | -160 | -106 | -52 | -16 |
| URG. | p | 0 | -14 | 0 | 0 | -2 | -105 | 7 | -30 | -23 | 5 |
| | m | 40 | 6 | 6 | 4 | 0 | -94 | -6 | -42 | -31 | 1 |
| | g | 9 | -56 | 1 | 1 | -11 | -67 | 26 | -38 | -27 | 9 |
| IRR. (sem) | p | 58 | 44 | 10 | 6 | 4 | -153 | -42 | -54 | -33 | -6 |
| | m | 125 | 91 | 25 | 18 | 13 | -105 | -17 | -58 | -35 | -4 |
| | g | 92 | 27 | 21 | 14 | 2 | -98 | -5 | -61 | -36 | 0 |
| IRR. (pouca) | p | 195 | 180 | 32 | 19 | 17 | -262 | -151 | -100 | -49 | -22 |
| | m | 235 | 201 | 50 | 33 | 29 | -191 | -103 | -100 | -50 | -18 |
| | g | 316 | 251 | 59 | 38 | 27 | -187 | -94 | -121 | -56 | -21 |
| IRR. (muita) | p | 370 | 356 | 60 | 37 | 36 | -310 | -199 | -121 | -55 | -27 |
| | m | 334 | 300 | 53 | 32 | 28 | -198 | -110 | -117 | -54 | -23 |
| | g | 444 | 379 | 78 | 47 | 36 | -224 | -130 | -146 | -60 | -25 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Valor – Taxa de variação ($(f0\ final - f0\ inicial) / tempo$)

Dif – Diferença entre o valor da taxa de variação ou de articulação de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

Hz – Valor da excursão de f0, medida em Hertz

% var – Percentual de variação da excursão de f0, calculado por meio da comparação entre o ponto inicial e o ponto final do movimento de f0

Dif% – Diferença entre o percentual de variação de excursão de uma atitude e o percentual de variação da atitude de Referência

O primeiro movimento dos enunciados com atitude de Cortesia e locução média tem taxa de variação de 247 (coluna *1º MOVIMENTO*, coluna *Taxa de variação*, coluna *Valor*). Trata-se de um movimento ascendente, claramente observável na FIG. 5.27. Esse movimento é realizado com uma excursão de 41 Hz (coluna *1º MOVIMENTO*, coluna *Excursão*, coluna *Hz*), que representa uma variação de 23% entre o ponto em que o movimento se inicia e o ponto em que termina (coluna *1º MOVIMENTO*, coluna *Excursão*, coluna *%var*).

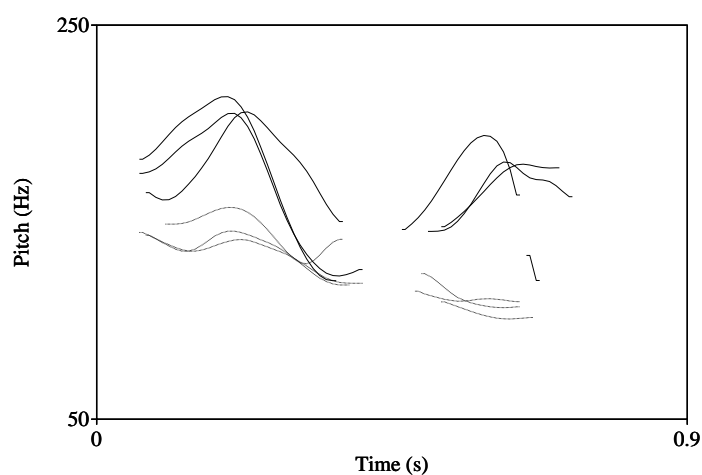


FIGURA 5.27 – Sobreposição das curvas de f_0 dos enunciados de Ordem de com locução média (“pega o livro preto”). Em linhas contínuas, os três takes com atitude de Cortesia. Em linhas pontilhadas, os três takes com atitude de Referência

O movimento inicial dos enunciados de tamanho médio com atitude de Cortesia contrasta muito com aquele da atitude de Referência, que parece mais um movimento nivelado (FIG. 5.27). De fato, o primeiro movimento da Referência com locução média possui taxa de variação de 34 e uma excursão de apenas 6 Hz, que representa uma diferença de 4% entre o ponto inicial e o ponto final do movimento. Nos enunciados de Referência com locução pequena, o primeiro movimento de f_0 é ainda menos expressivo: possui taxa de variação de 14 e excursão de 2 Hz, que corresponde a uma diferença de 2% entre o ponto inicial e final. Somente nos enunciados com locução grande, a atitude de Referência parece ter de fato um movimento ascendente. Neles, a taxa de variação é de 65 e a excursão de 16 Hz, com uma variação de f_0 de 12%. Sendo assim, o primeiro movimento de f_0 dos enunciados com atitude de Referência, que pode ser tanto nivelado quanto levemente ascendente, parece ter principalmente o objetivo de manter um certo nível de f_0 antes do movimento descendente.

O exame da tabela parece indicar tendências distintas com relação ao primeiro movimento de f0 nas diferentes atitudes. Enunciados com Cortesia, com pouca Irritação e com muita Irritação começam por um forte movimento ascendente, marcado por uma taxa de variação com valores altos. Enunciados sem Irritação possuem um leve movimento ascendente de f0, com valores mais baixos de taxa de variação. Já os enunciados com atitude de Referência e Urgência parecem começar por um movimento nivelado de f0, com uma excursão de f0 que, na maior parte dos casos, não supera em 5% o valor inicial.

Se, por um lado, as atitudes se distinguem com relação ao tipo de movimento que começa o enunciado (nivelado ou ascendente), o segundo movimento é sempre descendente. A atitude de Referência, por exemplo, tem taxa de variação de -111 em enunciados com locução pequena, enquanto a atitude de muita Irritação tem taxa de variação de -310 em enunciados do mesmo tamanho. Assim como a taxa de variação de enunciados com muita Irritação se distancia mais de 0 que os enunciados de Referência, será considerado que a Irritação possui taxa de variação superior à da Referência. A coluna *Dif*, que mostra a diferença entre a taxa de variação de uma atitude com relação à Referência deve ser interpretada da mesma maneira: a diferença entre a atitude de muita Irritação e a Referência é de -199 (coluna 2º MOVIMENTO, coluna *Taxa de variação*, coluna *Dif*), indicando que a Irritação possui uma taxa de variação maior que a da atitude de Referência.

Ainda com relação aos movimentos de f0, a atitude de Cortesia se difere das demais atitudes por possuir outro movimento ascendente ao final da unidade (TAB 5.4).

TABELA 5.4

Taxa de variação e excursão do 3º movimento de f0 da atitude de Cortesia em PB (valores médios)

| Loc. | Taxa de variação | Excursão | |
|------|------------------|----------|------|
| | Valor | Hz | %var |
| p | 79 | 23 | 16 |
| m | 184 | 65 | 52 |
| g | 267 | 82 | 83 |

Em síntese, as atitudes que mais se destacam da Referência com relação à taxa de variação são a Cortesia e a Irritação:

- a) Cortesia: movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 115 ou mais), movimento descendente com maior taxa de variação (superior em 160 ou mais), e presença de movimento ascendente final (ausente na atitude de Referência);

- b) Irritação (pouca Irritação): movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 180 ou mais), e movimento descendente com maior taxa de variação (superior em 94 ou mais);
- c) Irritação (muita Irritação): movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 300 ou mais), e movimento descendente com taxa de variação (superior em 110 ou mais).

5.2.3.4. Taxa de articulação dos enunciados

A taxa de articulação (*sílabas fonológicas / tempo*, excluídas as pausas) é uma das formas de se medir a velocidade de fala de um indivíduo durante a produção de uma sequência linguística. Quanto maior é a taxa de articulação, mais rápido o falante produz os sons que integram a sequência.

TABELA 5.5

Taxa de articulação dos enunciados em PB (valores médios)

| Atitude | Loc. | Valor | Dif | Atitude | Loc. | Valor | Dif |
|---------|------|-------|------------|-----------------|------|-------|------|
| REF. | p | 9,2 | .. | IRR. (sem) | p | 9,7 | 0,5 |
| | m | 9,7 | .. | | m | 9,4 | -0,3 |
| | g | 10,4 | .. | | g | 10,7 | 0,2 |
| COR. | p | 8,8 | -0,4 | IRR. (pouca) | p | 9,1 | -0,1 |
| | m | 9,2 | -0,5 | | m | 9,5 | -0,2 |
| | g | 9,9 | -0,5 | | g | 10,7 | 0,2 |
| URG. | p | 11,6 | 2,4 | IRR. (muita) | p | 8,9 | -0,3 |
| | m | 11,6 | 1,9 | | m | 9,3 | -0,5 |
| | g | 12,2 | 1,7 | | g | 10,8 | 0,4 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Valor – Taxa de articulação (*sílabas fonológicas / tempo*, excluídas as pausas)

Dif – Diferença entre o valor da taxa articulação de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

A taxa de articulação parece um parâmetro importante para caracterizar principalmente a atitude de Urgência, que é entre 1,7 e 2,4 superior à atitude de Referência.

5.2.3.5. Intensidade dos enunciados

A TAB 5.6 reporta o valor máximo de intensidade (coluna *dB*) de cada enunciado produzido para todas as atitudes estudadas. As colunas *Pega o livro*, *Pega o livro preto* e *Pega o livro preto pra mim* indicam a extensão do conteúdo locutivo do enunciado. Lembramos que cada combinação entre atitude e extensão de conteúdo locutivo foi gravada três vezes. Cada uma delas é indicada por um número na coluna *Take*. Assim, por exemplo, a primeira realização de Ordem com atitude de Urgência (linha *URG.*, linha *1*), com conteúdo locutivo médio (coluna *Pega o livro preto*), tem a intensidade máxima de 63,4 dB. A primeira realização do enunciado com atitude de Referência (linha *REF.*, linha *1*), com locução média, tem intensidade máxima de 57,2 dB.

TABELA 5.6

Intensidade máxima dos enunciados em PB (valores individuais)

| Atitude | Take | Pega o livro | | | Pega o livro preto | | | Pega o livro preto pra mim | | |
|-----------------|------|--------------|------|-------|--------------------|------|-------|----------------------------|------|-------|
| | | Sessão | dB | % ref | Sessão | dB | % ref | Sessão | dB | % ref |
| REF. | 1 | 2 | 75,5 | | 1 | 57,2 | | 1 | 63,0 | |
| | 2 | 2 | 77,4 | .. | 2 | 73,0 | .. | 1 | 61,3 | .. |
| | 3 | 2 | 74,7 | | 2 | 74,8 | | 1 | 59,4 | |
| COR. | 1 | 1 | 67,3 | | 1 | 64,7 | 17,0 | 1 | 68,5 | 9,7 |
| | 2 | 1 | 67,0 | .. | 1 | 69,2 | | 1 | 65,9 | |
| | 3 | 1 | 65,5 | | 2 | 78,2 | 6,0 | 2 | 78,3 | |
| URG. | 1 | 1 | 70,2 | | 1 | 63,4 | | 2 | 81,8 | |
| | 2 | 1 | 70,2 | .. | 1 | 69,1 | 18,3 | 2 | 82,7 | .. |
| | 3 | 1 | 69,5 | | 1 | 70,4 | | 2 | 79,7 | |
| IRR. (sem) | 1 | 1 | 65,8 | | 2 | 76,3 | | 1 | 59,7 | |
| | 2 | 2 | 75,9 | 2,4 | 2 | 77,0 | 3,0 | 1 | 56,2 | -5,3 |
| | 3 | 2 | 79,6 | | 2 | 73,9 | | 2 | 73,5 | |
| IRR. (pouca) | 1 | 1 | 73,6 | | 2 | 84,6 | | 1 | 66,4 | 23,9 |
| | 2 | 2 | 86,3 | 12,8 | 2 | 87,6 | 15,0 | 1 | 85,4 | |
| | 3 | 2 | 84,9 | | 2 | 83,7 | | 2 | 85,4 | |
| IRR. (muita) | 1 | 1 | 76,9 | | 2 | 85,8 | | 1 | 73,8 | 31,4 |
| | 2 | 2 | 87,6 | 16,6 | 2 | 88,7 | 18,0 | 1 | 87,1 | |
| | 3 | 2 | 89,4 | | 2 | 87,9 | | 2 | 87,1 | |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

dB – Medida em Decibéis

% ref – Diferença percentual entre o valor de intensidade de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

Para que se possam comparar a intensidade de enunciados diferentes, o pesquisador deve considerar alguns fatores, sobretudo (a) a compatibilidade do equipamento de gravação dos enunciados e (b) a posição do falante com relação ao microfone durante uma gravação e entre gravações diferentes. Os enunciados analisados nessa etapa da pesquisa foram registrados em duas sessões de gravação, identificadas na tabela pela coluna *Sessão*. O equipamento de gravação usado nas duas seções foi o mesmo e, em cada sessão, o falante manteve a mesma distância com relação ao microfone. Por outro lado, não se certificou que a distância entre falante e microfone da segunda sessão fosse a mesma da primeira. Por esse motivo, consideramos que as gravações da primeira sessão podem ser comparadas entre si, mas não podem ser comparadas às da segunda seção, e vice-versa.

Além da intensidade máxima de cada enunciado, a tabela registra a porcentagem de variação da média das realizações de uma atitude com relação à atitude de Referência. Os enunciados com atitude de Urgência e locução média (“pega o livro preto”), todos registrados na primeira sessão de gravação, têm uma intensidade média 18,3% superior à intensidade média dos enunciados de Referência com o mesmo conteúdo locutivo. Nessa coluna, são comparados somente enunciados registrados na mesma sessão de gravação. Sendo assim, as três realizações com atitude de Urgência foram comparadas ao *take* 1 da atitude de Referência, visto que esse foi o único *take* gravado na primeira sessão.

A atitude de Cortesia com locução média (“pega o livro preto”), em particular, possui dois valores percentuais de variação com relação à Referência. O primeiro deles (17%) se refere às realizações da primeira sessão (*takes* 1 e 2), e o segundo (6%) se refere à realização da segunda sessão (*take* 3). Para a Cortesia com locução média, em particular, foi possível calcular dois percentuais, pois a atitude de Referência com a mesma locução possui *takes* da primeira e da segunda sessão.

Há também casos em que a coluna % *ref* encontra-se em branco, como na atitude de Urgência com locução pequena (“pega o livro”). Isso se deve ao fato de que os seus três *takes* foram gravados na primeira sessão, enquanto todos os *takes* da atitude de Referência com a mesma locução foram registrados na segunda sessão. Sendo assim, os valores de intensidade não são comparáveis e a coluna não foi preenchida.

Em função da falta de comparabilidade entre alguns dos dados apresentados, não será possível fazer uma análise completa de como a intensidade contribui para a caracterização das atitudes. Ainda assim, serão delineadas algumas tendências a partir dos casos em que foi possível extrair o percentual de variação da atitude com relação à atitude de Referência. Essas tendências são:

- a) Irritação (pouca Irritação): valores máximos de intensidade superiores em mais de 10%;
- b) Irritação (muita Irritação): valores máximos de intensidade superiores em mais de 15%.

5.2.3.6. Posição dos picos de f0 e de intensidade dos enunciados

Em primeiro lugar, há de se notar que, em todas as atitudes estudadas, a posição dos picos de f0 coincide com a posição dos picos de intensidade somente na menor parte dos casos. Nos outros, os picos são colocados em segmentos diferentes, mas próximos. Como mostra a TAB 5.7, nos três *takes* da atitude de Referência (linha *REF.*) com conteúdo locutivo pequeno (coluna *pega o livro*), o pico de f0 está na 1ª postônica (sílabas “ga”, de “pega”), enquanto o pico de intensidade localiza-se na 1ª tônica (sílabas “pe”, de “pega”). Outra observação importante é que, para todas as atitudes estudadas, há casos em que o pico de f0 encontra-se alinhado a sílabas diferentes em *takes* diferentes do mesmo conteúdo locutivo. Na atitude de Cortesia (linha *COR.*) com conteúdo locutivo pequeno (coluna *pega o livro*), o pico de f0 do *take 1* ocorre na 2ª tônica (“li”, de “livro”), enquanto nas demais realizações está alinhado à 1ª postônica. A mesma observação vale para os picos de intensidade, que frequentemente não se alinham à mesma sílaba em realizações diferentes do mesmo conteúdo locutivo.

Apesar dessas discrepâncias, há uma tendência para as atitudes de Referência, Urgência e Irritação de os picos de intensidade e de f0 serem colocados mais à esquerda (ou seja, na 1ª tônica ou na 1ª postônica) nos enunciados com conteúdo locutivo pequeno. Para a atitude de pouca Irritação e de muita Irritação, essa tendência não é alterada nos enunciados com conteúdos locutivos maiores. Todavia, na atitude de Referência, de Urgência e sem Irritação, o pico passa a ser colocado tendencialmente mais à direita à medida que o conteúdo locutivo do enunciado aumenta. Na atitude de Urgência (linha *URG.*), por exemplo, o pico de f0 aparece sempre na 1ª tônica nos enunciados com o conteúdo locutivo pequeno (coluna *pega o livro*). Já nos enunciados com locução grande (coluna *pega o livro preto pra mim*), podem também ser posicionados na 2ª tônica e na 1ª postônica.

Na atitude de Cortesia, por outro lado, os picos aparecem distribuídos entre a porção esquerda (1ª tônica e 1ª postônica) e direita (2ª tônica) dos enunciados independentemente da extensão do conteúdo locutivo.

TABELA 5.7
Posição dos picos de f0 e de intensidade nos enunciados em PB

| Atitude | Take | Pega o livro | | Pega o livro preto | | Pega o livro preto pra mim | | Tendência |
|-----------------|------|--------------|--------------------|--------------------|--------------------|----------------------------|--------------------|-----------|
| | | <i>f0</i> | <i>Intensidade</i> | <i>f0</i> | <i>Intensidade</i> | <i>f0</i> | <i>Intensidade</i> | |
| REF. | 1 | 1ª post. | 1ª tôn. | 2ª tôn. | 2ª tôn. | 2ª tôn. | 1ª post. | esq → dir |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 2ª tôn. | 1ª post. | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 2ª tôn. | |
| COR. | 1 | 2ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 2ª tôn. | 1ª tôn. | esq = dir |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 2ª tôn. | |
| | 3 | 1ª post. | 2ª tôn. | 1ª post. | 2ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | |
| URG. | 1 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 2ª tôn. | 1ª tôn. | esq → dir |
| | 2 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | |
| | 3 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | |
| IRR. (sem) | 1 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 2ª tôn. | 2ª tôn. | 1ª tôn. | esq → dir |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 2ª tôn. | 1ª post. | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 2ª tôn. | 2ª tôn. | 2ª tôn. | |
| IRR. (pouca) | 1 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | esquerda |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | |
| IRR. (muita) | 1 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | esquerda |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | |

A partir dessas observações, as diferentes atitudes podem ser caracterizadas quanto ao local preferencial para colocação do pico de f0 e intensidade em enunciados de extensão diferentes:

- c) Referência: colocação dos picos na parte esquerda de enunciados pequenos, com tendência à colocação mais à direita em enunciados maiores;
- d) Cortesia: colocação dos picos na parte esquerda e direita do enunciado, sem tendência ao deslocamento em enunciados maiores;

- e) Urgência: colocação dos picos na parte esquerda de enunciados pequenos, com tendência à colocação mais à direita em enunciados maiores (mesma tendência da atitude de Referência);
- f) Irritação (sem Irritação): colocação dos picos na parte esquerda de enunciados pequenos, com tendência à colocação mais à direita em enunciados maiores (mesma tendência da atitude de Referência);
- g) Irritação (pouca Irritação): colocação dos picos na parte esquerda;
- h) Irritação (muita Irritação): colocação dos picos na parte esquerda.

5.2.4. Caracterização das atitudes

A caracterização das atitudes será feita em tabelas que reúnem as propriedades identificadas em 5.2.3. Logo, trata-se uma descrição contrastiva entre cada atitude e a atitude de Referência. Para a atitude de Referência, em particular, será feita uma caracterização geral com os valores de f_0 , z -score, taxa de articulação e taxa de variação. Para as outras atitudes, será dada ênfase à variação dos valores desses parâmetros com relação aos valores da Referência.

Antes de passar aos quadros, apresentamos as FIG. 5.28 a 5.30, que mostram a sobreposição entre os perfis de f_0 de cada atitude estudada, divididas de acordo com a extensão do conteúdo locutivo. Essas figuras têm o objetivo de mostrar como a variação atitudinal de uma mesma ilocução leva a alterações significativas no seu perfil prosódico. Conseqüentemente, a simples observação de diferenças prosódicas entre perfis não pode ser tomado como um critério decisivo para dizer que os perfis veiculam ilocuições diferentes.

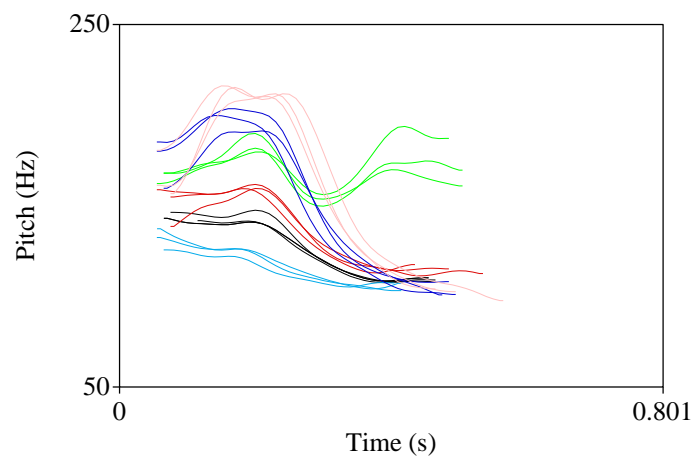


FIGURA 5.28 – Sobreposição dos cursos de f_0 dos enunciados da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa) – *pega o livro*

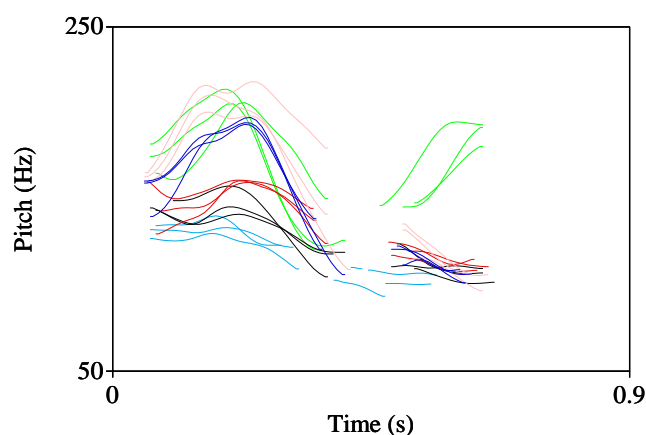


FIGURA 5.29 – Sobreposição dos cursos de f_0 dos enunciados da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa) – *pega o livro preto*

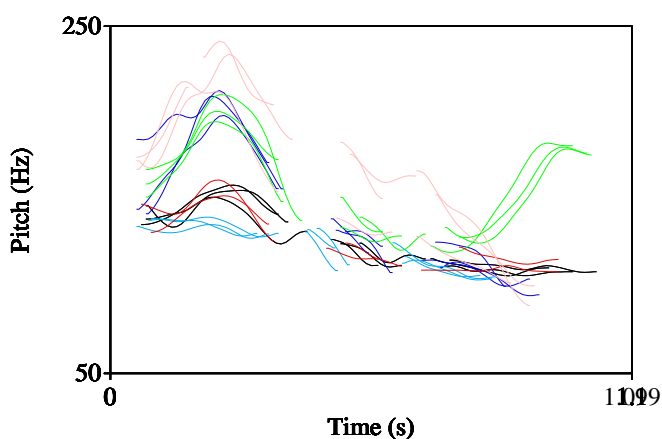


FIGURA 5.30 – Sobreposição dos cursos de f_0 dos enunciados da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa) – *pega o livro preto pra mim*

5.2.4.1. Atitude de Referência

A TABELA 5.8 reúne as propriedades que caracterizam enunciados de Ordem com atitude de Referência. A coluna *Valores* reporta as medidas obtidas nos enunciados com locução pequena (*p*, “pega o livro”), média (*m*, “pega o livro preto”) e grande (*g*, “pega o livro preto pra mim”). Em particular para as medidas de f_0 , a coluna também informa a variação de cada valor com relação à f_0 de base do falante, que é de 131 Hz, calculada a partir das sílabas átonas de todas as cenas de eliciação produzidas nessa pesquisa (cf. 4.6). Para a duração das vogais, foi registrada a duração da primeira e da última tônicas e foram feitas algumas considerações gerais.

TABELA 5.8
Descrição da atitude de Referência em PB

| Parâmetro | Valores | Tendência |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> p: 143 ; m: 144 ; g:141 Superior à f0 de base do falante, entre 7% e 10% | Indefinida |
| | <i>1º pico</i> p: 146; m: 151; g: 157 Superior à f0 de base do falante, entre 11% e 15% | Aumento |
| | <i>Máximo</i> p: 146; m: 151; g: 157 Superior à f0 de base do falante, entre 11% e 15% | Aumento |
| | <i>Mínimo</i> p: 106; m: 103; g: 101 Inferior à f0 de base do falante, entre 11% e 15% | Diminuição |
| Vogais (Z-score) | Primeira tônica: p: -2,52 (“e”, de “pega”) m: -3,07 (“e”, de “pega”) g: -2,07 (“e”, de “pega”) | Indefinida |
| | Última tônica: p: -0,81 (“i”, de “livro”) m: -2,10 (“e”, de “preto”) g: -2,93 (“i”, de “mim”) | Diminuição |
| | Outras tendências: Em todas as locuções, a primeira tônica tem um <i>z-core</i> superior ao da primeira postônica Na locução grande, última átona tem um <i>z-score</i> superior ao da última tônica | |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: nivelado ou ascendente p: 14; m: 34; g: 65 | Aumento |
| | 2º movimento de f0: descendente p: -111; m: -88; g: -93 | Indefinido |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: p: 2; m: 6; g: 16 | Aumento |
| | 2º movimento de f0: p: -40, -48, -56 | Aumento |
| Taxa de articulação | p: 9,2; m: 9,7; g: 10,4 | Aumento |
| Intensidade (dB) | Primeira sessão: p: N/A; m: 57,2; g: 61,2 | Indefinido |
| | Segunda sessão: p: 75,9; m: 73,9; g: N/A | Indefinido |
| Posição dos picos de intensidade e de f0 | Picos na parte esquerda de enunciados pequenos e tendência à colocação mais à direita em enunciados maiores | esq → dir |

A coluna *Tendência* avalia a influência do tamanho do conteúdo locutivo sobre cada parâmetro. Nos casos em que a locução pequena possui o menor valor para um parâmetro e a

locução grande possui o maior valor, considerou-se que há uma tendência ao *aumento* do valor em enunciados com locução maiores. Quando a locução pequena possui o maior valor para um parâmetro e a locução maior possui o menor valor, considerou-se que há uma tendência de *diminuição*. Se a locução média possui o maior ou o menor valor, a tendência é *indefinida*. Essa coluna tem como objetivo expressar uma **tendência interna** da atitude, e não uma tendência comparada a outras atitudes. A tendência foi estabelecida com base em qualquer variação nos valores de um parâmetro, independentemente de ser uma diferença que pode ou não ser percebida por um falante da língua. Sendo assim, a mudança de 146 Hz para 151 Hz e 157 Hz que o pico de f_0 da atitude de Referência sofre ao se passar de um conteúdo locutivo pequeno para um conteúdo médio e para um grande foi caracterizada como tendência ao *aumento* do valor de f_0 .

Com relação à excursão do segundo movimento de f_0 , note-se que a mudança de uma excursão de -40 Hz em enunciados pequenos para -56 Hz em enunciados grandes foi avaliada, na coluna *Tendência*, como um aumento. Considerando que o segundo movimento de f_0 é descendente e que movimentos descendentes possuem sempre valores negativos de excursão, há de fato um aumento da excursão de f_0 comparando os enunciados com locução pequena aos com locução grande. O mesmo raciocínio foi aplicado para avaliar a excursão do segundo movimento de f_0 nas demais atitudes.

5.2.4.2. Atitude de Cortesia

Na tabela da atitude de Cortesia, assim como nas tabelas de Urgência e Irritação, a coluna do meio faz uma comparação com a atitude de Referência. Nessa coluna, foram preenchidas somente as linhas dos parâmetros que, em 5.2.3, foram considerados mais importantes para cada atitude.

Em seguida, a coluna *Valores / Tendência* mostra as medidas de cada parâmetro em enunciados de todos os tamanhos e indica se há tendência de mudança em enunciados com tamanhos diferentes (tendência de *aumento*, de *diminuição* ou tendência *indefinida*). Essa coluna não é destinada à comparação com a atitude de Referência e reporta uma tendência interna da atitude. Qualquer variação nos valores foi usada para delinear uma tendência.

TABELA 5.9
Descrição da atitude de Cortesia em PB

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> .. | p: 167; m: 174; g: 157 Indefinida |
| | <i>1º pico</i> Superior, entre 30% e 43% | p: 189; m: 215; g: 206 Indefinida |
| | <i>Máximo</i> Superior, entre 31% e 43% | p: 189; m: 215; g: 206 Indefinida |
| | <i>Mínimo</i> Tendencialmente superior, entre 22% e 40% Exceção: Locução grande, inferior em 1% | p: 149; m: 125; g: 99 Diminuição |
| Vogais (Z-score) | Tendência de alongamento da primeira postônica (1º pico de f0) entre 1,17 e 2,63 Exceção: Locução pequena, alongada em 0,19 | p: 0,19; m: 2,63; g: 1,17 Indefinida |
| | Tendência de alongamento da última tônica (movimento ascendente final) entre 1,29 e 1,34 Exceção: Locução grande, alongada em 0,31 | p: 1,29; m: 1,34; g: 0,31 Indefinida |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 115 e 216 | p: 129; m: 247; g: 281 Aumento |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 160 e 314 | p: -319; m: -402; g: -253 Indefinida |
| | 3º movimento de f0: ascendente Única atitude com movimento ascendente final | p: 79; m: 184; g: 267 Aumento |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 22; m: 41; g: 48 Aumento |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -40; m: -90; g: -106 Aumento |
| | 3º movimento de f0: ascendente | p: 23; m: 65; g: 83 Aumento |
| Taxa de articulação | .. | p: 8,8; m: 9,2; g: 9,9 Aumento |
| Intensidade (dB) | .. | N/A |
| Posição dos picos de intensidade e de f0 | Tendência diferente | esq e dir |

Há diferenças importantes entre a Cortesia e a Referência em muitos dos parâmetros analisados, sendo que algumas delas se relacionam à presença do movimento ascendente de f0 ao final da unidade, alinhado sempre à sua última sílaba tônica. Uma das principais diferenças notadas é a de que o 1º pico e o valor máximo de f0 são sistematicamente superiores aos da atitude de Referência em mais de 30%. As taxas de variação do movimento ascendente inicial e do movimento descendente também são muito superiores às da Referência.

Chama a atenção o fato de que a f₀ mínima dos enunciados com Cortesia diminui gradativamente com o aumento do conteúdo locutivo, se aproximando progressivamente dos valores registrados para a atitude de Referência. A explicação para isso é a de que, em enunciados com locução pequena (“pega o livro”), o falante dispõe de apenas três sílabas para realizar os três movimentos de f₀ que caracterizam a Ordem com Cortesia. Assim, o movimento descendente, que é feito na primeira vogal postônica ([u], em “pega o”) e na consoante da segunda sílaba tônica ([l], em “livro”), não consegue alcançar pontos de f₀ tão baixos quanto aqueles alcançados por enunciados maiores.

Outra diferença importante diz respeito à duração das vogais dos enunciados. A última tônica de enunciados com Cortesia é sempre alongada com relação à atitude de Referência, exceto em enunciados com conteúdo locutivo grande. Para compreender a diferença entre os enunciados com locução grande e os demais, é necessário considerar que, nas locuções pequena e média, o movimento ascendente inicia no começo da última vogal tônica (na locução pequena, a vogal “i”, de “livro” e, na locução média, a vogal “e” de “preto”). Já na locução grande, o movimento ascendente final alinha-se ao início da sílaba tônica final (a consoante “m” de “mim”) e se espalha por mais de um segmento, não sendo necessário o alongamento da vogal tônica final.

Outro fator de relevância para a caracterização da Cortesia é a tendência de colocação dos picos de f₀ e de intensidade igualmente na parte esquerda (1ª tônica e 1ª postônica) e na parte direita (2ª tônica) do Comentário. Na atitude de Referência, por outro lado, os picos são colocados sempre à esquerda em enunciados pequenos, com uma tendência de deslocamento à direita proporcional ao tamanho do enunciado.

A maior parte dos fatores mencionados até então se relaciona, em maior ou menor medida, a uma diferença importante entre a Cortesia e a Referência: a presença do movimento ascendente de f₀, localizado sempre ao final da unidade. No processo de identificação do núcleo do Comentário dos enunciados, descrito em 5.2.2, foi observado que (a) nos casos em que núcleo do Comentário ocupa toda a unidade (enunciados com conteúdo locutivo pequeno), o movimento ascendente encontra-se ao final do núcleo; (b) nos casos em que o enunciado termina por uma coda (enunciados com locução média e grande), o movimento está na coda.

As diferenças prosódicas entre a Cortesia e a atitude Referência poderiam ser usadas para argumentar que esses enunciados não expressam variação atitudinal da mesma ilocução,

mas sim ilocuções diferentes. Essa questão será enfrentada na seção 7.3, que discute a importância da análise pragmática dos enunciados para a classificação do tipo ilocucionário.

5.2.4.3. Atitude de Urgência

TABELA 5.10
Descrição da atitude de Urgência em PB

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|------------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> .. | p: 131; m: 132; g: 138 Aumento |
| | <i>1º pico</i> .. | p: 131; m: 137; g: 139 Aumento |
| | <i>Máximo</i> .. | p: 131; m: 137; g: 139 Aumento |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 101; m: 95; g: 102 Indefinido |
| Vogais (Z-score) | .. | .. |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: nivelado | p: 0; m: 40; g: 9 Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -105; m: -94; g: -67 Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: nivelado | p: 0; m: 6; g: 1 Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -30; m: -42; g: -38 Indefinido |
| Taxa de articulação | Superior, entre 1,7 e 2,4 | p: 11,6; m: 11,6; g: 12,2 Indefinido |
| Intensidade (dB) | .. | .. |
| Posição dos picos de intensidade e de f0 | .. | esq → dir |

De todos os parâmetros analisados, o mais importante para diferenciar a atitude de Urgência da atitude de Referência parece ser a taxa de articulação. Na Urgência, os enunciados são realizados com uma taxa de articulação superior entre 1,7 e 2,4 com relação à Ordem com Referência, em todos os tamanhos de conteúdo locutivo.

5.2.4.4. Atitude de Irritação

As TABELAS 5.11 a 5.13 mostram as medidas da atitude sem Irritação, atitude de pouca Irritação e atitude de muita Irritação.

TABELA 5.11

Descrição da atitude de Irritação: enunciados sem Irritação em PB

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|------------------------------------------|----------------------------------|----------------------------------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> .. | p: 154; m: 146; g: 148 Indefinido |
| | <i>1º pico</i> .. | p: 164; m: 163; g: 168 Indefinido |
| | <i>Máximo</i> .. | p: 164; m: 163; g: 168 Indefinido |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 110; m: 106; g: 107 Indefinido |
| Vogais (Z-score) | .. | Semelhante |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente | p: 58; m: 125; g: 92 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -153; m: -105; g: -98 Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 10; m: 25; g: 21 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -54; m: -58; g: -61 Aumento |
| Taxa de articulação | .. | p: 9,7; m: 9,4; g: 10,7 Indefinida |
| Intensidade (dB) | .. | .. |
| Posição dos picos de intensidade e de f0 | .. | esq → dir |

TABELA 5.12

Descrição da atitude de Irritação: enunciados com pouca Irritação em PB

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| | <i>Ataque</i> .. | p: 171; m: 152; g: 156 Indefinido |
| f0 (Hz) | <i>1º pico</i> Superior, entre 34% e 39% | p: 203; m: 202; g: 215 Indefinido |
| | <i>Máximo</i> Superior, entre 34% e 39% | p: 203; m: 202; g: 215 Indefinido |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 103; m: 102; g: 94 Diminuição |
| Vogais (Z-score) | Tendência ao alongamento da 1ª tônica entre 1,24 e 2,53 Exceção: Locução pequena, superior em 0,93 | p: -1,60; m: -0,54; g: -1,42 Indefinido |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 180 e 251 | p: 195; m: 235; g: 316 Aumento |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 94 e 151 | p: -262; m: -191; g: -187 Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 32; m: 52; g: 69 Aumento |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -49; m: -50; g: -56 Aumento |
| Taxa de articulação | .. | p: 9,1; m: 9,5; g: 10,7 Aumento |
| Intensidade (dB) | Superior, entre 12,8% e 23,9% | Aumento |
| Posição dos picos de intensidade e de f0 | Tendência diferente | Esquerda |

(continua)

TABELA 5.13

Descrição da atitude de Irritação: enunciados com muita Irritação em PB

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|-----------|------------------------------------------|--------------------------------------|
| | <i>Ataque</i> .. | p: 161; m: 163; g: 165 Aumento |
| f0 (Hz) | <i>1º pico</i> Superior, entre 43% e 55% | p: 221; m: 216; g: 242 Indefinido |
| | <i>Máximo</i> Superior, entre 43% e 55% | p: 221; m: 216; g: 242 Indefinido |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 100; m: 99; g: 96 Diminuição |

TABELA 5.13

Descrição da atitude de Irritação: enunciados com muita Irritação em PB

| | | |
|------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| Vogais (Z-score) | Alongamento da 1ª tônica entre 1,47 e 2,22 | p: -1,05; m: -0,32; g: -0,45 Indefinido |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 300 e 379 | p: 370; m: 334; g: 444 Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 110 e 199 | p: -310; m: -198; g: -224 Indefinido |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 60; m: 53; g: 78 Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -121; m: -117; g: -146 Indefinido |
| Taxa de articulação | .. | p: 8,9; m: 9,3; g: 10,8 Aumento |
| Intensidade (dB) | Superior, entre 16,6% e 31,4% | Aumento |
| Posição dos picos de intensidade e de f0 | Tendência diferente | Esquerda |

Como já era esperado, para a maior parte dos parâmetros analisados, os enunciados sem Irritação divergem significativamente dos enunciados com pouca Irritação e com muita Irritação, ao passo que não parecem possuir nenhuma diferença importante com relação aos enunciados com atitude de Referência. Além disso, nota-se que os picos de f0 e de intensidade dos enunciados sem Irritação são posicionados de acordo com a mesma tendência encontrada para os enunciados de Referência (deslocamento à direita com o aumento do conteúdo locutivo) e de forma diferente da dos enunciados com pouca e muita Irritação (sempre à esquerda). Esses motivos levam a pensar que os enunciados sem Irritação tratam-se efetivamente de Ordens com atitude de Referência.

Quanto à atitude de Irritação, nota-se que todas as tendências observáveis nos enunciados com pouca Irritação se acentuam naqueles com muita Irritação, ao passo que os parâmetros para os quais não são observadas tendências particulares continuam sem tendências definidas em enunciados com muita Irritação. Essa é uma observação muito importante, pois permite atestar que **a atitude é uma categoria gradual**, cujas propriedades mais importantes se intensificam na mesma medida que a atitude é acentuada.

5.2.5. Forma prosódica de Ordem em PB

Os dados apresentados até agora parecem mostrar que a expressão prosódica de uma locução é afetada pela atitude com a qual é realizada. Assim como todo enunciado veicula uma locução com atitude em particular, não há enunciados em que seja possível observar diretamente a forma prosódica ilocucionária sem interferências provocadas pela atitude. Assim, uma metodologia para o estudo de ilocuções depende, em boa medida, da descrição das propriedades atitudinais. Além disso, há de se considerar que uma descrição definitiva da forma prosódica de uma locução só pode ser feita por meio da comparação entre ilocuções diferentes.

No estágio atual da pesquisa, ainda não é possível fornecer uma descrição precisa da forma prosódica da locução de Ordem. Ainda assim, a comparação do núcleo dos enunciados com as quatro atitudes estudadas permite identificar algumas propriedades básicas compartilhadas por eles. Esse conjunto de propriedades deve ser tomado como um esboço da forma prosódica da Ordem, o qual deverá ser detalhado em trabalhos futuros. Essas propriedades são:

- a) Configuração de movimentos de f_0 formada por um movimento nivelado ou ascendente seguido de um movimento descendente;
- b) Pico de f_0 alinhado tendencialmente ao final da 1ª vogal postônica da unidade;
- c) Pico de intensidade alinhado tendencialmente à 1ª sílaba tônica da unidade.

Além dessas características gerais, a forma prosódica de Ordem parece estar relacionada a valores aparentemente estáveis de ataque de f_0 e de ponto mínimo de f_0 , bem como à relação existente entre a duração dos segmentos do núcleo. Essas características serão exploradas a seguir. Primeiramente, observe-se a TAB 5.14.

TABELA 5.14

Valores maiores e menores de ataque de f_0 , 1º pico de f_0 e mínimo de f_0 em PB

| | Ataque | | | 1o pico | | | Mínimo | | | | | |
|-------------|-----------------|------|------|---------|-----------------|------|--------|--------|---------------|------|------|--------|
| | Atitude | Loc. | Take | Valor | Atitude | Loc. | Take | Valor | Atitude | Loc. | Take | Valor |
| Maior valor | IRR. (muita) | p | 3 | 187 Hz | IRR. (muita) | g | 1 | 251 Hz | IRR. (sem) | g | 1 | 116 Hz |
| Menor valor | URG. | p | 2 | 129 Hz | URG. | p | 2 | 128 Hz | URG. | m | 2 | 90 Hz |
| Diferença | | | | 45 % | | | | 96% | | | | 29% |

Essa tabela reúne os valores mais altos e mais baixos registrados para os parâmetros *ataque*, *1º pico* e *mínimo* de f0. Nela, lê-se que o maior valor de ataque de f0 encontrado nos enunciados gravados para essa pesquisa foi de 187 Hz, referente ao *take* 3 da atitude de muita Irritação com locução pequena (“pega o livro”). Já o menor valor de ataque, que é 129 Hz, foi alcançado pelo *take* 2 da atitude de Urgência com locução pequena. Outra informação importante presente na tabela é variação percentual entre o maior e o menor valor do mesmo parâmetro. O maior valor de ataque (187 Hz), por exemplo, é 45% superior ao menor (129 Hz). O maior valor de pico de f0 (251 Hz) é 96% superior ao menor valor de pico (128 Hz). Por fim, o maior valor mínimo de f0 (116 Hz) é 29% superior ao menor valor encontrado (90 Hz).

Os dados da TAB 5.14 sugerem que a forma prosódica de Ordem seja marcada por valores relativamente estáveis de ataque e de f0 mínima, enquanto o 1º pico de f0 possa variar com maior liberdade. Relacionando essas informações, pode-se pensar que, na ilocução de Ordem, a inclinação do primeiro e do segundo movimentos de f0 seja determinada principalmente pela altura do primeiro pico de f0, e não tanto pelo ataque ou pelo ponto mínimo de f0 dos enunciados. Levando adiante esse raciocínio, a presença de um ataque e de um ponto mínimo de f0 estáveis garantiria a taxa de variação mínima necessária para a ilocução de Ordem, enquanto a alternância do pico de f0 proporcione, em conjunto com outros fatores, as diferentes taxas de variação características de cada atitude. Desse modo, mesmo quando o pico de f0 se equipara ao ataque, provocando um primeiro movimento nivelado, seria possível perceber a forma prosódica de Ordem.

Outro fator que parece relevante para a forma prosódica de Ordem é a duração dos segmentos. Esse parâmetro será explorado de maneira preliminar por meio de um pequeno experimento com Ordens com atitude de pouca Irritação. Antes, porém, é necessário fazer algumas considerações sobre o núcleo dos enunciados com pouca Irritação e com muita Irritação.

Em primeiro lugar, cabe lembrar que a seleção do núcleo de um enunciado consiste na identificação da menor quantidade possível de sílabas que consigam veicular, sozinhas, a ilocução. Em ilocuições com a forma prosódica de tamanho variável, como a Ordem, observa-se, de um modo geral, que a seleção de uma quantidade cada vez maior de sílabas faz com que a sequência seja vista como mais aceitável. Nas atitudes de pouca Irritação e de muita Irritação, por outro lado, notou-se um fato curioso: em alguns dos *takes* dos enunciados com

locução grande (“pega o livro preto pra mim”), a colocação de uma sílaba após o núcleo torna a sequência menos aceitável. Assim, julgou-se que uma forma interessante de entender as características do núcleo da Ordem seria compreender o que falta à sílaba que segue o núcleo desses enunciados para que ela seja interpretada como parte do núcleo. Para tanto, será analisado um enunciado com atitude de pouca Irritação.

No *take 1* da atitude de pouca Irritação com locução grande (“pega o livro preto pra mim”), o núcleo parece corresponder às três primeiras sílabas fonéticas (“pega o livro”) (áudio *pb_irritação_pouca_g_1_n*) do enunciado. Ouvindo o *take 1* até a quarta sílaba (áudio *pb_irritação_pouca_g_1_n1*), parece que a última sílaba (“pret”, de “preto”) é realizada com características diferentes daquelas esperadas para o núcleo da ilocução de Ordem. Em particular, tem-se a impressão de que, para que possa ser considerada parte do núcleo, a sílaba deva ter uma duração maior e deva ser realizada em um movimento descendente de f_0 .

Para verificar a influência da duração e do movimento de f_0 da última sílaba na percepção do núcleo, foram feitas manipulações com o *take 1* da Ordem com pouca Irritação. Na primeira delas (áudio *pb_irritação_pouca_g_1_m1*), o movimento nivelado de f_0 da última sílaba foi transformado em um movimento descendente (FIG. 5.31, à esquerda). Na segunda (áudio *pb_irritação_pouca_g_1_m2*), a última sílaba foi alongada com relação à sua duração original (FIG. 5.31, ao centro). Na terceira manipulação (áudio *pb_irritação_pouca_g_1_m3*), foram realizadas as duas alterações contemporaneamente (FIG. 5.31, à direita). Dentre essas manipulações, aquela que obtém o melhor resultado é a terceira, mostrando que os dois fatores investigados atuam em conjunto na constituição do núcleo da Ordem.

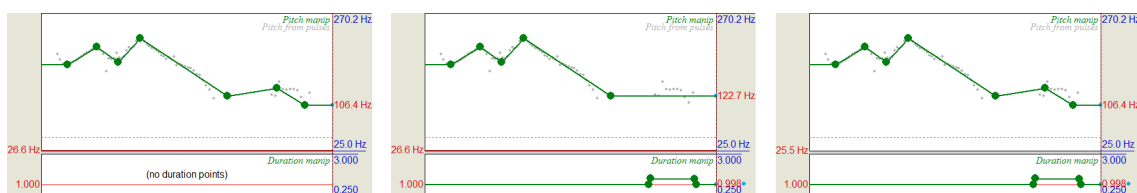


FIGURA 5.31 – Manipulações das quatro primeiras sílabas fonéticas (“pega o livro preto”) do *take 2* da Ordem com pouca Irritação e locução grande (“pega o livro preto pra mim”). À esquerda, manipulação do curso de f_0 da última tônica, transformando-a em um movimento descendente. Ao centro, manipulação da duração da última tônica, alongando-a. À direita, manipulação do curso de f_0 e da duração da última tônica

Conforme observado em 5.2.4.4, os enunciados de Ordem com atitude de pouca e muita Irritação possuem um alongamento na primeira vogal tônica do enunciado (“pe”, de

“pega”) com relação à atitude de Referência (valores em negrito na TAB 5.15, a seguir), enquanto as demais vogais do enunciado não são alongadas. Sendo assim, o fato de que a quarta sílaba fonética do *take 2* de pouca Irritação deva ser alongada para que faça parte do núcleo pode ser visto como uma forma de compensar o alongamento da primeira tônica. De acordo com esse raciocínio, outra forma de fazer com que o núcleo do *take 2* se estenda até a quarta sílaba seria reduzir a duração da primeira tônica do enunciado, em que ocorre o movimento ascendente.

TABELA 5.15

Duração das vogais dos enunciados com atitude de Referência, pouca Irritação e muita Irritação em PB, calculadas em z-score (valores médios)

| Atitude Loc. | | eh | | u/A/I ⁴⁵ | | i | | e | | a | | iN | |
|-----------------|---|---------|-------------|---------------------|-------|---------|------|---------|------|---------|-------|---------|-------|
| | | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif | Z-score | dif |
| REF. | p | -2,52 | .. | -4,86 | .. | -0,18 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -3,07 | .. | -4,72 | .. | -2,35 | .. | -2,10 | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | -2,67 | .. | -3,57 | .. | -1,92 | .. | -2,82 | .. | -2,16 | .. | -2,93 | .. |
| IRR. (pouca) | p | -1,60 | 0,93 | -4,10 | 0,76 | 2,61 | 2,79 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -0,54 | 2,53 | -5,71 | -0,99 | -2,05 | 0,30 | -1,74 | 0,36 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -1,42 | 1,24 | -2,82 | 0,75 | -1,51 | 0,41 | -2,71 | 0,11 | -2,19 | -0,03 | -3,88 | -0,95 |
| IRR. (muita) | p | -1,05 | 1,47 | -3,98 | 0,88 | 0,60 | 0,78 | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | -0,32 | 2,75 | -5,17 | -0,45 | -2,03 | 0,33 | -0,71 | 1,40 | .. | .. | .. | .. |
| | g | -0,45 | 2,22 | -4,37 | -0,80 | -1,90 | 0,02 | -2,32 | 0,50 | -2,16 | 0,00 | -4,66 | -1,73 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Dif – Diferença entre o z-score da vogal da atitude e o z-score da mesma vogal na atitude de Referência

A manipulação ilustrada pela FIG. 5.32 altera a duração da sílaba do movimento ascendente inicial, retirando o seu alongamento, e transforma a sílaba final em um movimento descendente (áudio *pb_irritação_pouca_g_1_m4*). O áudio manipulado alcança um bom resultado, e a sequência é percebida como uma ilocução de Ordem bem realizada.

⁴⁵ A segunda vogal da sequência “pega o livro preto pra mim” é pronunciada em algumas realizações como [a], em outras como [u] e em uma como [i]. O z-score foi calculado a partir da vogal efetivamente produzida.

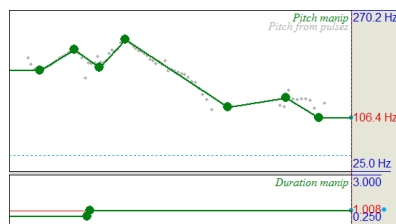


FIGURA 5.32 – Manipulação das quatro primeiras sílabas fonéticas (“pega o livro preto”) do take 2 da Ordem com pouca Irritação e locução grande (“pega o livro preto pra mim”). Manipulação do curso de f0 da última tônica, transformando-a em um movimento descendente e redução da duração da primeira tônica

Com relação à duração dos segmentos no núcleo da Ordem, essas manipulações sugerem que o ponto central para o reconhecimento de uma sequência como o núcleo de uma Ordem não seja a duração absoluta dos segmentos, mas sim a duração relativa entre eles. Em particular, a relação entre a sílaba em que ocorre o movimento ascendente e a sílaba em que termina o movimento descendente.

As observações feitas até aqui reforçam o fato de que algumas propriedades que caracterizam uma forma prosódica são observáveis diretamente em todos os enunciados que expressam a ilocução associada a ela, enquanto outras interagem mais fortemente com as propriedades atitudinais e, portanto, podem não ser tão evidentes. Isso torna mais complexo não somente o processo de descrição, mas também o próprio conceito de forma prosódica. Assim, acreditamos que a caracterização pormenorizada de uma forma prosódica ilocucionária **dependa de um instrumental informático** que permita identificar relações gerais que se manifestam no núcleo de todos os enunciados que veiculam essa ilocução, independentemente da atitude com a qual ela é expressa.

5.3. Análise dos enunciados produzidos em laboratório a partir das cenas em Italiano

A presente seção apresentará, em caráter exploratório, uma análise prosódica dos enunciados de Ordem em Italiano, com o objetivo de fornecer uma base para uma descrição mais aprofundada a ser realizada em trabalhos futuros. Ao longo dessa seção, usaremos a mesma estratégia adotada para analisar os enunciados em PB: primeiramente, serão apresentadas as tabelas que registram os valores de cada atitude para cada parâmetro estudado (5.3.1). Em seguida, as atitudes de Cortesia, Urgência e Irritação serão comparadas individualmente à atitude de Referência, para identificar as propriedades diferenciais entre elas (5.3.2). Nessa comparações, será evidenciado se as propriedades que diferenciam a Cortesia, a Urgência e a

Irritação da atitude de Referência em Italiano são as mesmas que as diferenciam da atitude de Referência em Português Brasileiro.

5.3.1. Análise prosódica dos enunciados

As tabelas que serão apresentadas nessa seção reportam, em sua maioria, valores médios calculados a partir dos três *takes* de cada enunciado. Os valores individuais dos *takes* encontram-se no arquivo *it_tabelas*. Os nomes dos arquivos de áudio dos enunciados em Italiano e de seus respectivos *TextGrids* encontram-se no quadro a seguir.

QUADRO 5.6

Nome dos arquivos de áudio e dos arquivos de *TextGrid* dos enunciados gravados nas cenas de eliciação em Italiano

| Atit. | Locução | Take | Sigla | Atit. | Locução | Take | Sigla |
|------------|----------------------------|------|-------------------|-----------------------------|----------------------------|------|------------------------|
| Referência | pega o livro | 1 | it_referência_p_1 | Irritação (sem irritação) | pega o livro | 1 | it_irritação_sem_p_1 |
| | | 2 | it_referência_p_2 | | | 2 | it_irritação_sem_p_2 |
| | | 3 | it_referência_p_3 | | | 3 | it_irritação_sem_p_3 |
| | pega o livro preto | 1 | it_referência_m_1 | | pega o livro preto | 1 | it_irritação_sem_m_1 |
| | | 2 | it_referência_m_2 | | | 2 | it_irritação_sem_m_2 |
| | | 3 | it_referência_m_3 | | | 3 | it_irritação_sem_m_3 |
| | pega o livro preto pra mim | 1 | it_referência_g_1 | | pega o livro preto pra mim | 1 | it_irritação_sem_g_1 |
| | | 2 | it_referência_g_2 | | | 2 | it_irritação_sem_g_2 |
| | | 3 | it_referência_g_3 | | | 3 | it_irritação_sem_g_3 |
| Cortesia | pega o livro | 1 | it_cortesia_p_1 | Irritação (pouca irritação) | pega o livro | 1 | it_irritação_pouca_p_1 |
| | | 2 | it_cortesia_p_2 | | | 2 | it_irritação_pouca_p_2 |
| | | 3 | it_cortesia_p_3 | | | 3 | it_irritação_pouca_p_3 |
| | pega o livro preto | 1 | it_cortesia_m_1 | | pega o livro preto | 1 | it_irritação_pouca_m_1 |
| | | 2 | it_cortesia_m_2 | | | 2 | it_irritação_pouca_m_2 |
| | | 3 | it_cortesia_m_3 | | | 3 | it_irritação_pouca_m_3 |
| | pega o livro preto pra mim | 1 | it_cortesia_g_1 | | pega o livro preto pra mim | 1 | it_irritação_pouca_g_1 |
| | | 2 | it_cortesia_g_2 | | | 2 | it_irritação_pouca_g_2 |
| | | 3 | it_cortesia_g_3 | | | 3 | it_irritação_pouca_g_3 |
| Urgência | pega o livro | 1 | it_urgência_p_1 | Irritação (muita irritação) | pega o livro | 1 | it_irritação_muita_p_1 |
| | | 2 | it_urgência_p_2 | | | 2 | it_irritação_muita_p_2 |
| | | 3 | it_urgência_p_3 | | | 3 | it_irritação_muita_p_3 |
| | pega o livro preto | 1 | it_urgência_m_1 | | pega o livro preto | 1 | it_irritação_muita_m_1 |
| | | 2 | it_urgência_m_2 | | | 2 | it_irritação_muita_m_2 |
| | | 3 | it_urgência_m_3 | | | 3 | it_irritação_muita_m_3 |
| | pega o livro preto pra mim | 1 | it_urgência_g_1 | | pega o livro preto pra mim | 1 | it_irritação_muita_g_1 |
| | | 2 | it_urgência_g_2 | | | 2 | it_irritação_muita_g_2 |
| | | 3 | it_urgência_g_3 | | | 3 | it_irritação_muita_g_3 |

5.3.1.1. Medidas de f0 dos enunciados

A TAB 5.16 mostra as medidas de f0 dos enunciados e a diferença percentual de cada atitude com relação à atitude de Referência.

TABELA 5.16
Medidas de f0 dos enunciado em Italiano (valores médios)

| Atitude | Loc. | Ataque | | 1º pico | | Máximo | | Mínimo | | Média | |
|-----------------|------|--------|-----------|---------|------------|--------|------------|--------|-------|-------|-----------|
| | | Hz | % ref | Hz | % ref | Hz | % ref | Hz | % ref | Hz | % ref |
| REF. | p | 124 | .. | 135 | .. | 135 | .. | 79 | .. | 106 | .. |
| | m | 116 | .. | 136 | .. | 136 | .. | 79 | .. | 104 | .. |
| | g | 124 | .. | 141 | .. | 141 | .. | 77 | .. | 106 | .. |
| COR. | p | 125 | 1 | 196 | 45 | 196 | 45 | 75 | -5 | 130 | 22 |
| | m | 113 | -3 | 185 | 36 | 185 | 36 | 79 | 0 | 120 | 16 |
| | g | 137 | 11 | 188 | 33 | 188 | 33 | 81 | 4 | 117 | 10 |
| URG. | p | 124 | 0 | 137 | 1 | 137 | 1 | 83 | 4 | 108 | 2 |
| | m | 125 | 8 | 149 | 10 | 149 | 10 | 80 | 1 | 113 | 9 |
| | g | 140 | 13 | 149 | 6 | 149 | 6 | 81 | 4 | 110 | 5 |
| IRR. (sem) | p | 132 | 7 | 201 | 48 | 201 | 48 | 84 | 6 | 133 | 25 |
| | m | 129 | 12 | 200 | 48 | 200 | 48 | 81 | 2 | 126 | 22 |
| | g | 136 | 9 | 200 | 42 | 200 | 42 | 83 | 7 | 126 | 20 |
| IRR. (pouca) | p | 152 | 23 | 225 | 66 | 225 | 66 | 89 | 12 | 157 | 48 |
| | m | 157 | 36 | 282 | 108 | 282 | 108 | 86 | 9 | 171 | 65 |
| | g | 149 | 20 | 197 | 40 | 197 | 40 | 87 | 12 | 135 | 28 |
| IRR. (muita) | p | 189 | 53 | 295 | 118 | 295 | 118 | 91 | 15 | 189 | 79 |
| | m | 182 | 57 | 308 | 127 | 308 | 127 | 90 | 13 | 190 | 84 |
| | g | 181 | 46 | 287 | 104 | 287 | 104 | 91 | 18 | 175 | 66 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Hz – Medida em Hertz

% ref – Diferença percentual entre o valor de f0 de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

Na tabela, observam-se algumas tendências que refletem, em linhas gerais, o que foi observado nos enunciados em PB. Todavia, nota-se que os enunciados sem Irritação

apresentam diferenças importantes em alguns parâmetros com relação à atitude de Referência, diferentemente do que foi visto em PB. As principais tendências são identificadas são:

- a) Cortesia: valores máximo, de 1º pico de f0 (mais de 30%), assim como em PB;
- b) Irritação (sem Irritação): valor máximo e de 1º pico de f0 muito superiores (mais de 40%), diferentemente de PB;
- c) Irritação (pouca Irritação): valor máximo e de 1º pico de f0 muito superiores (mais de 40%), assim como em PB; valor de ataque e média de f0 muito superiores (mais de 20%), diferentemente de PB;
- d) Irritação (muita Irritação): valor máximo e de 1º pico de f0 muito superiores (mais de 100%), assim como em PB; valor de ataque e média de f0 muito superiores (mais de 40%), diferentemente de PB.

5.3.1.2. Duração das vogais

TABELA 5.17

Duração bruta das 5 primeiras vogais dos enunciados em Italiano (valores médios)

| Atitude | Loc. | eN | | i | | i | | A | | e | |
|-----------------|------|-----|------------|----|-----------|-----|------------|-----|-----|-----|------------|
| | | ms | dif | ms | dif | ms | dif | ms | dif | ms | dif |
| REF. | p | 130 | .. | 42 | .. | 99 | .. | 59 | .. | .. | .. |
| | m | 117 | .. | 31 | .. | 87 | .. | 77 | .. | 140 | .. |
| | g | 124 | .. | 35 | .. | 83 | .. | 42 | .. | 117 | .. |
| COR. | p | 96 | -6 | 39 | 8 | 67 | -15 | 102 | 17 | .. | .. |
| | m | 138 | 0 | 51 | 3 | 80 | 4 | 63 | 0 | 159 | 18 |
| | g | 121 | -19 | 42 | -7 | 76 | -12 | 65 | -1 | 98 | -20 |
| URG. | p | 90 | -19 | 42 | 0 | 65 | -24 | 51 | -7 | .. | .. |
| | m | 120 | -23 | 29 | 8 | 88 | 2 | 71 | -4 | 125 | -16 |
| | g | 104 | -10 | 38 | -1 | 44 | -10 | 34 | -13 | 88 | -30 |
| IRR. (sem) | p | 98 | -17 | 41 | 1 | 81 | -13 | 75 | -2 | .. | .. |
| | m | 93 | -14 | 38 | 5 | 84 | 1 | 37 | 5 | 137 | -3 |
| | g | 129 | -11 | 32 | 2 | 64 | -2 | 61 | 2 | 109 | -9 |
| IRR. (pouca) | p | 125 | 19 | 44 | 10 | 72 | -18 | 25 | -15 | .. | .. |
| | m | 139 | 50 | 49 | 15 | 80 | 13 | 43 | 6 | 163 | 22 |
| | g | 166 | 32 | 44 | 4 | 63 | 1 | 65 | -9 | 106 | -11 |
| IRR. (muita) | p | 208 | 72 | 46 | 23 | 97 | 9 | 66 | 9 | .. | .. |
| | m | 181 | 81 | 63 | 29 | 100 | 17 | 67 | 21 | 151 | 10 |
| | g | 198 | -24 | 68 | -6 | 99 | -3 | 72 | -15 | 74 | -43 |

TABELA 5.18

Duração bruta das 5 últimas vogais dos enunciados em Italiano (valores médios)

| Atitude | Loc. | o | | e | | a | | o | | E | |
|-----------------|------|-----|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|----|-----|
| | | s | dif | s | dif | s | dif | s | dif | s | dif |
| REF. | p | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | 97 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | 51 | .. | 37 | .. | 75 | .. | 82 | .. | 70 | .. |
| COR. | p | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | 116 | 19 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | 39 | -12 | 23 | -14 | 70 | -5 | 132 | 50 | 74 | 4 |
| URG. | p | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | 67 | -31 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | 40 | -11 | 31 | -6 | 67 | -7 | 83 | 1 | 79 | 9 |
| IRR. (sem) | p | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | 54 | -43 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | 48 | -3 | 34 | -3 | 69 | -6 | 119 | 36 | 87 | 17 |
| IRR. (pouca) | p | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | 65 | -33 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | 42 | -8 | 37 | 0 | 81 | 6 | 112 | 29 | 69 | -1 |
| IRR. (muita) | p | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | m | 90 | -8 | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. | .. |
| | g | 28 | -22 | 24 | -13 | 39 | -36 | 80 | -2 | 50 | -20 |

As TAB 5.17 e 5.18 mostram a duração bruta das vogais dos enunciados em milissegundos e a diferença entre a duração em cada atitude com relação à Referência. Com relação à duração dos segmentos vocálicos, destacamos que a maior parte dos enunciados de pouca Irritação e muita Irritação registra um aparente alongamento da primeira tônica (“e”, de “prendi”), assim como em PB.

5.3.1.3. Taxa de variação melódica e excursão dos movimentos de f0

A TAB 5.19 mostra a taxa de variação e a excursão do primeiro e do segundo movimentos de f0 dos enunciados em Italiano. A TAB 5.20 apresenta as mesmas informações relativas ao terceiro movimento de f0 da atitude de Cortesia.

TABELA 5.19

Taxa de variação e excursão do 1º e do 2º movimentos de f0 dos enunciados em Italiano (valores médios)

| Atitude | Loc. | 1º MOVIMENTO | | | | | 2º MOVIMENTO | | | | |
|-----------------|------|------------------|------------|----------|-----------|------|------------------|-------------|----------|------|------|
| | | Taxa de variação | | Excursão | | | Taxa de variação | | Excursão | | |
| | | Valor | Dif | Hz | %var | Dif% | Valor | Dif | Hz | %var | Dif% |
| REF. | p | 58 | .. | 12 | 10 | .. | -112 | .. | -56 | -42 | .. |
| | m | 99 | .. | 20 | 17 | .. | -80 | .. | -56 | -42 | .. |
| | g | 73 | .. | 17 | 13 | .. | -55 | .. | -63 | -45 | .. |
| COR. | p | 290 | 232 | 71 | 57 | 48 | -360 | -248 | -121 | -62 | -20 |
| | m | 310 | 210 | 72 | 64 | 47 | -191 | -110 | -106 | -57 | -15 |
| | g | 229 | 155 | 50 | 37 | 23 | -104 | -49 | -107 | -57 | -12 |
| URG. | p | 72 | 14 | 13 | 10 | 1 | -119 | -7 | -54 | -40 | 2 |
| | m | 93 | -7 | 24 | 19 | 2 | -130 | -50 | -69 | -46 | -5 |
| | g | 56 | -17 | 9 | 6 | -7 | -63 | -9 | -68 | -46 | -1 |
| IRR. (sem) | p | 269 | 211 | 69 | 53 | 43 | -303 | -191 | -117 | -58 | -17 |
| | m | 317 | 218 | 71 | 55 | 38 | -203 | -122 | -120 | -60 | -18 |
| | g | 238 | 165 | 64 | 47 | 34 | -105 | -51 | -117 | -58 | -14 |
| IRR. (pouca) | p | 335 | 277 | 73 | 48 | 38 | -288 | -176 | -136 | -61 | -19 |
| | m | 446 | 346 | 125 | 80 | 63 | -295 | -214 | -196 | -69 | -28 |
| | g | 178 | 104 | 49 | 33 | 19 | -97 | -43 | -111 | -56 | -11 |
| IRR. (muita) | p | 388 | 330 | 106 | 56 | 46 | -387 | -275 | -204 | -69 | -27 |
| | m | 458 | 358 | 127 | 70 | 52 | -303 | -222 | -219 | -71 | -29 |
| | g | 316 | 243 | 106 | 59 | 45 | -174 | -119 | -196 | -68 | -23 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Valor – Taxa de variação ($(f0\ final - f0\ inicial) / tempo$)

Dif – Diferença entre o valor da taxa de variação ou de articulação de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

Hz – Valor da excursão de f0, medida em Hertz

% var – Percentual de variação da excursão de f0, calculado por meio da comparação entre o ponto inicial e o ponto final do movimento de f0

Dif% – Diferença entre o percentual de variação de excursão de uma atitude e o percentual de variação da atitude de Referência

TABELA 5.20

Taxa de variação e excursão do 3º movimento de f0 da atitude de Cortesia em Italiano (valores médios)

| Loc. | Taxa de variação | Excursão | |
|------|------------------|----------|------|
| | Valor | Hz | %var |
| p | 699 | 90 | 119 |
| m | 316 | 50 | 63 |
| g | 428 | 42 | 52 |

Legenda:

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)

Valor – Taxa de variação $((f0\ final - f0\ inicial) / tempo)$

Hz – Valor da excursão de f0, medida em Hertz

% var – Percentual de variação da excursão de f0, calculado por meio da comparação entre o ponto inicial e o ponto final do movimento de f0

As atitudes de Referência e de Urgência podem começar com um movimento ascendente ou nivelado, com valores muito baixos de excursão, enquanto as demais atitudes apresentam sempre um movimento ascendente ao início da unidade. Com relação ao segundo movimento de f0, que é sempre descendente em todas as atitudes, a Cortesia e a Irritação apresentam as maiores taxas variação. Além disso, a Cortesia termina por um movimento ascendente de f0 (TAB 5.20).

A FIG. 5.33 compara as três realizações com locução pequena (*prendi il libro*) das atitudes de Referência e de Cortesia. Nela, pode ser visto que uma das realizações da atitude de Referência começa por um movimento nivelado, indicado pela seta.

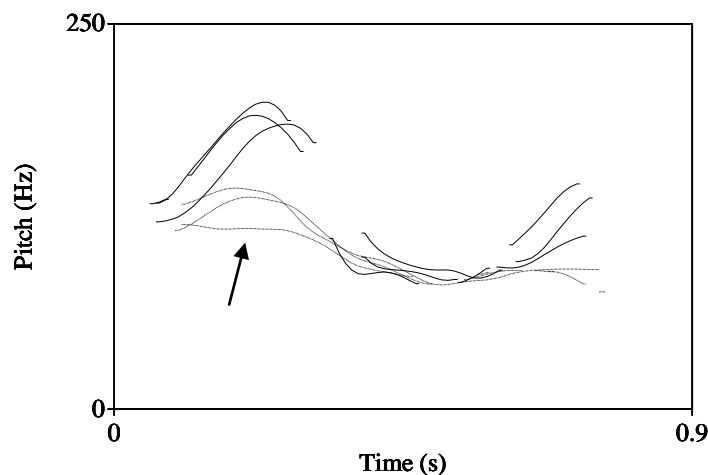


FIGURA 5.33 – Sobreposição das curvas de f0 dos enunciados de Ordem de com locução pequena (“prendi il libro”). Em linhas contínuas, os três takes com atitude de Cortesia. Em linhas pontilhadas, os três takes com atitude de Referência

Todas as tendências verificadas em PB com relação à taxa de variação e a excursão dos movimentos de f0 se confirmam nos enunciado em Italiano:

- d) Cortesia: movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 155 ou mais), movimento descendente com maior taxa de variação (superior em 110 ou mais), e presença de movimento ascendente final (ausente na atitude de Referência);
- e) Irritação (sem Irritação): movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 165 ou mais), e movimento descendente com maior taxa de variação (superior em 122 ou mais), exceto para locução grande;
- f) Irritação (pouca Irritação): movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 104 ou mais), e movimento descendente com maior taxa de variação (superior em 176 ou mais), exceto para locução grande;
- g) Irritação (muita Irritação): movimento ascendente inicial com maior taxa de variação (superior em 243 ou mais), e movimento descendente com taxa de variação (superior em 199 ou mais).

5.3.1.4. Taxa de articulação dos enunciados

TABELA 5.21

Taxa de articulação dos enunciados em Italiano (valores médios)

| Atitude | Loc. | Valor | Dif | Atitude | Loc. | Valor | Dif |
|---------|------|-------|------|-----------------|------|-------|------|
| REF. | p | 5,7 | .. | IRR. (sem) | p | 6,2 | 0,5 |
| | m | 7,6 | .. | | m | 8,6 | 1,0 |
| | g | 7,9 | .. | | g | 8,0 | 0,1 |
| COR. | p | 5,6 | -0,1 | IRR. (pouca) | p | 5,8 | 0,0 |
| | m | 7,3 | -0,3 | | m | 7,5 | -0,1 |
| | g | 8,1 | 0,2 | | g | 7,8 | -0,1 |
| URG. | p | 6,4 | 0,7 | IRR. (muita) | p | 5,0 | -0,7 |
| | m | 8,7 | 1,1 | | m | 7,0 | -0,6 |
| | g | 8,9 | 1,0 | | g | 7,6 | -0,3 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

p – Conteúdo locutivo pequeno (“pega o livro”)

m – Conteúdo locutivo médio (“pega o livro preto”)

g – Conteúdo locutivo grande (“pega o livro preto pra mim”)
 Valor – Taxa de articulação (*sílabas fonológicas / tempo*, excluídas as pausas)
 Dif – Diferença entre o valor da taxa articulação de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

A TAB 5.21 mostra a taxa de articulação dos enunciados em Italiano. No que diz respeito a esse parâmetro, não foram observadas diferenças marcantes de nenhuma atitude com relação à Referência. Ainda assim, a atitude de Urgência possui taxa de articulação levemente superior à da Referência.

5.3.1.5. Intensidade dos enunciados

A TAB 5.22 mostra a intensidade máxima, expressa em valores médios. Assim como todos os enunciados do Italiano foram registrados em uma única sessão de gravação, usando o sempre mesmo equipamento e mantendo o ator na mesma posição, esses valores são comparáveis, diferentemente do que foi notado em PB.

TABELA 5.22

Intensidade máxima dos enunciados em Italiano (valores médios)

| Atitude | Loc. | dB | % ref | Atitude | Loc. | dB | % ref |
|---------|------|----|-------|--------------|------|----|-----------|
| REF. | p | 73 | .. | IRR. (sem) | p | 77 | 5 |
| | m | 76 | .. | | m | 74 | -2 |
| | g | 71 | .. | | g | 76 | 7 |
| COR. | p | 70 | -4 | IRR. (pouca) | p | 82 | 12 |
| | m | 69 | -9 | | m | 82 | 9 |
| | g | 71 | 0 | | g | 80 | 13 |
| URG. | p | 74 | 1 | IRR. (muita) | p | 88 | 21 |
| | m | 79 | 4 | | m | 88 | 16 |
| | g | 77 | 9 | | g | 88 | 24 |

Legenda:

REF. – Atitude de Referência

COR. – Atitude de Cortesia

URG. – Atitude de Urgência

IRR. (sem) – Atitude sem Irritação

IRR. (pouca) – Atitude com pouca Irritação

IRR. (muita) – Atitude com muita Irritação

dB – Medida em Decibéis

% ref – Diferença percentual entre o valor de intensidade de uma atitude com relação ao valor da atitude de Referência

Como pode ser visto na tabela, os enunciados com pouca Irritação e muita irritação possuem valores máximos de intensidade superiores aos da atitude de Referência. Esses dados parecem confirmar a tendência observada em PB.

5.3.1.6. Posição dos picos de f0 e de intensidade dos enunciados

Diferentemente do que foi observado em PB, os picos de intensidade de f0 são colocados de maneira muito mais homogênea em todas as atitudes nos enunciados em Italiano. O pico de intensidade aparece sempre na 1ª tônica, exceto para a Cortesia, que tem distribuição irregular. O pico de f0, é colocado tendencialmente na 1ª postônica. As únicas exceções são a atitude de Referência (na locução pequena e média, o pico é colocado na 1ª tônica) e de Urgência, com distribuição irregular.

TABELA 5.23

Posição dos picos de f0 e de intensidade nos enunciados em Italiano

| Atitude | Take | Prendi il libro | | Prendi il libro nero | | Prendi il libro nero per favore | | Tendência | |
|--------------|------|-----------------|----------|----------------------|----------|---------------------------------|----------|-----------|-------------|
| | | f0 | db | f0 | db | f0 | db | f0 | db |
| REF. | 1 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | esq → dir | = 1ª tôn. |
| | 2 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| | 3 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| COR. | 1 | 1ª post. | 1ª post. | 1ª post. | 2ª post. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | = esq e dir |
| | 2 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª post. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| URG. | 1 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 2ª post. | esq e dir | = 1ª tôn. |
| | 2 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| | 3 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª tôn. | | |
| IRR. (sem) | 1 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | = 1ª tôn. |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| IRR. (pouca) | 1 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | = 1ª tôn. |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| | 3 | 1ª tôn. | 1ª tôn. | 1ª post. | 2ª post. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| IRR. (muita) | 1 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | = 1ª tôn. |
| | 2 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |
| | 3 | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | 1ª post. | 1ª tôn. | | |

5.3.2. Caracterização das atitudes

A seguir, serão apresentadas as tabelas que caracterizam individualmente as atitudes a partir das propriedades identificadas nas seções anteriores. Para a atitude de Referência serão apresentados os valores de todos os parâmetros estudados. As outras atitudes serão caracterizadas a partir dos parâmetros em que se observaram as diferenças mais importantes com relação à Referência.

As FIG. 5.34 a 5.36 mostram a sobreposição do curso de f_0 dos enunciados de Ordem em todas as atitudes estudadas, divididos de acordo com a extensão da locução. À esquerda, estão os perfis dos enunciados em PB e, à direita, encontram-se os perfis dos enunciados em Italiano.

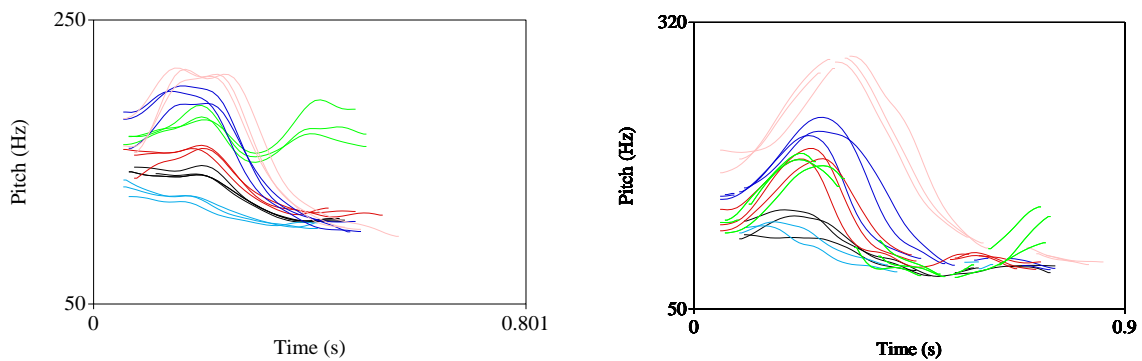


FIGURA 5.34 – Sobreposição dos perfis de f_0 com locução pequena, no programa Praat, da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa). À esquerda, enunciados em PB (*pega o livro*). À direita, enunciados em Italiano (*prendi il libro*)

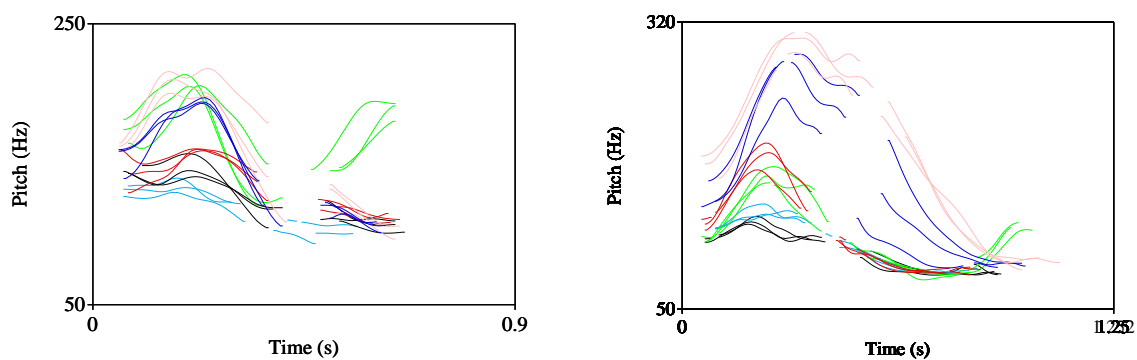


FIGURA 5.35 – Sobreposição dos perfis de f_0 com locução média, no programa Praat, da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa). À esquerda, enunciados em PB (*pega o livro preto*). À direita, enunciados em Italiano (*prendi il libro nero*)

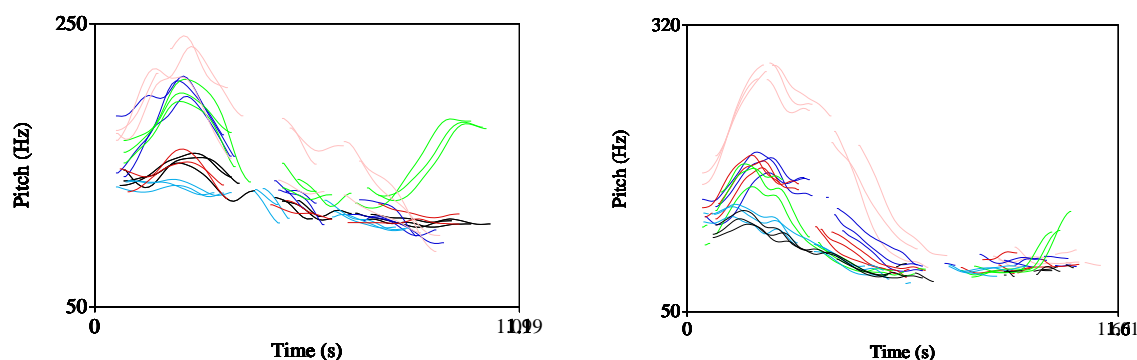


FIGURA 5.36 – Sobreposição dos perfis de f0 com locução grande, no programa Praat, da ilocução de Ordem com atitude de Referência (preto), Urgência (azul claro), Cortesia (verde), sem Irritação (vermelho), pouca Irritação (azul escuro) e muita Irritação (rosa). À esquerda, enunciados em PB (*pega o livro preto pra mim*). À direita, enunciados em Italiano (*prendi il libro nero per favore*)

Antes mesmo da análise individual das atitudes, chamamos a atenção para um aspecto importante da atitude de Irritação: em PB, os enunciados com pouca Irritação apresentam cursos de f0 que se aproximam aos dos enunciados com muita Irritação, embora sempre inferiores a eles. Isso sugere que, nos enunciados com pouca Irritação, a atitude foi sempre realizada em um grau pouco inferior que nos enunciados de muita Irritação. Já em Italiano, os enunciados com pouca Irritação ora possuem perfis próximos aos de muita Irritação (nas locuções pequena e média), ora possuem perfis com valores bastante inferiores a eles (na locução grande), indicando que a atitude foi realizada com intensidade diferente.

5.3.2.1. Atitude de Referência

A TABELA 5.24 reúne as propriedades que caracterizam enunciados de Ordem com atitude de Referência em Italiano.

(continua)

TABELA 5.24

Descrição da atitude de Referência em Italiano

| Parâmetro | Valores | Tendência |
|-----------|---------------------------------------|------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> p: 124 ; m: 116 ; g:124 | Indefinida |
| | <i>1º pico</i> p: 146; m: 136; g: 141 | Indefinida |
| | <i>Máximo</i> p: 146; m: 136; g: 141 | Indefinida |
| | <i>Mínimo</i> p: 79; m: 79; g: 77 | Diminuição |

TABELA 5.24

Descrição da atitude de Referência em Italiano

| | | |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Vogais (ms) | Primeira tônica: p: 130 (“e”, de “prendi”) m: 117 (“e”, de “prendi”) g: 124 (“e”, de “prendi”) | Indefinida |
| | Última tônica: p: 99 (“i”, de “libro”) m: 140 (“e”, de “nero”) g: 82 (“o”, de “favore”) | Indefinida |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: nivelado ou ascendente p: 59; m: 99; g: 73 | Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente p: -112; m: -80; g: -55 | Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: p: 10; m: 17; g: 13 | Indefinido |
| | 2º movimento de f0: p: -56, -56, -63 | Aumento |
| Taxa de articulação | p: 5,7; m: 7,6; g: 7,9 | Aumento |
| Intensidade (dB) | p: 73; m: 76; g: 71 | Indefinido |
| Posição dos picos de f0 | Picos de f0 na parte esquerda de enunciados pequenos e médios, com tendência à colocação mais à direita em enunciados grandes | esq → dir |
| Posição dos picos de intensidade | Picos de intensidade na 1ª tônica | 1ª tônica |

5.3.2.2. Atitude de Cortesia

A TABELA 5.25 mostra a caracterização da atitude de Cortesia. Em Italiano, a Cortesia na ilocução de Ordem se diferencia da atitude de Referência com base nos mesmos parâmetros observados nos enunciados em PB: valor máximo e de 1º pico de f0, taxa de variação dos dois primeiros movimentos, presença de um movimento ascendente de f0 alinhado à última sílaba da unidade e tendências diferentes na colocação dos picos de f0 e de intensidade.

TABELA 5.25

Descrição da atitude de Cortesia em Italiano

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| | <i>Ataque</i> .. | p: 125; m: 113; g: 137 Indefinida |
| f0 (Hz) | <i>1º pico</i> Superior, entre 33% e 45% | p: 196; m: 185; g: 188 Indefinida |
| | <i>Máximo</i> Superior, entre 31% e 43% | p: 196; m: 185; g: 188 Indefinida |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 75; m: 79; g: 81 Aumento |
| Vogais (ms) | | N/A |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 115 e 232 | p: 290; m: 310; g: 229 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 49 e 248 | p: -360; m: -191; g: -104 Diminuição |
| | 3º movimento de f0: ascendente Única atitude com movimento ascendente final | p: 90; m: 50; g: 42 Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 71; m: 72; g: 50 Aumento |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -121; m: -106; g: -107 Indefinida |
| | 3º movimento de f0: ascendente | p: 119; m: 63; g: 52 Diminuição |
| Taxa de articulação | .. | p: 5,6; m: 7,3; g: 8,1 Aumento |
| Intensidade (dB) | .. | p: 70; m: 69; g: 71 Indefinida |
| Posição dos picos de f0 | Tendência diferente | 1ª post. |
| Posição dos picos de intensidade | Tendência diferente | Irregular |

Também é importante notar que os enunciados com atitude de Cortesia e locução pequena (*prendi il libro*) possuem, em Italiano, valores mínimos de f0 comparáveis aos da atitude de Referência. Em PB, por outro lado, o mínimo de f0 da atitude de Cortesia se aproxima do valor atingido pela Referência somente na locução grande (*pega o livro preto pra mim*). Essa propriedade pode ser claramente observada na Figura 5.37, que mostra sobreposições entre um dos takes com atitude de Cortesia e um dos takes com atitude de Referência de enunciados com locução pequena, média e grande em ambas as línguas. Na

parte superior da figura, encontram-se os enunciados em PB. Na parte inferior, os enunciados em Italiano. As setas indicam o ponto mínimo de f0 para cada atitude.

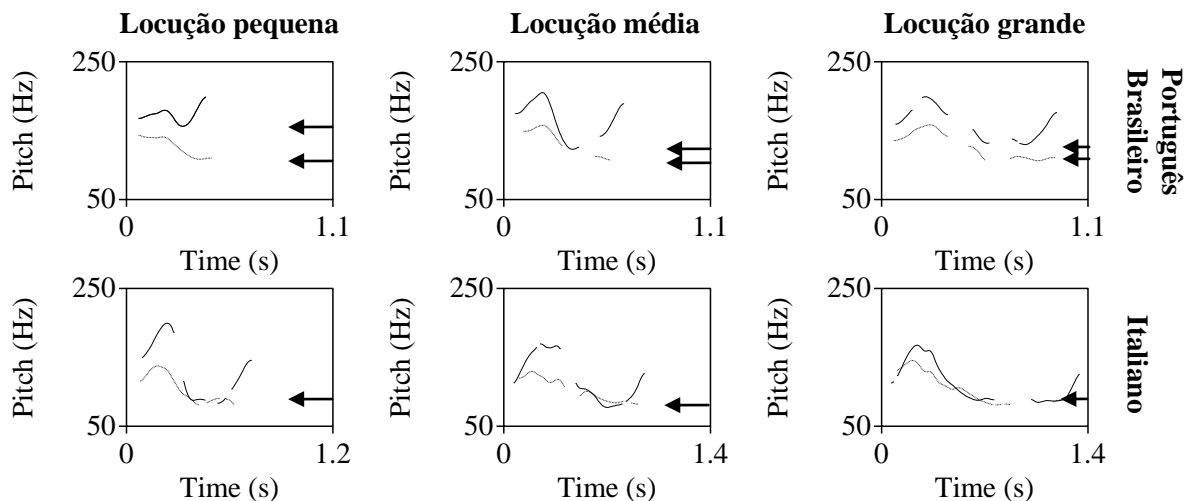


FIGURA 5.37 – Sobreposição do curso de f0 de enunciados com atitude de Cortesia (linhas contínuas) e Referência (linhas tracejadas) com locução pequena, média e grande. As setas indicam a altura do ponto mínimo de f0 de cada enunciado

Para compreender porque a relação entre os valores mínimos de f0 da Cortesia e da Referência não é a mesma em PB e em Italiano, é necessário notar duas diferenças na maneira pela qual a atitude de Cortesia se expressa nessas línguas. Uma delas é que o movimento ascendente final da Cortesia alinha-se, em PB, ao início da última vogal tônica do enunciado. Sendo assim, nos enunciados com locução pequena (*pega o livro*), o movimento descendente é realizado na primeira postônica do enunciado (“ga”, de “pega”) e na consoante subsequente (“l”, de “livro”). Em Italiano, o movimento ascendente alinha-se à última vogal do enunciado, seja ela tônica ou átona. Assim como os enunciados em Italiano terminam em sílabas postônicas, o movimento descendente é realizado em um número maior de segmentos que em PB. Assim, na locução pequena, o movimento descendente ocorre em duas sílabas (“di”, de “prendi” e “li”, de “libro”), sendo uma delas tônica. Outra diferença importante que se reflete no ponto mínimo de f0 alcançado relaciona-se à taxa de articulação com a qual os enunciados foram realizados nas duas línguas. Em Italiano, a Cortesia possui taxa de articulação de 5,6 em enunciados pequenos, 7,3 em enunciados médios e 8,1 em enunciados grandes. Em PB, a taxa de articulação é de 8,8 em enunciados pequenos, 9,2 em enunciados médios e 9,9 em enunciados grandes. Sendo assim, em Italiano, não possui somente uma quantidade maior de segmentos para realizar o movimento descendente, mas também esses segmentos são

pronunciados mais devagar, possibilitando que o movimento descendente alcance valores inferiores e se aproxime aos valores registrados pela atitude de Referência.

5.3.2.3. Atitude de Urgência

TABELA 5.26
Descrição da atitude de Urgência em Italiano

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|----------------------------------|--------------------------------------------|----------------------------------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> .. | p: 131; m: 132; g: 138 Aumento |
| | <i>1º pico</i> .. | p: 131; m: 137; g: 139 Aumento |
| | <i>Máximo</i> .. | p: 131; m: 137; g: 139 Aumento |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 101; m: 95; g: 102 Indefinida |
| Vogais (ms) | .. | .. |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: nivelado ou ascendente | p: 72; m: 93; g: 56 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -119; m: -130; g: -63 Indefinida |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: nivelado ou ascendente | p: 13; m: 24; g: 9 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -54; m: -69; g: -68 Indefinida |
| Taxa de articulação | .. | p: 6,4; m: 8,7; g: 8,9 Aumento |
| Intensidade (dB) | .. | p: 74; m: 79; g: 77 Aumento |
| Posição dos picos de f0 | Tendência diferente | Irregular |
| Posição dos picos de intensidade | .. | 1ª tônica |

De todos os parâmetros analisados, o mais importante para diferenciar a atitude de Urgência da atitude de Referência parece ser a taxa de articulação. Na Urgência, os enunciados são realizados com uma taxa de articulação superior entre 1,7 e 2,4 com relação à Ordem com Referência, em todos os tamanhos de conteúdo locutivo.

5.3.2.4. Atitude de Irritação

As TABELAS 5.27 a 5.29 caracterizam os enunciados sem Irritação, com pouca Irritação e com muita Irritação.

TABELA 5.27

Descrição da atitude de Irritação: enunciados sem Irritação em Italiano

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| <i>Ataque</i> | .. | p: 133; m: 129; g: 136 Indefinida |
| f0 (Hz) | <i>1º pico</i> Superior, entre 42 e 48% | p: 201; m: 200; g: 200 Diminuição |
| | <i>Máximo</i> Superior, entre 42 e 48% | p: 201; m: 200; g: 200 Diminuição |
| | <i>Mínimo</i> .. | p: 84; m: 81; g: 83 Indefinida |
| Vogais (ms) | .. | .. |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 165 e 218 | p: 269; m: 317; g: 238 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 51 e 191 | p: -303; m: -203; g: -105 Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 69; m: 71; g: 64 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -117; m: -120; g: -117 Indefinida |
| Taxa de articulação | .. | p: 6,2; m: 8,6; g: 8,0 Indefinida |
| Intensidade (dB) | .. | p: 77; m: 74; g: 76 Indefinida |
| Posição dos picos de f0 | Tendência diferente | 1ª postônica |
| Posição dos picos de intensidade | .. | 1ª tônica |

TABELA 5.28

Descrição da atitude de Irritação: enunciados com pouca Irritação em Italiano

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> | Superior, entre 20% e 36% |
| | <i>1º pico</i> | Superior, entre 40% e 108% |
| | <i>Máximo</i> | Superior, entre 40% e 108% |
| | <i>Mínimo</i> | |
| Vogais (ms) | Aparente tendência ao alongamento da 1ª tônica entre 32 e 50 ms Exceção: Locução pequena, superior em 19 ms | p: 125; m: 139; g: 166 Aumento |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 243 e 358 | p: 388; m: 458; g: 316 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 119 e 275 | p: -387; m: -303; g: -174 Diminuição |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 106; m: 125; g: 106 Indefinida |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -204; m: -219; g: -196 Indefinida |
| Taxa de articulação | .. | p: 5,8; m: 7,5; g: 7,8 Aumento |
| Intensidade (dB) | Superior, entre 9% e 13% | p: 82; m: 82; g: 80 Diminuição |
| Posição dos picos de f0 | Tendência diferente | 1ª postônica |
| Posição dos picos de intensidade | .. | 1ª tônica |

(continua)

TABELA 5.29

Descrição da atitude de Irritação: enunciados com muita Irritação em Italiano

| Parâmetro | Comparação com Referência | Valores / Tendência |
|------------------|----------------------------------|--------------------------------------|
| f0 (Hz) | <i>Ataque</i> | Superior, entre 46% e 57% |
| | <i>1º pico</i> | Superior, entre 104% e 127% |
| | <i>Máximo</i> | Superior, entre 104% e 127% |
| | <i>Mínimo</i> | .. |
| | | p: 198; m: 182; g: 181 Diminuição |
| | | p: 295; m: 308; g: 287 Indefinida |
| | | p: 295; m: 308; g: 287 Indefinida |
| | | p: 91; m: 90; g: 91 Indefinida |

TABELA 5.29

Descrição da atitude de Irritação: enunciados com muita Irritação em Italiano

| | | |
|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| Vogais (ms) | Aparente tendência ao alongamento da 1ª tônica entre 72 e 81 ms Exceção: Locução grande, inferior em 24 ms | p: 208; m: 181; g: 198 Indefinida |
| Taxa de variação | 1º movimento de f0: ascendente Superior, entre 300 e 379 | p: 370; m: 334; g: 444 Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente Superior, entre 110 e 199 | p: -310; m: -198; g: -224 Indefinido |
| Excursão (Hz) | 1º movimento de f0: ascendente | p: 60; m: 53; g: 78 Indefinido |
| | 2º movimento de f0: descendente | p: -121; m: -117; g: -146 Indefinido |
| Taxa de articulação | .. | p: 5,0; m: 7,0; g: 7,6 Aumento |
| Intensidade (dB) | Superior, entre 16% e 24% | p: 88; m: 88; g: 88 Estabilidade |
| Posição dos picos de f0 | Tendência diferente | 1ª postônica |
| Posição dos picos de intensidade | .. | 1ª tônica |

Os enunciados com pouca Irritação e com muita Irritação divergem daqueles com atitude de Referência nos mesmos parâmetros observados em PB e também com relação ao ataque de f0. Além disso, todas as tendências observadas nos enunciados com pouca Irritação se acentuam naqueles com muita Irritação, indicando que esses enunciados expressam a mesma atitude em intensidades diferentes.

No PB, também foi observado que os enunciados sem Irritação expressam a atitude de Referência, visto que não possuem diferenças importantes com relação a ela. Em Italiano, tem-se uma situação diferente. Os enunciados sem Irritação alcançam valores mais altos de ataque e de 1º pico de f0, e seus movimentos de f0 possuem taxas de variação mais elevadas. Por outro lado, esses enunciados não apresentam propriedades importantes da atitude de Irritação, como o alongamento na primeira vogal tônica e um valor máximo de intensidade superior ao da Referência. Em face disso, acreditamos que os enunciados sem Irritação eliciados pela cena em Italiano veiculem outra atitude que não a atitude de Referência.

5.3.3. Forma prosódica de Ordem em Italiano

A comparação dos enunciados com as diferentes atitudes de Ordem em Italiano permite observar as mesmas tendências destacadas para o Português Brasileiro:

- d) Configuração de movimentos de f0 formada por um movimento nivelado ou ascendente seguido de um movimento descendente;
- e) Pico de f0 alinhado tendencialmente ao final da 1ª vogal postônica da unidade;
- f) Pico de intensidade alinhado tendencialmente à 1ª sílaba tônica da unidade.

No PB, também foi visto que a forma prosódica de Ordem parece estar relacionada a uma relação entre o ataque, o 1º pico e o ponto mínimo de f0 de seus enunciados. Essa relação também parece estar presente nos enunciados em Italiano, como mostra a TAB 5.30. Essa tabela registra os valores mais altos e mais baixos de ataque, 1º pico de f0 e valor mínimo de f0 encontrados nos enunciados com a ilocução de Ordem eliciados pelas cenas dubladas em Italiano. A última linha mostra a variação percentual entre o maior e o menor valor do mesmo parâmetro. Nela, observa-se que a variação mais expressiva se dá no 1º pico de f0 (147%), enquanto o ataque e o ponto mínimo de f0 são mais estáveis se comparados a ele.

TABELA 5.30

Valores maiores e menores de ataque de f0, 1º pico de f0 e mínimo de f0 em Italiano

| | Ataque | | | 1o pico | | | Mínimo | | | | | |
|-------------|-----------------|-----------|----|---------|-----------------|----|---------|-----------|-----------------|---|---|-----|
| | Atitude | Loc. Take | Hz | Atitude | Loc. Take | Hz | Atitude | Loc. Take | Hz | | | |
| Maior valor | IRR. (muita) | p | 1 | 197 | IRR. (muita) | p | 1 | 299 | IRR. (muita) | m | 2 | 94 |
| Menor valor | COR | m | 1 | 110 | REF | p | 1 | 121 | IRR. (sem) | m | 1 | 75 |
| Diferença | | | | 79 % | | | | 147% | | | | 25% |

5.4. Teste de substituição entre as cenas de Ordem em PB

A metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções prevê a aplicação de um teste de substituição entre as cenas de eliciação de ilocuções diferentes para verificar se essas ilocuções possuem a mesma forma prosódica. Se os sujeitos julgarem que o perfil eliciado por uma cena não é compatível com a cena de outra ilocução e vice-versa, significaria que as ilocuções possuem formas prosódicas diferentes. Por meio de um teste de substituição,

Firenzuoli (2003) pretende mostrar que as ilocuções de Ordem e Instrução não estão associadas à mesma forma prosódica.

Como argumentado na seção 4.4, esse trabalho defende que o teste de substituição não seja uma ferramenta eficaz para comparar formas prosódicas de ilocuções diferentes. Com relação ao teste de Firenzuoli, sustentamos que a incompatibilidade entre os perfis de Ordem e Instrução atestada pela a autora possa se dever a uma questão atitudinal e não necessariamente ilocucionária: a nosso ver, a atitude com a qual a ilocução de Ordem foi realizada na cena produzida pelo LABLITA não é compatível com a cena de Instrução e vice-versa.

Com o intuito de mostrar como a aceitabilidade de um enunciado com relação ao contexto é influenciada não só pela sua ilocução, mas também pela atitude, foi realizado um teste de substituição com as cenas de Ordem elaboradas nessa pesquisa.⁴⁶

Para esse teste, foram produzidas versões das cenas de Ordem em que o perfil prosódico eliciado por uma cena era substituído pelo perfil eliciado em outra cena. Após uma série de testes piloto, foram selecionados 8 vídeos para serem exibidos a um grupo de 80 sujeitos, estudantes do curso de Letras da UFMG, com idade entre 18 e 30 anos. Os sujeitos foram divididos aleatoriamente em dois grupos de 40 pessoas, e cada grupo assistiu a 4 vídeos (QUADRO 5.7). Ao assistir os vídeos, os sujeitos avaliavam o grau de adequação dos perfis aos contextos com notas de 1 a 5.

QUADRO 5.7

Vídeos assistidos por cada grupo no teste de percepção

| Grupo A | | Grupo B | |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <i>Cena</i> | <i>Atitude</i> | <i>Cena</i> | <i>Atitude</i> |
| Cortesia | Cortesia | Referência | Referência |
| Irritação | Irritação | Urgência | Urgência |
| Referência | Urgência | Cortesia | Urgência |
| Urgência | Referência | Irritação | Referência |

Dos 4 vídeos assistidos por cada grupo, 2 deles continham cenas de eliciação com os perfis originalmente produzidos para elas (cena da atitude de Cortesia com perfil de Cortesia, cena da atitude de Irritação com perfil de Irritação, etc). Esses vídeos correspondem às linhas sombreadas do QUADRO 5.7. Os outros 2 vídeos mostravam cenas de eliciação com perfis prosódicos eliciados por outras cenas (cena da atitude de Referência com perfil de Urgência, cena da atitude de Urgência com perfil de Referência, etc).

⁴⁶ Para maiores detalhes sobre a realização do teste de percepção e dos testes piloto que o antecederam, veja-se a seção 4.6.1.

A TAB 5.31 reporta as notas atribuídas a cada vídeo em números absolutos (colunas *Ocorr.*) e em percentual (colunas %).

TABELA 5.31

Notas atribuídas aos vídeos no teste de substituição da ilocução de Ordem em 4 atitudes

| <i>Cena</i> | <i>Atitude</i> | NOTA 1 Inadequado | | NOTA 2 Parece inadequado | | NOTA 3 Dúvida | | NOTA 4 Parece adequado | | NOTA 5 Adequado | |
|-------------|----------------|----------------------|-----------|--------------------------------|------|------------------|-----|------------------------------|------|--------------------|-------------|
| | | <i>Ocorr.</i> | % | <i>Ocorr.</i> | % | <i>Ocorr.</i> | % | <i>Ocorr.</i> | % | <i>Ocorr.</i> | % |
| Referência | Referência | 1 | 2,5 | 5 | 12,5 | 1 | 2,5 | 8 | 20 | 25 | 62,5 |
| Cortesia | Cortesia | 4 | 10 | 1 | 2,5 | 0 | 0 | 4 | 10 | 31 | 77,5 |
| Irritação | Irritação | 4 | 10 | 2 | 5 | 1 | 2,5 | 7 | 17,5 | 26 | 65 |
| Urgência | Urgência | 2 | 5 | 1 | 2,5 | 1 | 2,5 | 5 | 12,5 | 31 | 77,5 |
| Cortesia | Urgência | 12 | 30 | 4 | 10 | 1 | 2,5 | 7 | 17,5 | 16 | 40 |
| Referência | Urgência | 14 | 35 | 6 | 15 | 1 | 2,5 | 4 | 10 | 15 | 37,5 |
| Urgência | Referência | 2 | 5 | 3 | 7,5 | 0 | 0 | 4 | 10 | 31 | 77,5 |
| Irritação | Referência | 2 | 5 | 6 | 15 | 2 | 5 | 8 | 20 | 22 | 55 |

TABELA 5.32

Índice de aceitação e índice de rejeição das cenas de Ordem

| <i>Cena</i> | <i>Atitude</i> | REJEIÇÃO Notas 1 e 2 | | INDECISÃO Nota 3 | | ACEITAÇÃO Notas 4 e 5 | |
|-------------|----------------|-------------------------|-------------|---------------------|-----|--------------------------|-------------|
| | | <i>Ocorr.</i> | % | <i>Ocorr.</i> | % | <i>Ocorr.</i> | % |
| Referência | Referência | 6 | 15,0 | 1 | 2,5 | 33 | 82,5 |
| Cortesia | Cortesia | 5 | 12,5 | 0 | 0,0 | 35 | 87,5 |
| Irritação | Irritação | 6 | 15,0 | 1 | 2,5 | 33 | 82,5 |
| Urgência | Urgência | 3 | 7,5 | 1 | 2,5 | 36 | 90,0 |
| Cortesia | Urgência | 16 | 40,0 | 1 | 2,5 | 23 | 57,5 |
| Referência | Urgência | 20 | 50,0 | 1 | 2,5 | 19 | 47,5 |
| Urgência | Referência | 5 | 12,5 | 0 | 0,0 | 35 | 87,5 |
| Irritação | Referência | 8 | 20,0 | 2 | 5,0 | 30 | 75,0 |

De um modo geral, as melhores notas foram dadas aos vídeos que mostram as cenas de Referência, Cortesia, Irritação e Urgência com os perfis originalmente produzidos para elas (linhas sombreadas da TAB 5.31). A cena da atitude de Referência teve 62,5% de notas 5 (*adequado*) e 20% de notas 4 (*parece adequado*). A cena de Cortesia obteve 77,5% de notas 5 e 10% de notas 4. A cena de Irritação registrou 65% de notas 5 e 17,5% de notas 4. A cena de Urgência teve 77,5% de notas 5 e 12,5% de notas 4. Se as notas 4 e 5 são consideradas em conjunto como um indicador de aprovação, pode-se dizer que essas cenas possuem *índices de*

aceitação superiores a 80%, que podem ser vistos na TAB 5.32. Paralelamente, os *índices de rejeição* dessas cenas (soma das notas 1 e 2) são muito baixos, variando entre 7,5% (cena de Urgência) e 15% (cenas de Referência e de Irritação).

Dentre as cenas em que foram feitas substituições entre perfis, há duas que obtiveram um resultado semelhante ao das cenas originais. A primeira é a cena de Urgência com perfil de atitude de Referência, com 77,5% de notas 5 e 10% de notas 4, totalizando um índice de aceitação de 87,5%. A cena de Irritação com atitude de Referência teve somente 55% de notas 5, mas expressivos 20% de notas 4, chegando a um índice de aprovação de 75%. Mesmo em se tratando de cenas em que houve substituição de perfis prosódicos, não é de se estranhar que a substituição tenha soado natural para a maior parte dos sujeitos do teste: em ambos os casos, foi inserida uma Ordem com atitude de Referência, que é vista como *menos marcada* pelos falantes da língua.

Os outros vídeos tiveram resultados notoriamente diferentes dos anteriores. A cena de Cortesia com atitude de Urgência teve 40% de notas 5 e 17,5% de notas 4. Por outro lado, 30% dos sujeitos a avaliaram com nota 1 e 10% com nota 2. Assim, o índice de aceitação desse vídeo (57,5%) é mais próximo ao de rejeição (40%). Já na cena de Referência com atitude de Urgência, a rejeição (50%) chega a superar a aceitação (47,5%).

Nesse ponto, chamamos atenção para o fato de que, em ambos os casos, as cenas rejeitadas contém o perfil de Ordem com atitude de Urgência. Por outro lado, a atitude de Urgência é muito bem aceita na cena para a qual foi desenvolvida (com índice de aceitação de 90%). Já a atitude de Referência tem um bom índice de aceitação não somente em sua cena original (82,5%), mas também na cena de Urgência (87,5%). Esses resultados não são inesperados. Pelo contrário, parecem confirmar as nossas expectativas de que:

1. uma cena de eliciação condiciona fortemente a ilocução realizada pelo falante, mas também influencia na escolha da atitude com a qual a ilocução é realizada, ainda que de maneira mais indireta;
2. uma cena de eliciação consegue restringir as atitudes compatíveis com o contexto retratado por ela;
3. a inadequação entre a substituição de dois perfis pode se dever à atitude com a qual o perfil é realizado;
4. o teste de substituição não pode ser usado como um recurso para verificar se duas ilocuições possuem a mesma forma prosódica.

Um dos objetivos iniciais com a inclusão da atitude de Urgência nessa pesquisa era o de conduzir o teste de substituição usando a mesma atitude presente na cena de Ordem de Firenzuoli (2003). Diferentemente do esperado, o perfil eliciado pela nossa cena possui propriedades prosódicas diferentes daquelas do perfil do LABLITA, sugerindo que eles se tratem de Ordens com atitudes diferentes. Apesar disso, acreditamos que os resultados a que chegamos nesse teste cumpram os nossos principais objetivos: primeiramente, o de mostrar a inadequação do teste de substituição. Em segundo lugar, o de evidenciar a necessidade de uma reformulação na metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções que considere a interação prosódica entre o nível ilocucionário e o nível atitudinal de um enunciado.

6. OUTROS FENÔMENOS DIGNOS DE NOTA

Esse capítulo destina-se a apresentar resultados que não dizem respeito à forma prosódica da ilocução de Ordem (e que, por isso, estão em um capítulo à parte), mas são importantes para uma discussão sobre o conceito de ilocução e, conseqüentemente, para uma metodologia para o estudo de ilocuções. A seção 6.1 trata da importância dos parâmetros pragmático-cognitivos a partir de um experimento com ilocuções de Oferta e de Pergunta de Confirmação. A seção 6.2 documenta a existência de ilocuções inéditas encontradas no C-ORAL-BRASIL, que não constam no quadro de referência das ilocuções do corpus LABLITA, de Moneglia (2011) (cf. QUADRO 3.1). Já a seção 6.3 mostrará um grande conjunto de seqüências de enunciados com o mesmo conteúdo locutivo. Esses enunciados são importantes para reforçar observação empírica de que uma ilocução não constitui necessariamente uma novidade referencial (ou seja, não necessariamente introduz elementos ‘novos’ no discurso), mas sim uma novidade acional.

6.1. Oferta e Pergunta de Confirmação

Na fase inicial dessa pesquisa, antes do desenvolvimento da nova proposta de metodologia e do trabalho ter se concentrado na ilocução de Ordem, tinha-se como um dos objetivos encontrar duas ilocuções que possuíssem a mesma forma prosódica. Com isso, seria possível mostrar a importância das propriedades pragmático-cognitivas da situação comunicativa para a interpretação ilocucionária na comunicação cotidiana.

A ideia inicial era que fossem escolhidas duas ilocuções pragmaticamente distintas, realizadas por enunciados prosodicamente semelhantes. Em seguida, seriam produzidas cenas de eliciação para essas ilocuções e, por meio de um teste de substituição, seria mostrado que seus perfis são intercambiáveis. Mais importante do que isso, seria mostrado que a interpretação da ilocução veiculada por um enunciado depende não somente do seu perfil prosódico, mas também dos parâmetros pragmático-cognitivos que caracterizam a situação comunicativa em que o enunciado é realizado.

Esse trabalho foi concebido e realizado antes do desenvolvimento da nova metodologia, a qual evidencia os limites do teste de substituição em função das dificuldades de se controlar o fator *attitude*. Apesar disso, os resultados alcançados fogem às expectativas iniciais e permitem fazer considerações interessantes a partir de uma perspectiva diferente da que se imaginava.

Para essa parte do estudo, foram escolhidas duas ilocuções encontradas de forma pioneira nessa pesquisa e que, por esse motivo, não constam no quadro de referência das

ilocuções do corpus LABLITA (MONEGLIA, 2011). Essas ilocuções serão chamadas provisoriamente de Oferta e de Pergunta de Confirmação. Apesar de serem ações muito diferentes entre si, frequentemente são chamadas simplesmente de “perguntas”.⁴⁷

Do ponto de vista funcional, a Pergunta de Confirmação consiste em um pedido de verbalização do falante ao interlocutor, o qual deve exprimir consenso ou dissenso a respeito de uma informação especificada pelo conteúdo locutivo do enunciado e que o falante acredita ser verdadeira. A Pergunta de Confirmação é uma ação que diz respeito aos **conhecimentos** do interlocutor. Como pode ser observado nos exemplos (6.1) e (6.2), o núcleo dessa ilocução corresponde sempre à última sílaba tônica do enunciado, a qual é realizada com um movimento ascendente de f0 (áudios *ex-6.1_1_n* e *ex-6.2_1_n*). Trata-se, portanto, de um núcleo de tamanho fixo, que não é alterado pela extensão do tamanho locutivo do enunciado, diferentemente do núcleo da ilocução de Ordem.

Exemplo 6.1 – bfamdl06 (áudio *ex-6.1_0*, *ex-6.1_1*, *ex-6.1_1_n*)

Situação: JHP ensina LAO a usar um programa de computador.

*JHP: [5] ele quer saber aonde é que cê quer salvar o Flash Video // [6] eu vou botar no seu / desktop // [7] <tá> //

*LAO:[8] <tá> // [9] **mas nũ tem que esperar terminar** //

*JHP: [10] não / achei que / ajudava / mas é só num outro que eu usava / que é esse aqui que tá aqui embaixo / o' //

Exemplo 6.2 – bfamdl33 (áudio *ex-6.2_0*, *ex-6.2_1*, *ex-6.2_1_n*)

Contexto: HER, mãe de JAN, pede que a filha pegue uma sacola de pão. JAN não entende qual é o tipo de sacola que deve procurar.

*JAN: [146] eu desconheço uma <sacola de pão> //

*HER: [147] <cima da> mesa / minha filha //

*JAN: [148] a bandeja de fruta //

*HER: [149] ô meu Pai / a sacola de pão / e bandeja de fruta tem diferença //

*CAR: [150] **essa é a sacola de pão** //

⁴⁷ Temos consciência de que o rótulo “pergunta” é comumente usado para designar ilocuções muito diferentes entre si, tanto do ponto de vista funcional quanto do ponto de vista prosódico. O objetivo desse trabalho não é o de discutir em profundidade a forma prosódica da ilocução que está sendo chamada de Pergunta de Confirmação, nem mesmo o de fazer uma caracterização funcional exaustiva dessa ilocução, distinguindo-a dos demais tipos de pergunta. O que se busca nessa seção é, em primeiro lugar, chamar a atenção para o fato de que um tipo particular de pergunta, com uma forma prosódica muito marcada, é funcionalmente muito diferente da ilocução de Oferta, com forma prosódica aparentemente diferente. Em segundo lugar, a partir dessa distinção, pretendemos mostrar como os parâmetros pragmático-cognitivos do contexto em que se realiza uma ilocução são determinantes para a interpretação do perfil prosódico do enunciado.

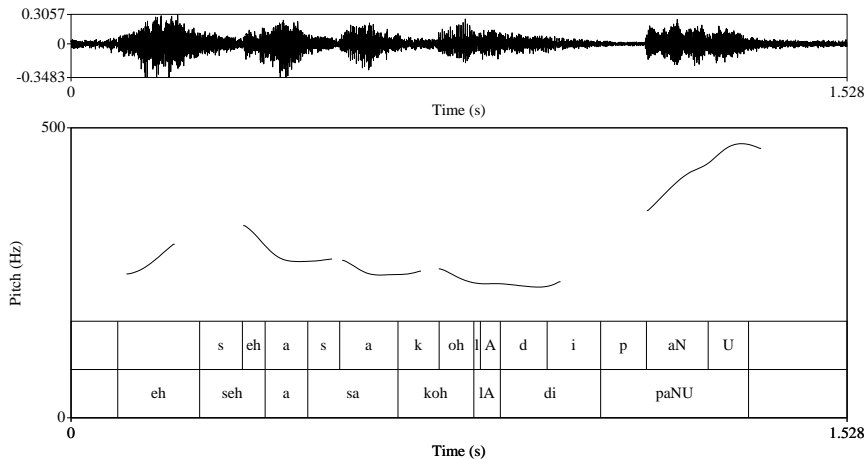


FIGURA 6.1 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de (6.2) – Pergunta de Confirmação – *essa é a sacola de pão*

A Oferta consiste em uma ação realizada para disponibilizar o controle (temporário ou não) de uma entidade ao interlocutor. Assim, não é uma ação relativa aos conhecimentos do interlocutor, mas sim à sua **disponibilidade de assumir o controle sobre uma entidade**. O núcleo da Oferta, que também é de tamanho fixo, é formado por um movimento descendente de f0 alinhado ao início da última sílaba tônica da unidade. Os exemplos (6.3), (6.4) e (6.5) contém ilocuções de Oferta. Em todos eles, o conteúdo locutivo apresenta o verbo “querer”, conjugado de maneira apropriada. Todavia, a presença desse verbo não é, de maneira alguma, fundamental para a realização da ilocução, que pode ser plenamente compreendida ouvindo-se somente o núcleo do enunciado (áudios *ex-6.3_n*, *ex-6.4_1_n* e *ex-6.5_1_n*).

Exemplo 6.3 – bfamcv33 (áudio *ex-6.3*, *ex-6.3_n*)

Situação: DAN, BAO e MAR recebem uma amiga em casa. DAN percebe que HEL está assentada no chão e lhe oferece uma almofada.

*DAN: [26] **cê quer uma almofada** //

Exemplo 6.4 – bfamcv27 (áudio *ex-6.4_0*, *ex-6.4_1*, *ex-6.4_1_n*)

Situação: GUI está jogando Majong com LIV e outras pessoas.

*GUI: [89] vento sul / **cê quer** / Lívia //

*LET: [90] não //

*LIV: [91] não / quero não //

Exemplo 6.5 – bfamcv11 (áudio *ex-6.5_0*, *ex-6.5_1*, *ex-6.5_1_n*)

Contexto: pai e filho estão na mesa para jantar. O filho oferece ao pai peito de frango.

*CAR: [114] **cê quer peito** / pai //

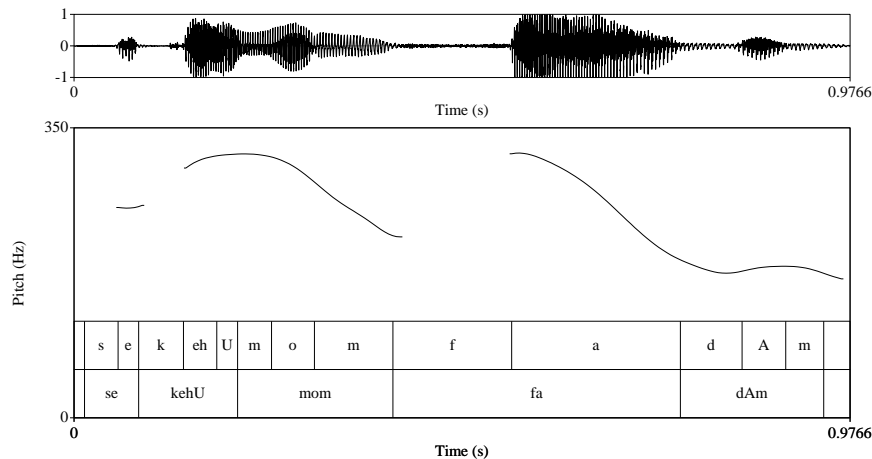


FIGURA 6.2 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas de (6.3) – Oferta – *cê quer uma almofada*

As diferenças observáveis entre o núcleo da Oferta (o movimento descendente ao início da última tônica) e da Pergunta de Confirmação (o movimento ascendente ao início da última tônica) constituem indícios de que essas ilocuções possuem formas prosódicas diferentes, contrariando a expectativa inicial de que teriam a mesma forma.⁴⁸ Ainda assim, julgou-se oportuno fazer um teste de substituição entre essas ilocuções.

A cena de eliciação produzida para a Pergunta de Confirmação mostra uma mulher assentada em um sofá. Um homem se aproxima carregando uma bandeja com dois copos e diz que trouxe algo para eles beberem enquanto conversam. A mulher não sabe ao certo o sabor do suco e faz uma Pergunta de Confirmação com o conteúdo locutivo “suco de pêssego”. O enunciado é realizado com a atitude a de Referência da Pergunta de Confirmação.

Na cena de Oferta, um homem está assentado em uma cadeira na sala de uma casa, e uma mulher carregando uma bandeja se aproxima. A mulher se assenta em um sofá em frente ao homem e faz uma ilocução de Oferta com locução “suco de pêssego”. A ilocução é realizada com atitude de Referência (que não é necessariamente a mesma daquela de Pergunta de Confirmação).

As cenas foram gravadas pelos mesmos atores e com os mesmos equipamentos das cenas da ilocução de Ordem (cf. 4.6). Posteriormente, para garantir maior qualidade de áudio aos vídeos, as cenas foram dubladas pelos mesmos atores. Após a dublagem, a atriz gravou duas repetições (ou seja, dois *takes*) do enunciado “suco de pêssego” com a ilocução de Pergunta Polar e duas repetições com a ilocução de Oferta, para serem submetidos à análise prosódica e usados no teste de substituição.

⁴⁸ Mesmo sob a perspectiva atual, segundo a qual a atitude influencia fortemente na concretização da forma prosódica no enunciado, parece arriscado considerar que a expressão atitudinal possa alterar a direção do único movimento de f0 presente no núcleo da ilocução.

Os enunciados eliciados pelos vídeos possuem perfis muito semelhantes àqueles encontrados em corpus para cada ilocução, como pode ser observado nas FIG. 6.3 e 6.4.

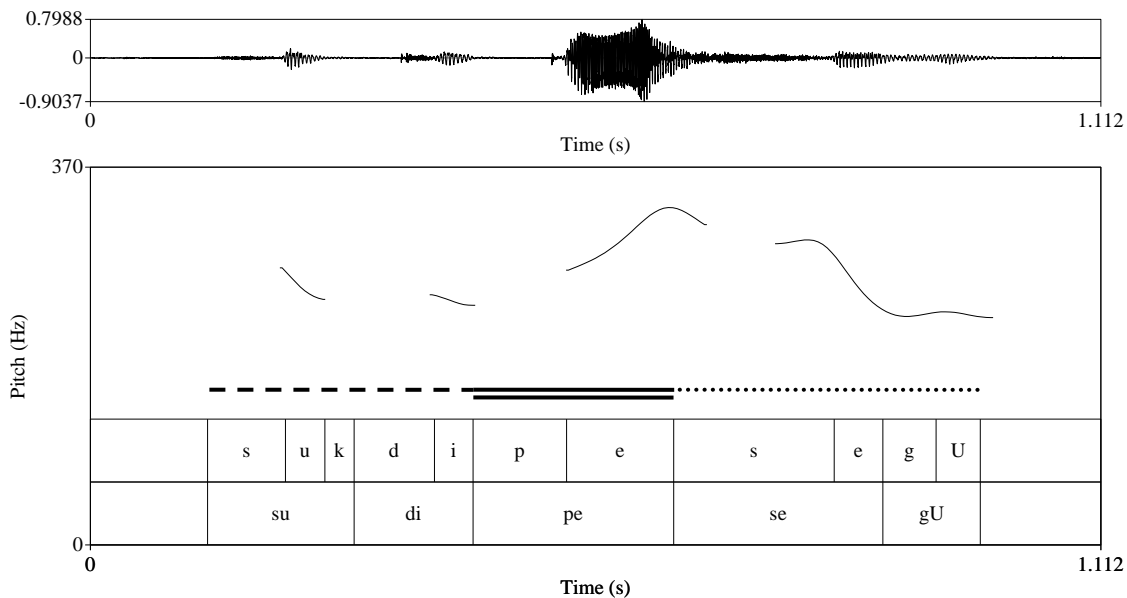


FIGURA 6.3 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas do enunciado eliciado por cena de eliciação de Pergunta de Confirmação com atitude de Referência – *suco de pêsego*

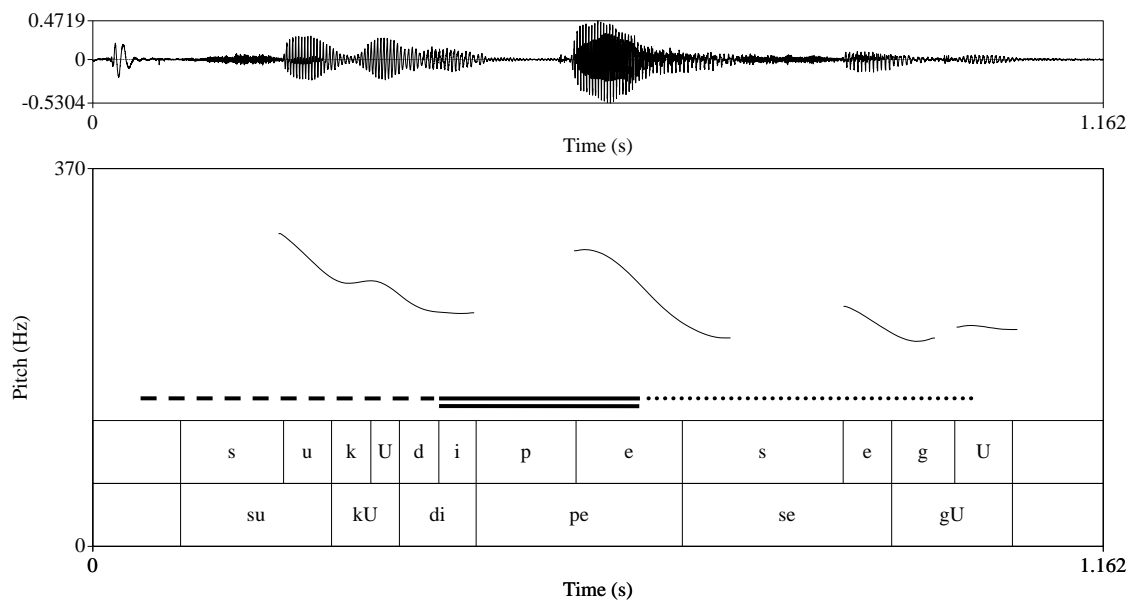


FIGURA 6.4 – Oscilograma, curso de f0 e divisão em fonemas do enunciado eliciado por cena de eliciação de Oferta com atitude de Referência – *suco de pêsego*

Em seguida, foram produzidas versões dos vídeos em que o perfil originalmente eliciado por uma cena foi substituído por cada um dos perfis eliciados pela outra cena. O

QUADRO 6.1 mostra os vídeos usados no teste de substituição. As cenas com os perfis prosódicos originalmente produzidos para elas encontram-se marcados em cinza.

QUADRO 6.1

Vídeos do teste de substituição entre as ilocuções de Pergunta de Confirmação e Oferta

| Cena | Ilocução | Take | Atitude | Nome do vídeo |
|-------------------------|-------------------------|------|------------|------------------------------------------------|
| Pergunta de Confirmação | Pergunta de Confirmação | 1 | Referência | <i>pergunta_confirm_com_pergunta_confirm_1</i> |
| Pergunta de Confirmação | Pergunta de Confirmação | 2 | Referência | <i>pergunta_confirm_com_pergunta_confirm_2</i> |
| Oferta | Oferta | 1 | Referência | <i>oferta_com_oferta_1</i> |
| Oferta | Oferta | 2 | Referência | <i>oferta_com_oferta_2</i> |
| Pergunta de Confirmação | Oferta | 1 | Referência | <i>pergunta_confirm_com_oferta_1</i> |
| Pergunta de Confirmação | Oferta | 2 | Referência | <i>pergunta_confirm_com_oferta_2</i> |
| Oferta | Pergunta de Confirmação | 1 | Referência | <i>oferta_com_pergunta_confirm_1</i> |
| Oferta | Pergunta de Confirmação | 2 | Referência | <i>oferta_com_pergunta_confirm_2</i> |

Em função da elaboração de uma nova metodologia para o estudo de ilocuções durante a realização desse trabalho, não foi realizado um teste de percepção amplo e rigoroso com esses vídeos. Foi feito somente um teste preliminar, baseado no julgamento de apenas três indivíduos (sendo um deles o próprio pesquisador), os quais conheciam a pesquisa e o objetivo do experimento. Os sujeitos deveriam assistir às cenas e, após cada uma delas, classificar o enunciado “suco de pêssego” como *adequado* ou *inadequado*.

Na opinião dos três sujeitos consultados, a substituição do perfil produzido na cena de uma ilocução pelo perfil produzido na outra cena não somente é vista como adequada, mas também **não altera a percepção da ilocução realizada**. Em outras palavras, o enunciado com perfil de Pergunta de Confirmação é entendido como uma Oferta, se colocado na cena de eliciação dessa ilocução, e vice-versa.

De todos os resultados obtidos nessa pesquisa, esse foi o mais surpreendente, visto que essas ilocuções possuem diferenças prosódicas muito contrastantes. A seguir, são oferecidas algumas possibilidades de interpretação desse resultado:

- a) Oferta e Pergunta de Confirmação seriam, na verdade, a mesma ilocução. Logo, a colocação do perfil de uma delas na cena projetada para a outra não causaria estranhamento;
- b) As ilocuções de Oferta e Pergunta de Confirmação possuiriam a mesma forma prosódica, caracterizada por um elemento em comum como, por exemplo, o *range* de f0 do núcleo dos enunciados. Assim, para a forma de Oferta e Pergunta de Confirmação, a excursão de f0 seria, em si, mais importante que a direção em que o movimento de f0 ocorre;
- c) Oferta e Pergunta de Confirmação seriam duas ilocuções diferentes com formas prosódicas diferentes, mas, em casos muito particulares, em face de propriedades pragmático-cognitivas evidentes que apontem para uma ilocução específica, o interlocutor poderia fazer uma acomodação da forma prosódica da ilocução ao contexto comunicativo.

Para introduzir a discussão que será levada adiante nos próximos parágrafos, cabe lembrar que o núcleo dos enunciados classificados como Pergunta de Confirmação apresenta um movimento ascendente de f0, enquanto o núcleo dos enunciados classificados como Oferta tem um movimento descendente. Sendo assim, por defender que esses enunciados veiculam a mesma ilocução, a primeira hipótese compartilha com a segunda o entendimento de que esses enunciados exprimem a mesma forma prosódica, para a qual não é importante se o movimento de f0 nuclear é ascendente ou descendente. A rigor, a diferença entre essas hipóteses é que a segunda reconhece que os exemplos veiculam ilocuções diferentes, enquanto a primeira, não.

A nosso ver, a primeira hipótese pode ser descartada de imediato, haja vista a caracterização funcional contrastiva dessas ilocuções feita ao início dessa seção. Enquanto a Pergunta de Confirmação constitui uma ilocução que diz respeito aos **conhecimentos do interlocutor**, a Oferta diz respeito à **disponibilidade do interlocutor para assumir o controle de uma entidade**.

Para tentar compreender melhor se Oferta e Pergunta de Confirmação possuem a mesma forma prosódica ou formas diferentes, foi elaborado um novo experimento, aplicado em caráter exploratório a somente um indivíduo. Nesse experimento, os enunciados com locução “suco de pêssago” foram exibidos ao sujeito, que deveria classifica-los de acordo com a ilocução que veiculam, usando os rótulos *Pergunta de Confirmação* e *Oferta*. O sujeito

conhecia a pesquisa e os vídeos originais das ilocuções examinadas. Esse teste foi realizado em duas seções, com a distância de mais de duas semanas entre a primeira e a segunda. Na primeira seção, foram exibidos os áudios dos enunciados de Oferta e, em seguida, os áudios de Pergunta de Confirmação. Na segunda seção, os mesmos áudios foram exibidos na ordem inversa: primeiro os de Pergunta de Confirmação e, depois, os de Oferta.

Nas duas seções do experimento, o resultado foi o mesmo: ao ouvir os enunciados da primeira ilocução, o sujeito não conseguia dizer com certeza qual era a ilocução veiculada por eles. Ao ouvir a segunda ilocução, o sujeito era capaz de diferenciá-las com precisão, atribuindo os rótulos de maneira apropriada e manifestando certeza sobre qual enunciado veiculava cada ilocução.

Naturalmente, tanto esse experimento quanto o anterior devem ser aplicados a uma quantidade expressiva de sujeitos para que se possam tirar conclusões mais definitivas a partir deles. Feitas as devidas ressalvas, o segundo experimento parece indicar que (a) as ilocuções de Oferta e de Pergunta de Confirmação possuem formas prosódicas diferentes e (b) as formas prosódicas dessas ilocuções são mais bem reconhecidas de maneira contrastiva. Além disso, outro fato sugere que essas ilocuções possuem formas diferentes: tanto nos exemplos encontrados em corpus quanto nas cenas de eliciação, os falantes usam perfis prosódicos condizentes com a situação comunicativa em que se encontram.

Nesse ponto, voltemos a falar do teste de substituição entre Oferta e Pergunta de Confirmação, em que a colocação do perfil prosódico de uma ilocução na cena de eliciação da outra ilocução foi julgada como aceitável pelos sujeitos. Em face do que foi exposto até agora, a terceira hipótese nos parece a que melhor explica o resultado do teste de substituição. A nosso ver, ocorre que, em face de evidências contextuais que apontem de maneira muito forte para uma ilocução específica, o falante pode ser capaz de interpretar o perfil prosódico que ouve como sendo o perfil prosódico esperado por ele para aquela situação. Esse processo, que parece ocorrer inconscientemente, seria, de alguma maneira, análogo à acomodação fonética/semântica que é feita quando um indivíduo pensa ter ouvido uma palavra enquanto, na verdade, o interlocutor disse outra palavra com significado diferente do esperado.

Se, por um lado, sustentamos a hipótese da acomodação do perfil prosódico ao contexto comunicativo para explicar o resultado do experimento anterior, por outro, devemos reconhecer o nosso limite em não saber dizer como se dá esse processo, nem mesmo quais perfis prosódicos são passíveis de ser interpretados como o perfil de outra ilocução. Todavia, é de se esperar que a acomodação da forma prosódica ao contexto ocorra preferencialmente

com ilocuções cujas formas são reconhecidas por contraste, como é o caso da Oferta e da Pergunta de Confirmação. Se o mesmo teste fosse feito entre as ilocuções de Pergunta de Confirmação e Ordem, por exemplo, não temos dúvidas em dizer que o resultado seria diferente.

Conforme dito ao início do presente capítulo, esse conjunto de experimentos e observações não tem como objetivo dar respostas claras às questões por eles levantadas, mas sim problematizar a relação entre o perfil prosódico de um enunciado e as propriedades pragmático-cognitivas da situação comunicativa em que o enunciado é veiculado. Nesse sentido, a discussão aqui proposta parece atender ao seu objetivo, ao sugerir que as propriedades pragmático-cognitivas do contexto comunicativo possuem uma relevância primordial para a interpretação ilocucionária de um enunciado na comunicação cotidiana.

6.2. Ilocuções dialógicas

O extenso trabalho de corpus empreendido nessa pesquisa revelou a existência de alguns tipos ilocucionários até então não encontrados no corpus LABLITA e, portanto, ausentes no quadro de referência de Cresti (2000) e Moneglia (2011). Duas delas, a Oferta e a Pergunta de Confirmação, são ilocuções da classe Diretiva e já foram abordadas em 6.1. As outras são as ilocuções de Permissão para Falar (*Permission to Talk*), Pedido de Repetição Total (*Request of Full Repetition*), Manifestação de Atenção Continuada (*Assent*) e Pedido de Concordância (*Request of Agreement*). As quatro últimas apresentam uma propriedade em comum, qual seja a de ocorrerem sempre em uma interação verbal já em curso dentro da qual são inseridas e se relacionam de maneira direta a um enunciado previamente produzido pelo interlocutor. Por esse motivo, foram aqui chamadas de *ilocuções dialógicas*. Esse rótulo **não** pretende indicar uma nova classe ilocucionária, mas sim um conjunto de ilocuções que possuem uma propriedade muito saliente em comum e que foram agrupadas aqui por razões práticas, apesar de provavelmente pertencerem a classes diferentes. Não é objetivo desse trabalho identificar a classe de cada uma delas, nem mesmo fazer a descrição de suas formas prosódicas. Elas serão apresentadas sobretudo para que o quadro de referência das ilocuções encontradas em corpus seja ampliado. Ademais, é importante notar que, embora muito frequentes na fala, essas ilocuções não se associam a verbos performativos e, portanto, não seriam incluídas em uma tipologia ilocucionária baseada nos performativos.

6.2.1. Pedido de Repetição Total

O Pedido de Repetição Total é uma ilocução com a qual o falante solicita que o seu interlocutor repita o seu último enunciado. Normalmente, é motivada pela incompreensão de seu conteúdo locutivo (por ruídos no canal, distância, distração ou outros motivos).

Exemplo 6.6 – bfamcv11 (áudios ex-6.6_0, ex-6.6_1)

Situação: CAR está na mesa de almoço e pergunta a sua mãe, TIT, se ela quer ser servida.

*CAR: [95] senhora quer que põe comida pra senhora / mãe //

*TIT: [96] **ahn** //

*CAR: [97] quer que põe comida pra senhora // [98] serve pra senhora //

*TIT: [99] só [1] só [1] muito pouquinho / Carlos Henrique //

Exemplo 6.7 – bfamdl04 (áudios ex-6.7_0, ex-6.7_1)

Situação: Mãe e filha conversam enquanto arrumam a cozinha.

*KAT: [1] que sio' arrumou no seu cabelo // [2] que espetou de novo //

*SIL: [3] nada //

*KAT: [4] do lado aí // [5] tá caindo //

*SIL: [6] capaz //

*KAT: [7] **ahn** //

*SIL: [8] capaz / que tá //

Exemplo 6.8 – bpubdl07 (áudios ex-6.8_0, ex-6.8_1)

Situação: O garçom JAD pede a sua ajudante PAT para ver o que era uma mancha em sua roupa. PAT não entende que a mancha estava na roupa de JAD e pergunta se a própria roupa está suja. JAD começa a responde-la e percebe que o cliente COO lhe perguntou algo que não compreendeu porque estava falando com PAT.

*JAD: [529] vê aqui pra mim / olha // negócio sujo assim //

*COO: [531] essa aí é de quê <agora> //

*PAT: [532] <ni mim> //

*JAD: [533] não / ni &mi + [534] **oi** //

*COO: [535] essa <aí é de quê> / agora //

*PAT: [536] <n' ocê hhh> //

6.2.2. Permissão para Falar

A ilocução de Permissão para Falar sinaliza que o falante está pronto para ouvir o que o interlocutor vai começar a dizer. É uma ilocução dialógica, pois é sempre motivada por uma ilocução realizada imediatamente antes pelo interlocutor. Em (6.9), por exemplo, o Chamamento Proximal – enunciado [2] – motiva a Permissão para Falar subsequente – enunciado [3]. A Permissão para Falar não deve ser entendida como uma permissão formal, sem a qual o interlocutor não poderia dar continuidade ao seu discurso: em (6.10), após fazer o Chamamento Proximal em [288] endereçado a CAR, TIT não parece esperar uma reação do mesmo para realizar o enunciado [289].

Exemplo 6.9 – bpubdl01 (áudios ex-6.9_0, ex-6.9_1)

Situação: Engenheiro e pedreiro conversam sobre um serviço.

*PAU: [1] bom // [2] Rogério //

*ROG: [3] **uhn** //

*PAU: [4] cê sabe aqui como é que [/3] como é que tem que fazer esse muro aqui / né //

Exemplo 6.10 – bfamcv10 (áudios ex-6.10_0, ex-6.10_1)

Situação: Pai e filho conversam enquanto preparam almoço.

*ONO: [288] ô Carlão // [289] <o trem> tá feio //

*CAR: [230] **ahn** //

Exemplo 6.11 – bfamcv11 (áudios Ex-6.11_0, Ex-6.11_1)

Situação: Mãe e filho conversam enquanto preparam o almoço.

*TIT: [52] &he / <sabe que> que eu [/3] quem que eu pensei que ele era / Carlos Henrique //

*CAR: [53] <&s> +

*CAR: [54] **ahn** //

*TIT: [55] pensei que fosse o [/1] aquele homem que comprou lingüiça do Onofre //

Exemplo 6.12 e 6.13 – bfamdl07 (áudios ex-6.12_0, ex-6.12_1, ex-6.13_0, ex-6.13_1)

Situação: Duas amigas preparam um *workshop* para o dia seguinte.

*NAT: [1] ô Clarissa / sabe que eu tava pensando //

*CLA: [2] **sim** // [3] < **diga**> //

*NAT: [4] <tava pensando> d' a gente chegar lá na [/1] na [/1] no [/1] no lar / e aí pegar uma daquelas tuas bolinhas de malabares que tu <tem> +

*CLA: [5] <eu> tava procurando / hoje / pra poder fazer o negocinho <que o mano tava me ensinando> //

*NAT: [6] <não me diga que tu não achou> //

*CLA: [7] eu não lembro onde é que tá não // [8] <vou procurar daqui a pouco> //

6.2.3. Manifestação de Atenção Continuada

A ilocução de Manifestação de Atenção Continuada constitui uma marcação de que o falante, na qualidade de interlocutor de outro indivíduo, está seguindo o seu desenvolvimento textual, sem reivindicar o direito de palavra. Ouvindo os exemplos a seguir, percebe-se que as sequências em destaque possuem autonomia prosódica e pragmática, embora frequentemente sejam realizadas com baixa intensidade. Por esses motivos, deve-se considerar que essas realizações constituem enunciados e veiculam uma ilocução.

Exemplo 6.14 – bfammn02 (áudios ex-6.14_0, ex-6.14_1)

Situação: Avó conta um caso ao neto.

*DFL: [143] que a Dodora / que era a mamãe / ia ficar <muito> feliz / de morar / perto da dona Terezinha / que era minha &b [2] minha avó //

*LUC: [144] <**sim**> //

Exemplo 6.15 – bfammn01 (áudios ex-6.15_0, ex-6.15_1)

Situação: Homem conta um caso a amigos.

*MAI: [97] o rapaz ficou + [98] o rapaz que me contou era parente do cara que morreu / uai // [99] ele que me contou //

*DUD: [100] <qual> //

*MAI: [101] <ele também já> morreu / ele nũ [2] ele nũ [2] ele nũ <pode nem> falar p' ocê <que é verdade> //

*DUD: [102] <unh> // [103] <ah hhh> //

Exemplo 6.16 – bpubcv01 (áudios ex-6.16_0, ex-6.16_1)

Situação: Funcionário banco de sangue explica o sistema de coleta a visitante.

*EMM: [12] a data / né / essa data / é um [2] a gente põe o dia / que tá sendo coletado / <e / nós> temos o dia juliano //

*BRU: [13] <sei> //

Exemplo 6.17 – bpubmn04 (áudios ex-6.17_0, ex-6.17_1)

Situação: Astróloga explica o mapa astral de cliente.

*AND: [12] o lado negativo de [1] de / Saturno / seria / as limitações / o medo / a dificuldade / &he / porque / Saturno / se a gente levar em consideração o planeta / Saturno é o que tem os anéis / então / <seria> uma sensação de restrição //

*MMM: [13] <hum hum> //

6.2.4. Pedido de Concordância

O Pedido de Concordância é uma ilocução que sinaliza explicitamente que o falante conta com a concordância do interlocutor sobre o que está sendo dito, oferecendo ao mesmo a possibilidade de se manifestar de maneira favorável ou contrária. Não é necessário que o falante faça uma pausa após realizar um Pedido de Concordância: com essa ilocução, entende-se que o interlocutor tem liberdade para se manifestar caso deseje e que a ausência de manifestação é tomada como uma concordância. Por esse motivo, o Pedido de Concordância não *exige* uma manifestação linguística positiva por parte do interlocutor, mas somente *sinaliza* que o falante conta com a sua concordância.

Exemplo 6.18 – bfamd111 (áudios ex-6.18_0, ex-6.18_1)

Situação: Empregada doméstica ensina patroa a preparar um empadão.

*MAR: [94] eu prefiro ele / que [4] eu prefiro ele é já / só assado mesmo / só a cor do empadão mesmo // [95] **tá bom** // [96] e aí fica uma delícia //

Exemplo 6.19 – bpubdl01 (áudios ex-6.19_0, ex-6.19_1)

Situação: Engenheiro conversa com pedreiro sobre o serviço de outra pessoa.

*PAU: [216] o que ele faz / o que / tá errado / aparece depois // [217] aí não adianta / nã pode desmanchar //

*ROG: [218] é / isso é //

*PAU: [219] **né** //

6.3. Sequências de enunciados com o mesmo conteúdo locutivo

Essa seção apresentará um número expressivo de sequências de enunciados com o mesmo conteúdo locutivo, ora produzidos pelo mesmo falante, ora por falantes diferentes. Esses enunciados foram extraídos do corpus C-ORAL-BRASIL, durante a identificação de exemplos da ilocução de Ordem. Em algumas sequências, os enunciados veiculam a mesma ilocução e, em outras, ilocuições diferentes. Apesar das diferenças expressivas entre eles, esses

enunciados reforçam o fato de que a unidade ilocucionária de um enunciado (o Comentário) não deve necessariamente constituir uma novidade *referencial* (HALLIDAY, 1976), mas é sempre uma novidade do ponto de vista *acional*, como propõe a L-AcT (RASO, 2012a).

Para apreciar de maneira adequada essa afirmação, convém lembrar que, em última instância, o comportamento humano nunca é determinado pelo contexto, apesar de ser condicionado por ele. Ao receber uma Ordem, por exemplo, um indivíduo pode manifestar linguisticamente que aceita a Ordem (com uma expressão como “tudo bem”) ou executá-la sem dizer nada. Pode também fazer uma pergunta para obter mais informações sobre o que deve ser feito, ou pode ficar calado, em sinal de protesto. Mesmo em interações extremamente controladas e protocolares, cada enunciado produzido por um falante constitui uma novidade acional por confirmar ou por romper com as expectativas dos interlocutores.

A seguir, serão exibidos trechos de interações em que um dos participantes produz, intencionalmente, um enunciado com o mesmo conteúdo locutivo do enunciado anterior. Em síntese, o que se pretende mostrar com esses exemplos é que (a) a repetição de conteúdo locutivo é usada de maneira eficiente para produzir efeitos comunicativos particulares, mesmo sem acrescentar informações semânticas novas e (b) por esse motivo, esses enunciados constituem uma novidade do ponto de vista acional. Nessas análises, os níveis ilocucionário e atitudinal não serão examinados em profundidade e serão acionados somente como um suporte às considerações centrais. Ainda assim, deve ficar claro que, em todos os exemplos, tanto a escolha de se repetir o conteúdo locutivo do enunciado precedente quanto a escolha de se repetir ou não a sua ilocução é feita de maneira consciente.

Exemplo 6.20 – bfamcv17 (áudio ex-6.20)

Situação: KAR conta a história dos Três Porquinhos à sua filha EDU, ajudada pela filha ISA.

*EDU: [80] aí / e? foi <pa outra casa> //

*ISA: [81] <aí os dois saiu> correndo <pra [/1] tudo pra casa> //

*KAR: [82] <foi pra outra casa> // [83] foi pra casa de quê // [84] **de** //

*ISA: [85] <do irmãozinho> mais <esperto> //

*EDU: [86] <**de**> //

*KAR: [87] <**de**> //

*EDU: [88] do //

*KAR: [89] de / ti //

*EDU: [90] jolo //

*KAR: [91] tijolo //

No exemplo (6.20), KAR conta a história dos *Três Porquinhos* a sua filha EDU, que ainda é uma criança. Assim como EDU conhece bem a história, KAR estimula a filha a completar algumas informações. Por esse motivo, faz o enunciado [84], com conteúdo

locutivo “de”, para estimular a filha a dizer o material de que era feita a casa de um dos porquinhos. EDU, por sua vez, faz o enunciado [86], também com o conteúdo locutivo “de”, para que a própria mãe responda à pergunta. Em seguida, KAR realiza outro enunciado com a mesma locução – [87], o terceiro da série – reforçando que é a filha quem deve dar a resposta. Aparentemente, os três enunciados veiculam a mesma ilocução, mas com atitudes diferentes.

Nos exemplos (6.21) e (6.22), a seguir, é o próprio falante quem produz um novo enunciado com locução igual à do anterior, para enfatizar a informação expressa no mesmo. De [250] para [251], há uma alteração no conteúdo locutivo, inserindo um adjetivo superlativo. De [251] para [252], além da manutenção do conteúdo locutivo e das proeminências locais nas sílabas “lin” e “di”, parece que também são mantidas a ilocução e a atitude do enunciado anterior.

Exemplo 6.21 – bfamcv24 (áudio ex-6.21)

Situação: MAR mostra a PLA uma pulseira de relógio feita por ele.

*MAR: [248] a pulseira desse relógio é muito <cara / e desse modelo nã acha mais> //

*BAL: [249] <Heloísa é minha amiga que veio> //

*PLA: [250] cara / **ficou lindo isso** //

*MAR: [251] nã ficou //

*PLA: [252] <**ficou lindíssimo isso**> //

*MAR: [253] <e aí de vez em quando eu ponho> uma amarela //

*PLA: [254] **ficou lindíssimo isso** //

Exemplo 6.22 – bfamcv29 (áudio ex-6.22)

Situação: IAR conversa com suas filhas ELI e RIT.

*RIT: [101] Paula tá namorando //

*ELI: [102] **há <muito tempo>** //

*IAR: [103] <eu nem conheço> //

*ELI: [104] **há muito tempo** //

As duas sequências a seguir foram extraídas da mesma situação comunicativa, que retrata a conversa de três amigas que moram juntas e acabam de voltar do supermercado. Enquanto fazem a divisão de contas, uma delas percebe que alguns produtos foram cobrados em quantidade maior do que elas levaram para casa. Para explicar o ocorrido às amigas, REN lê o nome dos produtos na nota fiscal e os respectivos preços.

Exemplo 6.23 – bfamcv08 (áudio ex-6.23)

Situação: Após voltarem do supermercado, REN e suas amigas dividem as despesas. Enquanto conferem a nota fiscal, REN percebe que a operadora de caixa registrou o mesmo produto uma vez a mais do que deveria ter feito.

*REN: [124] "**biscoito Aymoré** / <**amanteigado**>" //

*BRU: [125] <um e noventa-e-oito> //

*FLA: [126] nem / <gente> //

*REN: [127] <**um e noventa-e-oito**> // [128] aqui o' // "**biscoito Aymoré** / <**amanteigado**>" //

*BRU: [130] <é> //

*REN: [131] **de um e noventa-e-oito** // [132] só que nós compramos dois dele // [133] eu / comprei um / Flávia comprou outro // [134] aí já tem dois aqui / e mais um // [135] "**biscoito Aymoré amanteigado**" // "**um e noventa-e-oito**" //

Exemplo 6.24 – bfamcv08 (áudio ex-6.24)

Situação: Mesma situação do exemplo anterior.

*REN: [140] tem dois Danone // [141] quer ver //

*FLA: [142] ai que <ladra> //

*REN: [143] <"**polpa Danone**"> // [144] e aqui em cima / no meu // [145] "**polpa Danone**" //

No exemplo (6.23), REN repete três vezes uma sequência de dois enunciados, sendo o primeiro deles um enunciado complexo formado por Tópico (“biscoito Aymoré”) e Comentário (“amanteigado”) e o segundo, um enunciado simples (“um e noventa-e-oito”). As duas primeiras repetições são prosodicamente muito semelhantes e parecem veicular as mesmas ilocuções, com as mesmas atitudes. Na terceira repetição, os enunciados aparentemente não veiculam as mesmas ilocuções e atitudes dos anteriores. O contraste ilocucionário sugere que o produto referido pela última sequência de enunciados foi cobrado indevidamente. Em (6.24), REN adota a mesma estratégia: usa uma ilocução no enunciado que se refere ao produto comprado por elas e outra ilocução no enunciado que indica o produto cobrado indevidamente.

Também no exemplo (6.25), uma repetição parece ser usada para exprimir algum tipo de contraste com relação ao enunciado anterior. No enunciado [13], BRU cita uma das orações de [12]. Mais adiante, em [17], BRU repete uma oração originalmente produzida por HEL em [16]. Em ambos os casos, há uma mudança ilocucionária.

Exemplo 6.25 – bfamd135 (áudio ex-6.25)

Situação: BMR ensina HEL a usar um gravador. BMR não conjuga o verbo ‘estar’ de maneira apropriada.

*BMR: [11] &he / eu consigo fazer +

*BMR: [12] **tem** [/1] **tem vez que tá eu e a Bel aqui** +

*BMR: [13] "**tá eu e a Bel aqui**" / ótimo hhh //

*BMR: [14] às vezes a gente tá <trabalhando hhh> +

*HEL: [15] <**por que que a gente**> **fala assim** //

*HEL: [16] <desculpa> //

*BMR: [17] <**a gente fala assim**> //

Por vezes, as repetições são feitas para exprimir concordância com o interlocutor, sinalizando que o falante compreendeu a informação do enunciado anterior, como em (6.26) e (6.27).

Exemplo 6.26 – bfamev31 (áudio ex-6.26)

Situação: LUC ensina BER a usar um equipamento de gravação.

*LUC: [36] acho que o [1] e [1] e [1] o [1] o [1] o [1] o complicado mesmo / disso tudo / nã é instalar //

*LUC: [37] **instalar o equipamento é** [1] **é** <tranquilo / assim e tal> //

*BER: [38] <instalar o equipamento é> **tranquilo** //

*LUC: [39] o &pro [1] grande problema / na realidade / é encontrar as condições ideais /

*BER: [40] pra <funcionar> //

*LUC: [41] / <do ambiente> / pra que a <coisa funcione> //

Exemplo 6.27 – bfamd105 (áudio ex-6.27)

Situação: ANE e o irmão CES visitam apartamentos à venda.

*ANE: [400] **é / é a mesma coisa** //

*CES: [401] **é a mesma coisa** // [402] <é> //

*ANE: [403] <mesma> **coisa** //

*CES: [404] <então é isso mesmo> //

*ANE: [405] <era doideira> mesmo //

A repetição de conteúdo locutivo também é uma estratégia usada na formulação de respostas a perguntas feitas pelo interlocutor. Em (6.28), o enunciado [11] trata-se de uma Pergunta de Confirmação, e [12] é a resposta a essa pergunta. Em (6.29), também observa-se uma sequência formada por um tipo de pergunta (nesse caso, um Pedido de Confirmação) e a sua resposta. Evidentemente, nesses casos, há uma mudança de ilocuções entre o primeiro e o segundo enunciados.

Exemplo 6.28 – bfamd108 (áudio ex-6.28)

Situação: AND está ensinando a BRU um caminho de Belo Horizonte a Sete Lagoas.

*AND: [9] mas cê nã vai conseguir não //

*AND: [10] porque tem duas entrada que é mais difícil //

*BRU: [11] **certeza** //

*AND: [12] **certeza** //

Exemplo 6.29 – bfamev13 (áudio ex-6.29)

Situação: MNV conta um caso a ATA.

*MNV: [137] aí o rapaizi / foi lá fechar o carneiro / aí já era umas / seis hora da tarde // [138] aí que achou ele / caído lá //

*ATA: [139] Nossa //

*MNV: [140] o bode [2] o &carn [2] <o / &carn> +

*ATA: [141] <o **carneiro brabo**> //

*MNV: [142] **carneiro brabo** //

No exemplo (6.30), os enunciados [111] e [112] são repetições ocasionais do mesmo conteúdo locutivo (“laranja”) em enunciados de diferentes. Já o enunciado [115] retoma de maneira intencional a locução de [114] (“maçã”), alterando a ilocução. Nesse caso, a

manutenção do conteúdo locutivo e mudança de ilocução parece ter sido feita para selecionar uma das informações mencionadas anteriormente.

Exemplo 6.30 – bfamd101 (áudio ex-6.30)

Situação: FLA e REN fazem compras em um supermercado.

*FLA: [108] <aí / aí> / Rena // [109] Minuano aí //

*REN: [110] qual / que cê prefere // [111] <laranja> //

*FLA: [112] <laranja> //

*REN: [113] limão //

*FLA: [114] **maçã** // [115] **maçã** //

*REN: [116] eu gosto de maçã //

Não são raras as situações em que a repetição é feita para esclarecer o conteúdo de um enunciado que não foi bem compreendido pelo interlocutor. Os exemplos (6.31) e (6.32) reportam casos em que os falantes, motivados por um Pedido de Repetição Total, produzem enunciados com a mesma locução e ilocução dos anteriores.

Exemplo 6.31 – bfamd101 (áudio ex-6.31)

Situação: FLA e REN estão fazendo compras no supermercado.

*FLA: [255] Rena //

*REN: [256] oi //

*FLA: [257] **oferta** //

*REN: [258] ahn //

*FLA: [259] **oferta** //

Exemplo 6.32 – bfamd105 (áudio ex-6.32)

Situação: ANE e seu irmão CES, um corretor de imóveis, estão visitando alguns prédios em pontos diferentes da cidade. ANE diz a CES que já esteve antes na região em que se encontram.

*ANE: [85] **andei isso aqui tudo / com o Tiago** //

*CES: [86] ahn //

*ANE: [87] **andei isso aqui tudo com o Tiago** //

Essas sequências são somente uma parte dos exemplos coletados durante essa pesquisa. A coleção completa pode ser vista no ANEXO III.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse capítulo tem como objetivo estabelecer uma conexão entre os vários resultados alcançados por essa pesquisa, evidenciando em que medida eles constituem um avanço para a compreensão de **o que é uma ilocução**, de **como ela se manifesta linguisticamente** e de **como estuda-la**, levando em consideração a sua relação com a categoria de atitude. Além disso, serão apontadas algumas direções futuras em que a pesquisa deve evoluir para aperfeiçoar a metodologia de estudo das ilocuções. Para evitar que sejam feitas grandes digressões que prejudiquem a fluidez do texto, a maior parte dos resultados será retomada de maneira esquemática, fazendo menção às seções em que eles se encontram. Antes de abordar mais diretamente os resultados dessa pesquisa, serão retomados alguns pontos da metodologia para o estudo de ilocuções proposta por esse trabalho.

Em primeiro lugar, lembramos que o presente trabalho surge da necessidade de reformulação da metodologia LABLITA, a qual não lida de maneira adequada com a relação prosódica entre as categorias de ilocução e atitude. A metodologia LABLITA foi concebida antes da proposta de Mello e Raso (2011) para a inclusão da categoria de atitude no quadro da L-AcT. Segundo os autores, enquanto a ilocução é uma ação realizada por um falante sobre o interlocutor, a atitude seria a maneira pela qual uma ilocução é realizada (irritada, sedutora, autoritária, etc.). A forma prosódica ilocucionária é veiculada por propriedades do núcleo da unidade informacional do Comentário, ao passo que a atitude é expressa por alterações prosódicas em toda a unidade informacional. Para dar suporte a essa afirmação, os autores apresentam três enunciados com a ilocução de Pergunta Polar realizados com atitudes diferentes e ressaltam as diferenças prosódicas existentes entre eles.

A partir do conceito de atitude proposto por Mello e Raso (2011), essa tese identifica algumas consequências para o estudo das ilocuções (cf. 4.4) que evidenciam a necessidade de criação de uma nova metodologia. Essas consequências podem ser sintetizadas em três pontos, os quais serão explorados nas próximas seções:

- a. a existência de diferenças prosódicas evidentes entre os perfis de dois enunciados não pode ser tomada como um argumento conclusivo de que esses enunciados não veiculam a mesma ilocução. Consequentemente, a identificação das ilocuções em corpus deve se valer, sobretudo, da análise pragmática dos enunciados;
- b. cada ilocução associa-se preferencialmente a uma atitude, a qual é sentida como *prototípica* para essa ilocução. Todavia, nada garante que duas ilocuções diferentes

se associem preferencialmente à mesma atitude. Ao contrário, é de esperar que as ilocuções se associem preferencialmente a atitudes diferentes, de modo que não há uma atitude que possa ser considerada como “neutra” para todas as ilocuções. Assim, a comparação de enunciados que veiculam ilocuções em suas respectivas atitudes *prototípicas* não é uma maneira adequada de se controlar a influência da atitude na forma prosódica ilocucionária;

- c. uma metodologia para o estudo de ilocuções deve fornecer meios para discriminar as propriedades prosódicas ilocucionárias das propriedades prosódicas atitudinais de um enunciado. Caso contrário, o perfil prosódico de um enunciado será tomado como um retrato fiel da forma prosódica ilocucionária, enquanto, na realidade, expressa a interação entre essas duas categorias.

A seção 7.1 discutirá a importância de uma caracterização pragmática das ilocuções. Em seguida, 7.2 abordará os dois últimos pontos, ligados à descrição da forma prosódica ilocucionária. Por fim, a seção 7.3 vai apontar alguns problemas relativos à classificação pragmática das ilocuções e à necessidade de se refinarem os critérios pragmático-cognitivos.

7.1. A importância da caracterização pragmática das ilocuções

Na metodologia LABLITA, a identificação dos tipos ilocucionários em corpus é feita por meio de uma análise pragmática dos enunciados, a qual é integrada por uma análise prosódica. Enunciados que são perceptivamente equivalentes no plano funcional e prosódico são considerados exemplos da mesma ilocução. Por outro lado, a existência de diferenças prosódicas evidentes e perceptivamente relevantes entre um conjunto de enunciados é vista como um forte argumento de que os mesmos realizam ilocuções diferentes.

Essa visão baseia-se na ideia de que o perfil prosódico de um enunciado reflete a forma prosódica ilocucionária veiculada por ele de maneira bastante fiel à percepção. Assim, em função do peso dado à comparação prosódica dos enunciados, a identificação das ilocuções em corpus não requer um alto grau de formalização da caracterização pragmática das ilocuções, apesar do papel central da análise pragmática na metodologia LABLITA. Nesse quadro, o conjunto de parâmetros pragmático-cognitivos propostos pelo grupo LABLITA⁴⁹ (MONEGLIA, 2011) pode servir como um critério operativo para identificar as

⁴⁹ Os parâmetros são: *canal de comunicação, atenção, proxêmica, propriedades intencionais do processo, efeitos, modificações no interlocutor, características perceptuais do objeto ontológico referido, condições*

ilocuções em corpus. Há de se considerar, porém, que tais parâmetros foram elaborados principalmente para eliciar ilocuções em contexto experimental e não tanto para identifica-las ou defini-las. Assim, as descrições não evoluíram no sentido de identificar e diferenciar, para cada ilocução, as suas propriedades definidoras e as suas propriedades de eliciação.

O conceito de atitude proposto por Mello e Raso (2011) altera substancialmente esse quadro, ao indicar que um enunciado manifesta contemporaneamente, no plano prosódico, informações ilocucionárias e atitudinais. De acordo com essa visão, o perfil prosódico de um enunciado (ou seja, as suas propriedades prosódicas concretas e mensuráveis) refletiria a interação entre (i) a forma prosódica ilocucionária veiculada por ele, (ii) as propriedades prosódicas da atitude com a qual a ilocução é veiculada e (iii) uma série de outros fatores linguísticos e extralinguísticos (tamanho e estrutura acentual da locução, eventual presença de ênfase prosódica em um ou mais itens lexicais da locução, emoção expressa pelo enunciado, características fisiológicas do falante, etc.). Por esse motivo, é frequente que enunciados com a mesma ilocução apresentem diferenças prosódicas muito evidentes, como os exemplos de Ordem mostrados na seção 5.1.

Em consonância com a visão de Mello e Raso (2011), o presente trabalho propõe que a existência de diferenças prosódicas entre dois enunciados pragmaticamente semelhantes não seja mais usada como um critério para decidir se esses enunciados veiculam ou não a mesma ilocução. Entendemos que a adoção de um critério prosódico para a identificação de exemplos possa levar a grandes enganos, a menos que já se tenha uma noção muito clara de quais são as propriedades de uma forma prosódica ilocucionária e de como ela pode ser alterada em função da interação com as propriedades atitudinais em uma ilocução. Para evitar esses riscos, sustentamos que a identificação das ilocuções em corpus deva ser feita a partir de uma análise pragmático-cognitiva dos exemplos, permitindo reconhecer os enunciados que veiculam a mesma ilocução mesmo quando seus perfis prosódicos causam percepções diferentes e não são intercambiáveis. Assim, caracterização pragmática adquire, na metodologia aqui proposta, um peso ainda maior do que na metodologia LABLITA, para a qual já é importante.

A metodologia apresentada por esse trabalho difere, ainda em maior escala, de trabalhos que identificam as ilocuções baseando-se em critérios sintáticos/lexicais e em uma análise puramente prosódica dos enunciados. Muitos deles se valem exclusivamente da introspecção para identificar as ilocuções existentes em uma língua e para produzir os enunciados a serem descritos. Procedendo dessa maneira, o trabalho torna-se circular, pois se

preparatórias do falante, condições preparatórias do interlocutor. Para uma descrição e exemplificação de cada um deles, veja-se a seção 3.2.2.

imagina uma ação, registra-se a prosódia que parece natural para ela e analisa-se aquela prosódia como sendo a marca linguística da ação imaginada. Em função disso, corre-se o risco de não se saber com precisão o valor funcional associado aos perfis descritos ou, até mesmo, que esses perfis não tenham uma contraparte na natureza. Além disso, enunciados que veiculam ilocuções diferentes, mas que podem ser chamados na linguagem comum pelo mesmo nome (como ‘ordem’, ‘pedido’, ‘afirmação’, etc.), podem ser entendidos como variações da mesma ilocução. Ou ainda, enunciados que representam uma variação atitudinal da mesma ilocução podem ser facilmente tomados como ilocuções diferentes.

Para concluir essa discussão, chamamos a atenção para alguns fatos. Em primeiro lugar, lembramos que somente o exame de corpora com alta variação diafásica a partir de uma abordagem pragmática possibilita o acesso à grande variedade de tipos ilocucionários usados na comunicação cotidiana. Como mostra Moneglia (2011), o repertório das ilocuções encontradas em um corpus que documenta a fala espontânea com ampla variação diafásica, como o corpus LABLITA, é expressivamente superior aos repertórios oriundos de corpora que registram fala espontânea em contextos restritos, como os corpora de *map task*⁵⁰ (CARLETTA *et al.*, 1996, 1997). Além disso, o exame de corpora de fala espontânea evidencia não só a existência, mas também a grande frequência com que se manifestam na fala espontânea uma série de ilocuções que não são realizadas por verbos performativos e, por esse motivo, não são contempladas por um paradigma lógico-sintático, como o de Searle (1972). O repertório ilocucionário do LABLITA (MONEGLIA, 2011) contém algumas dessas ilocuções, como os diferentes tipos de Chamamento e de Dêixis. A presente pesquisa contribui nesse aspecto ao identificar seis ilocuções que também não são realizadas por verbos performativos – a Oferta, a Pergunta de Confirmação e as chamadas ilocuções dialógicas (Permissão para Falar, Pedido de Repetição Total, Manifestação de Atenção Continuada e Pedido de Concordância).

Ressaltamos também que uma definição pragmática de ilocução permite observar como as ilocuções reunidas sob o rótulo de *ilocuções dialógicas* (cf. 6.2) se equiparam, do ponto de vista acional, às demais ilocuções existentes, devendo ser reconhecidas como tal. Um enunciado como (6.17), chamado agora de (7.1), que veicula uma Manifestação de Atenção Continuada, não se trata de um simples marcador discursivo com função linguística secundária no processo comunicativo, mas sim de uma ação pela qual o falante comunica ao

⁵⁰ *Map task* são atividades em que um indivíduo possui um mapa em que é indicado um caminho e deve instruir outro indivíduo a marcar o mesmo caminho no seu mapa. Os mapas possuem algumas diferenças, o que motiva uma interação maior entre os falantes. Esse tipo de atividade foi desenvolvido para registrar a fala espontânea em contexto controlado.

seu interlocutor, de maneira voluntária e consciente, que está seguindo o seu raciocínio. Isso é feito meio da produção de uma expressão linguística interpretável em autonomia (ou seja, um enunciado) cuja unidade de Comentário possui características prosódicas específicas. Assim, parece-nos inadequado que uma teoria dos atos de fala não reconheça o valor ilocucionário de enunciados como esse, os quais possuem autonomia pragmática e prosódica, como qualquer outra ilocução, apesar de serem frequentemente preenchidos por interjeições ou outras expressões semanticamente vazias (como ‘hum hum’, ‘uhn’, ‘ahn’, etc.), de serem realizados com baixa intensidade (o que parece ser uma característica de sua forma prosódica) e de se inserirem dentro de uma interação já em curso, remetendo a um enunciado anterior produzido pelo interlocutor.

Exemplo 7.1 – bpubmn04

Situação: Astróloga explica o mapa astral de cliente.

*AND: [12] o lado negativo de [1] de / Saturno / seria / as limitações / o medo / a dificuldade / &he / porque / Saturno / se a gente levar em consideração o planeta / Saturno é o que tem os anéis / então / <seria> uma sensação de restrição //

*MMM: [13] <hum hum> //

A importância de uma abordagem pragmática para o estudo das ilocuções também é colocada em evidência pelo fato de o número de formas prosódicas de uma língua ser, provavelmente, inferior ao número de ilocuções existentes na mesma língua, como sugerem alguns estudos experimentais (MORAES, 2011). Considerando (i) a grande quantidade de ilocuções encontradas em corpus e (ii) os limites do nosso sistema articulatório para produzir variações prosódicas em um número muito restrito de sílabas, é muito provável que algumas ilocuções estejam associadas à mesma forma prosódica. Essa afirmação, que ainda carece de demonstração com base em pesquisas empíricas, não diminui a importância da realização da forma prosódica ilocucionária para a veiculação de uma ilocução, mas chama a atenção para o fato de que a interpretação ilocucionária baseia-se não somente no perfil prosódico do enunciado, mas também na análise do contexto em que o enunciado é realizado. Em face disso, a análise pragmática torna-se não somente desejável, mas uma condição fundamental para identificar as ilocuções em uma língua e para compreender se um conjunto de enunciados veicula a mesma ilocução.

Por fim, chamamos a atenção para outro fato de grande importância que se relaciona à análise pragmática dos enunciados. Para interpretar de maneira adequada o que será dito, lembramos que a realização concreta de uma forma prosódica ilocucionária é diretamente

afetada pela atitude com a qual a ilocução é realizada. Por esse motivo, a forma prosódica ilocucionária não corresponde a valores fixos de alguns parâmetros, mas sim a um espectro de variação prosódica que manifesta, de maneira regular, relações de proporção entre parâmetros prosódicos. Se aceitarmos essas premissas, devemos também admitir que, em certos casos, a combinação entre uma ilocução *A* e uma atitude *X* pode resultar em um perfil prosódico muito semelhante ou idêntico ao que expressa a combinação entre uma ilocução *B* e uma atitude *Y*. Em outras palavras, devemos considerar a possibilidade de que haja uma **área de sobreposição entre formas prosódicas semelhantes** em função da atitude com a qual cada ilocução for veiculada. Para compreender melhor essa afirmação, tomemos como exemplo as ilocuições de Ordem e Instrução.

Raso e Rocha (2014) fazem um estudo comparativo entre as ilocuições de Ordem e Instrução a partir da metodologia LABLITA. Ao fazerem um teste de substituição entre essas ilocuições (vídeos *ROCHA-RASO_ordem*, *ROCHA-RASO_instrução*, *ROCHA-RASO_ordem_com_instrução* e *ROCHA-RASO_instrução_com_ordem*), atestam que a colocação do perfil de Ordem na cena de Instrução causa estranhamento: os falantes o julgam como uma ilocução “ríspida” demais para a situação em que ela foi realizada. Caso a Ordem e a Instrução tenham formas prosódicas diferentes, o teste de substituição de Raso e Rocha indica que há uma área de sobreposição entre as formas prosódicas dessas ilocuições. O perfil prosódico que expressa uma Ordem com atitude de Referência também pode ser usado para expressar uma Instrução com uma atitude mais “ríspida” (a qual é incompatível com a cena de Instrução realizada). Moneglia (2011) reporta um resultado semelhante para um teste de substituição entre as ilocuições de Resposta e Conclusão. Segundo o autor, se o perfil de Conclusão é colocado na cena de Resposta, ele é visto como um “enunciado deprimido”.

Mais uma vez, essas afirmações não diminuem a importância da forma prosódica para a realização da ilocução. Nenhum dos resultados dessa pesquisa e nenhuma das reflexões aqui propostas colocam em xeque o alto grau de convencionalização existente entre a realização de uma ilocução e a produção de um enunciado que expresse a sua forma prosódica. Por outro lado, a interpretação da ilocução parece também depender da análise do contexto de realização do enunciado.

7.2. A descrição da forma prosódica ilocucionária

A metodologia para o estudo de ilocuições apresentada nesse trabalho prevê que a descrição prosódica de uma forma ilocucionária seja feita não com base nos exemplos extraídos de corpus, mas sim a partir de enunciados produzidos em contexto artificial. Todavia, conforme

argumentado na seção anterior, entendemos que a segunda fase da pesquisa (a produção dos enunciados em contexto artificial e a descrição dos mesmos) não possa prescindir da primeira (identificação das ilocuções em corpus a partir de um critério pragmático), sob pena de que os enunciados descritos não correspondam a enunciados efetivamente existentes na comunicação cotidiana ou que não se saiba ao certo o valor funcional do perfil descrito. Assim, para cada ilocução que é estudada, devem ser produzidas cenas que eliciem a ilocução em suas diferentes atitudes.

Uma vez que o pesquisador dispõe dos enunciados produzidos a partir das cenas de eliciação, pode fazer uma descrição prosódica fina dos mesmos, buscando identificar elementos que se manifestem de maneira estável em todas as realizações de uma ilocução. Esse conjunto de elementos seria a forma prosódica da ilocução. É importante notar que a forma prosódica de uma ilocução não corresponde a valores fixos de certos parâmetros, mas sim **a relações de proporção entre parâmetros que admitem algumas variações, mas não outras**. Em outras palavras, a forma prosódica ilocucionária é um **espectro de variações possíveis em proporções definidas**. Nos enunciados com a ilocução de Ordem, por exemplo, observa-se que o valor de ataque de f_0 varia em 45% nas diferentes atitudes estudadas (129 Hz a 187 Hz), ao passo que o valor mínimo varia em 29% (90 Hz a 116 Hz). Por outro lado, o valor máximo de f_0 varia em 96% (128 Hz a 251 Hz). Esses dados indicam que, na ilocução de Ordem, os valores de ataque e mínimo de f_0 são relativamente estáveis, enquanto o valor máximo varia em função da atitude. Assim, aparentemente, a excursão de f_0 que caracteriza cada atitude estudada da ilocução de Ordem é obtida pela variação do valor máximo alcançado, e não do valor mínimo e do ataque. Essa é uma relação entre parâmetros que se mantém estável em todos os enunciados de Ordem e, portanto, faria parte da forma prosódica dessa ilocução.

Entender a forma prosódica como um espectro de variações possíveis (e não como valores fixos de parâmetros prosódicos) permite explicar como enunciados pragmaticamente semelhantes, mas com propriedades prosódicas consideravelmente diferentes entre si, expressam de fato a mesma ilocução. Além disso, o conceito de forma prosódica aqui proposto também coloca em evidência que, para descrever de maneira aprofundada uma forma prosódica, é necessário analisar enunciados considerados prototípicos para uma ilocução **juntamente com os enunciados considerados não prototípicos**. As consequências negativas de se analisar somente os enunciados prototípicos de uma ilocução são muitas:

- a. não é possível observar o espectro de variações que corresponde à sua forma prosódica;
- b. o conceito de forma prosódica pode não ser concebido de maneira suficientemente abstrata, de modo que a realização prototípica seja vista como um espelho da forma prosódica. Isso pode levar até mesmo a uma fusão entre os conceitos de *forma prosódica ilocucionária* e *atitude prototípica* (ou *atitude menos marcada, neutra* ou *de Referência*) de uma ilocução.
- c. em face da grande variação prosódica existente entre as realizações de uma ilocução com atitudes diferentes, a ausência de um conceito mais abstrato de forma prosódica pode levar à falsa impressão de que não há elementos prosódicos constantes entre todas as realizações de uma mesma ilocução – e, conseqüentemente, de que a prosódia é um elemento de importância secundária (ou até mesmo um elemento sem importância) para a veiculação de uma ilocução.

Ao descrever a ilocução de Ordem, foi dito que uma caracterização mais aprofundada de uma forma prosódica pode ser feita somente por meio de uma comparação com outras ilocuições e, em particular, com ilocuições que sejam realizadas por perfis prosódicos semelhantes. Esse tipo de comparação é importante, pois permite avaliar se as propriedades identificadas para uma forma prosódica são exclusivas dela ou se são compartilhadas por outras ilocuições. Com relação à Ordem, por exemplo, que é formada por um núcleo ascendente-descendente, foi observado que a excursão dos movimentos é determinada principalmente pelo valor máximo de f_0 alcançado pelo enunciado, e não pela variação dos valores de ataque e mínimo de f_0 . A comparação dessa forma prosódica com a de Instrução, que também apresenta uma configuração ascendente-descendente, permitiria compreender se essa propriedade é compartilhada pela Instrução ou se é exclusiva da Ordem, refinando a descrição de ambas as formas prosódicas. Em outras palavras, a comparação entre ilocuições realizadas por enunciados com perfis prosódicos semelhantes permite que se avalie o peso das propriedades identificadas para cada ilocução estudada.

Com o objetivo de se comparar a forma prosódica de ilocuições diferentes, há pelo menos três estratégias que podem ser adotadas: (a) comparar enunciados de ilocuições diferentes em suas realizações prototípicas (por exemplo, uma comparação entre Ordem com atitude de Referência e Instrução com atitude de Referência); (b) comparar enunciados de ilocuições diferentes com a mesma atitude (por exemplo, uma comparação entre Ordem com

atitude de Irritação e Instrução com atitude de Irritação); (c) comparar a descrição individual de duas ilocuções (por exemplo, uma comparação entre a forma prosódica de Ordem feita a partir da análise de enunciados com algumas de suas possíveis atitudes e da forma prosódica de Instrução feita a partir de enunciados com algumas de suas possíveis atitudes).

A nosso ver, a análise contrastiva da forma prosódica de duas ilocuções não pode se basear na comparação direta de enunciados considerados prototípicos para elas, pois não há motivos para se pensar que duas ilocuções diferentes tenham a mesma atitude de Referência. Muito pelo contrário, é de se esperar que a atitude sentida como prototípica para a Ordem seja uma atitude mais “autoritária” que a atitude prototípica da Instrução, por exemplo. Assim como a atitude influencia a realização prosódica de um enunciado, a comparação entre enunciados de duas ilocuções com as respectivas atitudes de Referência levaria à identificação de propriedades atitudinais como sendo propriedades ilocucionárias. Aparentemente, mesmo sem levar em conta o conceito de atitude, a metodologia LABLITA adota um procedimento semelhante a esse, ao buscar realizações mais prototípicas de cada ilocução em suas realizações mais acentuadas. Dessa forma, na cena de Ordem, por exemplo, a ilocução é veiculada com uma atitude mais “autoritária”, motivada pelo caráter emergencial da situação, ao passo que a ilocução de Instrução tem uma atitude mais “polida”, motivada pelo fato de que os interlocutores não se conhecem.

Além disso, defendemos que o teste de substituição não seja uma ferramenta adequada para verificar se duas ilocuções possuem ou não a mesma forma prosódica: a substituição dos enunciados pode ser vista como inadequada se a atitude com a qual uma ilocução é realizada não for compatível com a cena projetada para a outra ilocução (e não necessariamente por diferenças na forma prosódica). Isso é o que parece mostrar o teste de substituição realizado nessa pesquisa com as cenas de Ordem nas quatro atitudes estudadas (cf. 5.4), em que a colocação do perfil de Ordem com atitude de Urgência na cena de Ordem com atitude de Referência foi avaliada como inaceitável por 50% dos sujeitos.

A segunda possibilidade de fazer uma descrição contrastiva entre duas ilocuções seria a de comparar enunciados de ilocuções diferentes com a mesma atitude (por exemplo, comparar uma Ordem com atitude de Irritação a uma Instrução com atitude de Irritação). Com isso, o fator *atitude* seria controlado de maneira mais eficaz, e todas as diferenças observáveis entre os perfis expressariam de fato diferenças nas formas prosódicas ilocucionárias. Todavia, considerando que a atitude é uma categoria gradual, que não se manifesta com a mesma intensidade em cada enunciado, essa escolha também pode resultar em uma descrição

imprecisa das formas prosódicas. Como visto em 5.2.4.4, a atitude de Irritação na locução de Ordem está associada, dentre outros fatores, ao aumento do valor máximo de f_0 (e à consequente diferença na excursão de f_0 nos movimentos da configuração ascendente-descendente), bem como à presença de um alongamento na primeira vogal tônica do enunciado. Também foi observado que essas propriedades são intensificadas nos enunciados com muita Irritação com relação aos de pouca Irritação. Sendo assim, a comparação de enunciados com atitude de Irritação entre locuções diferentes pode levar a uma descrição imprecisa do valor máximo de f_0 , da excursão e do alongamento da primeira postônica, se a Irritação não se manifestar com a mesma intensidade em cada locução.

Em face da inevitabilidade da interferência atitudinal na manifestação de uma forma prosódica ilocucionária e também da dificuldade de se controlar o fator *atitude* em enunciados com locuções diferentes, acreditamos que o procedimento mais adequado para fazer a descrição de uma forma prosódica seja o de, primeiramente, identificar em corpus o maior número de exemplos de uma locução com a maior variação atitudinal possível, a partir de um critério pragmático. Em seguida, propomos que seja feita uma descrição individual de cada locução. Essa descrição consistiria na identificação de relações entre propriedades prosódicas que se mantêm estáveis no núcleo de uma locução a partir do exame de várias atitudes com as quais pode ocorrer, a exemplo do que foi feito para a locução de Ordem nesse trabalho para quatro de suas possíveis atitudes. Por fim, de posse da caracterização individual de cada locução, seria possível compará-las, buscando semelhanças e diferenças entre suas formas prosódicas. Nesse processo, é importante a adoção de instrumentos informáticos que permitam mensurar uma quantidade maior de fatores prosódicos e extrair deles relações mais sutis que dificilmente seriam percebidas pela observação direta dos dados. Um exemplo de instrumento já usado nessa pesquisa é o *script SGDetector* (BARBOSA, 2013), que normaliza a duração dos segmentos de um enunciado e mostra a duração relativa de cada um deles tomando como base a duração intrínseca dos segmentos em uma língua específica.

7.3. A importância de se refinar a caracterização pragmática dos enunciados

Nas seções anteriores, defendemos que a identificação das locuções de uma língua deva ser feita por meio da análise pragmática de exemplos de corpora de fala espontânea. Enunciados pragmaticamente semelhantes devem ser classificados como exemplos da mesma locução, ainda que apresentem propriedades prosódicas diferentes. Exemplos com diferenças pragmáticas importantes devem ser classificados como locuções diferentes, ainda que apresentem perfis prosódicos semelhantes. Assim, na metodologia proposta, a simples

existência de diferenças prosódicas perceptivamente salientes entre dois enunciados não pode ser considerada um argumento suficiente para que eles sejam classificados como ilocuções diferentes.

A adoção de um critério estritamente pragmático para a identificação das ilocuções em corpus permite encontrar exemplos que representem uma ampla variação atitudinal da mesma ilocução, o que é fundamental para que se faça uma descrição abrangente de sua forma prosódica. Por outro lado, leva à necessidade de se refinarem os parâmetros pragmático-cognitivos a serem usados para a caracterização das ilocuções. Como resultado final, deve-se conseguir chegar a uma descrição que permita compreender em que medida as ilocuções constituem atividades de tipos diferentes, desenvolvidas para atender a propósitos comunicativos específicos de maneira linguisticamente codificada. Desse modo, a descrição espelharia as oposições em que os falantes se baseiam para escolher o tipo ilocucionário a ser usado em cada situação. Analogamente, também refletiriam as oposições em que os falantes se baseiam para interpretar as ilocuções realizadas pelo interlocutor.

A ideia de que os parâmetros pragmático-cognitivos se aproximam, em alguma medida, da definição das ilocuções já está presente nos trabalhos de Firenzuoli (2003), Moneglia (2011) e Cresti (2015), em diferentes medidas. A primeira, em um estudo sobre as formas ilocucionárias do Italiano, propõe definições para cada ilocução que se remetem aos parâmetros associados a elas.⁵¹ Moneglia (2011), ao descrever o processo de eliciação das ilocuções de Resposta e Conclusão, afirma que a última caracteriza-se pela *ausência de interação entre os falantes* (o que seria um valor do parâmetro *proxêmica*). Cresti (2015), por sua vez, faz um importante trabalho de caracterização pragmática das macro classes ilocucionárias a partir de uma versão atualizada dos parâmetros pragmático-cognitivos do grupo LABLITA. Ainda, a autora divide os parâmetros em propriedades comunicativas (*canal, contexto, horizonte atencional, foco atencional, objeto de referência, proxêmica, papel do falante, papel/condição do interlocutor*) e propriedades pragmáticas (*valor intencional do processo, foco, tipo de atividade desempenhada pelo falante, efeito*

⁵¹ Veja-se, por exemplo, a definição de Chamamento Proximal proposta pela autora: “O Chamamento pertence ao grupo das ilocuções diretivas relativas à atenção. O canal comunicativo é fechado e é formado um foco externo à verbalização. Em particular, no Chamamento Proximal, tem-se um pedido de atenção total ao interlocutor, que se encontra no horizonte atencional do falante e próximo a ele. Com o proferimento do enunciado de Chamamento Proximal, é requerido ao interlocutor de mudar o seu foco atencional, que no momento não coincide com o do falante. Ao interlocutor, é requerido de prestar atenção no falante, sem que isso implique que ele deva mudar de lugar. Tem-se a formação de um foco no próprio interlocutor, que deve assegurar a própria disponibilidade” (FIRENZUOLI, 2003: p. 145).

convencionalmente esperado no interlocutor, efeito convencionalmente esperado no contexto, tempo de realização, benefício).

Apesar de reconhecermos o enorme avanço teórico e metodológico que os parâmetros identificados pelo grupo LABLITA representam para o estudo de ilocuções, sentimos que o trabalho de caracterização pragmática das ilocuções deva evoluir na direção de: (a) fornecer uma definição pormenorizada de cada parâmetro; (b) classificar e hierarquizar os parâmetros; (c) buscar (ou explicitar) critérios que guiem a seleção dos parâmetros relevantes para a diferenciação dos tipos ilocucionários, com o objetivo de minimizar o risco de introduzir parâmetros que não são pertinentes ou de não perceber a pertinência de algum parâmetro.

A nosso ver, o refinamento dos parâmetros pragmático-cognitivos pode ser alcançado somente por meio de pesquisas interdisciplinares com áreas como as Neurociências e a Filosofia. Um trabalho colaborativo com as Neurociências poderia ajudar, por exemplo, a compreender a influência de certos parâmetros pragmático-cognitivos – como a *proxêmica* e o *canal de comunicação* – nos mecanismos cerebrais diretamente e indiretamente usados para realizar uma ilocução. Isso poderia ser de grande valia para avaliar se enunciados que se diferenciam por esses parâmetros – como os diferentes tipos de Chamamento e de Dêixis – constituem ou não tipos acionais diferentes.

No que diz respeito à Filosofia, alguns conceitos formulados no âmbito da Teoria da Ação⁵² são igualmente úteis para elucidar aspectos cruciais sobre os atos de fala. A distinção estabelecida por Von Wright (1963) entre *resultado* e *consequência* de uma ação, por exemplo, permite entender a relação entre uma ilocução e os estados de mundo posteriores à sua realização. Segundo o autor, o *resultado* de uma ação é a mudança de mundo intrínseca a ela, sem a qual não se pode dizer que a ação foi realizada. A *consequência* é uma mudança de mundo que se verifica com a realização da ação, mas que é extrínseca e não necessária a ela.⁵³ Nessa ótica, pode-se pensar que o único *resultado* de uma ilocução é a produção de ondas sonoras com a sua forma prosódica ilocucionária, ao passo que quaisquer outros estados de mundo decorrentes da sua realização são *consequências*. De fato, não se pode pensar que uma pessoa realize uma ilocução (entendida como uma ação verbal) sem que produza as ondas

⁵² A Teoria da Ação é um ramo da Filosofia desenvolvido a partir de meados do século XX que se propõe a compreender quais são os diversos tipos de ação, suas especificidades e diferenças. Entre os principais autores, destacamos Elizabeth Anscombe (1957), Donald Davidson (1963) e Georg Henrik von Wright (1963).

⁵³ A ação de ‘abrir a janela da sala’, por exemplo, tem como *resultado* o estado final de a janela estar aberta ou, em outra interpretação possível, o processo de a janela ser aberta. Não se pode dizer que alguém realizou tal ação sem que esse estado de mundo tenha sido alcançado. Como *consequência* da ação de ‘abrir a janela da sala’, a temperatura do ambiente pode aumentar, abaixar ou permanecer a mesma, a depender da relação entre a temperatura interna e externa. Toda ação produz resultado e consequência, mas somente a produção do resultado é a condição necessária para a realização da ação.

sonoras com a sua forma prosódica. Essa distinção possibilita que se dê uma interpretação adequada ao parâmetro *efeito* proposto pelo grupo LABLITA, que deve ser entendido como uma *consequência* do ato de fala e não como o seu *resultado*. O efeito de uma Ordem, por exemplo, é a produção de uma mudança de mundo por meio de um comportamento do interlocutor. Todavia, se o falante produzir um enunciado com a forma prosódica de Ordem em uma situação apropriada, terá realizado a ilocução, independentemente de como o interlocutor reagir a ela.

Com relação à classificação dos parâmetros, é preciso fazer uma divisão que expresse a **importância de cada parâmetro** para cada ilocução ou, em outras palavras, o papel que cada parâmetro desempenha em cada ilocução. A divisão entre *parâmetros de eliciação* e *parâmetros definidores*, que tentamos fazer nessa tese ao analisar algumas ilocuições, é um exemplo disso e parece útil para compreender quando dois exemplos veiculam ilocuições diferentes ou quando constituem variações da mesma ilocução. Nessa classificação, um parâmetro que é definidor para uma ilocução pode ser um parâmetro de eliciação para outra: conforme argumentado anteriormente, *atenção* e *proxêmica* parecem fundamentais para definir os diversos tipos de Chamamento, mas são relevantes para eliciar (e não para definir) a Ordem.

Os experimentos com a Oferta e a Pergunta de Confirmação realizados nessa pesquisa também permitem fazer algumas considerações sobre uma classificação com relação à importância dos parâmetros pragmático-cognitivos para as ilocuições. Conforme discutido em 5.4.1, essas ilocuições possuem fortes diferenças pragmáticas: a Oferta é uma ação relativa à disponibilidade do interlocutor para assumir o controle sobre uma entidade, enquanto a Pergunta de Confirmação é uma ação sobre os conhecimentos do interlocutor. Além disso, essas ilocuições parecem estar associadas a formas prosódicas diferentes, visto que um falante consegue reconhecê-las, em um teste de percepção, a partir somente da informação acústica (ainda que o reconhecimento dessas ilocuições seja feito de maneira contrastiva).⁵⁴ Por outro lado, a troca entre perfil de Oferta e o perfil de Pergunta de Confirmação em suas respectivas cenas de eliciação parece não afetar a interpretação ilocucionária do enunciado.

⁵⁴ Nesse teste de percepção, um sujeito foi exposto ao áudio de dois enunciados de Oferta e dois enunciados de Pergunta de Confirmação. Ouvindo somente os dois primeiros enunciados, o falante não conseguia dizer com certeza qual era a ilocução veiculada por eles. Ao ouvir os enunciados da outra ilocução, o falante conseguia determinar com precisão e com um alto grau de certeza qual era a ilocução dos primeiros e dos últimos. Por isso, dizemos que as ilocuições de Oferta e de Pergunta de Confirmação parecem ter formas prosódicas diferentes que são identificadas de maneira contrastiva. O experimento foi realizado em duas sessões diferentes e, nas duas, todos os enunciados foram reproduzidos.

Esse resultado sugere que os parâmetros pragmático-cognitivos tenham um papel central para a compreensão ilocucionária na comunicação, podendo influenciar na interpretação da forma prosódica de um enunciado, ao menos em casos com um certo grau de compatibilidade prosódica. A partir desses experimentos, é possível pensar que cada ilocução seja caracterizada não somente por *parâmetros definidores* e *parâmetros de eliciação*, mas também por parâmetros que são necessários para o seu **reconhecimento**. Assim, a cena de eliciação de Oferta não teria os *parâmetros de reconhecimento* da Pergunta de Confirmação e vice-versa. Possivelmente, um dos parâmetros de reconhecimento da Oferta é que o objeto mencionado pelo conteúdo locutivo do enunciado esteja sobre o controle do falante (que realiza a Oferta justamente para disponibilizá-lo ao interlocutor). Na cena de Pergunta de Confirmação, por outro lado, o suco de pêssago mencionado pelo falante é controlado pelo interlocutor, e não pelo falante. Com relação à Pergunta de Confirmação, pode-se pensar que um dos seus parâmetros de reconhecimento seja que o falante não conheça plenamente a natureza do objeto mencionado pelo conteúdo locutivo (e realiza a ilocução para esclarecer alguma informação sobre ele). Por outro lado, na cena de Oferta, o falante leva o copo com o suco de pêssago para o interlocutor, dando a entender que ele sabe qual é a bebida que se encontra no copo.

A discussão sobre a classificação dos parâmetros pragmático-cognitivos em uma perspectiva voltada para a definição dos tipos ilocucionários se relaciona à necessidade de se estabelecerem critérios que guiem a seleção dos parâmetros a serem usados na caracterização das ilocuições.

Os parâmetros atuais, que são fruto de um extenso trabalho do grupo LABLITA de comparação dos contextos de ocorrência das ilocuições em corpus, permitem compreender diferenças importantes entre um número expressivo de ilocuições. Isso vale especialmente para ilocuições pragmaticamente muito diferentes, ainda que da mesma classe ilocucionária, como a Ordem e o Chamamento Proximal. Todavia, na análise de enunciados pragmaticamente próximos, frequentemente tem-se a impressão de que faltam meios para decidir se se tratam ou não da mesma ilocução. Em situações como essas, podemos querer incluir novos parâmetros que consigam expressa a diferença funcional que percebemos ao comparar certos enunciados.

Chamamos a atenção para o fato de que, na ausência de critérios precisos para selecionar os parâmetros pragmático-cognitivos que permitem distinguir ilocuições, corre-se os riscos de que (i) os tipos ilocucionários sejam multiplicados indefinidamente em função da

progressiva inclusão de parâmetros que captem qualquer tipo de variação funcional perceptível entre dois enunciados e (ii) a definição de um tipo ilocucionário seja circular (os exemplos *A* e *B* são de tipos diferentes porque variam em função de um parâmetro *x*; o parâmetro *x* é importante para capturar a variação ilocucionária, pois permite compreender a diferença entre os exemplos *A* e *B*).

Esses problemas não eram tão evidentes na versão original da metodologia LABLITA, pois se considerava que qualquer variação prosódica significativa entre dois enunciados fosse suficiente para afirmar que esses enunciados não veiculam a mesma ilocução (cf. 4.3.6). Assim, ao se deparar com enunciados que apresentam diferenças prosódicas e que também exprimem qualquer tipo de diferença funcional, bastaria que o pesquisador selecionasse um parâmetro que conseguisse caracterizar a diferença funcional para concluir que os exemplos veiculam ilocuições diferentes e que o parâmetro era relevante para caracterizar diferenças ilocucionárias. Todavia, a introdução do conceito de atitude como “a maneira pela qual a ilocução é realizada” (MELLO; RASO, 2011) muda esse panorama, por colocar em evidência que **nem toda diferença prosódica percebida entre dois enunciados está associada a uma diferença ilocucionária**. Em face disso, ao se analisarem exemplos de corpus, cria-se a necessidade de que as definições das ilocuições sejam feitas a partir de parâmetros que consigam exprimir como os falantes as concebem como **tipos acionais diferentes**, e não como **variações da mesma ação**.

A comparação entre os enunciados de Ordem com atitude de Referência e de Ordem com Cortesia pode ser usada para mostrar que se deve ter cautela na seleção dos parâmetros utilizados para classificar as ilocuições. Como foi observado em 5.2.4.2, a atitude de Cortesia caracteriza-se prosodicamente, dentre outras propriedades, pela presença de um movimento ascendente de *f0* localizado ao final da unidade informacional. O fato de os movimentos de *f0* da Cortesia serem quantitativamente diferentes dos movimentos das demais atitudes, bem como as outras diferenças prosódicas existentes entre a Cortesia e a Referência, poderia ser tomado como um indício de que esses enunciados não veiculam uma Ordem, mas sim outra ilocução. No entanto, em uma análise pragmática baseada nos parâmetros pragmático-cognitivos que dispomos atualmente, os enunciados de Ordem com Cortesia parecem ser descritos pelos mesmos valores que os demais enunciados de Ordem (cf. QUADRO 4.2, na seção 4.3.2).⁵⁵

⁵⁵ Os parâmetros e valores associados à ilocução de Ordem são: Canal de comunicação (aberto); Atenção (compartilhada); Proxêmica (interação direta); Propriedades intencionais do processo (comportamental); Efeito (mudança de mundo); Modificações no interlocutor (operativa); Características perceptuais do objeto ontológico

De fato, a Ordem com Cortesia não se trata de uma simples “sugestão desinteressada” por parte do falante ao interlocutor, mas sim de **um pedido explícito de mudança de mundo** que o primeiro faz ao outro, assim como em todos os outros enunciados de Ordem. Seja nos exemplos de corpus, seja na cena de eliciação, esse elemento pode ser percebido com clareza. Por esse motivo, afirmamos que as diferenças funcionais perceptíveis entre uma Ordem com atitude de Referência e uma Ordem com Cortesia não estão ligadas **ao tipo de ação realizado**, mas sim à **maneira com a qual a ação é realizada**: uma maneira linguisticamente convencionalizada de expressar polidez. Assim, sustentamos que, até o momento, não há nenhum motivo pragmático para se considerar que os enunciados classificados como Ordem com Cortesia veiculem uma ilocução diferente dos enunciados de Ordem com Referência e com as demais atitudes estudadas.

A nosso ver, parte da confusão que os enunciados de Ordem com Cortesia pode suscitar deve-se ao fato que, na linguagem cotidiana, não precisamos fazer uma distinção rigorosa entre o nível ilocucionário e o nível atitudinal. Sendo assim, uma ilocução como a Ordem com Cortesia, que manifesta polidez no nível atitudinal, é comumente chamada de ‘sugestão’ ou ‘pedido’ por ser sentida como “menos impositiva” que uma Ordem com atitude de Referência ou com atitude de Irritação, por exemplo.

Essa discussão reforça o fato – já discutido em 4.3.1 – de que é necessário manter um distanciamento do uso comum dos termos empregados para classificar as ilocuições. Os rótulos usados para tal fim devem ser entendidos como termos técnicos que se referem a um tipo ilocucionário caracterizado por propriedades bem definidas. Na presente pesquisa, por exemplo, a palavra ‘Ordem’ designa uma ilocução associada a um processo operativo, com a qual o falante visa provocar uma mudança de mundo por meio de um comportamento do seu interlocutor, etc. Em muitos trabalhos, porém, observa-se uma tendência de classificar ilocuições com rótulos como ‘ordem’, ‘sugestão’, ‘pedido’, dentre outros, sem que se faça uma caracterização precisa do que se entende por eles, dando como certo que os termos serão compreendidos de maneira apropriada. Todavia, sem uma caracterização precisa, corre-se o risco de que cada indivíduo entenda uma ilocução a partir dos conceitos que ele próprio associa ao termo usado para se referir à ilocução, de maneira vaga e imprecisa, sem uma formalização adequada. Sendo assim, a Ordem pode ser enganosamente entendida como uma ação necessariamente descortês, muito impositiva e que só pode ser realizada por um

referido (presente); Condição preparatória do falante (habilidade pragmática ou papel social); Condição preparatória do interlocutor (possibilidade de intervir na situação).

indivíduo hierarquicamente superior ao interlocutor. Conseqüentemente, o que é aqui chamado de Ordem com atitude de Cortesia não poderia ser visto como uma Ordem.

Outra tendência frequente é a de se fazer a caracterização pragmática de uma ilocução baseada na introspecção do pesquisador, e não a partir de um trabalho empírico. Essa é uma escolha igualmente arriscada, pois o exame de corpus de fala espontânea mostra que as ilocuções estão, muitas vezes, associadas a propriedades diferentes das quais imaginamos que elas estejam. Em muitos dos enunciados de Ordem coletados no C-ORAL-BRASIL para essa pesquisa, por exemplo, os falantes não possuem diferenças hierárquicas fortemente marcadas, contrariamente ao que se imagina para essa ilocução. O que se observa, nesses casos, é a presença de uma habilidade pragmática (como, por exemplo, uma percepção de mundo) que coloca o falante em posição privilegiada com relação ao interlocutor durante a situação comunicativa em que se encontram. A presença desse elemento faz com que a Ordem não seja percebida como descortês, mas sim como uma ilocução apropriada à situação comunicativa.

Por tudo isso, sustentamos que a classificação dos exemplos com relação à ilocução que veiculam deva se basear em uma oposição sólida em algum parâmetro pragmático-cognitivo (seja ele um parâmetro já identificado, seja ele um novo parâmetro). Uma metodologia empírica fundada em uma definição pragmática de ilocução não pode propor critérios *ad hoc* para explicar qualquer tipo de diferença observável entre dois enunciados, mas sim usar critérios que tenham um peso pragmático significativo, **sob pena de enfraquecer o próprio conceito de ilocução.**

No estágio atual da pesquisa, ainda não temos condições de propor critérios para a seleção de parâmetros pragmático-cognitivos, mas somente de chamar a atenção para a importância dessa discussão e de insistir que a seleção dos parâmetros seja feita a partir de uma análise rigorosa de muitos dados de corpus. Ainda assim, ressaltamos que o próprio conceito de atitude proposto por Mello e Raso (2011), amplamente testado, discutido e aprofundado por essa tese, muda o quadro da discussão. Por meio do trabalho desenvolvido nessa tese, mostramos experimentalmente como as categorias *ilocução* e *atitude* interagem e propusemos uma metodologia que considere a complexidade dessa interação para uma análise adequada das ilocuções.

Concluindo, ressaltamos que a comparação de enunciados pragmaticamente semelhantes, mas com diferenças prosódicas evidentes contribui significativamente para o desenvolvimento da metodologia de estudo das ilocuções, pois: (a) no plano funcional, estimula uma melhor caracterização das ilocuções, por meio de um refinamento dos

parâmetros pragmático-cognitivos que se associam a cada uma delas e (b) no plano prosódico, estimula a criação de mecanismos para avaliar a importância de certas propriedades para a constituição do perfil.

8. CONCLUSÕES

Esse trabalho apresentou uma metodologia empírica de base pragmática para o estudo de ilocuções e a aplicou para analisar ilocução de Ordem em quatro de suas possíveis atitudes (atitude de Referência, Cortesia, Instrução e Urgência). Tão importante quanto isso, discutiu os conceitos de *ilocução*, *atitude* e *forma prosódica ilocucionária* a partir da perspectiva da L-AcT (CRESTI, 2000) e de Mello e Raso (2011), ressaltando que a descrição da forma prosódica deve basear-se tanto em enunciados que são sentidos como realizações prototípicas de uma ilocução, quanto em enunciados sentidos como menos prototípicos, por veicularem atitudes percebidas como mais marcadas.

Com base nesse quadro teórico, o presente trabalho contestou o conceito de atitude *prototípica* (ou atitude *neutra*, ou *menos marcada*) muito presente na literatura, inclusive na metodologia do grupo LABLITA para o estudo de ilocuções (MONEGLIA, 2011; FIRENZUOLI, 2003), em que se baseia a proposta aqui apresentada. A argumentação desenvolvida parte do reconhecimento de que cada ilocução se associa preferencialmente a alguma atitude, a qual passa a ser percebida como uma atitude *prototípica* para essa ilocução. Em contrapartida, chamamos a atenção para o fato de que, se a atitude é uma categoria que se manifesta por meio de marcas prosódicas nos enunciados, as realizações de uma ilocução com a sua atitude prototípica também expressam uma interação entre a forma prosódica ilocucionária e as marcas prosódicas atitudinais. Em face disso, o perfil prosódico de enunciados *prototípicos* de uma ilocução não permite o acesso direto à forma prosódica veiculada por eles; pelo contrário, expressa a interação entre a forma prosódica ilocucionária e uma das possíveis atitudes com as quais a ilocução pode ser realizada. Além disso, argumentamos que é provável que ilocuções diferentes se associem prototipicamente a atitudes diferentes: a Pergunta Total, por exemplo, seria mais prototipicamente associada a uma atitude mais polida que uma Ordem. Sendo assim, a comparação entre enunciados prototípicos de ilocuções diferentes não levaria a uma comparação direta entre as suas formas prosódicas.

A partir dessas considerações, o presente trabalho propôs que a forma prosódica ilocucionária não seja mais vista como um conjunto de valores fixos de alguns parâmetros prosódicos, mas sim como relações de proporção entre parâmetros, as quais se manifestam em toda e qualquer realização de uma ilocução. Em outras palavras, a forma prosódica corresponderia ao espectro de variações possíveis em função da atitude com a qual a ilocução

é expressa. Consequentemente, descrição de uma forma prosódica ilocucionária deve se basear na comparação de enunciados que realizem essa ilocução com atitudes diferentes.

A metodologia para o estudo de ilocuições proposta por esse trabalho busca desfrutar da melhor maneira possível da interação entre ilocução e atitude, com o objetivo de compreender como uma forma prosódica se manifesta em todo e qualquer enunciado que veicule a ilocução a ela associada. A metodologia orienta-se em dois eixos centrais, a pesquisa empírica e o trabalho experimental.

I. Pesquisa empírica

- a. Identificação das ilocuições em corpus
- b. Descrição pragmática das ilocuições e do seu contexto de realização
- c. Identificação de exemplos de uma ilocução em diferentes atitudes

II. Pesquisa experimental

- a. Eliciação das ilocuições em suas diferentes atitudes a partir de cenas em vídeo
- b. Identificação de propriedades prosódicas comuns às diferentes atitudes de uma ilocução

Foi também ressaltado que a pesquisa empírica e a pesquisa experimental são igualmente necessárias para uma descrição adequada da forma prosódica ilocucionária, e a tentativa de compreender o fenômeno da ilocução valendo-se de só um deles pode levar a enganos de diversas naturezas. Pesquisas que fazem descrições de uma entidade tão abstrata quanto as formas ilocucionárias a partir somente de dados empíricos devem lidar com a alta variabilidade nos perfis prosódicos em função de uma grande quantidade de fatores que não podem ser controlados. Por outro lado, pesquisas de natureza puramente experimental, que prescindem de uma caracterização pragmática sólida do objeto a ser descrito, correm o risco de descreverem perfis prosódicos dos quais não se sabe ao certo o valor funcional. Esse risco também se aplica a pesquisas exclusivamente empíricas que não se baseiem em uma análise pragmática criteriosa dos enunciados.

A seguir, a seção 8.1 fará uma exposição sintética da forma prosódica de Ordem e das marcas prosódicas associadas às atitudes estudadas em PB. O exame dos enunciados em Italiano parece confirmar as principais tendências apontadas.

8.1. Caracterização resumida da forma prosódica de Ordem em PB

A forma prosódica da ilocução de Ordem caracteriza-se por um núcleo com dois movimentos de f0. O primeiro é um movimento nivelado ou ascendente com pico alinhado à primeira postônica do enunciado. O segundo movimento é sempre descendente. Na ilocução de Ordem, o 1º pico de f0 apresenta uma variação entre 85% e 95% a depender da atitude e do tamanho de conteúdo locutivo com que é realizada. O ataque e o valor mínimo de f0 apresentam uma variação expressivamente menor (33-45% para o ataque e 17-29% para o valor mínimo), sugerindo que a excursão de f0 na ilocução de Ordem seja regulada pela altura do 1º pico. Além disso, foi notado que a primeira vogal tônica do núcleo deve apresentar uma duração compatível à da última, a qual deve ser realizada em um movimento descendente.

8.2. Caracterização resumida das atitudes de Ordem em PB

9.2.1. Atitude de Referência

A atitude de Referência é realizada por enunciados com uma configuração de dois movimentos de f0. O primeiro deles é um movimento nivelado (em enunciados com locução pequena) ou ascendente (em enunciados médios ou grandes), com taxa de variação entre 14 e 35. O segundo movimento é descendente, com taxa de variação entre -93 e -111. Os picos de f0 e de intensidade são colocados na parte esquerda de enunciados pequenos e com tendência à colocação mais à direita em enunciados maiores. Com relação à f0 de base do falante, que é de 131 Hz, a atitude de Referência possui valores superiores de ataque (7-10%), 1º pico (11-15%) e máximo (11-15%). O valor mínimo é inferior (11-15%). A primeira vogal tônica apresenta redução com relação à sua duração intrínseca (entre -2,07 e -3,07). A última tônica também é reduzida (entre -0,81 e -2,93). A taxa de articulação da atitude de Referência varia entre 9,2 e 10,4.

8.2.1. Atitude de Cortesia

A atitude de Cortesia Apresenta configuração de movimentos de f0 ascendente-descendente com taxa de variação superior a da Referência. Essa configuração é seguida por um movimento ascendente ao final da unidade. Nos casos em que a unidade possui coda tonal, o movimento ascendente localiza-se na coda. Nos enunciados sem coda, o movimento fica na parte final do núcleo. Os picos de f0 e de intensidade são próximos, colocados na parte esquerda e direita do enunciado, sem tendência ao deslocamento em enunciados maiores. Os valores máximo, mínimo e de 1º pico de f0 são superiores aos da atitude de Referência. Essa

atitude caracteriza-se também por um alongamento na primeira postônica e na última tônica do enunciado.

8.2.2. *Atitude de Urgência*

A Urgência apresenta uma configuração de movimentos de f0 composta por um movimento nivelado ou ascendente seguida de um movimento descendente. Possui valores de f0, de duração e de intensidade próximos aos da atitude de Referência. Os picos de f0 e de intensidade são distribuídos de acordo com a mesma tendência da Referência. O fator mais importante para diferenciar a Urgência da atitude de Referência é a taxa de articulação de seus enunciados.

8.2.3. *Atitude de Irritação*

A Irritação é realizada por uma configuração ascendente-descendente de movimentos de f0, com taxa de variação muito superior à da atitude de Referência. Possui valores superiores de 1º pico e máximo de f0, e também um alongamento da primeira tônica do enunciado. Os picos de intensidade e de f0 são sempre colocados na parte esquerda do enunciado, diferentemente da atitude de Referência.

Para a Irritação, em particular, foram produzidos enunciados em que a atitude se manifestava em dois graus diferentes. Todas as tendências observáveis nos enunciados com pouca Irritação se acentuam naqueles com muita Irritação, e não são observadas tendências exclusivas dos últimos com relação à atitude de Referência.

8.3. **Trabalhos futuros**

Ao estabelecer uma nova metodologia empírica para o estudo de ilocuções, essa pesquisa criou as bases para uma série de trabalhos futuros. Esses trabalhos serão orientados em três direções:

- 1) a progressiva descrição de outras ilocuções sob o mesmo paradigma metodológico;
- 2) a descrição de enunciados em que ilocuções diferentes são realizadas com a mesma atitude, para melhor compreender a relação entre essas categorias. Uma das possibilidades é a de que cada atitude esteja associada às mesmas marcas prosódicas, independentemente da ilocução com a qual ela se manifesta. Outra possibilidade é a de que as marcas prosódicas associadas à mesma ilocução varie em função da ilocução com a qual ela se associa.

- 3) o refinamento da descrição pragmática das ilocuções, a partir de um trabalho interdisciplinar com áreas como as Neurociências e a Filosofia, buscando atender os seguintes objetivos:
- a. elaborar definições para os parâmetros pragmático-cognitivos usados para caracterizar as ilocuções;
 - b. classificar e hierarquizar os parâmetros pragmático-cognitivos, para melhor compreender a natureza de cada parâmetro e a função eles exercem nas diferentes ilocuções;
 - c. criar critérios que regulem a seleção de parâmetros pertinentes para caracterizar as ilocuções e avaliem a pertinência daqueles já identificados, evitando sejam incluídos parâmetros *ad hoc* para explicar quaisquer diferenças funcionais percebidas entre dois enunciados.

REERÊNCIAS

- 'T HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. **A perceptual study on intonation: An experimental approach to speech melody**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- ALSTON, W. P. **Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1972.
- ANSCOMBE, G. E. M. **Intention**. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1957.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BACH, K.; HARNISH, R. **Linguistic communication and speech acts**. Cambridge / London: MIT Press, 1979.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. Berna: FranckeVerlag, 1950.
- BARBOSA, P. A. **Semi-automatic and automatic tools for generating prosodic descriptors for prosody research** (B. Bigi, D. Hirst, Eds.), Proceedings from TRASP 2013, Tools and Resources for the Analysis of Speech Prosody, August 30, 2013. **Anais...Aix-en-Provence**: 2013.
- BERRUTO, G. **Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo**. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987.
- BERRUTO, G. Varietà diamesiche, diastratiche, diafasiche. In: SOBRERO, A. A. (Ed.). **Introduzione all'italiano contemporaneo**. 2: La vari ed. Roma / Bari: Laterza, 1993. p. 58.
- BIBER, D.; CONRAD, S. Register variation: a corpus approach. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 175–196.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics: investigating language structure and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BICK, E. **Tagging speech data: constraint grammar analysis of spoken Portuguese**. Proceedings of the 17th Scandinavian Conference of Linguistics. 1998
- BICK, E. A anotação gramatical do C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 223–254.
- BOLINGER, D. Intonation and its parts. **Language**, v. 58, n. 3, p. 505–533, 1982.
- BORGE, S. Questions. In: SBISÀ, M.; TURNER, K. (Eds.). **Pragmatics of Speech Actions**. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, 2013.
- BRITISH NATIONAL CORPUS. **British National Corpus**. Disponível em: <<http://www.natcorp.ox.ac.uk/>>.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in language usage: Politeness phenomena. In:

- Questions and Politeness.** Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 56–289.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: Some Universals in Language Usage.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARLETTA, J. et al. **HCRC Dialogue Structure Coding Manual (HCRC/TR-82)**EdinburghHuman Communication Research Centre, University of Edinburgh, , 1996.
- CARLETTA, J. et al. The reliability of a dialogue structure coding scheme. **Computational Linguistics**, v. 23, n. 1, p. 13–31, 1997.
- CAVALCANTE, F. A. **The Topic Unit Spontaneous American English: A Corpus-Based Study.** (Dissertação de Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, 2016.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.). **Reading in English Transformational Grammar.** Waltham: Ginn, 1970. p. 184–221.
- COUPER-KUHLEN, E. **An introduction to English prosody.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1986.
- CRESTI, E. **Corpus di Italiano parlato.** Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- CRESTI, E. Enunciato e frase: teoria e verifiche empiriche. **Corpus**, n. 1988, 2003.
- CRESTI, E. The definition of focus in Language into Act Theory (LAcT). In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Eds.). **Pragmatics and Prosody: Illocution Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation.** Firenze: Firenze University Press, 2011.
- CRESTI, E. **The illocutionary variation of spontaneous speech and its typology.** Apresentação oral no IX LABLITA and IV LEEL International Workshop. Belo Horizonte, 2015.
- CRESTI, E.; GRAMIGNI, P. Per una linguistica corpus based dell’Italiano parlato: le unità di riferimento. Proceedings of "Il parlato italiano", Napoli, 13-15 febbraio, 2003.
- CRESTI, E.; MONEGLIA, M. **C-ORAL-ROM.** Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 1999.
- CRYSTAL, D. **The english tone of voice.** London: Edward Arnold, 1975.
- CRYSTAL, D. **The English language.** Harmondsworth: Penguin, 1988.
- DAVIDSON, D. Actions, Reasons, and Causes. **The Journal of Philosophy**, v. 60, n. 23, p. 685–700., 1963.
- DU BOIS, J. et al. **Santa Barbara corpus of spoken American English.** Philadelphia: Linguistic Data Consortium, 2000.

- FIRENZUOLI, V. **Le forme intonative di valore illocutivo dell'italiano parlato. Analisi sperimentale di un corpus di parlato spontaneo (LABLITA)**. (Tese de Destrado em Linguística) - Dipartimento di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Firenze, Firenze, 2003.
- FIRENZUOLI, V.; SIGNORINI, S. L'unità informativa di Topic: correlati intonativi. 2002.
- FÓNAGY, I. Des fonctions de l'intonation: Essai de synthèse. **Flambeau**, n. 29, p. 1–20, 2003.
- GADET, F. Niveaux de langue et variation intrinsèque. **Palimpsestes**, v. 10, p. 17–40, 1996a.
- GADET, F. Variabilité, variation, variété. **Journal of French Language Studies**, v. 1, p. 75–98, 1996b.
- GADET, F. Special Issue on La Variation en Syntaxe. **Langue Française**, v. 115, 1997.
- GADET, F. Vers une sociolinguistique des locuteurs. **Sociolinguistica**, v. 14, p. 99–103, 2000.
- GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds.). **Syntax and Semantics: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1975. p. 41–58.
- HALLIDAY, M. A. K. **System and function in language: selected papers**. London: Oxford University Press, 1976.
- HALLIDAY, M. A. K. **Spoken And Written Language**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HIRSCHBERG, J. Pragmatics and intonation. In: HORN, L. R.; WARD, G. (Eds.). **The Handbook of Pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004.
- HIRST, D. et al. **Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- KISSINE, M. Speech act classifications. In: SBISÀ, M.; TURNER, K. (Eds.). **Pragmatics of Speech Actions**. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 173–201.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MACWHINNEY, B. **The CHILDES project: Tools for analyzing talk**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2000.
- MARTIN, P. Questions de phonosyntaxe et de phonosémantique en français. **Linguisticae Investigationes**, n. II, p. 93–126, 1978.

MARTIN, P. **WinPitch Corpus: A text to speech alignment tool for multimodal corpora** LREC. **Anais...** Lisboa: 2004. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/coralrom/papers/index.html>>

MELLO, H. Os corpora orais e o C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 31–54.

MELLO, H. et al. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 125–176.

MELLO, H. Methodological issues for spontaneous speech corpora compilation: The case of C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **Spoken corpora and linguistic studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 27–68.

MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation**. Firenze: Firenze University Press, 2011.

MELLO, H.; RASO, T. Para a transcrição da fala espontânea: o caso do C-ORAL-BRASIL. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 13.1, n. Estudos Linguísticos, p. 153–178, 2009.

MELLO, H.; RASO, T. Illocution, modality, attitude: different names for different categories. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Eds.). **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation**. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 1–18.

MITTMANN, M. M. **O C-ORAL-BRASIL e o estudo da fala informal: um novo olhar sobre o Tópico no Português Brasileiro**. (Tese de Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MONEGLIA, M. The C-ORAL-ROM resource. In: CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (Eds.). **C-ORAL-ROM: Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 1–70.

MONEGLIA, M. Spoken Corpora and Pragmatics. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, p. 479–519, 2011.

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato adulto e infantile. In: BORTOLINI, U.; PIZZUTO, E. (Eds.). **Il Progetto CHILDES Italia**. Pisa: Del Cerro, 1997. p. 57–90.

MONEGLIA, M.; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-Act). In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 468–495.

MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: **Intonation Systems: A Survey of**

- Twenty Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179–194.
- MORAES, J. A. From a prosodic point of view: remarks on attitudinal meaning. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Eds.). **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information, Patterning and Speech Annotation**. Firenze: Firenze University Press, 2011.
- MORAES, J. A. **Illocution and intonation** (H. Mello, M. Pettorino, T. Raso, Eds.) Proc. of the GSCP 2012 Workshop. Firenze: Firenze University Press, 2012
- MORAES, J. A.; MIRANDA, L.; RILLIARD, A. **Facial gestures in the expression of prosodic attitudes of Brazilian Portuguese** Speech and Corpora (Proceedings of the GSCP 2012 conference). Firenze: Firenze University Press, 2012
- MORAES, J. A.; RILLIARD, A. Illocution, attitudes and prosody: A multimodal analysis. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 233–270.
- O’CONNOR, J.; ARNOLD, G. **Intonation of Colloquial English**. London: Longmans, 1961.
- PANUNZI, A.; MITTMANN, M. M. The IPIC resource and a cross-linguistic analysis of information structure in Italian and Brazilian Portuguese. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 159–121.
- PEIRCE, J. PsychoPy - Psychophysics software in Python. **J Neurosci Methods**, v. 162, n. 1-2, p. 8–13, 2007.
- RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012a. v. 1p. 91–123.
- RASO, T. O corpus C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012b. p. 55–90.
- RASO, T. Artigos Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. **Domínios de Lingu@gem**, v. 7, n. 2, p. 12–46, 2013.
- RASO, T. Prosodic constraints for discourse markers Tommaso. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 411–468.
- RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012a.
- RASO, T.; MELLO, H. Anexos. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012b. p. 269–330.

- RASO, T.; MITTMANN, M. Entrevista de Emanuela Cresti e Massimo Moneglia. **Domínios de Lingu@gem**, v. 7, n. 2, p. 383–410, 2013.
- RASO, T.; MITTMANN, M. M. As principais medidas da fala. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 177–221.
- RASO, T.; ROCHA, B. Como a categoria de atitude condiciona a metodologia para o estudo de ilocuções. **Diadorim**, v. 17, n. 2, 2015.
- ROCHA, B. **Características prosódicas do Tópico em PE e o uso do pronome lembrete**. (Dissertação de Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, 2011.
- ROCHA, B. Metodologia empírica para o estudo de ilocuções do português brasileiro. **Domínios de Lingu@gem**, v. 7, n. 2, p. 109–148, 2013.
- ROCHA, B.; RASO, T. **An application of a corpus-based empirical methodology for the study of illocutions**. *Anais... GSCP 2014*, 2014
- SAG, I. A.; LIBERMAN, M. **The Intonational Disambiguation of Indirect Speech Acts** (R. Grossman, Ed.). Papers from the Eleventh Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: CLS: 1975
- SBISÀ, M. **Linguaggio, ragione, interazione. Per una pragmatica degli atti linguistici**. 1. ed. Bologna: Il mulino, 1989.
- SBISÀ, M. **The room for negotiation in apologizing: Evidence from the Italian speech act of scusarsi** Tel Aviv / Jerusalem, 1999. Disponível em: <<http://www2.units.it/dipfilo/sbisa/scuspap.html>>
- SCHERER, K. R. Corpus design for studying the expression of emotion in speech. In: **Spoken Corpora and Linguistics Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 210–232.
- SCHUHMANN, K.; SMITH, B. Elements of Speech Act Theory in the Work of Thomas Reid. **History of Philosophy Quarterly**, v. 7, n. 1, p. 47–66, 1990.
- SCHUURMAN, I. et al. **CGN, An Annotated Corpus of Spoken Dutch**. Proceedings of the 4th International Workshop on Linguistically Interpreted Corpora (LINC-03). Budapest: 2003
- SEARLE, J. **Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979a.
- SEARLE, J. A Taxonomy of Illocutionary Acts. In: SEARLE, J. A. **Expression and meaning: studies in the Theory of Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979b. p. 1–29.
- SEARLE, J. Indirect speech acts. In: **Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979c. p. 30–57.

SEARLE, J. **Expressão e Significado**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEARLE, J. R. J. **Speech acts: An essay in the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SIGNORINI, S. **Topic e soggetto in corpora di italiano parlato spontaneo**. (Tese de Destrado em Linguística) - Dipartimento di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Firenze, Firenze, 2005.

VON WRIGHT, G. H. **Norm and Action**. New York: The Humanities Press, 1963.

ANEXO I – Questionário aplicado no pré-teste piloto

Nome: _____
Grupo: _____

TAREFA _____

Você irá fazer uma tarefa em que deve julgar a adequação de um enunciado ao contexto em que ele se encontra. A tarefa será feita nas seguintes etapas:

1. Você assistirá a uma sequência de vídeos que mostram a interação entre duas pessoas. Na parte final de cada vídeo, um dos falantes diz “pega o livro preto” ao interlocutor;
2. Após ver cada vídeo, você deverá julgar se a forma com que é realizado o enunciado “pega o livro preto” se adequa ou não à situação comunicativa;
3. Você deverá dar uma nota de 1 a 5 a cada enunciado, sendo que 1 significa “completamente inadequado” e 5 significa “completamente adequado”.

Não há respostas certas ou erradas para a tarefa. O nosso objetivo é testar a adequação do enunciado ao contexto, segundo a percepção de falantes de Português Brasileiro. No total, serão exibidos _____ vídeos. Cada vídeo é uma combinação de uma cena com uma forma de dizer o enunciado "pega o livro preto". Você pode ouvir cada vídeo duas vezes, se desejar. A duração máxima estimada para o teste é de 15 minutos.

Vídeo _____:

| | | | | |
|--------------------------|---|---|---|------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Completamente inadequado | | | | Completamente adequado |

Vídeo _____:

| | | | | |
|--------------------------|---|---|---|------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Completamente inadequado | | | | Completamente adequado |

Vídeo _____:

| | | | | |
|--------------------------|---|---|---|------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Completamente inadequado | | | | Completamente adequado |

FIGURA 9.1 – Questionário usado no pré-teste piloto

ANEXO II – Telas de instrução e tela de resposta do teste piloto e da versão definitiva do teste de percepção

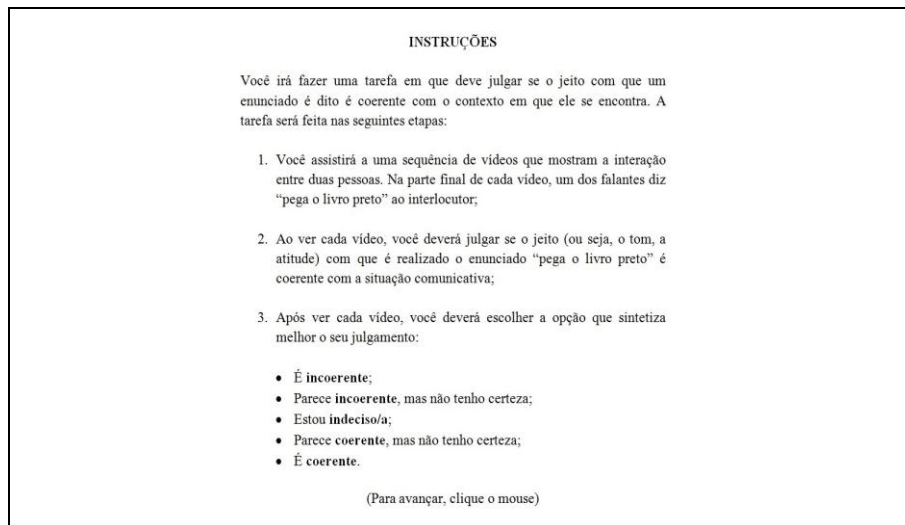


FIGURA 10.1 – Primeira tela de instruções do teste de percepção no programa *Psychopy*

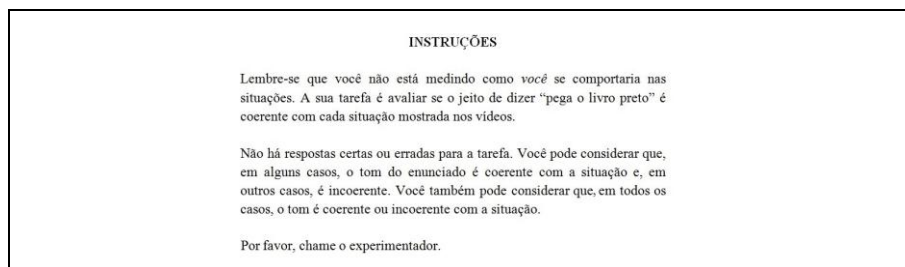


FIGURA 10.2 – Segunda tela de instruções do teste de percepção no programa *Psychopy*

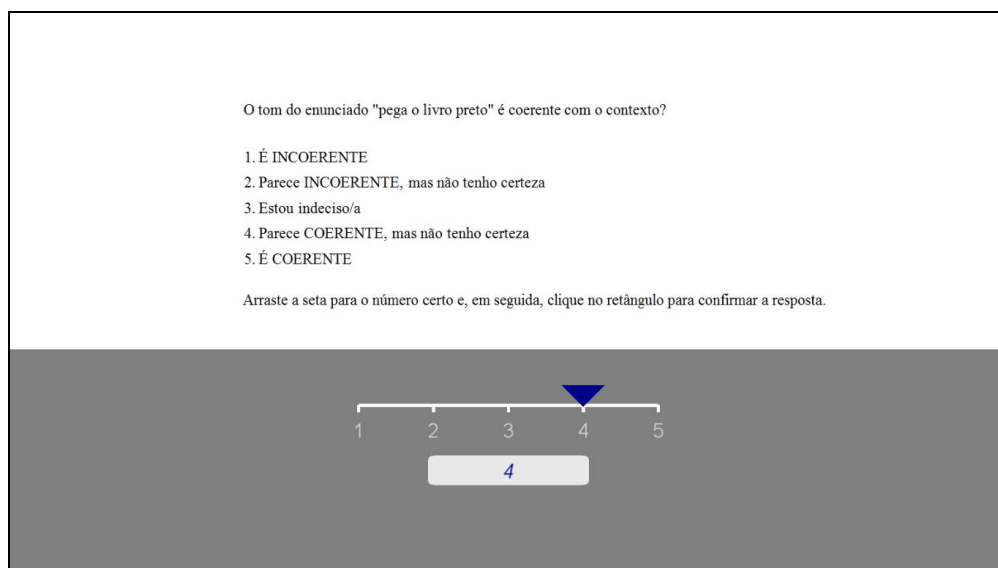


FIGURA 10.3 – Tela de resposta do teste de percepção no programa *Psychopy*

ANEXO III – Exemplos de Ordem

Nessa seção encontram-se os enunciados com ilocução de Ordem extraídos do C-ORAL-BRASIL durante essa pesquisa. Alguns deles foram citados ao longo do texto, mas a maior parte, não. Não será feita uma análise desses enunciados, mas adiantamos que eles representam uma grande variação atitudinal da ilocução de Ordem. Por fim, cumpre dizer que, embora todos tenham originalmente sido classificados como Ordens, é possível que futuramente, com uma compreensão mais aprofundada das propriedades pragmáticas dessa ilocução, alguns desses enunciados sejam reclassificados.

Cada exemplo possui um arquivo de áudio com o contexto e um arquivo de áudio individual para cada enunciado de Ordem destacado em negrito, todos em formato *wav*. Também foi disponibilizado um arquivo de alinhamento do *Praat* de extensão *.TextGrid*.

Exemplo 11.1 – bfamcv02[10-21]

(áudio ex-11.1_0, ex-11.1_1)

*TER: ganhou tudo dos lado do Anderson //
*RUT: oh / <que maravilha> //
*JAE: <ganhou não> //
*TER: <o'> //
*RUT: <chama só o lado do> Anderson / pa ser
<padrim da Dani> //
*TER: <escuta> //
*JAE: <ganhou / não> //
*TER: <não> //
*JAE: vai ganhar / <né> //
*TER: <vai ganhar / mas> +
*JAE: <ea nã tem nada> na mão //
*TER: ô Jael // mas / gente velha / já prometeu o [1]
os presente / <já / pode> garantir que ganhou //

Exemplo 11.2 – bfamcv03[112-120]

(áudio ex-11.2_0, ex-11.2_1, ex-11.2_2)

*TON: dar uma senuca atrás da quinze // vai ser a
conta / hein // uhn // <vai ser a conta> / hein / sô //
*CEL: <rola o quinze / sô> // **rola o quinze** / sô //
*TON: quinze [1] o quinze é bola grande / hein / sô //
que beleza / hein //
*CEL: **rola o quinze** / sô //

Exemplo 11.3 – bfamcv03[175-183]

(áudio ex-11.3_0, ex-11.3_1)

*CAR: quem vai jogar agora sou eu / Toninho // cê nã
faz besteira não / porque // cê nã entendeu / cê nã //
*TON: ou senão &a + ah / aqui nã dá não // vai ter
que ser <aqui> //
*CEL: <**puxa**> esse três cá pra cima / sô //

Exemplo 11.4 – bfamcv05[131-134]

(áudio ex-11.4_0, ex-11.4_1)

*CAR: ô varão / desculpa //
*MAR: <ai> //
*JOS: <tá valendo> / sô //
*MAR: **volta** //

Exemplo 11.5 – bfamcv05[177-182]

(áudio ex-11.5_0, ex-11.5_1)

*CAR: valeu / ô varão //
*JOS: po' apertar ele aí // <pode> apertar ele aí / varão
//
*CEL: <varri> ele / sô // calma //
*JOS: **po' apertar e'** //

Exemplo 11.6 – bfamcv05[192-197]

(áudio ex-11.6_0, ex-11.6_1)

*CEL: vai lá / sô / vai lá ocê // cê é brigador / sô / vai
lá //
*CAR: pera aí / pera aí / então //
*MAR: **alto** // no alto / varão // no alto //

Exemplo 11.7 – bfamcv10[93-201]

(áudio ex-11.7_0, ex-11.7_1, ex-11.7_2)

*ONO: vou combinar co Vardir / <se e' quiser que eu
desça> //
*TIT: <**vem picar a cebola**> / pra <**mim** / Nofre / por
favor> //
*ONO: <eu vou combinar co Vardir> // <se ele deixar
eu descer lá para> baixo / eu vou descer //
*TIT: <cê pica> //
*CAR: a mãe falando //
*ONO: vou levar os trem pra lá //
*TIT: **pica a cebola pra mim** / filho //
quadriculadinho //

Exemplo 11.8 – bfamcv18[18-19]

(áudio ex-11.8_0, ex-11.8_1)

*MAC: **coa o café aí pra mim** // fazendo favor / eu
levo o arroz lá p' cê //

Exemplo 11.9 – bfamcv18[140-146]

(áudio ex-11.9_0, ex-11.9_1)

*MAJ: os refrigerante nũ parece que estão muito
gelado não //

*HER: Nossa // ficou a noite inteira aí // com ele
ligado //

*MAJ: deve ser só impressão minha // uhn // como
<doce / meu dente dói> //

*HER: <**passa alguns aqui**> **pro / com geladeira
branca** //

Exemplo 11.10 – bfamcv18[159-165]

(áudio ex-11.10_0, ex-11.10_1, ex-11.10_2)

*MAJ: e esses negócio daqui / tira //

*HER: tira //

*MAJ: Mate Couro xxx //

*HER: &sa +

*MAJ: uhn //

*HER: nũ precisa tirar tudo // **tira a garrafa só** // o' /
Márcia // uma <garrafa boa> aqui p' cê usar / o' //

*MAC: <senhora> // ahn //

*HER: **dá aqui** / Maria José //

Exemplo 11.11 – bfamcv18[276-277]

(áudio ex-11.11_0, ex-11.11_1, ex-11.11_2)

*HER: **pega aquele resto daquele outro lá e joga
aqui // deixa esse** //

Exemplo 11.12 – bfamcv33[26-30]

(áudio ex-11.12_0, ex-11.12_1, ex-11.12_2)

*DAN: cê quer uma almofada // Marco / **dá essa
almofada <marrom aí / o'>** //

*JUL: <yyyy> //

*HEL: <é bom / é bom> //

*BAO: <**dá a almofada**> **marrom pra Helô** //

Exemplo 11.13 – bfamdl01[151-158]

(áudio ex-11.13_0, ex-11.13_1)

*REN: <então uai> //

*FLA: <a gente> compra desse aqui / nũ é //

*REN: é // pode ser //

*FLA: cabe aí //

*CLA: não / pode ir //

*FLA: **vê o preço** //

*REN: um e oitenta-e-cinco //

Exemplo 11.14 – bfamdl01[162-169]

(áudio ex-11.14_0, ex-11.14_1)

*REN: Batuta é um e setenta-e-nove // opa //

*FLA: opa hhh // **escolhe o cheiro aí** // detergente
oquei //

*REN: ah / eu gosto desses eucalipto normal / mas //

*FLA: cê <gosta> //

*REN: <ai> / mas esse aí é mais gostoso hhh //

Exemplo 11.51 – bfamdl01[374-380]

(áudio ex-11.15_0, ex-11.15_1)

*REN: levar esse daí colorido então //

*FLA: mas ele tá feio //

*REN: tá mesmo //

*FLA: n' é não //

*REN: nũ tem mais colorido não // **leva esse daí
mesmo** // tá bom //

Exemplo 11.16 – bfamdl05[58-65]

(áudio ex-11.16_0, ex-11.16_1)

*CES: uai / mas essa rua aqui / é a rua que a gente
tava nela //

*ANE: não / Joaquim Nabuco // ali o' // eu acho que é
// essa aqui é a Joaquim Nabuco // **olha o número** //
que número que é //

*CES: setecentos-e-quatro //

*ANE: <aqui / o'> +

Exemplo 11.17 – bfamdl06[79-86]

(áudio ex-11.17_0, ex-11.17_1)

*JHP: e aqui aonde vai sair // aí eu vou selecionar aqui
o / dê dois pontos // onde tá um / tanto de bobagem //
ou não //

*LAO: **põe no desktop mesmo** //

*JHP: tá // desktop // "oquei" //

Exemplo 11.18 – bfamdl06[306-311]

(áudio ex-11.18_0, ex-11.18_1, ex-11.18_2)

*ASI: <&c> [1] cê quer ir lá // **leva ele lá pra cama
então** // aí depois cê volta / e acaba de arrumar //

*CRI: pera aí //

*ASI: **vai lá // leva ele** //

Exemplo 11.19 – bpubdl09[203-209]

(áudio ex-11.41_0, ex-11.41_1)

*MAR: <isso é meio espacial> / né / esse trem / né //

*FAB: é / e ao mesmo tempo orgânico //

*MAR: é mais cor / né hhh //

*FAB: é // mas cê vê que tem um efeito bom aqui de
[1] de três dê / olha //

*MAR: mas por quê // **umenta um pouquinho aqui**
//

Exemplo 11.20 – bfamdl22[178-186]

(áudio ex-11.20_0, ex-11.20_1)

*HHA: pronto / aí o' //

*CCA: <tchau / brigada hhh> //

*HHA: <brigada / viu> //

*JRM: tá aberto lá / Diene //

*HHA: **olha se tá aberto lá** //

*CCA: acho que tá // yyyy // tá // tchau tchau //

Exemplo 11.21 – bfamdl23[1-7]

(áudio ex-11.21_0, ex-11.21_1, ex-11.21_2)

*JAN: quem é você aí // **baixa <essa música>** //

*BAR: <&es> + Balsian // ahn //

*JAN: **baixa essa música** // favor hhh //

Exemplo 11.22 – bfamdl23[24-33]

(áudio ex-11.22_0, ex-11.22_1)

*JAN: "pegou todos os meus iens" //

*BAR: "zenes" // eles quis dizer "zenes" // "zenes" // eu tenho dezoito / e duzentos-e-setenta-e-sete zenes //

*JAN: **me explica esse jogo** / moça //

*BAR: eu sou essa pessoa /

*JAN: ahn //

*BAR: / e me chamo Balsian // e sou uma noviça //

Exemplo 11.23 – bfamdl30[161-163]

(áudio ex-11.23_0, ex-11.23_1)

*FLA: tão gora vamo fazer as conta e vamo comer //

*REN: **vamo comer primeiro** //

*FLA: vamo //

Exemplo 11.24 – bfamdl31[306-307]

(áudio ex-11.24_0, ex-11.24_1)

*LIQ: pronto aí // **então põe cá pra fora** //

Exemplo 11.25 – bfamdl31[308-311]

(áudio ex-11.25_0, ex-11.25_1)

*LIQ: tem outra porta aí / seu Madrugá //

*SEU: dessa ali // tem //

*LIQ: **então passa pra cá** //

Exemplo 11.26 – bfamdl31[487-496]

(áudio ex-11.26_0, ex-11.26_1)

*SEU: pois é / tem que dá uma [/1] um jeito de rapar //

*KEL: é assim hhh //

*SEU: é // hhh desse jeito cê nã vai rapar nada não // <presta aqui> //

*KEL: <yyyy> //

*SEU: po' deixar ele aí // é só pôr aí // **segura ele** //

*LIQ: mas eu nã sei &n [/1] ni que vai dar essa história //

Exemplo 11.27 – bfamdl32[8-15]

(áudio ex-11.27_0, ex-11.27_1)

*BMR: e sempre que eu &f [/3] que eu for gravar / eu vou usar nesse // nesse / "preset três" //

*BAL: qual &e +

*BMR: <tá> //

*BAL: <com a configuração que a gente> fez //

*BMR: <sei> // hum hum //

*BAL: **põe pa gravar** //

Exemplo 11.28 – bfamdl33[155-158]

(áudio ex-11.28_0, ex-11.28_1)

*JAN: ô gente / cês tão com algum problema de audição // ô / cê viu a altura que seu marido tá escutando tevê //

*HER: tó / **vai guardando** / isso aí // pa ganhar tempo //

Exemplo 11.29 – bfamdl33[175-181]

(áudio ex-11.29_0, ex-11.29_1)

*JAN: quantos ovos são //

*HER: dois // o' // seja prática // pronto // agora cê só pega ele + bom / pode até deixar aí mesmo // põe [/1] **deixa num cantinho** //

Exemplo 11.30 – bfamdl34[62-72]

(áudio ex-11.30_0, ex-11.30_1)

*HEL: o bispo que anda só na diagonal // só levar ele ali // **pode ir falando o pensamento aí** / né // <yyyy> //

*CAS: o bispo <anda na diagonal / né> //

*HEL: diagonal //

*CAS: então esse aqui / eu posso pegar esse //

*HEL: não //

*CAS: não // <por quê> //

*HEL: <tá doida> //

Exemplo 11.31 – bpubdl03[57-61]

(áudio ex-11.31_0, ex-11.31_1)

*TOM: eu vou cair de cara aqui hhh //

*GUI: güenta firme // **sobe um pouquinho** // aí //

Exemplo 11.32 – bpubdl03[91-93]

(áudio ex-11.32_0, ex-11.32_1)

*GUI: cotovelo atrás / isso // peito pra frente / flexiona um pouquinho [/3] **abre um pouquinho a base lá** // dos pés //

Exemplo 11.33 – bpubdl03[192-195]

(áudio ex-11.33_0, ex-11.33_1)

*GUI: dois segundos / um / beleza / descansa / boa // **pode arredar o pé um pouquinho pa trás** // que senão fica muito difícil // aí //

Exemplo 11.34 – bpubdl03[267-270]

(áudio ex-11.34_0, ex-11.34_1)

*GUI: isso // **nã faz muita força aqui não** //

*TOM: <nã> +

*GUI: <coloca> a mão / mas / <de leve> //

Exemplo 11.35 – bpubdl04[70-74]

(áudio ex-11.35_0, ex-11.35_1)

*MUR: vai //

*ELI: <ui> //

*MUR: <vai> // **fecha** // senão ele nã vai //

Exemplo 11.36 – bpubdl04[210-211]

(áudio ex-11.36_0, ex-11.36_1)

*MUR: agora tá / vai // **vira o volante pra cá** //

Exemplo 11.37 – bpubdl05[25-32]

(áudio ex-11.37_0, ex-11.37_1)

*CAR: o Getúlio vai abrir pra nós //
*MRQ: xxx lá ajudar //
*GET: é / duas resina + ahn //
*MRQ: primeiro <xxx> //
*GET: <pode> + **arruma um outro então** /
Marquinho // fica à vontade aí //

Exemplo 11.38 – bfamd105[390-394]
(áudio ex-11.38_0, ex-11.38_1)
*CES: esse é maior do que o de lá //
*ANE: quer dizer / quer ver // olha aqui // **olha aí se
nã tem ninguém** / César //
*CES: acho que nã tem ninguém aí não //

Exemplo 11.39 – bpubd107[582-583]
(áudio ex-11.39_0, ex-11.39_1)
*COO: dá pro papai lá / né / ô / zorelha //
*COC: Luiz Gustavo / **volta aqui** //

Exemplo 11.40 – bpubd109[48-51]
(áudio ex-11.40_0, ex-11.40_1)
*FAB: porque a idéia que eu tava pra [1] pras peças
maiores suas <aí> / é isso aqui / o' //
*MAR: <é> // **dá um zum maior aí** //
*FAB: a idéia que eu tava era isso aqui / o' //

ANEXO IV – Sequências de enunciados com o mesmo conteúdo locutivo

Exemplo 12.1 – bfamcv01[193-195] (áudio ex-12.1)

- *GIL: só o Aminas //
- *EVN: **Mauro e Filhos também** / ué //
- *LUI: **Mauro e Filhos também** / ué //

Exemplo 12.2 – bfamcv03[8-13] (áudio ex-12.2)

- *REN: cortar <com> quê //
- *CAR: <não> // vou jogar na quatro //
- *REN: quinze mal feito / aquele / viu / Carlão //
- *CAR: **se morre / hein** // <se morre / hein> //

Exemplo 12.3 – bfamcv03[114-121] (áudio ex-12.3)

- *TON: uhn // <vai ser a conta> / hein / sô //
- *CEL: <**rola o quinze / sô**> // **rola o quinze / sô** //
- *TON: quinze [1] o quinze é bola grande / hein / sô // que beleza / hein //
- *CEL: **rola o quinze / sô** // melhor coisa que cê faz //

Exemplo 12.4 – bfamcv08[55-64] (áudio ex-12.4)

- *BRU: e aí / tá // e esse "biscoito Aymoré recheado" //
- *FLA: de Rena //
- *FLA: passou errado //
- *REN: **ai ai** //
- *FLA: **ai ai** // querendo <me dar o calote também> //
- *REN: <"oito biscoito Mabel wafer"> +
- *FLA: <empurrando ni mim> //
- *REN: não / senhora //

Exemplo 12.5 – bfamcv08[124-136] (áudio ex-12.5)

- *REN: "**biscoito Aymoré** / <**amanteigado**>" //
- *BRU: <**um e noventa-e-oito**> //
- *FLA: nem / <gente> //
- *REN: <**um e noventa-e-oito**> // aqui o' // "**biscoito Aymoré** / <**amanteigado**>" //
- *BRU: <é> //
- *REN: **de um e noventa-e-oito** // só que nós compramo dois dele // eu / comprei um / Flávia comprou outro // aí já tem dois aqui / e mais um // "**biscoito Aymoré amanteigado**" // "**um e noventa-e-oito**" //

Exemplo 12.6 – bfamcv08[140-145] (áudio ex-12.6)

- *REN: tem dois Danone // quer ver //
- *FLA: ai que <ladra> //
- *REN: <"**polpa Danone**"> // e aqui em cima / no meu // "**polpa Danone**" //

Exemplo 12.7 – bfamcv10[117-121] (áudio ex-12.7)

- *ONO: **diz ele que eu tomei prejuízo ca lingüiça** //
- *TIT: fez o quê //
- *ONO: **diz ele que eu tomei prejuízo com a lingüiça** //
- *ONO: **tomei prejuízo // com a lingüiça** //

Exemplo 12.8 – bfamcv11[114-117] (áudio ex-12.8)

- *CAR: **cê quer peito** / pai // **quer peito** // <**quer peito**> //
- *ONO: <pode pôr> //

Exemplo 12.9 – bfamcv12[14-19] (áudio ex-12.9)

- *CAR: mas eu ã vou tar aqui mais quando esse quarto tiver pronto hhh //
- *VER: tudo bem // **a gente vai fazer um projeto / lá pra cima** +
- *CAR: pra três pessoas //
- *VER: **a gente vai fazer um projeto / lá pra cima** hhh / que + porque eu quero tirar todo aquele telhado //

Exemplo 12.10 – bfamcv13[137-142] (áudio ex-12.10)

- *MNV: aí o rapaizi / foi lá fechar o carneiro / aí já era umas/ seis hora da tarde // aí que achou ele / caído lá //
- *ATA: Nossa //
- *MNV: o bode [2] o &carn [2] <o / &carn> +
- *ATA: <**o carneiro brabo**> //
- *MNV: **carneiro brabo** //

Exemplo 12.11 – bpubdl11[290-297] (áudio ex-12.11)

- *LUC: como é que é / pra você usar o dicionário // é importante / em que que ele te ajuda //
- *MAR: o' / ajudar / ele ajuda / mas ele é um pouco chato / né hhh //
- *LUC: o uso do dicionário //
- *MAR: não // **o dicionário é chato** //
- *LUC: como assim //
- *LUC: [297] **o dicionário é chato** //

Exemplo 12.12 – bfamcv16[119-130] (áudio ex-12.12)

- *THI: <mas é pra outra coisa / sô> // <outra coisa> //
- *VAN: <é> // isso <&d> +
- *JOR: <né> //
- *VAN: <é> //
- *EDE: <é / e o leão> / cai em cima //
- *THI: <**não por isso / não por isso**> //
- *VAN: dá poblema <isso> //
- *JOR: <é> //
- *VAN: <inda tem isso também> //
- *THI: **não por <isso / também>** //

Exemplo 12.13 – bfamcv17[6-14] (áudio ex-12.13)

- *KAR: que que cê quer contar pa mamãe //
- *EDU: **porquim** //
- *KAR: ahn //
- *EDU: **dos posquinho** //
- *KAR: "**dos <posquinho>**" //
- *ISA: <"**posquinho**"> //
- *EDU: é //
- *KAR: é "**porquim**" //
- *EDU: **porquim** //

Exemplo 12.14 – bfamcv17[15-29] (áudio ex-12.14)

*KAR: ahn / <então conta / pra ver> //
*ISA: <não / &cha [1] canta da Chapeuzim Vermelho> //
*EDU: <ah / não> // <você> // **você** //
*KAR: tá // era uma vez //
*EDU: um porquim //
*ISA: deixa contar agora //
*KAR: / três porquinho // [25] pode contar //
*EDU: <ah / não> //
*ISA: <era uma vez> / três porquinhos //
*EDU: **ah / não** //
*KAR: tá bom //

Exemplo 12.15 – bfamcv17[41-48] (áudio ex-12.15)

*KAR: aí / o / lobo mau &co [1] saiu correndo e bateu na porta da casa do porquinho da [1] que tinha / feito a casa de palha // toc toc toc // **quem é // quem é** //
*EDU: os tês <posquim> //
*ISA: [46] <é o lobo mau> //
*KAR: **é o lobo <mau>** //
*EDU: <mau> //

Exemplo 12.16 – bfamcv17[57-61] (áudio ex-12.16)

*KAR: aí que aconteceu //
*ISA: bem pra longe //
*KAR: ele foi pa casa //
*EDU: **do amiguinho <dele>** //
*KAR: <do> [1] **do amiguinho dele** //

Exemplo 12.17 – bfamcv17[80-91] (áudio ex-12.17)

*EDU: aí / e' foi <pa outra casa> //
*ISA: <aí os dois saiu> correndo <pra [1] tudo pra casa> //
*KAR: <foi pra outra casa> // foi pra casa de quê // **de** //
*ISA: <do irmãozinho> mais <esperto> //
*EDU: <de> //
*KAR: <de> //
*EDU: do //
*KAR: de / ti //
*EDU: jolo //
*KAR: tijolo //

Exemplo 12.18 – bfamcv17[93-99] (áudio ex-12.18)

*KAR: aí o &por [2] o lobo mau foi atrás deles // toc toc toc // abre a porta // não vou abrir / e não vou abrir // abre a porta / senão eu vou soprar <hhh> // aí / o [1] **a casa não caiu hhh // a casa não caiu** //

Exemplo 12.19 – bfamcv21[150-156] (áudio ex-12.19)

*LUD: o Emerson só corta assim // <cê já aprendeu / né> //
*EME: <é lógico> / ué //
*FLA: <eu só corto de gaveta> //
*EME: <ela fez o baralho inteiro> // **ela fez o baralho <inteiro>** //

*FLA: <eu não> fiz // eu só mudei / três cartas <de lugar> / porque elas tavam casadas //

Exemplo 12.20 – bfamcv21[174-182] (áudio ex-12.20)

*EME: de quem que é o dois //
*GUS: é meu //
*FLA: do seu <parceiro> //
*LUD: <respeita> **o dois do seu parceiro** / hein / <Emerson> //
*EME: <eu nũ> + o' / <dá licença> // o' //
*LUD: **cê respeita o dois do seu parceiro** //
*FLA: tem respeito aqui não //

Exemplo 12.21 – bfamcv21[280-287] (áudio ex-12.21)

*GUS: <então> cangou //
*EME: **cangou** //
*FLA: <claro> //
*EME: <cangou> // **cangou** // Lud //
*FLA: não // é o Gusta //

Exemplo 12.22 – bfamcv22[130-134] (áudio ex-12.22)

*BRU: **a coisa mais <linda que eu já vi na minha vida>** //
*PRI: <já contou> // <pronto> //
*BRU: <contei> // **é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida** //

Exemplo 12.23 – bfamcv24[248-254] (áudio ex-12.23)

*MAR: a pulseira desse relógio é muito <cara / e desse modelo nũ acha mais> //
*BAL: <Heloísa é minha amiga que veio> //
*PLA: cara / ficou lindo isso //
*MAR: nũ ficou //
*PLA: <**ficou lindíssimo isso**> //
*MAR: <e aí de vez em quando eu ponho> uma amarela //
*PLA: **ficou lindíssimo isso** //

Exemplo 12.24 – bfamcv29[101-104] (áudio ex-12.24)

*RIT: Paula tá namorando //
*ELI: **há <muito tempo>** //
*IAR: <eu nem conheço> //
*ELI: **há muito tempo** //

Exemplo 12.25 – bfamcv31[36-41] (áudio ex-12.25)

*LUC: acho que o [1] e [1] e [1] o [1] o [1] o complicado mesmo / disso tudo / nũ é instalar // **instalar o equipamento é [1] é <tranquilo / assim e tal>** //
*BER: <**instalar o equipamento é**> **tranquilo** //
*LUC: o &pro [1] grande problema / na realidade / é encontrar as condições ideais / <do ambiente> / pra que a <coisa funcione> //
*BER: pra <funcionar> //

Exemplo 12.26 – bfamdl01[300-306] (áudio ex-12.26)

- *REN: olha // **oito rolos** //
- *FLA: **o quê** //
- *REN: aqui // que chique //
- *FLA: **o quê** //
- *REN: **oito rolos** //

Exemplo 12.27 – bfamdl04[183-189] (áudio ex-12.27)

- *SIL: <e dá mesmo> //
- *ERN: <yyyy> //
- *SIL: <porque essa é uma pessoa boa / Heliana> //
- <muito humana> //
- *ERN: <**uma**> **secretária ótima** //
- *TOM: <ah / é> //
- *SIL: **uma** <**secretária**> **ótima** //

Exemplo 12.28 – bfamdl05[44-53] (áudio ex-12.28)

- *CES: será que é esse prédio aí //
- *ANE: ele falou que é + Bom Jesus // não é essa //
- ainda bem** / César //
- *CES: <não> //
- *ANE: <**ainda bem**> //
- *CES: <então / é menos> mal hhh //
- *ANE: <**ainda bem**> // é //

Exemplo 12.29 – bfamdl05[85-87] (áudio ex-12.29)

- *ANE: **andei isso aqui tudo / com o Tiago** //
- *CES: ahn //
- *ANE: **andei isso aqui tudo com o Tiago** //

Exemplo 12.30 – bfamdl05[359-368] (áudio ex-12.30)

- *CES: quando constrói / então isso aqui não conta
- <como tamanho> //
- *ANE: uhn // <**não conta**> // é //
- *CES: <**não conta**> //
- *ANE: <é isso> // <é sim> //
- *CES: <então ele ganhou / o que que e' vai fazer> //
- *ANE: <é> //
- *CES: ele vai o [1] &tau [1] na hora que terminar /
- fecha de Blindex aqui / <então a &s> [2] aí vai virar
- uma sala //

Exemplo 12.31 – bfamdl05[400-405] (áudio ex-12.31)

- *ANE: é / **é a mesma coisa** //
- *CES: **é a mesma coisa** // [402] <é> //
- *ANE: <**mesma**> **coisa** //
- *CES: <então é isso mesmo> //
- *ANE: <era doideira> mesmo //

Exemplo 12.32 – bfamdl06[21-29] (áudio ex-12.32)

- *JHP: o efeelevê ele é só pra [4] eles só usam porque
- é / barato de pôr na &intern + aqui / o' // vou botar um
- link pr' ocê //
- *LAO: <não / barato não> //
- *JHP: <"efeelevê"> +
- *LAO: **leve / né** //
- *JHP: oi //
- *LAO: **leve / né** //

*JHP: é / "barato" é jeito de falar / sô //

Exemplo 12.33 – bfamdl08[9-12] (áudio ex-12.33)

- *AND: mas cê ã vai conseguir não // porque tem
- duas entrada que é mais difícil //
- *BRU: **certeza** //
- *AND: **certeza** //

Exemplo 12.34 – bfamdl09[184-193] (áudio ex-12.34)

- *FLA: <cê viu aquele filme &A [1] &he> / Amor
- além da Vida //
- *LUC: já // que eles [2] que &ele [2] que o cara <vai
- po paraíso> / né //
- *FLA: <o céu> //
- *LUC: e o paraíso é uma pintura / né // e ele <pega a
- flor na mão> / assim //
- *FLA: <**é igualzinho esse aqui** / o'> //
- *LUC: é //
- *FLA: **é igualzinho** <**esse aqui**> //
- *LUC: <hum hum> //

Exemplo 12.35 – bfamdl09[492-499] (áudio ex-12.35)

- *LUC: <um> bicho / qualquer //
- *FLA: um animal mitológico //
- *LUC: é // deitado // que cê ã sabe que que é //
- *LUC: **um** <**cachorro**> //
- *FLA: <**um cachorro**> //
- *LUC: né //

Exemplo 12.36 – bfamdl16[28-47] (áudio ex-12.36)

- *ASI: é porque ea ligou pa falar po Paulinho que ela
- não vem //
- *ASI: porque /
- *CRI: semana que vem que elas <vêm / ã é> //
- *ASI: / <ela tá lá na> Maria Cristina //
- *PAU: **por quê** //
- *ASI: vou ajeitar a mesa aqui / o' / tirar as coisa /
- <guardar> //
- *PAU: <**por que**> **que ela tá lá** //
- *ASI: <ah> / meu Deus //
- *PAU: **por** <**quê**> // **por que** <**que a tia Maria tá lá**>
- / mamãe //
- *ASI: <deixa eu pôr isso aqui> //
- *PAU: **por quê** //
- *ASI: Paulinho // guardar esse material //
- *PAU: mamãe // **que que a tia Maria tá lá** // **por quê**
- // **por quê** //
- *ASI: guardar esses <talheres> //
- *PAU: <**por que que**> **ela tá lá** //

Exemplo 12.37 – bfamdl16[56-66] (áudio ex-12.37)

- *CRI: pra mim era todo dia <primeiro> //
- *ASI: <aqui> / Cristina / essa carne / aqui / <nós vão
- tirar dessa vasilha> também e pôr numa vasilha menor
- //
- *PAU: <**dia primeiro de quê**> //
- *ASI: já <lavar essa vasilha> //
- *PAU: <**dia primeiro de quê**> //

*ASI: deixar <tudo arrumadinho> //
*CRI: <só se for pôr o> arroz aqui / nũ //
*ASI: é // pode ser //
*PAU: **dia primeiro de quê** //
*CRI: de abril / Paulinho //

Exemplo 12.38 – bfamdl16[141-143] (áudio ex-12.38)

*CRI: **Rogério foi embora** //
*ASI: quem //
*CRI: **o Rogério foi embora** //

Exemplo 12.39 – bfamdl16[274-278] (áudio ex-12.39)

*CRI: comprou pr' aquela mesa ali / foi só aquele forro //
*ASI: não / foi dois // **um bege e um branco** //
*CRI: ahn //
*ASI: **um bege e um branco** //

Exemplo 12.40 – bfamdl26[139-141] (áudio ex-12.40)

*MBA: na hora de tomar o banho / abriu a boca pra chorar que nũ queria ir tomar banho / que nũ quer ir pa escola / que na escola tem malvadez //
*MBA: **malvadez** //
*LAO: **malvadez** //

Exemplo 12.41 – bfamdl29[214-218] (áudio ex-12.41)

*ELI: nũ pode demorar bastante não / senão o pai fica pai-avô //
*ALV: ou um paição //
*ELI: **um pai-avô** //
*ALV: **um pai-avô** //
*ELI: não / senão cê fica pai-avô //

Exemplo 12.42 – bfamdl33[94-96] (áudio ex-12.42)

*JAN: onde cê arrumou aquela moça que veio aqui ontem //
*HER: **amiga da / empregada da Rosângela** //
*JAN: **amiga da empregada da Rosângela** //

Exemplo 12.43 – bfamdl35[11-17] (áudio ex-12.43)

*WIL: você quer uma / cartela de Neosaldina //
*AAA: **uma caixa** //
*WIL: **uma caixa** // é hoje só tomando Neosa / né //

Exemplo 12.44 – bpubcv07[80-82] (áudio ex-12.44)

*JOS: <ah / **vai anotando aí / Sonilde**> //
*ALI: <tá xxx> //
*JOS: <**vai anotando aí / Sonilde**> //

Exemplo 12.45 – bpubcv07[126-130] (áudio ex-12.45)

*SON: quem que fala [3] &he / quem que tem essa linguagem //
*MAR: **Portugal** //
*SON: **Portugal** // <"estar" a ocorrer" //
*MAR: <é> //

Exemplo 12.46 – bpubdl03[260-266] (áudio ex-12.46)

*GUI: sentiu o abdominal //
*TOM: não // **sentí nada** //
*GUI: **sentiu nada** //
*TOM: tô ainda sentindo a dor nos / <tríceps> //
*GUI: <vai> // <bora> //

Exemplo 12.47 – bpubdl06[181-185] (áudio ex-12.47)

*JAN: <essa aqui> / só tem roxa //
*TAT: eu tenho essa blusa / toda no branquinho e roxa //
*JAN: **branca** //
*TAT: **branca** // eu vou pegar pra você //

Exemplo 12.48 – bpubdl07[611-614] (áudio ex-12.48)

*JAD: o [1] ela [1] a Patrícia falou + ahn // **po' falar** // **pode falar** //

Exemplo 12.49 – bpubdl09[162-173] (áudio ex-12.49)

*MAR: uma / tipo no infinito aqui //
*FAB: isso aqui //
*MAR: é // é isso mesmo //
*FAB: <é> //
*MAR: <é aquele> do / Escher / né //
*FAB: esse desenho é dele também / né //
*MAR: **emeci** <Escher> //
*FAB: <o Escher é> cheio de desenho <assim / que é infinito> //
*MAR: <**emeci Escher**> // tem o emeci Hammer / emeci <Ice / e o emeci Escher> //
*FAB: <**emeci Escher** hhh> //

Exemplo 12.50 – bpubdl11[263-269] (áudio ex-12.50)

*LUC: foi tranqüilo isso // cê teve alguma dificuldade //
*MAR: &s [1] só um [1] numa palavra lá //
*LUC: hum hum //
*MAR: &he / a palavra "com" //
*LUC: "**com**" //
*MAR: "**com**" //